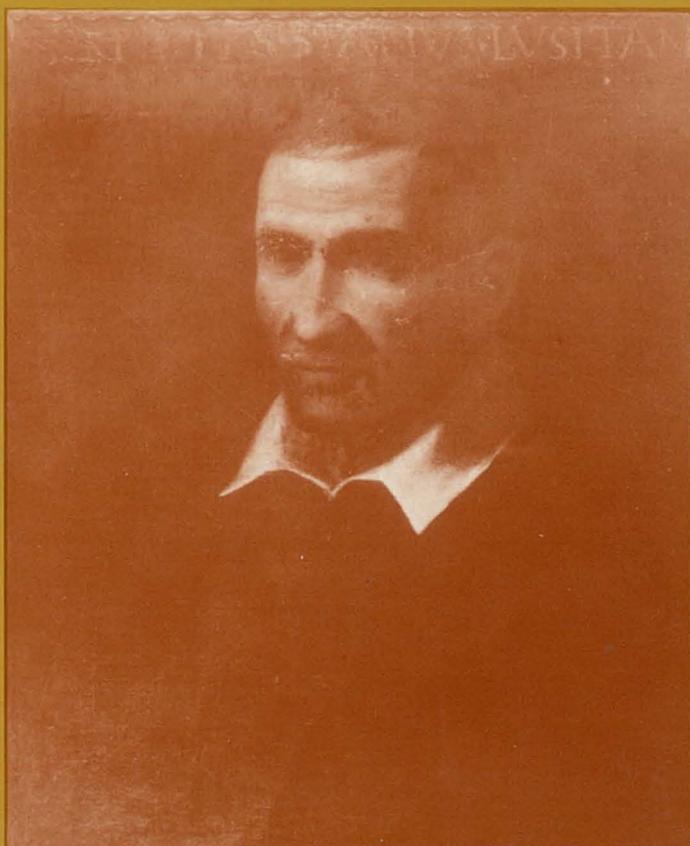


Textos Humanísticos — 9

As Orações de Obediência de

Aquiles Estação

Belmiro Fernandes Pereira



Instituto Nacional de Investigação Científica

Aquiles
Estação

Textos Humanísticos — 9

As Orações de Obediência de

Aquiles Estaço

Belmiro Fernandes Pereira



Instituto Nacional de Investigação Científica

Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos
da Universidade de Coimbra

Coimbra

1991

TÍTULO

As Orações de Obediência de Aquiles Estaço

1.ª edição: Outubro de 1991

Série “Textos Humanísticos Portugueses” — 9

ISBN 972-667-088-8

AUTOR

Belmiro Fernandes Pereira

EDIÇÃO

Tiragem: 1 000 exemplares

Instituto Nacional de Investigação Científica

CAPA

Retrato do humanista Aquiles Estaço

da Biblioteca Vallicelliana (Roma): arranjo gráfico de MÁRIO VAZ

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO

IMPRESA DE COIMBRA, L.DA

Contribuinte n.º 500 137 625

Largo de S. Salvador, 1-3 — 3000 Coimbra

DISTRIBUIÇÃO

IMPRESA NACIONAL — CASA DA MOEDA

R. Marquês de Sá da Bandeira, 16 — 1000 Lisboa

Depósito Legal n.º 50583/91

Copyright © BELMIRO FERNANDES PEREIRA

«Os Romanos teueram as hōras maiores, que os feitos, e nōs os feitos maiores, què as honras».

Gaspar ESTAÇO, *Tratado da linhagem dos Estaços*, pp. 47-48.

(Página deixada propositadamente em branco)

P R E F Á C I O

O estudo que agora vem a público corresponde no essencial ao texto da minha dissertação de Mestrado em Literaturas Clássicas, apresentada, em Outubro de 1989, à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Foram, no entanto, introduzidas algumas alterações- em boa parte fruto da benévola e preciosa crítica dos amigos- donde a ousadia de esquecer o preceito horaciano que aconselha a guardar na gaveta, anos a fio, o que se tenha escrito.

Concluída a parte escolar do mestrado, o Senhor Prof. Doutor Américo da Costa Ramalho sugeriu-me, como tema de tese, o estudo das orações de obediência pronunciadas em nome dos Reis de Portugal. Comecei por recensar o material existente na Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra. Ao meu dispor estava a notável colecção de discursos obedienciais reunida pelo bibliófilo Alberto Navarro, visconde da Trindade. Convinha, porém, limitar o corpus textual, seja por alguns textos se encontrarem já traduzidos, seja porque, numa primeira abordagem, as várias orações se me afiguravam de valor desigual.

Um autor avultava entre todos: desempenhara mais vezes as funções de orador, a fama do seu nome excedia de longe os demais, os textos das suas orationes ainda não tinham sido vertidos para vernáculo. Elegi, pois, os discursos obedienciais proferidos por Aquiles Estaço.

Importava traçar-lhe a biografia. À abundância de referências não correspondia, porém, o número de estudos. Estaço saiu cedo do reino, resistiu à saudade, acabou por morrer longe da pátria. À distância acresce, talvez, a ortodoxia, o compromisso com a Contra-Reforma. Estaço frequenta os ambientes eclesiásticos da Roma pós-tridentina, os círculos devotos do cardeal Borromeu e de Filipe de Néri. Não possui, pois, o sortilégio de um heterodoxo. Apesar de ter suscitado o interesse de investigadores como A. da Costa Ramalho, J. Gomes Branco e A. Pinto de Castro, entre outros, Aquiles Estaço espera ainda as monografias de conjunto que, sem dúvida, merece.

Assim, este estudo abre com um capítulo em que se procura estabelecer, acaso sem novidades de relevo, o estado actual do conhecimento da vida e obra de Aquiles Estaço. Segue-se uma exposição das linhas mestras das orações de obediência e um comentário, de cariz descritivo, centrado sobre os discursos proferidos pelo nosso humanista. Na segunda parte, apresento os textos latinos e sua tradução. Por fim, vêm as notas aos textos, que pretendem, sobretudo, situar na história as pessoas e factos narrados.

Estava já este trabalho em fase adiantada de elaboração quando saiu a público a edição dos textos obedienciais levada a cabo pelo Professor Martim de Albuquerque com tradução dos textos latinos por Miguel Pinto de Meneses, acontecimento que, retirando algum ineditismo ao presente estudo, veio no entanto confirmar a importância das orações de obediência para a história da Cultura Portuguesa.

Familiares e amigos, mestres e colegas são credores da minha gratidão ao chegar ao fim deste trabalho. Na impossibilidade de todos nomear, agradeço em especial aos meus colegas da Universidade de Aveiro: ao Luís Andrade, ao Dr. Pinto Ribeiro e ao Prof. Doutor Telmo Verdelho, pelas suas inúmeras e sempre judiciosas observações; ao Prof. Doutor Carlos Ascenso André, que me facultou todo o material, de que dispunha, relativo a Aquiles Estaço; ao Prof. Doutor Walter de Sousa Medeiros, pela disponibilidade sempre manifestada; ao Prof. Doutor Raul Miguel Rosado Fernandes, que se dignou contribuir com inúmeras e valiosas sugestões; ao Prof. Doutor Américo da Costa Ramalho — a quem devo o ter enveredado pelos caminhos do Humanismo quinhentista —, pelo seu saber e experiência que tantas dificuldades me resolveram e pelo empenho que pôs na publicação deste trabalho.

INTRODUÇÃO

(Página deixada propositadamente em branco)

CAPÍTULO I

AQUILES ESTAÇO, A BIOGRAFIA POSSÍVEL

1. De Portugal a Itália

Quando a 20 de Maio de 1560 Aquiles Estaço pronuncia a primeira das suas quatro orações de obediência, era então um humanista prestigiado. Dera já provas de uma erudição, que ombreava com a dos mais afamados sábios da época. Dos prelos de Lovaina, de Antuérpia e de Paris tinha já feito sair traduções, comentários a Cícero e a Horácio, e, à imitação do seu homónimo latino, algumas silvas, primícias da sua produção poética.

Em carta remetida de Roma a 23 de Junho de 1559, o novo embaixador português junto da Santa Sé, Lourenço Pires de Távora, depois de se queixar das delongas do seu predecessor, motivadas pela dificuldade em pagar as dívidas entretanto contraídas, informa o rei das suas primeiras diligências:

(...) oje torno a solicitar licença para lhe beijar o pee [a Paulo IV] porque para o auto da obediência he necessario esté elle mui são e todas as vezes que o estiver estou prestes pera isso, e á oração feicta e decorada por Achilles Estaço tirando e acrescentando da outra que já la mandou o Commendador mor o que me pareceo necessario. Escolhi o dito Achilles antes que a outrem porque o tenho por muito suficiente e o treslado da oração mando com esta pera Vossa Alteza a ver, e por guardar brevidade que todos amão e principalmente Sua Santidade se naõ tocou em todas aquellas materias mais que em somma.¹

Por esta missiva, excelente documento das vicissitudes por que passava a redacção de uma oração de obediência, ficamos a saber que em 1559 Aquiles estava em Roma pronto para pronunciar diante de Paulo IV o discurso obediencial em nome de D. Sebastião, e que o nosso diplomata o tinha «por muito suficiente».

Mas uma longa peregrinação pelos santuários do saber precedeu esta consagração pública. Não em jeito de quem cumpre uma obrigação, mas sim de quem corre por gosto, como adiante se verá.

¹ *Corp. Dipl. Port.*, vol. VIII, pp. 151-2.

Aquiles Estaço Lusitano, nome que nem cunhado adrede, nasceu a 12 de Junho de 1524 na Vidigueira - data confirmada pelo próprio numa carta ao humanista Paul Melissus ² - no seio de uma família que ao longo do século se vai notabilizar nas armas e nas letras.

Dos Estaços de Évora temos algumas notícias. Diogo e Pero Estaço combateram na Índia. O primeiro morreu em combate em Adém, o segundo tomou parte na defesa de Calecute cercada pelo Samorim em 1525 e é, provalmente, o destinatário das duas cartas dirigidas por Cataldo a um *Petro Statio*. Fr. Manuel Estaço foi bolseiro em Paris no reinado de D. Manuel e mais tarde prior do convento de S. Domingos de Évora e provincial da Ordem em 1529. No último quartel do séc.XVI, residiram em Roma por algum tempo Gaspar Dias Estaço e Gaspar Estaço, autor das *Várias antiguidades de Portugal* e do *Tratado da linhagem dos Estaços*³.

Mais conhecida é a biografia do pai do próprio Aquiles ⁴. Paulo Nunes Estaço (1500 - antes de 1.12.1573) foi para a Índia na armada de Vasco da Gama em 1524. No *Commentariolus* Aquiles diz: *cum Paullus pater adulescens, annum nisi fallor agens xxiiij secutus prima tum miles stipendia fecit*. Tinha, pois, Paulo Nunes cerca de 24 anos. Ao que parece gozou da protecção do grande almirante. A 3 de Fevereiro de 1532 foi-lhe outorgada uma mercê por respeito da condessa da Vidigueira. Tomou parte na expedição à Malagueta comandada por Duarte Coelho em 1532. Serviu 4 anos no Brasil, até 1536. Regressado ao reino, D. João III deu-lhe o hábito de Cristo com boa tença e fê-lo governador do castelo de Outão, na barra de Setúbal ⁵. Depois de enviivar recolheu-se ao mosteiro da serra de Ossa. Mas, não se achando ali satisfeito, passou-se com favor do cardeal D. Henrique à regra de S. Bernardo, ao mosteiro de Seiça, em Lavos, Figueira da Foz. Aí morreu seis meses depois. Jazia no claustro do mosteiro, «sepultado apenas na terra, não havendo qualquer lápide que

² Está no códice vallicelliano B. 102 fol. 180v.. Vd. M. La Tella BARTOLI, «A propósito di Aquiles Estaço e dei Carmina del codice vallicelliano B. 106», p. 295. Neste mesmo manuscrito viemos a encontrar uma certidão de nascimento redigida pelo próprio e até agora inédita: «Naçi na era de XXIII aos doze de Junho Em ù domingo depois das III horas do dia na Vidigueira na rua da Igreja, subindo polla mesma rua unndo pera o castello à mão direita em ùa casa terrea. Ines Soarez minha madrinha. Ant^o de Matos compdre de minha mãy Caterina Rodriguez, ou mi tia, sua mulher. Leanor esteuens. João frs. o do monte./ Domingos Isabel, Rufina Botas. / Iulião pereira meu sobrinho. Dom Vasco. Dona Maria f^a do Còde da Castr^a sua mulher».

³ Gaspar CORREIA, *Lendas da Índia*, Vol. II, p. 865; *Cataldi epistolarum et quarundam Orationum secunda pars*, fol. Eiiij e J. Silva TERRA, «Nouveaux documents», pp. 198-9.

⁴ A. Costa RAMALHO, «Notas sobre a formação de Aquiles Estaço»; idem, *Latim renascentista em Portugal (antologia)*, pp. 192-5; Aquiles ESTAÇO, *Pauli Nonii Statii electarum rerum gestarum Commentariolus* (Biblioteca Vallicelliana, B. 106).

⁵ Gaspar Estaço, *Tratado*, p.44.

indique o seu nome e sem a honra de um sepulcro», segundo uma carta de Inácio de Moraes a Aquiles Estaço⁶.

Embora vivendo há muito fora do país, o nosso humanista, no entanto, não esqueceu o seu progenitor. Celebrou-lhe os feitos no *Commentariolus*. Chorou a sua morte num belo poema laudatório, em dísticos elegíacos, que bem poderia ser uma resposta à exortação de Inácio de Moraes⁷.

Tot bellis uirtus tua cognita totque periclis,
Nam tibi non tulerant saecula nostra parem,
Europa atque Asia famam dedit aeternalem,
Quaque nouus uaria explicat orbis opes.
Et qua sol radiis urit propioribus Afros,
Quaque mari aut una est insula in Oceano.
Tu miles, tu legatus, tuque induperator,
Quis uirtus gradibus scandere summa solet,
Lusitana suo tellus te gaudet alumno,
Maxima ui procerum curaque regis eras.
At pius, et miro caeli deuinctus amore,
Sanctum mente canis, dum graue signa canunt.
Quin belli pietas in turbine saepe repressit
Iam iam, praeualida fulmina itura manu.
Qua metus pietate, deique incensus amore
Et belli palmas, osus et ipse tubas,
Ad fratrum pia concilia optatosque recessus
Is, tibi, nom iam aliis horrida bella ferens.
Hic duro uictu et lacrimis consumptus amaris
A lacrimis superum gaudia laetus adis.
Pauille pater, nobis lacrimas et gaudia linquis,
Flemus, sed tua mox gaudia flere uetant.
Nunc te caelicolam nati nataeque uocamus,
Et uocat ipsa sibi Stati nostra domus.

Em versão portuguesa:

O teu valor demonstrado em tantos combates e em tantos perigos,
pois igual a ti não produziram os nossos tempos, na Europa e na
Ásia ganhou fama eterna, e lá onde um novo mundo revela as mais
variadas riquezas.

E por onde o sol com raios mais próximos abrasa os Afros, e lá
onde houver uma ilha no mar Oceano.

⁶ Epístola publicada e traduzida por A. da Costa RAMALHO, *Latim Renascentista em Portugal (antologia)*, pp. 192-195.

⁷ Biblioteca Vallicelliana, codex B. 106; M. La Tella BARTOLI, *op. cit.*, pp. 340-1. Emendamos o texto de M. Bartoli no quinto verso: *Et suo sol radiis urit propioribus Afros*, leitura métrica e semanticamente incorrecta. No códice lê-se claramente *Et qua sol radiis urit propioribus Afros*.

Tu soldado, lugar-tenente e capitão, graus a que costuma ascender o mais alto valor, pelo teu ânimo tinhas a estima dos nobres e do rei; a terra Lusitana regozija-se por te ter por seu filho.

Mas, preso por um raro amor do céu, piedosamente cantavas a Deus no teu coração enquanto ressoavam, funestos, os toques da trombeta. E, no turbilhão da guerra, muitas vezes, a tua piedade conteve os raios poderosos quando estavam já para partir da tua mão.

Inquietado por esta piedade, inflamado pelo amor de Deus, aborrecem-te as palmas da vitória e o som das trombetas, partes para as pias comunidades e para os aprazíveis refúgios dos irmãos, não levas mais aos outros os horrores da guerra.

Aqui, consumido pela dureza de vida e por lágrimas amargas, serenamente trocas as lágrimas terrenas pelas alegrias do céu.

Ó pai Paulo, lágrimas e alegrias nos deixas. Choramos, mas logo as tuas alegrias nos impedem de chorar.

Agora, a ti que moras no céu, nós os teus filhos e filhas ⁸ te invocamos, e invoca-te, ó Estaço, a nossa própria casa.

Exalta Aquiles a memória de seu pai. Agradece-lhe reconhecido a esmerada educação que ele lhe soube proporcionar. Paulo Nunes queria que o filho seguisse a carreira das armas. Na pia baptismal dá-lhe um nome de guerra e para o habituar aos trabalhos da milícia leva-o ainda criança para o Brasil - e não para a Índia, como mostrou o Professor Costa Ramalho. Com efeito, a 30 de Outubro de 1532 chegam a Pernambuco. Mas, logo o menino de oito anos revela a sua natural inclinação para as letras, ao fazer-se entender com os indígenas. Atento, o pai corrige a primeira intenção. Manda-o para Lisboa, para casa de João de Barros. E aí permanece o jovem Estaço sob a orientação do gramático e historiador. Quanto tempo? Não se sabe. Até 1536, altura em que seu pai termina a comissão de 4 anos no Brasil? Talvez. Certo é que depois foi discípulo de André de Resende⁹, em Évora, segundo Diogo Mendes de Vasconcelos, onde Resende, depois de regressar a Portugal abriu escola no palácio do arcebispo. Mas pode ser que se tenham encontrado já antes, em Lisboa,

⁸ Aquiles Estaço tinha um irmão e duas irmãs (vd. *Commentariolus*, fol. 50: *cum liberis haberet IV mares binos, totidem feminas*).

⁹ Franciso Leitão FERREIRA, *Notícias Cronológicas da Universidade de Coimbra*, vol.III, p. 214: «E porque redundão em grande esplendor dos Mestres a nobreza, o nome, e a fama dos discipulos, logrou Resende tambem as prehemencias desta gloria, porque não só teve por principaes discipulos, os Infantes (...) mas a muitas pessoas de engenho esclarecido como foi Achilles Estaço, que depois admirou Roma.»

quando em Outubro de 1534 André de Resende está na capital para pronunciar na Universidade, na abertura do ano lectivo, a famosa *oratio pro Rostris*.

De Évora Aquiles passa a Coimbra, onde conheceu o afamado canonista Azpilcueta Navarro, professor na Universidade de 1538 a 1555. É o próprio Estaço que o afirma nos seus comentários sobre os réditos eclesiásticos, opúsculo dedicado a um dos seus protectores, o cardeal polaco Stanislaw Hosius, bispo de Worms, correspondente de D. Jerónimo Osório e, tal como o seu amigo, grande paladino da fé católica. Esse pequeno tratado começa assim:

Achilles Staius Lusitanus, Martino Azpilcueta Navarro, uiro ornatissimo ac iurisconsultissimo, in Domino salutem.

Cum iam pridem in eadem, qua tu cogitatione uersatus, de tota Ecclesiasticae pecuniae ratione commentariolum mihi ipse confecissem, eum domi scilicet seruauit tam diu, atque in sinu prope continui, quoad nostrae aetatis hominum ea de re opiniones explorassem.

In quibus tu ista auctoritate, uirtute, eruditione dignam sententiam princeps dixisti, et uero etiam litteris publice mandasti. Quae tametsi propter nominis tui magnitudinem et admirabilem istam in omni genere laudis praestantiam, apud omnes homines plurimum ualeat, quia tamen, uir singulari pietate ac doctrina praeditus, Franciscus Turrianus in eandem sententiam pedibus isset ac manibus, idque elegantissima ad Laodicensem Episcopum epistula declarasset, tritam satis iam esse uiam putauit, qua ceteris, quibus idem uideretur, ingredi liceret.

Ergo ego qualemcumque lucubratiunculam meam perire nolui, ad teque mittendam putauit ut si probares ipse, dux, et auctor scriptionis huius, manare tuto posset ad ceteros, sin improbares equidem non recusarem quo minus etiam periret.

Hic uero labor ipse meus mihi, Deo est gratia, plurimum, si praeterea nemini, profuit, multumque religiones iniecit, ne saeculi nostri contagione infectus eo prolaberer, quo cupidi hodie multi mortales atque ambitiosi praecipites feruntur.

Neque uero, qui me ne de nomine quidem fortasse nosti, ad te sum ueritus scribere, quem olim Conimbrigae, ubi mihi nutrirum ac doceri puero contigit, gentis meae praeclarissimum doctorem ac magistrum inter ceteros et obseruauit et sum maxime semper admiratus. Itaque me, et tua in omnes bonarum artium studiosos humanitas, et summum in gentem meam studium tuum, idemque utriusque nostrum sensus impulerunt ut te scripto nunc, etsi non dedignabere, coram etiam fidenter conuenirem. (...)

Em versão portuguesa:

Aquiles Estaço Lusitano a Martinho Azpilcueta Navarro, varão e jurisconsulto distintíssimo, no Senhor saúde.

Tendo redigido em tempos, para meu uso, um pequeno comentário sobre o mesmo assunto que tu trataste, sobre a doutrina dos bens eclesiásticos, guardei-o em casa e mantive-o quase no segredo até que tivesse examinado as opiniões dos nossos contemporâneos acerca desta questão.

Entre todos tu foste o primeiro a dar o teu parecer, digno de tão célebre autoridade, virtude e erudição, e também o primeiro a torná-lo conhecido publicamente em livro. Embora este teu parecer, por causa da grandeza do teu nome e da tua admirável excelência em todo o género de glória, tenha muito valor para todos os homens, todavia, foi porque Francisco Turriano¹⁰, varão ornado de insigne piedade e ciência, seguiu passo a passo a mesma opinião, como o declarou numa elegantíssima epístola ao bispo de Laodiceia, que eu considerarei ser já um caminho suficientemente batido, por onde a outros que pensassem o mesmo seria lícito avançar.

Ora, como eu não queria que este meu pequeno opúsculo desencaminhasse ninguém, achei que to devia enviar para que se tu, como guia, o aprovasses, também o autor deste escrito pudesse sem receio dá-lo a conhecer a outros; se, pelo contrário, o desaprovasses, evidentemente não me oporia a que até fosse destruído.

Este meu trabalho, graças a Deus, além de não ter inspirado muitos escrúpulos a ninguém, foi-me, na verdade, muito útil para que eu não fosse infectado pela epidemia do nosso tempo e não caísse naquilo em que caem hoje muitos mortais, cegos pela paixão e pela cobiça.

Não tive, pois, receio de te escrever, a ti que talvez nem de nome me conheças, doutor e mestre da minha gente de todos o mais ilustre, a quem outrora em Coimbra - onde em rapaz me coube em sorte ser criado e instruído - não só respeitei como também sempre muito admirei. Por isso quer a tua benevolência para com os que se interessam pela boa doutrina, quer a tua enorme dedicação para com a minha gente e a nossa comum maneira de pensar incitaram-me a escrever-te e, se não te aborrecer, a ousar mesmo fazer-te agora uma visita.
(...)

¹⁰ Refere-se ao jesuíta espanhol Francisco Torres (1509-1584), que se distinguiu «par sa connaissance exceptionnelle du grec, son érudition patristique et sa science théologique et fut envoyé au concile de Trente en qualité de théologien du pape», *Dictionnaire de Théologie Catholique*, t. XV, s.v..

Segue-se o desenvolvimento do assunto, com muitas abonações tiradas da Patrística, e termina Aquiles Estaço o seu opúsculo dirigindo-se de novo a Martinho de Azpilcueta:

Haec sunt, uir ornatissime, quae pridem studiose colligebam et commentabar; quae, si ut de re ipsa inter nos conuenit, sic ad rem quoque fecisse tibi uidebuntur nosque de eo amabis, ego uero tum huius operae meae fructum me cepisse maximum putabo. Vale. Data Romae, Kalendis Iuliis anno salutis MDLXXIV.

Estes são, mui distinto varão, os comentários que há já algum tempo eu zelosamente reunia e preparava; se, assim como há acordo entre nós sobre o mesmo assunto, assim te parecer que também eles atingiram o seu objectivo e por isso nos estimares, então eu pensarei que obtive de facto o maior proveito deste meu trabalho. Adeus. Dada em Roma a 1 de Julho do ano da salvação de 1574.

A epístola com a resposta do doutor Navarro, eloquente testemunho do prestígio alcançado pelo nosso humanista, vem em apêndice, à guisa de posfácio:

Martinus ab Azpilcueta Doctor Nauarrus, Achilli Statio Lusitano, uiro eruditissimo multisque nominibus suspiciendo, in Domino salutem.

Epistulam tuam, et commentarium de pecuniae Ecclesiasticae ratione, caritate, religione, prudentia, modestia, eruditione et elegantia plenam iucunde suscepi, auide perlegi, et eam tuo nomine insignique fama dignam comperi. Simul in animum induxi, tuae auctoritatis adeo ualidis fundamentis innixae accessione, nostrae, quae uerior, receptior, quaeque pientior et salubrior est, sententiae multum roboris addi posse. Ideoque e Republica Christiana eam edendam typisque publicandam iudicaui. Vale nostrae Lusitaniae decus. Data Romae, XVI Kalendas Augustas MDLXXIV.

Martinho de Azpilcueta, Doutor Navarro, a Aquiles Estaço Lusitano, varão de eminente cultura e a muitos títulos digno de admiração, no Senhor saúde.

A tua carta, e o teu comentário acerca da doutrina dos bens eclesiásticos, tão cheia de caridade, piedade, prudência, moderação, de saber e elegância, com prazer a recebi, avidamente a li do princípio ao fim e achei-a digna do teu nome e da tua insigne fama. Logo

pensei que podia acrescentar muita autoridade ao meu parecer se lhe juntasse a tua opinião a tal ponto ela está apoiada em sólidos fundamentos que é tanto mais verdadeira, mais conforme ao uso, quanto mais piedosa e salutar. E por isso publicamente declarei que no interesse da República Cristã devia ser publicada e impressa. Adeus, honra da nossa Lusitânia. Dada em Roma a 17 de Julho de 1574.

O rasgado elogio tecido pelo doutor Navarro teve algum efeito. Os *De redditibus ecclesiasticis qui beneficiis et pensionibus continentur commentarioli II*, imprimidos em Roma em 1575, foram reeditados em 1581, 1611 e de novo em 1614 na cidade de Hamburgo.

Não encontrámos nos livros de matrícula nem nas actas dos conselhos da Universidade o nome de Aquiles Estaço. Todavia a epístola acima traduzida não deixa qualquer dúvida, Aquiles Estaço esteve em Coimbra.

Talvez na companhia de familiares, como parecem indicar as expressões *gentis meae praeclarissimum doctorem e in gentem meam studium tuum*. Sabemos da passagem de alguns Estaços pelos bancos da Universidade. Pero Estaço, filho de Gabriel Estaço, foi um dos que primeiro foram a Coimbra depois que para aí se mudou a Universidade ¹¹. Consta do rol de votantes na «oposição» para uma cadeira de Código a 22 de Fevereiro de 1546. Em 1553 ainda se encontrava na cidade do Mondego. E, no ano seguinte, aparece um Lopo Estaço, bacharel, ao lado do poeta António Ferreira na «oposição» para lente substituto da cadeira de Código ¹².

Inácio de Morais, na carta de 1 de Dezembro de 1573 ¹³, invoca a velha amizade que o unia a Aquiles Estaço, recorda-o ainda *puer*, de feitio suave e ameno. Mestre Inácio foi professor de humanidades em Belém e em Penha Longa nos anos de 1535-6 e na Universidade de Coimbra a partir de 22.10.1546, embora já lá tivesse estado em 1541 a ensinar em Santa Cruz. Dataria de 1541 a amizade de Inácio de Morais por Aquiles? Terá este sido seu aluno em Santa Cruz? Ou ter-se-ão conhecido em 1535-6, quando Estaço estava em casa de João de Barros e Inácio de Morais ensinava nos conventos de Belém e Penha Longa? Parece mais verosímil a primeira hipótese. Se assim for, em 1541 Estaço ainda se encontrava em Coimbra.

Mas, um lustro passado, sai para Lovaina onde segue os cursos de Petrus Nannius, latinização do nome do humanista flamengo Pieter Nannink,

¹¹ Gaspar ESTAÇO, *Tratado*, p. 41.

¹² Mário BRANDÃO, *Actas*, vol. I, p. 213; vol. II, parte III, p. 16; vol. II, parte II, p. 188.

¹³ Vd. nota 6.

fervoroso e competente comentador da *Arte Poética* de Horácio¹⁴. Testemunho da estima que Estaço lhe dedicou é o *Encomium Petri Nanni Alcmariani*, incluído nas suas *Syluae aliquot* (Paris, 1549).

Parece que mais uma vez Estaço frequentou informalmente a Universidade. Segundo J. Gomes Branco, não se encontra nos Archives Générales de Bruxelas a matrícula de Estaço na Universidade de Lovaina, inscrição que seria obrigatória.

Mas, «inscrito ou não regularmente na Universidade, o certo é Estaço ter publicado em Lovaina, apenas com 23 anos», a sua primeira obra *Achillis Statii Lusitani Syluulae Duae. Quibus adiuncta sunt, Praefatio in Topica Ciceronis, et oratio quodlubetica eiusdem. Nunc primum in lucem aedita*. Louanii, Excudebat Iacobus Batus, Anno 1547¹⁵. A dedicatória é dirigida a um D. João de Portugal *illustrissimus ac litteratissimus*, amigo do humanista desde a meninice, de quem Gomes Branco diz «por ora, não conheço nas obras de Estaço outras referências que permitam identificar melhor este protector»¹⁶. É possível que seja D. João de Portugal, filho segundo do primeiro conde de Vimioso, D. Francisco de Portugal, e de D. Joana de Vilhena¹⁷.

Em 1548 Aquiles Estaço vai para Paris. Aí continua os seus estudos de teologia, grego e hebraico, aplicando-se sobretudo à exegese bíblica¹⁸. Volvidos dois anos terá passado de novo a Lovaina¹⁹.

Não é possível precisar em que ano Aquiles Estaço entrou em Itália, todavia, de acordo com J. Gomes Branco, há indícios da sua presença na península já em 1555 e «si sa però con certezza che nel '57 era a Padova»²⁰.

¹⁴ Aníbal Pinto de CASTRO, «Aquiles Estaço, o primeiro comentador peninsular da *Arte Poética* de Horácio», p. 93.

¹⁵ J. Gomes BRANCO, «A propósito da primeira obra de Achilles Staius Lusitanus»; idem, «Uma comemoração de Achilles Staius Lusitanus».

¹⁶ «A propósito da primeira obra de Achilles Staius Lusitanus», p. 84.

¹⁷ D. João de Portugal estudou cânones e teologia na Universidade de Coimbra, de que veio a ser reitor em 1548 na ausência de Fr. Diogo de Murça (vd. Mário BRANDÃO, *Actas*, vol II, parte I, p. 140). Aí se doutorou em 1550. Foi depois nomeado por D. João III bispo da Guarda. Mais tarde, por desavenças com o cardeal D. Henrique, ausentou-se do bispado e do reino para recorrer à autoridade do pontífice. Em 1580 seguiu D. António e por isso foi perseguido por Filipe II vindo a morrer num convento de Espanha com mais de setenta anos de idade (vd. F. de ALMEIDA, *História da Igreja em Portugal*, vol II, p. 627).

¹⁸ A. Pinto de CASTRO, *op. cit.*, p. 91 e M.L. BARTOLI, *op. cit.*, p. 295.

¹⁹ A. Costa RAMALHO, «Notas sobre a formação de Aquiles Estaço», pp. 309-310.

²⁰ J.G. BRANCO, «Uma comemoração de Achilles Staius Lusitanus», p. 406. Depois de se ter embrenhado nos arcanos do saber teológico em Paris e Lovaina, Aquiles Estaço dirige-se a Pádua, certamente no intuito de completar a sua formação humanística, de ouvir o corifeu do ciceronianismo cristão, Marc-Antoine Muret, ou humanistas tão célebres como Carlo Sigonio e Francesco Robortello (Vd. *Caroli Sigonii Vita a Lud. Antonio Muratorio conscripta in Caroli Sigonii Mutinensis Opera Omnia*, Mediolani, in aedibus Palatinis, 1732, t. I, p. XI: «Magna ei familiaritas fuit cum Achille Statio» e *Nicolai Comneni Papadopoli Historia Gymnasii Patauini*, Venetiis, apud Sebastianum Coleti, 1726, t. II, p. 236: «Venit [Estaço] deinde Patauinum excitus famam Robortelli»). Com efeito, desde o saque de Roma que

2. Em Roma

Foi secretário e bibliotecário do cardeal de Santa Flor, Guido Ascanio Sforza ²¹, cardeal protector do reino português a quem Aquiles Estaço dedicou em 20 de Maio de 1561 a famosa carta de Portugal por si encomendada a Fernão Álvares Seco, depois incluída em vários atlas, nomeadamente no celebrado *Theatrum Orbis Terrarum* de Abraão Ortélio ²².

Aquiles Estaço conviveu ainda com muitos outros cardeais, alguns deles reputados humanistas, Farnese, Sirleto, Morone, Carlos Borromeu, Aldobrandini. Pelas cartas dedicatórias de algumas das suas obras vê-se que gozou também da protecção dos purpurados Pietro Donato, Stalisnaw Hosius, Granvelle e Girolamo Rusticucci.

Os *carmina* que conhecemos do nosso humanista mostram à evidência uma vasta rede de amizades em que figuram entre outros, além dos cardeais citados, os eruditos Gabriele Faerno, apreciado poeta novilatino e comentador de Plauto e de Terêncio, Lorenzo Frizoli, secretário da Congregação do Concílio, Silvio Antoniano, Fulvio Orsini e Lorenzo Gambarara da Brescia, protegido do cardeal Farnese e poeta muito louvado, autor de um *De navigatione Christophori Colombi libri IV*. E no códice B.106 da Biblioteca Vallicelliana encontramos provas de que Estaço trocou correspondência com humanistas como Jean Dorat, um dos corifeus do grupo da Plêiade, Claude Binet, biógrafo de Ronsard, Denis Lambin, editor e tradutor de Aristóteles (*De Moribus ad Nicomachum libri*, Veneza, 1558), e Paul Melissus, humanista e poeta alemão.

Estaço parece quase esquecido dos seus compatriotas, embora tenham residido em terras de Itália por ocasião do concílio vários portugueses ilustres. Há no entanto uma ou outra excepção. Carteceu-se com D. Jerónimo Osório com quem, aliás, se deve ter encontrado em Roma em 1576 ²³. Dedicou a Diogo Pires o epigrama laudatório que vem nas primeiras páginas da edição de 1569 do *Cato Minor, siue disticha moralia*²⁴. Ofereceu aos

o humanismo ciceroniano se refugiara em Veneza e em Pádua. Foi aqui que Bembo passou os últimos anos da sua vida e ciceronianos como Bunel e Dolet se iniciaram no cultivo das belas letras. Graças à política veneziana, Pádua escapara ao domínio espanhol e ao zelo inquisitorial e assistia-se nesta cidade a um "Verão de S. Martinho" do renascimento italiano (vd. M. FUMAROLI, *L'âge de l'éloquence*, pp. 116-118).

²¹ Francisco da FONSECA, *Évora gloriosa*, pp. 406-7 afirma que A. Estaço já em Pádua desempenhava essas funções.

²² O estudo desse mapa e a epístola nuncupatória traduzida por A. Costa Ramalho podem-se ver em Alves FERREIRA, « O mais antigo mapa de Portugal », *Boletim do Centro de Estudos Geográficos*, Coimbra, 2 (1956), p. 12.

²³ Gaspar Estaço, *Tratado*, p. 46.

²⁴ C. Ascenso ANDRÉ, *Um poeta no exílio*, p. 70.

seus antigos mestres João de Barros e André de Resende as edições comentadas do *De optimo genere oratorum* e de Catulo, respectivamente.

Alguns dos seus biógrafos afirmam que Estação ensinou na Sapienza Romana; que foi aí professor de Retórica vindo a ser substituído por um exímio latinista e helenista português, o doutor João Vaz da Mota ²⁵. M. La Tella Bartoli, porém, não crê que esta informação seja verdadeira, uma vez que não encontrou o nome de Aquiles Estação nos anais daquela Universidade.

Não é certo, também, que Estação tenha tomado parte nas sessões da academia das *Noctes Vaticanæ*, cenáculo fundado pelo cardeal Borromeu que reunia alguns dos espíritos mais brilhantes de Roma. De qualquer modo há na obra poética de Aquiles Estação abundantes referências a esses luminares das letras sagradas e humanas.

Protegido pelo Papa Pio IV pelo menos desde 1560, *Vltro etiam placido coram mitissimus ore/ Promisti mihi, cum tibi Lusitania sese/ Summisit cum Rege suo me interprete supplex* ²⁶, Aquiles Estação foi familiar de Pio V, *Cum autem operas huius editio in idem tempus incidisset, quo me Pius V Pontifex Maximus in suis esse uoluisset* ²⁷, e gozou ainda do favor de Gregório XIII ²⁸. Ou, como diz Gaspar Estação, «O Papa Pio 4. o deputou en consistorio pera o mandar ao concilio por secretario, posto que elle se escusou. Mas en Roma exercitou o tal officio. O Papa Pio 5. o chamou en palacio pera secretario das cousas latinas. O Papa Gregório 13. lhe deu sempre a parte de palacio.» ²⁹.

A Pio IV, que «aveva buona coltura letteraria ed erasi sempre interessato alle produzioni dei poeti e degli storici», e que «quando riuniva attorno a sè gli epigoni degli umanisti, faceva volentieri mostra della sua eccellente memoria citando intere pagine di scrittori antichi» ³⁰, dirigiu Estação inúmeros poemas laudatórios. Ao invés, a Pio V dedicou apenas versos gratulatórios pelas vitórias sobre o turco ³¹.

²⁵ D. Barbosa MACHADO, *Bibliotheca Lusitana*, t. II, p. 785.

²⁶ *Carmina varia cum a graeca et latina tum hetrusca lingua composita ad Pium IIII Pont. Max. et ad B. Carolum Borromaeum praesertim exarata. Ad Pium IIII Pont. Max. Achillis Statii Lusitani*, Bibliot. Ambrosiana (Milão), cod.D. 343 inf.

²⁷ Carta dedicatória de Aquiles Estação a Girolamo Rusticucci, *Catullus cum commentario Achillis Statii Lusitani*. Cum priuilegio Senatus Veneti. Venetiis, in aedibus Manutianis, 1566.

²⁸ Vd. epístola ao cardeal Pietro Donato in *Sancti Patris Nostri Iohannis Archiepisc. Constantinopolitani cognomento Chrysostomi Homilia in Seraphim. Achille Statio Lusitano interprete*. Cum licentia Superiorum. Romae, apud haeredes Antonii Bladii Impressores Camerales, 1580.

²⁹ *Tratado*, p. 46.

³⁰ L. von PASTOR, *Storia dei Papi*, vol. VII, p. 72.

³¹ Segundo L. von PASTOR (*op. cit.*, Vol. VIII, p. 88), a Pio V «le produzioni poetiche, con cui fu salutato subito dopo l'elezione e ripetutamente più tardi, lo hanno certamente lasciato freddo tanto quanto gli adulatorii panegirici delle ambasciate per l'obbedienza».

No entanto, apesar de protegido por cardeais e papas, Aquiles dispunha de recursos assaz modestos. Em 1560 disputava um benefício em Óbidos. Lourenço Pires de Távora, por carta de 15 de Maio de 1560, intercede em seu favor junto do rei, «Achilles Estaço responde a Vossa Alteza pera retificar a justiça que no benefício d Obedos tem e porque estas cousas pendem en lites e elle he asaz prove e tem letras pera se dever fazer muyta conta d'elle e por ellas sera o orador em minha obediencia seria bom algum meo de concerto e darem lhe alguma pensão pois elle se põe nas mãos de Vossa Alteza». O embaixador diz-nos quem era o seu adversário, «Tambem faley ao dotor Dioguo d Andrade como Vossa Alteza manda pera que desista do deryto que diz ter nos benefícios que impetrou nas igrejas d Obidos porque eu tomo de maa vontade á minha conta decernir a justiça que cada hum pertende consenti que posese em apontamentos suas rezõis pera os mandar a Vossa Alteza mande os ver e com o que la parecer me mandara o que niso mais faça»³². E D. Álvaro de Castro, sucessor de Távora na Cúria Romana, escreve, em 11 de Setembro de 1562, à rainha D. Catarina: «pola outra carta me mandava Vossa Alteza que falase a Arciles Staço sobre o beneficio d Obidos, o que fiz e elle se me mostrou mui deseioso de seu serviço, e me respondeo como vivia com o cardeal Santa Florl que não podia fazer nada sem lho elle mandar, o cardeal he fora de Roma vira daqui a huum mes, como vier se fará o que Vossa Alteza manda.»³³. Interessado nos serviços do humanista o rei terá atendido às pretensões de Aquiles Estaço.

Mas data já de Janeiro ou Fevereiro de 1561 a vontade de o fazer regressar ao reino no fito de lhe confiar a redacção da história de Portugal, em latim, a língua internacional da época: «Achyles Estaço etc. Eu ey por meu serviço como vos tenho escrito pela confiança que de vos tenho que dygaes no sagrado concylyo a oraçam que leva dom Fernam Martins Mazcarenhas meu embayxador que a elle ora envyo e ey por bem que me sirvaes d escrivão da embayxada parecendo ao dyto dom Fernam Martins Mazcarenhas que a hy necesydade dyso, e que nam na avendo vos venhaes pera este reyno porque me queria qua servyr de vos...»³⁴. Logo a 12 de Abril, Estaço manifesta ao rei toda a sua disponibilidade, agradece a mercê de tal distinção e conclui: «Eu fico muy prestes para todo o tempo em que me for mandado da parte de Vossa Alteza logo me por no caminho.»³⁵.

³² *Corp Dipl. Port.*, vol. VIII, p. 411.

³³ *Corp. Dipl. Port.*, vol. X, p. 23. Este cardeal «Santa Florl» é, como referimos anteriormente, Guido Ascanio Sforza.

³⁴ *Corp. Dipl. Port.*, vol. IX, pp. 174-5.

³⁵ *Corp. Dipl. Port.*, Vol. IX, p. 217.

Em Setembro ou Outubro volta D. Sebastião a convidar Aquiles para escrever a embaixada que vai ao concílio de Trento. Sucede então um curioso episódio, referido aliás por vários autores ³⁶. Na embaixada vinha já a versão definitiva da *oratio* a proferir diante dos padres conciliares. Por isso, apesar de insistentemente requestado, apesar dos esforços de L. P. de Távora, Aquiles Estaço, ofendido na sua prosápia de exímio latinista, recusa-se terminantemente a ir ao concílio discursar com palavras alheias. O nosso embaixador em Roma, não sem algum enfado, conta os pormenores do sucedido.

Dom Fernão Martins segundo tenho entendido chegou a Milão em XV do passado parou ali para aliviar a sua familia e mandou tomar pousadas a Trento de Poeri em Piamonte me despachou hum seu criado em seis do mesmo que chegou aqui em XVII do ditto, escreveo por elle a Achilles Estaço e lhe mandou a carta de Vossa Alteza pera aver de ir fazer a oração ao concilio e servir com o ditto embaxador de secretario e assi me escreveo o fizesse partir com a maior diligencia possível mandei o logo chamar deilhas cartas e fallei o que para o caso compria exortando o a dever partir em breve tempo. Vio o ditto Achilles a oração que de lá vinha feita pera elle recitar mostrou sse muito escandalizado não fazendo elle outra profição senão de letras humanas e orador nam fiarem delle esse officio enjuriando sse de lhe cometterem dissesse oração alhea tendo elle já feita huma e decorada que no acto poderia muito bem servir a qual avia muitos dias me tinha comunicado e emmendada como compria concluindo que elle não parteria em nenhum modo de Roma se Dom Fernão Martins o não mandasse segurar que deria a oração que tinha feita, e não a que vinha de Portugal. Deilhe as rezões necessarias para o tirar da paixão e deste seu engano precurei persuadillo a que se fosse ao embaxador e que lá lhe desse suas rezões e mostrasse a oração e que cria que elle pello consolar lha deixaria dizer, e quando não quizesse ficaria em sua escolha tomar o concelho que lhe parecesse mais util e honrado ficando ou tornando como lhe melhor parecesse, não me quis crer, nem a outras pessoas pellas quais cuidei persuadillo, e resolveu em não ir sem o embaxador o mandar segurar como tinha ditto, e nesta forma lhe escreveo e eu despachei o dito seu criado pella posta com a rellação do que neste caso passava, e lhe lembrei que Belchior Cornejo pello que delle tenho ouvido recitaria muito bem a oração que Vossa Alteza manda se diga, e que nessa parte faria pouca falta o ditto Achilles, e portanto se não queria aceitar a condição com que queria hir e principalmente gastando sse nestas embaxarias muito tempo devia

³⁶ Vd. Fernando CAMPOS, *A casa do pó*, Lisboa, Difel, 1986, pp. 364 e sqq.. De passagem, diga-se que nestas páginas sob o manto da ficção se esconde uma estranha confusão histórica.

encomendar a oração ao ditto Belchior Cornejo tendo por certo para esse acto como cumpre, e assi se poderia ajudar daquelle homem em muitas cousas creio que assi o fara e dessa maneira tudo passara bem³⁷.

No início de 1565 Aquiles está prestes a deixar a Cidade Eterna para regressar a Portugal, satisfazendo assim os desejos do rei. A 3 de Abril, S. Carlos Borromeu escreve ao cardeal D. Henrique uma carta de recomendação em favor do humanista que, declinando o convite do Papa, se preparava para aceder às ordens do seu rei. Mas, no final do mesmo mês, o cardeal Borromeu rectifica a primeira carta pedindo a D. Sebastião que autorize A. Estação a permanecer em Roma até ao fim do Verão, porque o Papa desejava encarregá-lo da revisão das obras de S. Jerónimo. É que, querendo o pontífice aplicar as resoluções do concílio, projectara um plano de edições críticas dos Padres da Igreja e para isso necessitava de especialistas formados no manuseio de velhos manuscritos e de agudo espírito crítico. Ora, neste domínio, o nosso sábio era dos melhores. Além disso, argumenta ainda o sobrinho de Pio IV, o seu estado de saúde a custo suportaria nesta altura do ano tão longa viagem ³⁸.

Findou o Verão, e Aquiles Estação não regressou a Portugal. Mas D. Sebastião renova o convite e, quiçá aguilhoado pelas saudades da pátria, talvez Aquiles tenha pensado em retornar ao reino. Disso mesmo vivamente o dissuade Inácio de Moraes na epístola de 1 de Dezembro de 1573: "e se me é permitido que eu te dê a ti, homem prudentíssimo, um conselho, continua nesse lugar, longe da penúria lusitana. Com efeito, se aqui regressares, «passarás fome, mesmo que vendas a Páris» - como diz o famoso poeta «Agave ainda virgem»" ³⁹.

Estação seguiu o conselho do seu amigo. Acabou por preferir as vantagens da Roma cosmopolita «où l'étrangeté et différence de nation se considére le moins; car de sa nature c'est une ville rapiécée d'étrangers; chacun y est comme chez soi»⁴⁰. Com efeito, nos inícios de 1575 D. Sebastião parece estar já conformado com a impossibilidade de trazer Estação para Portugal. Reputa agora de mais eficaz, para a divulgação dos feitos portugueses no estrangeiro, a continuação do humanista em Roma.

³⁷ *Corp. Dipl. Port.*, vol. IX, p. 432.

³⁸ C. M. de WITTE, «Saint Charles Borromée et la Couronne de Portugal», p. 137 e J. Gomes BRANCO «A propósito do *Tibullus cum commentario*», pp. 87-88.

³⁹ A.C. RAMALHO, *Latim renascentista em Portugal (antologia)*, p. 195.

⁴⁰ M. de MONTAIGNE, *Journal de voyage em Italie, Oeuvres complètes*, p. 501. Sobre a Cidade Eterna escrevera, alguns anos antes, Gaspar Barreiros: «(...) do fogo infernal da heresia luterana (...) Italia sta d'elle limpa, E se algua ervilhaca n'ella a, e á dos forasteiros, dos quaes Roma e hua stalagem, por ser corte tam universal de todos os Christãos, onde vam ter os maos & os bõs (...)» (*Chorographia*, fol. 206r.).

São estas as ideias que transparecem da carta de agradecimento régio pela oração de obediência de 1574:

Achiles estaço, eu elrei uos enuio muito saudar. Recebi uossa carta e folgei muito de uer a oração que fizestes e dissestes quando Joham guomez da Silva do meu conselho e meu embaixador deu em meu nome a obediencia ao Sancto padre e me ei nisso por seruido de uos e tambem folgarei de uer todas as mais cousas que escreuerdes, principalmente se forem de meus reinos, e em louuor dos portugueses, que com uossa erudição se saberão milhor por essas partes, e escreueime o que me significaes em uosa carta e tudo o mais que se uos ofereçer de meu seruiço. escrita em almeirim A. xbij de feuer^o de 1575.⁴¹

As inúmeras comissões encarregadas de levar a cabo as disposições conciliares (reforma do breviário e do missal, redacção de um *index*, do catecismo, edição crítica dos Padres da Igreja, reforma do calendário, etc.) arrastam a Roma uma multidão de teólogos, sábios, filólogos. Roma torna-se de novo o mais importante centro cultural da Europa, marcado agora por um novo espírito, as belas letras ao serviço do combate católico. Chegam entre outros Paolo Manuzio, Justo Lípsio, Azpilcueta Navarro e Marc-Antoine Muret que, no dizer de Fumaroli⁴², foi durante trinta anos o *arbiter elegantiarum* do humanismo eclesiástico romano.

Aquiles Estaço, não podia, pois, trocar um lugar onde já era prestigiado e onde tinha muito melhores condições de trabalho por uma terra onde afinal as armas levavam vantagem sobre as letras⁴³.

Mas do patriotismo de Aquiles Estaço não há que duvidar. Repetidas

⁴¹ Justino Mendes de ALMEIDA, «Uma carta de D. Sebastião ao humanista Aquiles Estaço», pp. 319-320.

⁴² M. FUMAROLI, *L'âge de l'éloquence*, p. 169. Marc-Antoine Muret (1526-1585), em it. Marcantonio Mureto, foi, de acordo com Montaigne, o humanista «que la France et l'Italie reconnaît pour le meilleur orateur du temps» (*Essais*, I, XXVI).Vd. também Pierre LAURENS, «Muret» *Prosateurs Latins en France au XVI siècle*, Paris, 1987, cap. IX. Adoptamos a forma habitual de referir o humanista francês embora, em rigor, o seu nome seja Marc-Antoine de Muret (vd. P. de NOLHAC, *Ronsard et l'humanisme*, p. 146, n. 3: «toutes les lettres originales que j'ai retrouvées du savant limousin portent la signature Marc-Antoine de Muret. (...) C'est donc celle [forme] qu'il convient d'adopter»).

⁴³ N. Espinosa da SILVA, *Humanismo e direito em Portugal no séc. XVI*, pp.336-7. Com D. Sebastião «retomam os tempos da *noblesse d'épée* em prejuízo da *noblesse de robe*». Espinosa da Silva chama a atenção para um passo do *De Regis Institutione* de D. Jerónimo Osório, em que há uma diatribe contra as belas letras que fica quase sem resposta, sinal dos novos tempos. Recorde-se que nas Cortes de 1562 se chegou a propor a extinção dos «Estudos de Coimbra ... por serem prejudiciaes ao Reyno, e a renda se applique para a guerra», apud J. M. Queiróz VELLOSO, *História de Portugal*, vol. V, p. 36. Sobre a participação de Estaço nos trabalhos das comissões tridentinas vd.: Charles DEJOB, *De l'influence du Concile de Trente*, p. 32: «Juan Salon, de Toléde (...) deux autres Espagnols, le poète Pedro Chacon, en latin Ciacconnius, en italien Ciaccone, et le jésuite Torres (Turrianus); deux Français, P. Morin, et un auditeur de rote, Séraphin Olivier, plus tard cardinal; le Portugais Ach. Estaço (Stadius); l'Allemand Christ. Clavius, se distinguèrent parmi les membres des grands commissions.»

vezes, ardentemente, o demonstrou. Na encomenda que fez a Álvares Seco, no poema sobre as insígnias dos Reis de Portugal, no relato dos feitos portugueses no Oriente (*Monomachia nauis Lusitanae et Insignia Regum uersibus descripta*. Romae, apud Iosephum de Angelis, 1574), nas dedicatórias ao príncipe D. João, à Infanta D. Maria, ao cardeal D. Henrique, nas orações de obediência em nome de D. Sebastião, nos versos que dedicou a este rei invocando a protecção do mártir homónimo, na oração proferida nas exéquias do Desejado e, mais ainda, no discurso obediencial em nome de Filipe II.

Viveu, pois, em Roma cerca de vinte e um anos no convívio dos mais altos dignitários da Igreja, favorecido pela sua impressionante erudição e natural simpatia. Inácio de Moraes, na carta que temos vindo a citar, recorda a estima e o agrado que sentia pela amenidade do feitiço de Aquiles Estaço, *ingeniique tui suauitate delectabar*⁴⁴. É, de facto, essa a impressão que se colhe do retrato existente na Biblioteca Vallicelliana⁴⁵. Revela o rosto de um homem sereno, delicado. Mas também um aspecto sofrido, vulnerável. Alguns biógrafos apontam-lhe uma constituição frágil. Na verdade, não raro, o próprio Estaço se queixa dos seus achaques⁴⁶.

Não obstante, Aquiles tinha alta consciência do seu valor e era decidido na defesa das suas prerrogativas de, digamos, humanista laureado. É, como observa A. Costa Ramalho⁴⁷, com um certo ar de triunfo que oferece ao seu antigo preceptor João de Barros os seus eruditos comentários ao *De optimo genere oratorum* de Cícero⁴⁸. Defende os seus direitos de autor da edição comentada de Suetónio⁴⁹ há pouco editada em Lião e atribuída, indevidamente, ao prestigiado humanista Giambattista Cipelli Egnazio, que, ao contrário do que julga J. Gomes Branco, não terá sido o responsável pela fraude, pois morrera já em 1553⁵⁰. Mais significativo, porém, é o pitoresco episódio em que se escusa a pronunciar uma oração de obediência feita por outros.

Faleceu em Roma a 17 de Setembro de 1581, deixando a maior parte

⁴⁴ A. C. RAMALHO, *Antologia*, p. 193.

⁴⁵ Reproduzido fotograficamente no artigo de Leite de VASCONCELOS, «Papéis de Achilles Estaço» pp. 153-170 e em A. C. RAMALHO, «Notas sobre a formação de Aquiles Estaço», pp. 304-5. Vd. ainda J. G. BRANCO, «Uma comemoração de Achilles Statius Lusitanus», pp. 403-410.

⁴⁶ Apud M. L. T. BARTOLI, *op. cit.*, p. 357: «Nos hic languiduli, ac febriculosi».

⁴⁷ «Notas sobre a formação de Aquiles Estaço», p. 309.

⁴⁸ M. T. Ciceronis *De optimo genere oratorum Liber Achillis Statii Lusitani in eundem commentarii Lutetiae*, apud Vascosanum, 1551.

⁴⁹ C. Suetonii *Tranquilli libri II de Illustribus grammaticis et claris rhetoribus. Cum Achillis Statii Lusitani commentatione, falso nuper Lugduni Ioannis Baptiste Egnatii nomine inscripta, atque edita. Lutetiae*, apud Federicum Morellum, 1567.

⁵⁰ «A propósito do Tibullus cum Commentario Achillis Statii Lusitani», p. 92; *Enciclopedia Italiana*, t.X, s. u..

dos seus bens aos Padres do Oratório pela amizade que o ligava a S. Filipe de Neri. Importante foi sobretudo o legado da sua livraria, constituída por cerca de 1700 obras impressas e pelo menos 270 códices manuscritos, alguns de grande valor e antiguidade, espólio que veio a constituir o primeiro núcleo da actual Biblioteca Vallicelliana, fundada pelo próprio S. Filipe de Neri junto à Chiesa Nuova, sede da sua congregação ⁵¹. Nesta igreja foi sepultado o nosso humanista com o hábito de S. Domingos ⁵², onde ainda hoje se pode ver o seu túmulo que «está na capela da Mãe de Deus, a primeira ao entrar pela igreja ao lado esquerdo» ⁵³.

3. O poeta e o filólogo

Quando em 1547 Aquiles Estaço dá a lume em Lovaina a sua primeira obra - conhecida hoje graças às investigações de Gomes Branco ⁵⁴- como que indicia os seus futuros interesses, a poesia de temática sagrada (*Deploratio Virginis Mariae super passione Filii*) e profana (*Monomachia duorum militum hispanorum*), a edição e comentário de autores clássicos (*In Topica Ciceronis praefatio*), a teologia (*Oratio quodlubetica*).

Profundo conhecedor quer dos poetas gregos e latinos, quer dos problemas de exegese bíblica, foi autor de uma vasta produção poética de temática sagrada e profana.

Poeta áulico, imitou sobretudo Horácio, manuseando com igual desenvoltura a estrofe sáfica e a estrofe alcaica, o hendecassílabo falécio, o asclepiadeu, o arquiloqueu, o hexâmetro e, sobretudo, o dístico elegíaco, metro tão da preferência dos poetas latinos renascentistas.

A precaridade e a efemeridade da vida humana, a consabida oposição entre a degenerescência do corpo e a renovação cíclica da natureza sob a forma canónica da canção de primavera, o valor da amizade e o panegírico de protectores ou familiares são os temas dos versos ditos profanos.

Além de adaptações e mesmo citações de versos do Venusino, encontramos ainda composições que são verdadeiras réplicas de alguns dos carmes mais conhecidos de Horácio.

De conteúdo épico são os hexâmetros em que canta as vitórias da Cristandade sobre o Turco, e aqueles em que deslinda a simbologia das armas dos Reis de Portugal.

De temática sagrada são os versos que dirige à Virgem Maria, a Santo

⁵¹ J. Gomes BRANCO, « Uma comemoração de Achilles Staius Lusitanus », pp. 408-9.

⁵² Gaspar ESTAÇO, *Tratado*, p. 46.

⁵³ P^o José de CASTRO, *Portugal no Concílio de Trento*, vol. IV, p. 171.

⁵⁴ « A propósito da primeira obra de Achilles Staius Lusitanus » *Humanitas* 2 (1948-49), pp. 81-92.

António, a S. Sebastião, A Santa Catarina, a S. Lourenço (santos tão do agrado dos pintores da época), a Duns Escoto, aqueles em que exalta os mistérios da fé cristã e ainda as paráfrases dos salmos ⁵⁵.

A sua actividade poética, Aquiles Estaço alicerçou-a num conhecimento perfeito de toda a teorização literária dos antigos. Sobretudo entre os franceses, a Arte Poética horaciana, por meados do século XVI, constituíra-se como paradigma. Fruto deste novo entusiasmo pelos preceitos da *Epístola aos Pisões* ou fruto da sua natural inclinação, o certo é que Aquiles Estaço tornou-se no primeiro comentador português deste texto fundamental da teorização poética ⁵⁶. Estaço conhecia também a poética de Aristóteles. Mas mais relevante, julgamos nós, era o íntimo comércio que Aquiles mantinha com a poesia latina de que deu mostras nos comentários que editou ou que nos chegaram manuscritos.

Seguindo um método rigoroso, confrontando diferentes edições, fazendo a colação de vários códices, discutindo fundamentadamente as várias lições, Estaço introduziu no texto horaciano valiosas correcções. Esta edição da *Arte Poética* terá tido entre nós um influxo talvez maior do que afirma A. Pinto de Castro. Aos exemplares indicados por este autor há que acrescentar os existentes na Biblioteca da Academia das Ciências de Lisboa e na Biblioteca Municipal de Viseu, este último, aliás, profusamente anotado o que denota um manuseio apreciável. Outrossim de uso escolar foram as edições estacianas de Cícero, Tibulo, Suetónio, Catulo, etc..

Os decretos do concílio de Trento estabeleciam que a pregação era tarefa primordial do bispo, a um tempo *pastor e doctor*⁵⁷.

Necessário era, portanto, que se fornecessem os modelos da arte concionatória, restituídos à sua pureza original. Estaço entrava, como vimos, nos planos pontifícios de edição crítica dos textos dos Padres da Igreja. Imbuído, pois, deste novo espírito, a que não é estranha a acção dos santos

⁵⁵ *Carmina Sacra et profana, de Deo, de Sanctis, et de aliis rebus uariis*, Bibliot. Vallicelliana (Roma), codex B. 106, fls. 102r.-143v.; *Achillis Statii Lusitani Syluae aliquot una cum duobus Hymnis Callimachi eodem carminis genere ab eo latine redditis*. Parisiis, apud Thomam Richardum, 1549; *Achillis Statii Lusitani Syluulae duae quibus adiuncta sunt, Praefatio in Topica Ciceronis, et oratio Quodlubetica eiusdem. Nunc primum in lucem aedita*. Louanii, excudebat Iacobus Batius, 1547; *Carmina uaria*. Bibliot. Ambrosiana (Milão), cod. N.156. Sup. e cod. P.^o 242.; *Deo Forti Melita Liberata Achillis Statii Lusitani Epinicium*. Bibliot. Nazionale di Firenze, misc. 1. D. 13, cademo 42; *Carmina uaria cum a graeca et latina tum hetrusca lingua composita ad Pium III Pont. Max. et ad B. Carolum Borromaeum praesertim exarata. Ad Pium III Pont. Max. Achillis Statii Lusitani*, Bibliot. Ambrosiana (Milão), cod. D. 343 inf..

⁵⁶ Aníbal Pinto de CASTRO, « Aquiles Estaço o primeiro comentador peninsular da Arte Poética de Horácio », pp. 83-102 e « La Poétique et la Rhétorique dans la pédagogie et dans la littérature de l'Humanisme portugais », pp. 699-721.

⁵⁷ J. Y. BORLAUD, « L'Orator Christianus », p. 162.

Carlos Borromeu e Filipe de Neri, nos últimos anos da sua vida, Estaço volta-se quase exclusivamente para o estudo da Patrística e publica comentários a Santo Anastásio, a S. João Crisóstomo, a S. Pacómio, etc..

Os méritos de Aquiles Estaço, enquanto filólogo, foram já postos em relevo por B. L. Ullman, G. B. Pighi e J. Gomes Branco ⁵⁸. Damos, no entanto, o texto da epístola nuncupatória dirigida pelo nosso humanista a Girolamo Rusticucci, secretário particular de Pio V, carta que precede o volume *Catullus cum commentario Achillis Statii Lusitani*. Cum priuilegio Senatus Veneti. Venetiis. MDLXVI. In aedibus Manutianis.

O exemplar que compulsámos está na Biblioteca da Academia das Ciências de Lisboa ⁵⁹, pertenceu à livraria do convento de N. S. de Jesus de Lisboa e apresenta a seguinte dedicatória autógrafa *L. Andreae Resendio v. c. Achilles Staius D. D.*, isto é, 'a Lúcio André de Resende, varão ilustríssimo, oferece Aquiles Estaço'.

Achilles Staius Hieronymo Rusticuccio, Pii V Pontificis Maximi secretario, salutem.

Ego uero de Catulli commentario edendo non magis profecto cogitabam quam de Tibulli, Vergilii, Horatii, Lucretiique commentariis, quos partim institutos, partim uero confectos iam atque absolutos habeo. Casus uero mirificus interuenit quasi testis industriae diligentiaeque in lectitando meae. Namque aliud agenti et spectanti mihi longe aliud euenit. Equidem inuitus, quia nondum maturum iudicabam, sed tamen necessario consilii mei rationes exponam.

Versatur in animo meo cogitatio iam pridem suscepta de Sacrorum librorum poesi Latinis uersibus exprimenda. Quae cum uaria multiplexque sit, nec enim generis unius sunt, quae Dauid Rex, quae Iob, quae alii denique sanctissimi uiri modulatissimis uersibus cecinerunt, non unum quoque Latini carminis esse adhibendum genus intellegebam, quo uel numerorum similitudinem, uel illorum uarietatem, si nihil aliud, ipsa demum uarietate repraesentarem.

Itaque ad id opus antequam adgrederer, quo paratior hoc ipsum politis ornatisque uersibus praestarem, summos in suo quemque genere Latinos poetas diligenter euolui. Inter legendum autem, quod adsolet, ita multa notarum, ut iustum prope uolumen effectura uiderentur. Ea mei studiosis hominibus cum placita essent, contenderunt a me scilicet etiam atque etiam ne ceteros celarem, neue publico inuiderem.

⁵⁸ *The identification of the manuscripts of Catullus cited in Statius's edition of 1566*, University of Chicago Press, 1908; «Achilles Statius's manuscripts of Tibullus» *Didascaliae Studies in honor of Anselm M. Albareda*, New York, Rosenthal, 1961, pp. 449-468; «Achillis Statii lectiones atque emendationes Catullianae», *Humanitas* 3 (1950-51), pp. 37-160; «A propósito do *Tibullus cum Commentario Achillis Statii Lusitani*», *Euphrosyne* NS 9 (1979), pp. 87-117.

⁵⁹ Cota R - 8 - 16 - 2º cofre 29.

Ergo, uictus, a Catullo initium duxi, quem superior aetas omnis tanti fecit, ut elegantia illum poetis omnibus facile praestare censuerit. Certe Diuus Hieronymus dignum putauit, cuius nomen Eusebii, quae conuertebat in Latinum, Chronicis intexeret. Nam, quod idem lasciuus ac mollius scripsit, id uero temporum illorum siue licentia potius ac uitium fuit. Quamquam de se ipse tamquam supputens dicit: nam castum esse decet pium poetam ipsum, uersiculos nihil necesse est. Vt et ille alter Musa iocosa mihi est, uita pudica tamen.

Cum autem operis huius editio in idem tempus incidisset, quo me Pius V Pontifex Maximus in suis esse uoluisset, atque ego tum, Hieronyme Rusticucci, in amicitiam atque adeo in familiaritatem tuam uenissem, quasi quodam facto, quidquid hoc est libelli, deberi tibi sum arbitratus. Accedebat eo singularis humanitas tua, qua me complexus, non modo tuendum tibi, sed etiam augendum ornandumque suscepisti. Sed me quidem, hoc ipso nomine tibi iam deuictum atque obligatum, praeterea commouebat ingenii tui praestantia, naturae bonitas, morum facilitas ac suauitas tanta, quantam in ullo, qui istuc aetatis nunc sit aut umquam alias fuerit, meminisse non possum.

Quam ob rem Pius V Pontifex Maximus, uir ut auctoritate sic iudicio plane diuinus, te, cuius opera fidelissima integerrimaque usus fuisset, industriam cognouisset, eundem etiam nunc in suis principem locum tenere, curarum et consiliorum sibi esse conscium ac participem uoluit, unum denique te merito suorum omnium carissimum semper habuit.

Sed de te satis apud te uerissimas tuas laudes modeste nimis auersantem.

De Catullo ipso, laudatissimo poeta, nihil amplius dicam illius commendandi causa. De lucubratione hac mea, uere uideor posse dicere, eo consilio et conatu institutam, quod me tamen adsecutum non profiteor, quem multa fugerint, plura fortasse fefellerint hominem uix mediocri praeditum ingenio ut optimum poetam, negligentia temporum ualde corruptum, si non omnino restituerem, at paullo quidem certe meliorem redderem. Vale . Romae. Kalendis Martiis.

Em versão portuguesa:

Aquiles Estaço a Jerónimo Rusticucci, secretário do Papa Pio V, saúde.

Não cuidava eu mais em publicar o comentário de Catulo do que os de Tibulo, Virgílio, Horácio e Lucrécio, comentários que tenho em parte preparados, em parte já terminados e prontos. Mas, um

acontecimento maravilhoso me sucedeu, ao ler e reler digamos que as testemunhas do meu trabalho e da minha diligência. Com efeito, fazia e planeava eu uma coisa, saíu-me outra. Contrariado é verdade, pois ainda não a julgava madura, vou no entanto expor as razões da minha resolução.

Desde há muito que eu acalentava a ideia de traduzir para versos latinos a poesia dos livros sagrados. Mas, como esta é muito vasta e variada, pois não pertencem a um único género os temas cantados em melodiosos versos pelo rei David, por Job e por outros santíssimos varões, para reproduzir apenas com a mesma variedade, se outra coisa não houvesse, quer a semelhança dos ritmos, quer a sua variedade, compreendi que não devia também recorrer a um único género da poesia latina.

Por isso, antes de avançar para aquele trabalho, a fim de que, melhor preparado, o realizasse em versos polidos e elegantes, percorri com cuidado os maiores poetas latinos cada um no seu género. Porém, durante a leitura, como de costume, foram tantas as notas que parecia virem a formar um volume razoável. Estas notas, como agradaram aos homens que se interessam pelas minhas coisas, contenderam comigo, repetidas vezes, para que eu as não ocultasse aos demais, nem impedisse que viessem a público.

Vencido, comecei, pois, por Catulo, por um poeta sempre tão apreciado que se pensava que, sem favor, excedia em elegância todos os poetas. Pelo menos S. Jerónimo considerou-o digno de louvor, ao escrever o seu nome nas crónicas de Eusébio quando as traduziu para latim. De facto o que Catulo escreveu de mais lascivo e voluptuoso, isso foi próprio dos costumes, ou antes da licença e vício daqueles tempos. De resto, como ele próprio, um pouco envergonhado, diz de si: « convém que o poeta piedoso tenha vida casta, mas para os seus versos ligeiros tal não é necessário ». Como este famoso poeta também eu tenho a Musa jocosa, mas a vida casta.

Ora como a edição desta obra surgiu precisamente no momento em que o Papa Pio V me chamou para a sua casa, tornando-me então, ó Jerónimo Rusticucci, teu amigo e até teu íntimo, pensei que por isso mesmo te devia dedicar este livrinho qualquer que seja o seu valor. Além disso a singular benevolência com que me distinguiste e acolheste aumentou a minha vontade de te honrar, de te louvar e ornar. Mas mais ainda me impressionou, a mim que por aquela dívida já a ti estava ligado e obrigado, a excelência do teu carácter, a afabilidade da tua índole, a brandura das tuas maneiras, e tanta simplicidade quanta não me lembro de ver em alguém que no teu lugar agora esteja ou que alguma vez antes tenha estado.

Por isso é que o Papa Pio V, varão pela autoridade e pelo discernimento sem dúvida santo, depois de ter usado os teus tão fiéis e desinteressados serviços, de ter conhecido o teu zelo, quis que ainda agora tu tivesses o primeiro lugar entre os seus, que das suas preocupações fosses confidente e que tomasses parte nas suas decisões. Em suma, pelos teus méritos considerou-te o primeiro, o mais querido de todos os seus familiares.

Mas basta de falar de ti na tua presença, pois a tua excessiva modéstia aborrece os louvores embora justíssimos.

Da pessoa de Catulo, poeta tão louvado, nada mais vou dizer para o elogiar. Deste meu trabalho, que foi preparado com aquela intenção e empenho, julgo que o posso dizer, mas que tenha atingido o objectivo, não o prometo. Muitas coisas me terão escapado, muitas mais terão porventura enganado um homem apenas provido de algum talento para restituir o excelente poeta tão maltratado pela incúria dos tempos. Se não o corrigir totalmente, ao menos que o entregue um pouco melhor. Adeus. Em Roma a 1 de Março.

A versão em ritmos latinos dos poemas bíblicos, a paráfrase dos salmos, exigem, como trabalho prévio, o estudo demorado dos poetas clássicos, dos vários ritmos e géneros poéticos, condição imposta pela consciência da variedade que caracteriza os textos a traduzir. Adaptando-se à nova orientação tomada pelas belas letras na Roma da Contra-Reforma, Estaço preconiza o estudo dos autores gregos e latinos, mas esse estudo é agora subsidiário da exegese bíblica e de um modo geral da teologia, de novo ciência rainha. Assim justifica o nosso humanista o seu interesse pelos poetas pagãos.

Contudo, é curiosa, e extremamente significativa do amor pelas humanidades greco-latinas, a defesa que faz dos autores pagãos, ao invocar como atenuantes da sua liberdade em matéria moral o contexto histórico e sobretudo a destriça que importa fazer entre estética e ética, sustentando assim a autonomia da obra de arte. Estaço, sem postergar a sua fé católica, cita Catulo (16, 5-6) e retoma a ideia, corrente entre os latinos, de que a página pode ser lasciva contanto que a vida seja pura (Marcial, 1. 4. 8.).

Além das edições comentadas de Catulo e de Tibulo, Aquiles Estaço comentou ainda, como ele próprio afirma no texto em apreço, Virgílio, Horácio e Lucrécio, aos quais podemos acrescentar Propércio. Na verdade, esses e outros escólios conservam-se ainda hoje manuscritos na Biblioteca Vallicelliana ⁶⁰.

⁶⁰*Notae autographae ad Opera Catulli, Tibulli et Propertii*, codex B. 109 e *Notae ms. in Bucolicam, Georgicam et Aeneidos Virgilii Maronis*, codex E. 60-2.

4. O orador

Aquiles Estaço pronunciou ao todo cinco orações: quatro de obediência, e uma oração fúnebre.

Dos discursos obedienciais, três foram proferidos em nome do rei de Portugal:

Ad Pium IIII Pont. Max. Sebastiani I, Portugalliae Algarbiorum etc. Regis nomine obedientiam praestante Laurentio Pirez de Tauora, oratio habita ab Achille Statio Lusitano. Romae (?), 1560.

Achillis Statii Lusitani Oratio oboedientialis Ad Gregorium XIII Pont. Max. Sebastiani I Regis Lusitaniae nomine habita; eiusdem Monomachia Nauis Lusitanae et Insignia Regum Lusitaniae Versib. descripta. Romae, apud Iosephum de Angelis, 1574.

Oratio habita ab Achille Statio Lusitano in Consistorio publico XVIII Martii 1581.

A outra oração de obediência foi pronunciada no ano de 1566 em nome da Ordem de Malta :

Oratio habita ab Achille Statio Lusitano in pleno consistorio ad Pium V. Pont. Max. Illustrissimi F. Io. Valettae Magni Magistri, ac totius ordinis S. Io. Hierosolymitani nomine Illustri F. Petro de Monte Capuae Priore obedientiam praestante. Romae, apud Iulium Bolanum de Accoltis, s. d. [1566].

Esta honra de ser escolhido como *orator* para a obediência desta Ordem teve-a um outro português, o mestre de retórica Tomé Correia, que tanto sucesso colheu em Roma e em Bolonha ⁶¹.

A oração fúnebre, *Oratio ab Achille Statio Lusitano habita ad funebrem contionem Romae apud Societatem Iesu Sebastiano I Portugalliae Regi soluendis exequiarum iustis*, foi pronunciada nas exéquias celebradas em honra de D. Sebastião, em 1578, na Igreja de Jesus em Roma. Conserva-se manuscrita no códice B. 106 da Biblioteca Vallicelliana e foi modernamente editada por J. Gomes Branco ⁶².

⁶¹ J. Gomes BRANCO, «Os discursos em latim do humanista Aquiles Estaço», p. 4: *Oratio habita ad Xystum V Pont. Max. nomine Magni Magistri Familiae Hospitalis S. Ioannis Baptistae a Thoma Corraea...* Romae, expensis Valerii Pasini prope Gymnasium Rom. MDLXXXV.

⁶² J. Gomes BRANCO, « Os discursos em latim do humanista Aquiles Estaço », pp. 14-20.

5. Índice bibliográfico ⁶³

Impressos

A. EDIÇÃO DE AUTORES CLÁSSICOS

1. *CATVLLVS / CVM. COMMENTARIO/ACHILLIS / STATII / LVSITANI / Cum Priuilegio Senatus Veneti / VENETIIS. MDLXVI / In Aedibus Manutianis./*

B. da Academia das Ciências - R. 8,16, 2º cofre, 29.

B. Vallicelliana - S. Borr. H. I. 161 (1).

B. Alessandrina - N - b -112.

(Barbosa Machado: Parisiis, apud Adrianum Beys, 1566 e nos *Commentarii in Tibullum*, Venetiis, apud Aldum Manutium, 1567/8)

2. *Achillis Statii /LVSITANI COMMEN-/ TARI IN LIBRVM / Ciceronis de Fato. / ad clarissimo LAVRENTIVM / PIREZ de Tauora/ Louanii, Ex officina Seruatii Sasseni, / anno M.D.L.I. / Cum priuilegio Caes. sig. P. de Lens. / Epístola nuncupatória a Lourenço Pires de Távora.*

BN de Roma - 6.34.G.15.

B. Vallicelliana - S. Borr. Q. IV. 195 (3).

B. Vaticana - Racc. I. V. 1563 (int.1).

3. *M. T. Ciceronis de Optimo Genere Oratorum Liber. Achillis Statii Lusitani in eundem Commentarii.* Lutetiae, apud Vascosanum, 1551.

BN do Rio de Janeiro.

⁶³ Para a elaboração deste rol servimo-nos, sobretudo, das indicações de F. Leite de FARIA, *Estudos bibliográficos sobre Damião de Góis e a sua época*, Lisboa, Secretaria de Estado da Cultura, 1977; P. O. KRISTELLER, *Iter Italicum*, 2 vols., Leiden, 1963 - 67 (Vol. I, Italy: Agrigento to Novara; vol. II, Italy: Orvieto to Volterra; Vatican City); A. Moreira de SÁ, «Manuscritos e obras impressas de Aquiles Estaço», *Arquivo de Bibliografia Portuguesa*, 12 (1957), pp. 167-178; J. Leite de VASCONCELOS, «Papéis de Achilles Estaço» *Petrus Nonius*, 3 (1941), pp. 153-170 e Diogo Barbosa MACHADO, *Bibliotheca Lusitana*, t. I e IV.

Graças a uma bolsa de estudo que nos foi concedida pela Universidade de Aveiro, pudemos corrigir e completar esta relação das obras de Aquiles Estaço, compulsando os impressos e os inéditos que se encontram mormente na Biblioteca Vallicelliana, mas também na Biblioteca Vaticana e nas Bibliotecas Angélica, Casanatense, Alessandrina e Nacional. De grande interesse foi a consulta do catálogo seiscentista da Biblioteca de Aquiles Estaço, *Index Librorum Manuscriptorum et Typis vulgatorum Bibliothecae Achillis Statii*, B. Vallicelliana, P. 186, códice preciosíssimo, que entre outras coisas, nos permitirá traçar o horizonte de leituras do nosso humanista.

Não será esta já uma tabela definitiva de todo o vasto acervo bibliográfico de A. Estaço, haverá por certo outros textos, em letra de forma ou manuscritos, noutras bibliotecas italianas. No entanto este recenseamento dará sem dúvida uma ideia muito aproximada dos interesses e assuntos versados pelo humanista português. Fornecem-se sempre que possível as cotas, confirmadas *de visu* no que respeita aos espécimes existentes em Portugal e nas bibliotecas romanas mencionadas.

M. T. Ciceronis / DE OPTIMO GENERE / ORATORVM LIBER . / ACHILLIS STATII LV-sitani in eundem Commentarii. / LOVANII/ Excudebat Seruatius Sassenus, impensis/ uiduae Arnoldi Birckmanni,/ An. M. D. LII. / Cum Gratia et Priuilegio Caes. Sig. P. de Lens./

É antecedido por uma carta dedicatória a João de Barros.

B. Vallicelliana - S. Borr. Q. IV. 195 (2).

4. Appendiculae / EXPLANATIONVM / ACHILLIS STATII LVSITANI / In libros tres M. Tullii Ciceronis / De optimo genere oratorum, Topica, / De Fato, atque Obseruationes / rerum aliarum. ANTVERPIAE / Impensis Martini Nutii. / 1553. / Cum gratia & priuilegio Caes. M. Sig. P. de Lens. Carta dedicatória a Juan Torquemada.

BN de Roma - 6.34.G.15. Pertences: Coll. Rom. Soc. Iesu cat. inser. Biblio. Mureti.

B. Vallicelliana - S. Borr. H. I. 161 (3).

B. Vaticana - Racc. I. V. 1563 (int. 2).

5. M. T. Cic. ad C. Trebatium Iuris consultum Topica. In eadem Barth. Latomi enarrationes. Ph. Melanchtonis, et Ch. Hegendorphini scholia. Ant. Goueani Commentarius. Quibus addictum est Achillis Statii Lusitani ad aliorum commentationes epidoma. Parisiis, apud Thomam Richardum, 1549. No fl. 3r vem a dedicatória ao Bispo de Arras.

B. Real da Bélgica - II. 7850.

B. do Estado da Baviera (Munique)- 4ªA alt.b.120 (1).

6 Achillis Statii / LVSITANI CASTIGATI - / ONES AC EXPLANATIONES / in Topica M. Tullii Ciceronis. / LOVANII, impensis / uiduae Arnoldi Birckmanni, / M. D. LII. /

B. Vallicelliana - S. Borr. Q. IV. 195 (1).

7. Achillis Statii Lusitani / In Q. Horatii Flacci poeticam / Commentarii./ AD IOANNEM QVAR- / TVM LVSITANIAE / PRINCIPEM AV- / GVSTISSIMVM. / ANTVERPIAE, / Apud Martinum Nutium. / Cum gratia et priuilegio. / 1553.

BPM de Évora - séc. XVI, nº 2718.

B. da Academia das Ciências de Lisboa - R. 15. 22.

B. Municipal de Viseu - 3 - IV - 7.

Outro exemplar propriedade do Prof. Artur Moreira de Sá.

B. Vallicelliana - S. Borr. Q. I. 181.

8. *Observationes in uarios Latinorum scriptorum libros*. Louanii, apud Sassenium, 1552 e 1604.

(indicação sumária colhida em Barbosa Machado).

9. *C. SVETONII / TRANQVILLI / LIBRI II. / DE INLVSTRIBVS GRAMMA/TICIS, ET CLARIS RHETORIBVS: / Cum Achillis Statii Lusitani Commentatione, / falso nuper Lugduni Ioannis Baptistae / Egnati nomine inscripta, atque edita. / LVTETIAE, / Apud Federicum Morellum, in uico / Bellonaco, ad urbanam Morum. / M. D. LXVII. /*

(Antuerpiae, ex Officina Christophori Plantini, 1574 e Parisiis, apud Adrianum Beys, 1610).

Traz uma carta dedicatória dirigida ao Cardeal D. Henrique e uma outra do humanista francês Denis Lambin.

B. Vallicelliana - S. Borr. H. 1. 161 (2).

B. Casanatense - Val. Misc. 20 (2).

HENRICO / PRINCIPI INFANTI / PORTVGALLIAE. / S.R.E. Cardinali, Legato / a latere, Archiepiscopo / Olisipponensi. / ACHILLES STATIVS. / S.P.D./

B. Angelica - N. 1.37.4.

10. *C. Suetonii Tranquilli XII Caesares Theod. Pulmani Craneburgii opera et studio emendati... eiusdem C. Suetonii Tranquilli de illustribus grammaticis et claris rhetoribus lib. II cum Achillis Statii Lusitani commentatione*. Antuerpiae, excudebat Christophorus Plantinus, 1574.

BN de Lisboa - Res. 5435-1 p..

B. Vallicelliana - S. Borr. G. III. 23 (2).

11. *Tibullus cum commentario Achillis Statii Lusitani*. Venetiis, in aedibus Manutianis, 1567.

Com epístola nuncupatória dirigida a Fabio Farnesio.

Um exemplar que era propriedade de J. Leite de Vasconcelos.

B. da Academia das Ciências de Lisboa (J. Gomes Branco, «A propósito do *Tibullus cum Commentario Achillis Statii Lusitani*», *Euphrosyne*, NS 9 (1979): «da Livr^a de N. S. de Jesus de Lx^a. De facto está registado no *Catálogo Alfabético dos Livros da Livraria do Convento de N. Snr^a de Jesus de Lisboa, 1825*». Não encontramos neste catálogo - nem na biblioteca - a obra citada).

B. Vaticana - Aldine III. 237 (int. 2).

COMMENTARII IN OPERA / CATVLLI, TIBVLLI ET PROPERTII / Parisiis, 1604.

Traz os comentários de Estaço a Catulo e a Tibulo ao lado dos de Muret e Scaliger.

B. Casanatense - s. I. 12.

12. TYPI EPISTO - / LICI, SIVE FIGVRAE / EPISTOLARVM, / autore incerto. / Interprete uero Achille Statio Lusitano. / Eadem de re quaedam ex Basilio Magno, Libanii / Sophistae commentariolum, quaedam ex Tatiano, ex Demetrio Phalereo, ex Cicerone, ex / Philippo Beroaldo, ex Sulpitio Virulano: / Eodem interprete et collectore. / Ad Clarissimum uirum, D. Anto / nium Mendoçium. / LOVANII, Ex officina Bartholomaei Grauis. / M. D. L.I. / Cum Gratia et Priuilegio C. M. /

B. Vallicelliana- S. Borr. Q. IV. 195 (4).

B. EDIÇÃO DE PADRES DA IGREJA

1. BEATI / ANASTASII / MONACHI. MONTIS / SINAI. ORATIO. / DE / SACRA. SYNAXI / Ad de eo, quod est, ne quem iudice- / mus, nec iniuriarum memores / esse uelimus. / Achille Statio Lusitano Interprete. / ROMAE, Apud heredes Antonii Bladii / Impressores Camerales, 1579. / Cum licentia Superiorum. /

Carta nuncupatória a Gregório XIII.

BN de Roma - 68.13.A.4.

B. Vallicelliana - S. Borr. A. IV. 60 (4);VI, 1.5 (2) e E.1.27 (2).

2. SANCTI / PATRIS NOSTRI/ IOHANNIS ARCHIEPISC. / CONSTANTINOPOLITANI / COGNOMENTO CHRYSOSTOMI / HOMILIA IN SERAPHIM. / Achille Statio Lusitano interprete. / CVM LICENTIA SVPERIORVM. / ROMAE apud heredes Antonii Bladii Impressores / Camerales, MDLXXX. /

BN de Lisboa - Res. 67 P.

B. do Museu Etnológico (i. e., Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia. Infelizmente não foi possível saber a colocação das obras referidas por Leite de Vasconcelos pois este fundo bibliográfico está por catalogar).

3. S. FERRANDI / KARTHAGINIENSIS / ECCLESIAE DIACONI / OPVSCVLA. / E BIBLIOTHECA ACHILLIS / STATII LVSITANI / DEPROMPTA. / ROMAE/ EXCVDEBAT. FRANCISCVS / ZANNETTUS ANNO / M.D.LXXVIII. / Cum licentia Superiorum. /

B. Vallicelliana - Q. 52 e S. Borr. A. IV. 60 (3).

4. GREGORII BAETICI / HELIBERITANAE / SEDIS ANTISTITIS / DE TRINITATE, SIVE DE FIDE/ Liber ante hac numquam editus. / Cum Priuilegio & licentia Superiorum. / ROMAE in aedib. Populi Romani. / MDLXXV./

Carta nuncupatória à Infanta D. Maria.

B. Vallicelliana - S. Borr. C. III. 175 (2).

B. Alessandrina - Misc. ant. XIV. f. 4.3.

«Observationes difficilium aliquot locorum Graecorum Latinorumque Gregorii Baetici Heliberitannae Sedis antistitis. De Trinitate», *Lampas siue Fax artium liberalium*, t. II, pp. 875-897. Francforte, 1604.

B. do Museu Etnológico.

(Segundo Leite de Vasconcelos contém uma carta à Infanta D. Maria e outra ao leitor. Colónia, 1577).

B. Alessandrina - O-f- 21.

5. ORATIONES / NONNVLLORVM / GRAECIAE PATRVM / E BIBLIOTHECA ACHILLIS / STATII LVSITANI / DEPROMPTAE/ eodem interprete/

No cólofon:

ROMAE. / EXCVDEBAT. FRANCISCVS / ZANNETTUS. ANNO / MDLXXVIII./

Depois de uma carta dedicatória a Gregório XIII traz epístolas e homilias de S. Nilo Abade, S. João Crisóstomo, S. Gregório de Nissa, St^o Atanásio de Alexandria, St^o Anfilóquio, S. Gregório de Antioquia, S. Sofrónio, S. Cirilo de Alexandria e S. Martiniano.

B. do Museu Etnológico.

BPM de Évora - cod. CX - 1 - 2.

BN de Florença - M. 674. 3, 4.v. 5. 566.

B. Vallicelliana - S. Borr. A. IV. 60 (2) e Q. 52 (2).

B. Vaticana - R. G. ss. Padri V. 19(1); Barberini E. I. 10 (int.1); Racc. I. VI. 232 (int.2).

6. S. PACHOMII / COENOBIORVM QVONDAM / PER AEGYPTVM FVNDATORIS / REGVLA / E Syriaco Graecoque in Latinum / a B. Hieronymo conuersa. / Item B. Anselmi de uita aeterna sermo. / Vtrumque numquam antea, nunc autem / ab Achille Statio Lusitano / primum editum./ INLVSTRISSIMO AC REVERENDISS. / D.PAVLO ARETIO S.R.E. CARD./ DD. / ROMAE, Apud haeredes Antonii Bladii Impressores Camerales. Anno Iubilaei. M.D.LXXV. / Cum licentia Superiorum./

B. do Museu Etnológico.

B. Angelica - M.3.31

B. Vallicelliana - S. Borr. S. III. 14 (1) e S. Borr. A. IV. 60 (1).

7. *ACHILLIS STATII / LVSITANI / DE REDITIB. ECCLESIASTICIS / QVI BENEFICIIS ET PENSIONIB. / CONTINENTVR. / Commentarioli. II . / Inlustrissimo ac Reuerendiss. D. / Stanislao Hosio S. R. E. Card. / magnoq. paenitentiaro / DD. / ROMAE, / Apud Haeredes Antonii Bladii Impressores Camerales. / Anno Iubilaei. M.D.LXXV./ (1581; 1611; Hamburgi, apud Michaellem Hering, 1614).*

BN de Lisboa - S. C. 6737 P..

B. do Museu Etnológico.

BN de Florença.

B. Vaticana - Racc. I. V.1769 (int.1); Ferraioli VI. 1232 (int.17).

B. Vallicelliana - S. Borr. S. III. 14 (20) e S. Borr. I. V. 104 (3); Romae, apud haeredes Antonii Bladii, 1581 S. Borr. I. V. 104 (2).

B. Alessandrina- Romae, 1581: U - f- 52.

8. *Commentarium siue Epistola ad Nauarrum de Redditibus Ecclesiasticis.* Romae, apud haeredes Bladii, 1552.

(Barbosa Machado: «esta mesma epistola mais polida, e novamente augmentada com o Commentario do mesmo Estaço de *Pensione* sahio com este titulo *De redditibus Ecclesiasticis, et Pensionib. commentarioli duo.* Romae, apud haeredes Antonii Bladii, 1574»)

B. Vaticana - Romae, 1574: Racc. I. VI. 256 (int.2).

C. POESIA

1. *ACHILLES STATIVS LVSITANVS / AD COGNOMINEM SIBI ACHILLEM STATIVM, E-/ piscopum Pellae: cuius exstant Commentarii Graeci in / Arati Phaenomena, de amorib. Leucippae, et Cli - / tophonis; aliaque. / Curioso poema em que Estaço desfaz alguns equívocos provocados pela homonímia. Veio a lume na *Hispaniae Bibliotheca* de André Scoto (Francforte, 1608), pp. 488-90.*

2. *De electione, profectioe, et coronatione Serenissimi Henrici Poloniae Regis.* Romae, apud haeredes Bladii, 1574.

3. *Epigramma Graeco Latinum in Translatione S. Gregorii Nazianzeni.* (Barbosa Machado: Baronio, *Not. Martyrol. Roman.* 3. Idus Iunii).
B. Vaticana - Barb. Lat. 2192.

4. *Iam pridem studiis aliis addictior aevi.*

(Barbosa Machado: «poema latino em louvor da Serenissima Infanta D. Maria filha delRey D. Manoel, o qual começa... está impresso na Vida da

mesma Princeza composta por Fr. Manuel Pacheco lib. 2 cap. 18. pag. 135. v. onde com igual elegancia se vé traduzido em Castelhana por D. Manoel de Salinas y Lazana Conego da Cathedral de Huesca»)

5. LAVRENTII / GAMBARAE, / BRIXIANI, / RERVM SACRARVM / LIBER, / CVM Argumentis Iacobi Pacti / Siculi Mamertini. / ANTVERPIAE, / Ex officina Christofori Plantini, / Architypographi Regii. / M. D. LXXVII./ (J. V. de Pina Martins, *L'Humanisme Portugais (1500-1580) et l'Europe. Exposition Bibliographique à la Bibliothèque Municipale*, Tours, 1978: «pp. 183-190 et 119-194, deux beaux *carmina* de l'humaniste portugais Aquiles Estaço, l'un des plus grands latinistes du XVI^e siècle, sur St. Antoine de Lisbonne et sur la bataille de Lépante... On remarquera, dans les deux *carmina*, non seulement l'élégance de la forme et reprise d'images classiques, selon le style du temps, mais aussi l'importance du contenu religieux et culturel qui dénote une parfaite connaissance de la culture gréco-latine et chrétienne.» Nota de Eugenio Asensio)

6. SANCTI SPIRITVS / INVOCATIO. / IN SANCTO GENERALI CONCILIO / INDICENDO. / AVCTORE ACHILLE STATIO LVSITANO. / Romae in officina Saluiana Mense Decemb. 1560. / B. Vaticana - Racc. I. IV. 1199 (int.3).

7. ACHILLIS / Statii Lusitani Syl- / uae aliquot una cum duo / BVS HYMNIS CALLIMA / chi eodem carminis genere ab eo / latine redditis. / PARISIIS. / Apud Thomam Richardum, sub Bibliis aureis, e regione Collegii Remensis. / 1549. /

Traz uma carta dedicatória e um poema, em dísticos elegíacos, dirigidos ao infante D. Luís.

BN de Paris - Yc. 837.

B. Bodleiana (Oxford) - Byw. T. 2. 7.

B. do Estado da Baviera (Munique) - 4^o A gr. a. 725.

BN de Madrid - R. 19643 (3).

B. Vaticana - R. I. IV. 1199 (2).

BN de Roma - 6. 16. D. 30 (2).

B. Vallicelliana - S. Borr. Q. V. 191 (37).

B. Angelica - cod. 939 (R. 4. 28) fls. 32-51.

8. Achillis Statii Lu= / SITANI SYLVV- / LAE DVAE+ / Quibus adiuncta sunt, Praefatio in To / pica Ciceronis, & Oratio / Quodlubetica / eiusdem + / Nunc primum in lucem / aedita + / LOVANII, / Excudebat Iacobus Batus, / Anno 1547+ / Cum Caes. Maiest, gratia & / priuilegio+ /

Único exemplar conhecido:

Bibliothèque Royale de Belgique - V. B. 6426 (1).

D. ORATÓRIA

1. AD PIVM IIII./ PONT. MAX./ SEBASTIANI. I. PORTVGALLIAE/ ALGARBIORVM ETC. REGIS / NOMINE,/ OBEDIENTIAM PRAESTANTE/ LAVRENTIO PIREZ DE TAVORA/ ORATIO HABITA AB ACHILLE STATIO/ LVSITANO XIII. CAL. IVN. ANNO SALVTIS/ MDLX. / [Roma, 1560]

BGU de Coimbra - VT - 19 - 7 - 1.

BN de Florença - B. 4. F. 104. 12.

B. Angelica.

B. Vaticana - Barberini V. VII. 104.

BN de Paris.

B. de Montpellier.

Corpo Diplomático Português, t. VIII, pp. 461-463.

D. B. Machado, *Memórias para a História de Portugal, Que Comprehendem o Governo d'ElRey D. Sebastião*, Cap. I, Liv. II, Par. I, pp. 302 sqq..

2. ACHILLIS/ STATII. LVSITANI/ ORATIO. OBOEDIENTIALIS / SEBASTIANI. I. REGIS / LVSITANIAE . / NOMINE HABITA EIVSDEM MONOMACHIA. NAVIS. LVSITANAE. ET/ INSIGNIA REGVM LVSITANIAE /VERSIB. DESCRIPTA / CVM LICENTIA SVPERIORVM./ ROMAE, / Apud Iosephum de Angelis./ MDLXXIV. /

(D.B. Machado dá-a como impressa em Roma, apud haeredes Antonii Bladii, 1574 e não refere o poema *Insignia...*; A. Navarro, *Ensaio Bibliográfico*, p. 184: «existe também outra edição de 4 ff., e com o fólho 5 em branco, somente com a breve oração de Estaço, impressa em Roma, em M.D. LXXIII por Iosephum de Angelis»)

BGU de Coimbra - VT - V - 65.

B. Vaticana - Barberini V. VII. 104 (int. 3).

B. Vallicelliana - S. Borr. Q. V. 171 (14); S. Borr. Q. V. 29 (11).

The Newberry Library (Chicago), Greenlee Collection, vd. *The Newberry Library Bulletin*, vol. III, 7 (1954), pp. 206-215.

3. ACHILLIS / STATII. LVSITANI / ORATIO. OBOEDIENTIALIS/ AD. GREGORIVM. XIII. PONT. MAX./ SEBASTIANI. I. REGIS. LVSITANIAE/ NOMINE HABITA /EIVSDEM /MONOMACHIA .NAVIS .LVSITANAE .ET / INSIGNIA REGVM LVSITANIAE VERSIB. DESCRIPTA/ CVM LICENTIA SVPERIORVM./ ROMAE,/Apud Iosephum de Angelis./ M.D. LXXIV./

BN de Lisboa - Res. 299 v.

B. Alessandrina - Misc. ant. XIII. b.32.3; XIII. b. 28.39.

B. Vaticana - Racc. I. IV. 531 (int.1).

4. *ORATIO HABITA AB ACHILLE / STATIO LVSITANO/ IN PLENO CONSISTORIO/ AD PIVM V. PONT. MAX./ ILLVSTRISSIMI F. IO.VALLETAE / MAGNI MAGISTRI,/ ac totius ordinis S. Io. Hierosolymitani nomine/ Illustri F. Petro de Monte Capuae Priore/ obedientiam praestante./ ROMAE, Apud Iulium Bolanum, de Accoltis. [1566]*

B. Angelica - Misc. D.5.5 (23)

B. Vaticana - Racc. Gen Misc. V. 33 (int.4).

B. Alessandrina - Misc. ant. XIII. b. 29.9.

B. Vallicelliana.

BN de Florença - M - 1. D 13 - 30; M - 108, 1 e M - 75.

(D.B. Machado diz que inclui o poema *Deo Forti Melita liberata Epinicionum*).

Manuscritos

1. *ADNOTATIO DE VSVRIS HEBRAEORVM.*

Breve nota que ocupa apenas uma página da miscelânea:

OPVSCVLA / PROPRIA. MANV. SCRIPTA / VEL. SVBSCRIPTA / A Venerabili Dei Seruo / JVVENALE. ANCINA/ EPISC. SALVTIAR./

B. Vallicelliana - O. 26. 17.

2. *ACHILLIS STATII / ADNOTATIONES. CRITICAE / ET / MISCELLANEA / VARIAE. ERYDITIONIS/ Ex Latinis Graecisque scriptoribus / Quibus multi illorum loci emmendantur, explicantur, illustrantur / OPVS AVTOGRAPHVM Codex XVI. Saeculil.*

Apresenta o seguinte índice:

In hoc uolumine continentur.

Achillis Statii Adnotationes

In Homerum

In Ciceronem *de Legibus et de Oratore*

In Aristotelicos libros *Physicorum, et Rethoricorum*

In Titi Liuii *Historiarum Romanam*

Eiusdem Achillis Statii *Sententiae, et Dicta Spiritualia, Sermones de Tempore et de Sanctis.*

B. Vallicelliana - D. 37.

3. *Adnotationes Marginales ad libros Ethicorum Aristotelis Latine uersos.*

Tradução latina da *Ética* de Aristóteles, num pergaminho não datado, com notas, sobretudo em grego, que discutem a versão latina.

B. Vallicelliana - C. 83.

4. *ACHILLIS. STATII. / ADNOTATIONES. VARIAE / SACRAE. ET PROFANAE / OPVS AVTHOGRAPHVM / Codex XVI. Saeculi.*

B. Vallicelliana - B. 112.

5. *ACHILLIS. STATII. / Adnotationes uariae. / P. VIRGILII. MARONIS / BVCOLICA / GEORGICA. / AENEIS. / CVM NOTIS / ACHILLIS. STATII. /*
Notas marginais, manuscritas e autógrafas à seguinte edição da obra de Virgílio:

P. VIRGILII MA- / RONIS BVCOLICA, GEORGICA, / ET AENEIS. / LVTETIAE /
Apud Vascosanum, uia Iacobeae ad insigne Fontis / M.D.LI. /

O volume apresenta ainda, à guisa de folha de guarda, dois *folia* desgarrados de poemas de Jorge Coelho.

B. Vallicelliana - E. 60. 2.

6. *ADVERSARIA / REI. ANTIQVARIAE / ET / EPISTOLAE / ACHILLIS. STATII. LVSITANI / Viri Clarissimi / AC / BIBLIOTHECAE. VALLICELLIANAE / PRIMI. FVNDA TORIS. / OPVS AVTHOGRAPHVM. / Codex XVI saeculi.*

B. Vallicelliana - B. 102.

7. *ANTIQA / SACRORVM. CANONVM / COLLECTIO / ACHILLIS STATII /*
Notis Marginalibus / illustrata / et in suis aduersariis saepe citata / Accedit / ANTIQA. GLOSSA / eiusdem Collectionis. /

B. Vallicelliana - F. 2.

8. *Carmina uaria.*

B. Ambrosiana (Milão) - cod. N. 156. Sup. e cod. P. 242.

9. *Carmina uaria cum a graeca et latina tum hetrusca lingua composita ad Pium III Pont. Max. et ad B. Carolum Borromaeum praesertim exarata. Ad. Pium III Pont. Max. Achillis Statii Lusitani.*

B. Ambrosiana (Milão) - cod. D. 343 inf..

10. *Deo Forti Melita Liberata Achillis Statii Lusitani Epinicium.*

BN de Florença - misc. 1. D. caderno 42.

11. *DICTA / ET / SENTENTIAE / SANCTORVM PATRVM / GRAECE. / Cum Notis marginalibus / Achillis Statii Lusitani. / CODEX VIII. SAECVLI. /*
Pergaminho do séc. VIII pertencente a Aquiles Estaço. As anotações são feitas em latim, italiano e, a maioria, em grego.

B. Vallicelliana - D. 15.

12. *EPIGRAMMATA/ ANTIQVAE. VRBIS/ CAVTVM. EDICTO. LEONIS. X./ PONT. OPT. MAX./ NE. QVIS. IN. SEPTENNIVM. HOC OPVS. EXCV DAT/ ALIOQVI. REVS ESTO / NOXAMQVE/ PENDITO/*

No cólofon:

ROMAE. IN AEDIB. IACOBI. MAZUCHII / ROMANAE. ACAD. BIBLIOPOLAE/ M. D. XXI. MEN. APRIL/

Recolha de inscrições encontradas em arcos, portas, pontes, muralhas, colunas, obeliscos, templos, foros, túmulos, etc.. Apresenta inúmeras correcções manuscritas que demonstram os vastíssimos conhecimentos de Aquiles Estaço em epigrafia.

B. Vallicelliana - G. 2.

13. *Esposizione della Fede suggerita da S. Giovanni Apostolo et Euangelista in una mirabile Visione a S. Gregorio Taumaturgo, con il Giudizio dato da Achille Stazio circa la med.^a esposizione./*

B. Vallicelliana - O. 26. 29.

14. *S. GREGORII NISSENI / QVAESTIO ET / DIALOGVS / DE ANIMA./ Cum Sancta MACRINA Sorore sua / ITEM / QVAESTIONES VARIAE NECESSARIAE / ET HOMILIAE VIII. / DE OCTO BEATITVDINIBVS / Codex XV seculi./*

Códice pertencente a Aquiles Estaço.

B. Vallicelliana - B. 124.

15. *Notabilia Diuersarum Materiarum collecta a / Clarissimo uiro Achille Statio Lusitano, et ab eodem / propria manu scripta sermone Latino, Italico, et Lusitano/*

Na miscelânea intitulada:

OPVSCVLA / VARIORVM SCRIPTORVM / ET MONVMENTA / ANTIQVA/ Quorum Indicem / exhibet sequens pag.^a / Codex Variae Aetatis/

B. Vallicelliana - C. 56. num. 3

16. *Auctoris Anonymi Notabilia Variae Eruditiones quibus accedunt Sermones Ascetici. Opus Autographum. Codex XVI saeculi.*

B. Vallicelliana - B. 103.

17. *Notae autographae ad Opera Catulli, Tibulli et Propertii.*

B. Vallicelliana - B. 109 (dado como desaparecido desde o séc. XIX).

18. *Notae ms. in Bucolicam, Georgicam et Aeneidos Virgilii Maronis.*

B. Vallicelliana - E. 60-2.

19. *NOVVM / TESTAMENTVM / GRAECE. ET LATINE / IN. ACADEMIA. COMPLVTENSI / IMPRESSVM / Cum notis Viri Clarissimi / ACHILLIS. STATII. LVSITANI / Quibus accedit / INTRODVCTIO. BREVISSIMA / AD GRAECAS. LITERAS. / Saec.XVI./*

Trata-se da edição de Alcalá de Henares (1514), com grande cópia de anotações marginais do punho de Aquiles Estaço.

B. Vallicelliana - A. I. 2.

20. *OPVSCVLA / VARIOR. ANTIQVORV / PATRVM ET /SCRIPTORVM / GRAECORVM DE REBVS MORALIBVS / ET SPIRITVALIBVS / QVORVM Index / sequenti pagina exhibetur / cum notationibus, et emendationibus/ Marginalibus / ACHILLIS STATII / Codex XIV seculi/*

Com notas, em grego, de Aquiles Estaço.

B. Vallicelliana - C. 72.

21. *Oratio ab Achille Statio Lusitano habita ad funebrem contionem Romae apud Societatem Iesu Sebastiano I Portugalliae Regi soluendis exequiarum iustis.*

B. Vallicelliana - B. 106 fls. 36/39r.

Publicada por J. Gomes Branco, «Os discursos em Latim do humanista Aquiles Estaço», *Euphrosyne* 1(1957), pp. 3-23.

22. *Oratio habita ab Achille Statio Lusitano in Consistorio publico XVIII Martii 1581.*

B. Vaticana - Barb. Lat. 5215, fls. 196 sqq..

Publicada por J. Gomes Branco, «Os discursos em latim do humanista Aquiles Estaço», *Euphrosyne* 1 (1957), pp. 3-23.

23. *ACHILLIS STATII / Lusitani / ORATIONES, EPISTOLAE. ET / OPVSCVLA. OMNIA / Quae in Foliis sparsa habebantur. / Codex XVI. seculi./*

B. Vallicelliana - B. 106.

24. *ACHILLIS STATII. V. CL. / ORTHOGRAPHIA / ALPHABETICA / Collecta ex Antiquis Inscriptionibus, / Numismatibus, et aliis Monumentis / ITEM / ADNOTATIONES VARIAE. et / COLLECTIO Antiquarum Inscriptionum / Quibus accedit / VELII LONGI. LIBER. DE ORTHO= / =GRAPHIA./ OPVS AVTOGRAPHVM / Codex XVI Saeculi./*

B. Vallicelliana - B. 104.

25. *ACHILLIS STATII./ PHILOSOPHICA NOTABILIA. VARIA / Ex Latinis, et Graecis scriptorib./ Quibus multi illorum loci illustrantur. / Opus autographum / Codex XVI Saeculi/*

B. Vallicelliana - B. 108.

26. *ACHILLIS. STATII/ VOCABULARIVM. ECCLESIASTICVM / ALPHABETICVM / Ex Sanctiss Patribus, et Conciliis Collectum/ OPVS AVTOGRAPHVM/ Codex XVI. Saeculi./*

B. Vallicelliana - B. 105.

CAPÍTULO II

ORAÇÕES DE OBEDIÊNCIA

1. Para a gênese das orações de obediência

Com a conversão de Constantino a situação dos cristãos no Império Romano alterou-se por completo. A influência e o poder dos bispos aumentam consideravelmente. Enquanto cristão, o próprio Imperador passa a dever obediência à hierarquia da Igreja, «les évêques laissent clairement entendre que l'Empire a partie liée avec l'Église et que sa fidélité à l'un se confond avec la fidélité à l'autre. Ambroise parle de l'Église comme du chef du monde Romain: *totius orbis Romani caput Romanam Ecclesiam* (Epist., XI, 4)»⁶⁴.

A queda do Império do Ocidente faz desaparecer por alguns séculos esta estreita ligação entre o poder temporal e o poder espiritual.

Mas, durante o século IX, pouco a pouco, constitui-se a ideia de Cristandade, a *Christianitas*, espécie de comunidade política de todos os cristãos enquanto tais. Respondendo à acusação de que o Papa queria tornar-se imperador universal, João VIII define a Igreja de Roma como «celle qui a autorité sur tous les peuples, et à laquelle les nations du monde entier sont réunies comme à une seule mère et une seule tête»⁶⁵. O século IX assiste ao triunfo do augustinismo político⁶⁶.

Finalmente, com Gregório VII (1073-1085), inicia-se a chamada teocracia pontifícia. Com a sagração de reis e imperadores pelos sumos pontífices, os papas passam a ter sob sua obediência os príncipes não só no que concerne ao espiritual, mas também no que toca ao temporal. Gregório VII excomunga e depõe o imperador Henrique IV. Inocêncio III luta contra Otão IV. Inocêncio IV depõe o imperador Frederico II e o rei de Portugal D. Sancho II. Martinho IV faz o mesmo a Pedro III, rei de Aragão. O pontífice exerce agora um poder sacerdotal e um poder real, é *rex et sacerdos*, o rei apenas um poder real, entendido como simples ministério pois «la royauté dans l'Église tend a devenir un office»⁶⁷. Datam desta

⁶⁴ Étienne GILSON, *La philosophie au Moyen Âge*, t. I, p. 167.

⁶⁵ Étienne GILSON, *op. cit.*, t. I, p. 254.

⁶⁶ H. X. ARQUILLIÈRE, *L'Augustinisme politique*, p. 97. Vd. ainda os capítulos III e V.

⁶⁷ H. X. ARQUILLIÈRE, *op. cit.*, p. 100.

época as primeiras embaixadas de obediência ao Papa. Alberto Navarro exemplifica com as de Frederico II e João Sem Terra⁶⁸.

Portugal, ao constituir-se como comunidade política independente, obrigara-se a prestar obediência à Santa Sé. Se os nossos primeiros reis enviaram ou não embaixadas de obediência, não o pudemos apurar. Mas, quando o Cisma do Ocidente (1378-1417) divide as obediências entre o Papa de Avinhão e o de Roma, entre o pontífice e o movimento conciliar, D. Fernando convoca o concílio de Santarém (1383) para escolher a quem seguir⁶⁹. Decidiu-se pela obediência a Urbano VI. Contudo, D. Fernando ora presta obediência ao Papa de Roma, ora ao Papa de Avinhão. A obediência religiosa segue as vicissitudes da política, isto é, quando Portugal entra na órbita franco-castelhana reconhece o Papa avinhonense, nos períodos de amizade oficial com a Inglaterra triunfa o partido urbanista. Com a morte de D. Fernando, nas lutas da sucessão ao trono, os sequazes de Clemente VII passam-se para o lado de Castela, os defensores da legitimidade de Urbano VI seguem, incondicionalmente, o Mestre de Avis. A obediência ao Papa de Roma torna-se um dever patriótico. Como nota J. C. Baptista, «em parte alguma da cristandade a cisão religiosa serviu de instrumento político tão valioso como em Portugal»⁷⁰. No entanto, se exceptuarmos as hesitações da política de D. Fernando, Portugal manteve-se fiel ao Papa romano. D. João I submete-se aos Papas pisanos e, depois da reunificação da Igreja, a Martinho V.

A crise da Igreja vem a terminar com a vitória do papado. Mas, «após ter dominado as ambições dos Concílios, o preço que o papado teve de pagar foi o regime das concordatas, acordos bilaterais por ela firmados com os Estados nacionais e que se resumem em reconhecer tacitamente a soberania destes últimos»⁷¹.

Ora, de acordo com Francis Rogers⁷², foi neste período conturbado da vida da Igreja que adquiriram especial significado as orações de obediência.

Resolvidas as dissensões no seio da Cristandade, os monarcas cristãos continuam a prestar obediência aos sucessivos Papas, mas «the expressions of the obedience, however, denoted, not humility before the vicar of Christ on earth, but pride in the accomplishments of the state, favored directly by God»⁷³. As embaixadas tornam-se assim num acto de ostentação, ganham

⁶⁸ *Ensaios Bio-bibliográficos*, pp. 9-12.

⁶⁹ Vd. Júlio César BAPTISTA, «Portugal e o Cisma do Ocidente», *Lusitânia Sacra* 1 (1956), pp. 65-203. Prova o autor que o concílio, ou melhor, o conselho de Santarém se reuniu não em 1381, como consta nas actas, mas sim a 23 de Fevereiro de 1383.

⁷⁰ *Idem, ibidem*, p. 172.

⁷¹ J.J. CHEVALLIER, *História do pensamento político*, t. I, p. 252.

⁷² F. ROGERS, *The Obedience of a King of Portugal*, p. 3.

⁷³ F. ROGERS, *op. cit.*, p. 4.

em cerimonial o que perdem em sinceridade. Na cerimónia da obediência adquire particular relevo o discurso obediencial agora confiado a um latinista reputado.

A este percurso histórico-político das orações de obediência vem juntar-se no século XV um importante condicionamento formal, a redescoberta das obras de Cícero. É a vez de conhecerem de novo a luz os tratados de retórica, o *De Oratore*, o *Brutus*, o *Orator*. E, graças ao invento de Gutenberg, nas últimas décadas do século «d'innombrables éditions et rééditions, à travers toute l'Europe, répandirent ces oeuvres qui étaient alors de surprenantes et fascinantes nouveautés»⁷⁴.

O *Pro Archia* institui-se como modelo a imitar. Como observa o Prof. Costa Ramalho⁷⁵, torna-se uma espécie de protréptico, uma exortação aos estudos literários. Tal como a oratória sagrada também os discursos obedienciais seguem o paradigma ciceroniano⁷⁶. Imitam-se os períodos, as cláusulas métricas, os giros frásicos, o vocabulário de Cícero. De quando em vez segue-se a disposição em cinco partes prescrita pelos tratados de retórica. E, na Cúria Romana, eram apreciados estes exercícios de eloquência, que nos seus primores pretendiam ser simétricos da prosápia dos príncipes em cujo nome eram pronunciados. Ilustres humanistas, como Eneas Silvio Piccolomini (Papa sob o nome de Pio II), ou Marc-Antoine Muret no século seguinte, prestigiam a função do orador nas embaixadas de obediência⁷⁷. A Cúria romana pretende instituir o paradigma do bom gosto e do rigor latino.

É, por conseguinte, a obediência reduzida a pretexto para a apresentação solene de uma peça de oratória cheia de intenções no domínio das complicadas relações diplomáticas entre os príncipes e os pontífices. Tornam-se assim as orações obedienciais documentos relevantes para a história diplomática desta época e exemplos da eloquência nova de matriz ciceroniana.

⁷⁴ M. FUMAROLI, *L'âge de l'éloquence*, p. 47.

⁷⁵ «Cícero nas orações universitárias do Renascimento», pp. 29-46.

⁷⁶ P.O. KRISTELLER, *The Pursuit of Holiness*, p. 442.

⁷⁷ J. O'MALLEY, *Praise and Blame*, p. 13: «The popes might, indeed, respond to the "pro obedientia" speeches of the orators of princes and states at their court. In this function Pius II was much esteemed, and some of this responses still survive»; Piccolomini pronunciou em 1455 a oração da obediência do Imperador Frederico III ao Papa Calisto III; Muret foi orador de obediência em nome de Francisco II e de Carlos IX, reis de França, em nome do rei da Polónia Segismundo II, e do duque de Ferrara Afonso II (vd. F. ROGERS, *op. cit.*, p. 103 e J. G. BRANCO «Os discursos em Latim do humanista Aquiles Estaço», p. 4, n. 2).

2. Orações de obediência em nome dos Reis de Portugal

Em 1436, D. Duarte envia ao concílio de Basileia uma embaixada capitaneada por D. Afonso, conde de Ourém, depois marquês de Valença, de que fazem parte o bispo do Porto, D. Antão Martins Chaves, o mestre Fr. Gil Lobo, da Ordem de S. Francisco, Fr. João de S. Tomé, da Ordem de St^o Agostinho, e os doutores Diogo Afonso Mangancha e Vasco Fernandes de Lucena. Em Julho chegam a Bolonha, onde estava o Papa Eugénio IV, e a 28 desse mesmo mês prestam-lhe obediência em nome do rei de Portugal. Esta foi, segundo o visconde da Trindade, «a primeira embaixada, revestida de grande solenidade, dirigida ao pontífice por um rei português e na qual foi também proferida a primeira oração obediencial»⁷⁸.

Até 1485 se houve mais algum discurso obediencial não o sabemos⁷⁹.

A primeira *oratio* impressa, das que chegaram até nós, foi a que Vasco Fernandes de Lucena, doutor *in utroque jure*, pronunciou em nome de D. João II perante Inocêncio VIII a 9 de Dezembro de 1485. Peça de oratória que mereceu duas edições e que é a vários títulos notável como mostrou Francis Rogers no seu minucioso estudo *The Obedience of a King of Portugal*.

Subiu Alexandre VI ao sólio pontifício e D. João II logo desejou enviar-lhe uma embaixada de obediência. Da incumbência encarregou em 1493 D. Fernando Coutinho, bispo de Lamego. Mas primeiro a peste e depois um naufrágio impediram que o intento se realizasse. Desta oração conserva-se apenas o preâmbulo em uma cópia manuscrita existente na Biblioteca Pública de Évora (CX-1-14). Ainda nesse mesmo ano de 1493, D. João II envia terceira embaixada com o discurso desta vez a cargo do bispo eleito de Ceuta, D. Fernando de Almeida, que então residia em Roma.

Em 1505 D. Manuel manda D. Diogo de Sousa, bispo do Porto e logo depois arcebispo de Braga, dar a Júlio II a obediência, sendo o discurso da responsabilidade do canonista e legista Diogo Pacheco, que será também o *orator* da famosa embaixada de Tristão da Cunha em 1514⁸⁰.

⁷⁸ A. NAVARRO, *op. cit.*, pp. 99-100; Fortunato de ALMEIDA, *História da Igreja em Portugal*, vol. I, p. 469 e D. António Caetano de SOUSA, *Provas da Hist. Geneal.*, t.V, pp. 573-630.

⁷⁹ No dia 31 de Agosto de 1481 D. Garcia de Meneses proferiu diante de Sisto IV uma oração em louvor de Afonso V e dos feitos portugueses em África, discurso que causou funda impressão entre o auditório mas que, em rigor, não é uma oração de obediência. Não houvera qualquer mudança no trono português ou no sólio pontifício, o bispo de Évora fora apenas enviado na qualidade de embaixador e de comandante da armada real contra os turcos que ocupavam militarmente Otranto, na Apúlia.

⁸⁰ Vd. «Carta que o embaixador do Imperador lhe escreveu de Roma sobre a embaixada que el-rei Dom Manuel mandou a o Papa por Tristão da Cunha», *Cartas dos grandes do mundo coligidas por Francisco Rodrigues Lobo* (1612), trasladadas do códice do Museu Britânico e editadas com prefácio e notas por Ricardo JORGE. Coimbra, Imprensa da Universidade, 1934, pp. 70-77.

Funda impressão causou igualmente, em 1533, a missão diplomática enviada por D. João III a Clemente VII, em que o P.^o Francisco Álvares apresentou a carta de obediência do Preste João. Editada em Bolonha, a *Legatio David Aethiopiae Regis, ad Sanctissimum D. N. Clementem Papam VII una cum obedientia, eidem sanctiss. D. N. praestita* logo foi impressa em Antuérpia, Paris e Basileia e traduzida para italiano e alemão. Não é, obviamente, uma oração em nome do rei de Portugal. Aliás, não se conhece qualquer discurso obediencial em nome de D. João III. Note-se no entanto que o abade de Sever recenseia entre os manuscritos de D. António Pinheiro uma *Oração Ôbediencial que deo a Paulo IV D. Afonso de Alencastro Commendador Mór da Ordem de Christo* ⁸¹.

No reinado de D. Sebastião, o primeiro discurso obediencial é o pronunciado por Aquiles Estaço a 20 de Maio de 1560 diante de Pio IV. Segue-se-lhe, em 1562, o do doutor Belchior Cornejo no concílio de Trento. Barbosa Machado diz que este discurso foi traduzido para português por D. António Pinheiro, versão que aquele bibliógrafo traz nas suas *Memórias para a História de Portugal*, 2.^a parte, livro I, cap. I, n. 8. De 1566 é a *oratio* de António Pinto dirigida a Pio V, pronunciada por D. Diogo de Meneses, então com apenas 12 anos de idade, filho do nosso embaixador em Roma D. Fernando de Meneses ⁸². Estaço é de novo *orator* a 28 de Setembro de 1574 na cerimónia de obediência a Gregório XIII e a 18 de Março de 1581, agora em nome de Filipe I de Portugal.

Restaurada a independência, imediatamente D. João IV se empenhou em expedir uma embaixada de obediência ao Papa Urbano VIII. Como nota Fortunato de Almeida ⁸³, «sem duvidar dos piedosos sentimentos do monarca, bem se pode crer que em tal ocasião o preocupasse menos o amor filial à Santa Sé do que o efeito político das relações com o papa.» Com o encargo desta difícil missão foi enviado em 1641 D. Miguel de Portugal, bispo de Lamego. Dois anos se demorou em Roma o nosso legado. Mas em vão, todas as tentativas de ser recebido pelo Santo Padre se revelaram infrutíferas. Não houve, pois, oração de obediência. Só em 1670, normalizadas as relações entre Portugal e a Santa Sé, se reata a tradição da cerimónia de obediência. A 22 de Maio o embaixador português D. Francisco de Sousa, conde de Prado e futuro marquês das Minas, presta obediência em nome de D. Pedro II a Clemente X. António Velez Caldeira faz a oração latina. Ao que parece esta terá sido a última oração obediencial.

O visconde da Trindade aponta ainda a embaixada remetida por D. João V a Clemente XI. D. Rodrigo de Sá de Meneses, marquês de Fontes, prestou obediência em nome do rei de Portugal, mas não houve oração obediencial ⁸⁴.

⁸¹ Diogo Barbosa MACHADO, *Bibliotheca Lusitana*, t. I, s.u..

⁸² Alberto NAVARRO, *Ensaio Bio-bibliográfico*, p. 201.

⁸³ F. de ALMEIDA, *História da Igreja em Portugal*, vol. II, pp. 335-7.

⁸⁴ Alberto NAVARRO, *op. cit.*, pp. 103 e 193.

No séc. XVIII encontramos alguns sucedâneos dos discursos de obediência, os panegíricos compostos por D. Francisco Xavier de Meneses (1673-1743) e por Fr. Francisco Xavier de Santa Teresa, exercícios de oratória que vêm arrolados na *Bibliotheca Lusitana*, t. II, pp. 290-1 e 303 com os seguintes títulos: *Panegyrico na eleição do Summo Pontífice Innocencio XIII recitado na Academia Real da Historia Portugueza sendo Director em 5 de Julho de 1721; Oratio Panegyrica de Exaltatione Sanctissimi Domini Nostri Benedicti XIII Pontificis Maximi habita in Regio D. Francisci Olyssiponensi Caenobio Tertio Nonas Octobris MDCCXXIV*. Ulyssipone, apud Paschalem de Sylua, 1725.

2.1. Notícias da Expansão

Por meados do séc. XV causava espanto na Cúria Romana o facto de os feitos portugueses no Norte de África e no Atlântico serem mal conhecidos, ou mesmo totalmente ignorados⁸⁵. Mas, poucos anos depois, os progressos da expansão portuguesa começam a ser anunciados oficialmente no estrangeiro sobretudo através das epístolas remetidas à Santa Sé em que se procura antes de mais publicitar as façanhas lusitanas e realçar a singularidade da dedicação dos Reis de Portugal na defesa e dilatação da cristandade. Pouco a pouco torna-se um hábito comunicar à Cúria Romana os sucessos mais relevantes, e algumas vezes também os revezes, dos portugueses no seu esforço de conquista e evangelização. Estas cartas informam sobre as viagens de D. Francisco de Almeida e de Tristão da Cunha à Índia, a chegada dos portugueses a Ceilão e a Madagáscar (a *Taprobana maior*), a tomada de Azamor e de Diu, a presença em Portugal de emissários chineses de Malaca e do primeiro embaixador do Preste João, o envio de uma missão portuguesa à Abissínia, etc..

Um bom exemplo desta epistolografia é a carta que D. Manuel enviou a Leão X em Junho de 1513, impressa em Roma nesse mesmo ano⁸⁶. Igual fama obtiveram as cartas de D. João III. Segundo Fr. Jorge de Santiago, um dos portugueses que participaram no concílio de Trento, essas eram muitas estimadas «e o latim também»⁸⁷.

⁸⁵ Luís de MATOS, «L'expansion portugaise dans la littérature latine de la Renaissance», p. 402.

⁸⁶ *Epístola do muito poderoso e invencível Manuel rei de Portugal e dos Algarves etc.. Das vitórias que obteve na Índia e em Malaca. Ao Santo Padre, em Cristo, e Senhor nosso, Senhor Leão X, Pontífice Máximo*, reprod. facsimilada, leitura moderna, tradução e notas de Nair de Nazaré Castro SOARES, Coimbra, BGUC, 1979. Vd. ainda a epístola do mesmo rei a Júlio II traduzida parcialmente por Damião de Góis na sua crónica de D. Manuel, *Epístola ad Summum Romanum Pontificem*, edição fac-similada, nota prévia de Artur Anselmo, Lisboa, Biblioteca Nacional, 1981.

⁸⁷ *Corp. Dipl. Port.*, t. VI, p. 5.

Mas, embora menos extensas e desprovidas da nota exótica, foram as orações de obediência a forma privilegiada de dar a conhecer solenemente os avanços e as vitórias dos lusitanos.

Vasco Fernandes de Lucena, depois de um breve conspecto das *res gestae* dos reis da primeira dinastia, alude à conquista de Ceuta por D. João I, prelúdio da aventura nacional. O texto da oração reza assim:

qui a propulsando ad inferendum Africae bellum, tamquam Scipio alter, animum transtulit. Quippe enauigato cum maxima classe Oceano per Gaditani freti ostia ingressus, urbem illam Septam, situ portuque, aedificiis, munimentis, haud minus quam magnitudine et opulencia claram, obsedit et ui cepit.

É já bem evidente a consciência épica no confronto com as figuras heróicas da Antiguidade. Grandeza de alma, notória ainda na adversidade. Lucena não se esquece de contar o trágico fim do príncipe constante, o infante D. Fernando. Refere de seguida as vitórias de Afonso V, o achamento dos Açores, de Cabo Verde e a construção do castelo de S. Jorge da Mina, *calce et quadrato lapide, e Lusitania nauibus importato*. Predis põe, pois, o auditório para a notícia mais importante:

(...) haud dubia spes Arabici sinus perscrutandi; ubi Asiam incolentium regna et nationes, uix apud nos obscurissima fama cognitae, Sanctissimam Saluatoris fidem religiosissime colunt: a quibus iam, si modo uera probatissimi Geographi tradunt, paucorum dierum itinere Lusitanorum nauigatio abest. Quippe cum emerso iam multo maximo Africae ambitu prope Prassum promontorium, unde Arabicus incipit sinus, superiori anno nostri appulerunt.

É este o famoso e controvertido passo em que D. João II anuncia, pela boca do Doutor Vasco Fernandes, a descoberta da passagem para o Índico. A primeira viagem de Diogo Cão ao Congo (1482-1484) criara a ilusão de se ter já contornado toda a costa ocidental do continente africano. Será que, de facto, o Príncipe Perfeito foi induzido em erro? Com que intenções se anuncia, com toda a solenidade, perante a Cúria Romana, uma esperança afinal infundada? No entanto, como alguém já notou, o que o texto diz é *prope Prassum promontorium*. Mais ainda, há uma oração condicional que introduz uma nota de incerteza: *si modo uera probatissimi Geographi tradunt*.

A *Geographia* de Ptolomeu, então ainda chamada *Cosmographia*, fora editada recentemente em Vicenza em 1475, e reeditada com mapas

em Bolonha, em 1477⁸⁸. Ora, Diogo Cão atingira realmente a latitude do promontório assinalado por Ptolomeu, logo, a acreditar na autoridade do geógrafo grego, poucos dias de viagem seriam o suficiente para os portugueses alcançarem as terras do Preste João e os portos da fabulosa Índia. Como observa F. Rogers, é curioso verificar que a acção em *Os Lusíadas* começa precisamente neste mesmo ponto (1.42-43: «cortava o mar a gente belicosa / Já lá da banda do Austro e do Oriente,/ Entre a costa Etiópica e a famosa / Ilha de S. Lourenço» 42.3-6, «O promontório Prasso já passavam», 43.5). O anúncio feito por Lucena não é por conseguinte uma certeza, mas sim uma esperança, depende da verdade das concepções antigas, como que prepara subtilmente os espíritos para a superação da autoridade antiga pela experiência dos modernos, dos portugueses ⁸⁹. Camões pôs na boca do Adamastor:

«Eu sou aquele oculto e grande Cabo
A quem chamais vós outros Tormentório,
Que nunca a Ptolomeu, Pompónio, Estrabo,
Plínio, e quantos passaram, fui notório.
Aqui toda a Africana costa acabo
Neste meu nunca visto Promontório,
Que pera o Pólo Antártico se estende,
A quem vossa ousadia tanto ofende!» 5.50

D. Fernando de Almeida, bispo eleito de Ceuta, em 1493, na sua oração a Alexandre VI, passa ao largo os últimos acontecimentos: Menciona vagamente uma expedição a Marrocos, mas não alude sequer às recentes relações de Portugal com o Congo, talvez, como observa Luís de Matos⁹⁰, por então residir em Roma. Mesmo assim, escreve Queirós Veloso, «esta oração é um comentário indirecto, mas formal, à bula de 4 de Maio» que dividia o mundo em dois hemisférios de polo a polo, a favor de Castela

⁸⁸ Alfredo Pinheiro MARQUES, *Origem e desenvolvimento da Cartografia Portuguesa na Época dos Descobrimentos*, Lisboa, INCM, 1987, pp. 52-3.

⁸⁹ Vd. A. Fontoura da COSTA, *As portas da Índia em 1484*, cap. III; Damião PERES, *História dos Descobrimentos Portugueses*, pp. 206-215; F. ROGERS, *op. cit.*, pp. 13 e 82; e o recente artigo de Carmen M. RADULET, em que se faz a crítica da interpretação tradicional, «As viagens de Diogo Cão: um problema ainda em aberto», *Revista da Universidade de Coimbra*, 34 (1988). A consciência de que a sabedoria antiga foi revogada pela experiência dos modernos surge, por exemplo, em Zurara (vd. A. A. Banha de ANDRADE, *Mundos Novos do mundo*, p. 73), e na *Chorographia* de Gaspar Barreiros: «(...) mas nos seguimos em parte á Ptolemeu q d'esta sciencia de cosmographia alcãçou mais, em parte os modemos q melhor lançará estes rumos por experiencia mais diligéte, como os nossos Pilotos tâbe fezerã nas costas da Índia, que lançaram em mais verdadeiros rumos polla experência pessoal, do que os laçou n'aquellas partes d' dicto Ptolemaeo, por enformaçã de mercadores q la hiam de Alexãdria (...)» (fol. 200r).

⁹⁰ «L' expansion portugaise dans la littérature latine de la Renaissance» pp. 405-6.

e de Portugal. O orador releva o facto de os portugueses terem já implantado a bandeira da cruz para além de 48.000 estádios de distância do reino⁹¹.

A viagem de Vasco da Gama abre uma nova era. Diogo Pacheco nas orações de 1505 e de 1514 tem disso clara consciência. Na primeira, passa de relance os feitos praticados no Norte de África para centrar a atenção no Oriente e nas recentes façanhas. Menciona a exploração do litoral da Índia e da Etiópia (isto é, da África) das margens do golfo Arábico, do golfo Pérsico e do Mar Roxo. Aguça a curiosidade do auditório com os nomes dos portos, das cidades, dos empórios visitados pelos navegadores lusitanos: Sofala, Quiloa, Melinde, Cananor, Cochim, Couvão. Refere a política dos «cartazes», a vassalagem prestada ao rei de Portugal pelos potentados indianos e o envio de emissários portugueses às terras do Preste-João na expectativa de em breve estabelecer aliança com aqueles remotos cristãos.

Na flamante embaixada de Tristão da Cunha, que deu brado em toda a Europa pela pompa e pelo exotismo⁹², Diogo Pacheco omite a conquista de Goa e de Ormuz, mas anuncia a conversão do rei do Manicongo, a concretização dos desejos de contacto com o Preste-João, a presença portuguesa nas fabulosas Taprobana e Áurea Quersoneso, as conquistas de Malaca, no Extremo Oriente (1511), e de Azamor, no Norte de África (1513). As armas e os navios portugueses percorrem uma área superior a 100.000 estádios. Desde o discurso obediencial de D. Fernando de Almeida até este de Diogo Pacheco o império português duplicara a sua extensão.

Com o passar dos anos, porém, vão-se avolumando os sinais de decadência e de desagregação do império e, na segunda metade do século, as orações de obediência dão-nos conta precisamente da retracção do nosso poderio. Há ainda grandes vitórias, mas agora em batalhas defensivas, esforço desesperado de conservação de um império difícil de manter com tão exíguos recursos.

António Pinto, em 1566, noticia a expedição de D. Cristóvão da Gama à Abissínia em socorro do imperador abexim ameaçado pelos muçulmanos (1541), o envio de missionários para aquelas paragens a fim de as catolicizar (1555) e o triunfo no cerco de Mazagão (1562), acontecimento festejado com solenidade pelo Concílio de Trento.

Aquiles Estaço na oração a Gregório XIII, em 1574, sumaria as últimas grandes vitórias das armas portuguesas no Oriente, os cercos de Goa e de Chaúl (1570-1571).

⁹¹ *Bibliografia Geral Portuguesa*, vol. II, p. LX.

⁹² Na embaixada, além de cinquenta nobres revestidos de ouro, jóias e pedraria preciosa, seguiam uma onça, cavalos pérsios e o celebradíssimo elefante, cantado por poetas e pintado por Rafael (vd. Damião de Góis, *Crónica de D. Manuel*, parte III, pp. 217 sqq.: «começou de orar ho doutor Diogo Pacheco per tam bom stylo e com tanta graça e desenvoltura que foi louvado de todolos que ho ouvirão», apud A. A. Banha de ANDRADE, *op. cit.*, pp. 663-4).

2.2. Espírito de Cruzada

A Cruzada em sentido estrito, tal como a define M. VILLEY ⁹³, é um fenómeno historicamente circunscrito, é uma instituição que obedece a verdadeiras regras jurídicas, primeiro impostas pelo costume e depois pela jurisprudência emanada das decretais de Gregório IX (1227-1241), e da obra de Hostiensis. Anterior à sua formulação é a ideia de guerra santa, espécie de réplica à *jihad* islâmica. Intimamente ligado a estes conceitos está ainda o problema da guerra justa. As incidências e os limites de cada uma destas noções foram objecto da especulação da Escolástica, que refreou os ímpetos de um Hostiensis ou de um Álvaro Pais. Isto é, com a Escolástica a cruzada «torna-se um direito mitigado» ⁹⁴.

Desde o primeiro momento da Expansão portuguesa fez-se sentir com acuidade o problema da cruzada. O projecto africano da dinastia de Avis necessitava de uma legitimação, a guerra ofensiva no Norte de África suscitava problemas quanto à sua licitude. Entre a elite da corte tinham alguma audiência as ideias de contestação explícita da cruzada - corporizadas no lulismo - e os exemplos de proselitismo pacífico, de contestação muda, encarnada pelas ordens mendicantes, sobretudo pelos franciscanos. Gomes Eanes de Zurara é o violento porta-voz da facção contrária, «posto que alguns necios e covardes digam que a guerra dos mouros não he o maior serviço que a Deos pode ser feito por os seus fiéis Christãos, erram gravemente (...)» ⁹⁵. Mas o doutor angélico dissera: «o domínio e a prelação foram introduzidos por direito humano; a distinção entre fiéis e infiéis porém, é de direito divino. Ora o direito divino, que provém da graça, não tolhe o direito humano, que é de razão natural» ⁹⁶. Uma vez que a soberania dos infiéis é legítima, seria então ilegítimo privá-los dela em nome da sua infidelidade. S. Tomás conclui, pois, que só será lícito mover-lhes guerra quando tenham ocupado território cristão, persigam os cristãos ou impeçam a propagação da fé.

A possível contradição entre os imperativos nacionais e a doutrina da cruzada levou mesmo a que D. Duarte resolvesse auscultar a posição da Igreja. O doutor Vasco Fernandes de Lucena ao prestar a obediência ao

⁹³ *La croisade: essai sur la formation d'une théorie juridique*, Paris, Librairie Philosophique J. Vrin, 1942.

⁹⁴ L. F. THOMAZ, «Cruzada e Anti-Cruzada», p. 523.

⁹⁵ *Crónica da conquista de Ceuta*, Lisboa, 1644, cap. III (apud L. F. THOMAZ, *Ibidem*, p. 515).

⁹⁶ Apud L. F. THOMAZ, *ibidem*, p. 523.

Papa Eugénio IV levantou a dificuldade. A resposta exarada pela Santa Sé vem em Rui de Pina, *Crónica do Senhor Rey D. Duarte*, cap. 20:

(...) se a questão era dos Infiéis que ocupam as terras que foram de Cristãos, (...) a estes não era dúvida, com a autoridade do Papa, poder-se e dever-se fazer guerra (...), quando em suas contumácias as Palavras Santas os não comovessem, com armas os poderiam forçar ou guerrear. E, se por ventura, a questão era dos Infiéis que ocupam as terras que nunca foram de Cristãos que, em tal caso, se fazia distinção: que ou eles faziam dano e nojo aos Cristãos, ou não e se o fazem que licitamente lhe podiam fazer guerra, e se o não faziam, que directamente lha não podiam fazer (...) salvo se fossem idólatras ou pecassem contra natura, ca então podiam ser punidos (...) ⁹⁷.

Ora, no horizonte da expansão portuguesa perfilava-se sempre a ameaça turca, logo a classe dirigente achou legitimada a guerra ofensiva quer no Norte de África, quer no Oriente. A bula de cruzada e a Ordem de Cristo faziam dos navegadores e conquistadores os descendentes dos cruzados e da cavalaria de antanho ⁹⁸. Esta será a base ideológica de todo o período expansionista, reforçada na segunda metade do séc. XVI pelo zelo da Contra-Reforma.

J. S. Silva Dias e J. V. de Pina Martins mostraram à evidência quanto os humanistas portugueses de quinhentos se revelaram impermeáveis às ideias erasmianas de proselitismo pacífico e irenismo, excepção feita ao estrangeiro Clenardo e à singular figura do P^e. Fernando Oliveira na sua *Arte da guerra do mar* ⁹⁹.

Aos interesses comerciais de Portugal convinha a mentalidade de cruzada para «abrandamento da pressão hostil do Infiel no Índico e no Norte de África» ¹⁰⁰. Por outro lado, esta mentalidade outorgava à gesta lusitana uma dimensão heróica, ideal.

⁹⁷ *Crónicas, Tesouros da Literatura e da História*, Porto, Lello & Irmão, 1977, pp. 535-536.

⁹⁸ Vd. Carl ERDMANN, *A ideia de Cruzada em Portugal*, pp. 56-57.

⁹⁹ *A política cultural na época de D. João III*, vol. I, pp. 805-843; *Humanismo e Erasmismo na Cultura Portuguesa do Século XVI*, p. 131 e «Humanisme Chrétien au Portugal (XVI^e siècle)», pp. 15-29. A posição de Pina Martins é um pouco mais matizada, sobretudo quando se refere a João de Barros. Convirá, no entanto, recordar que o próprio Erasmo, na carta em que dedica a D. João III as *Chrysostomi Lucubrationes*, não deixa de prestar homenagem aos portugueses que «por meio de guarnições e com grande vantagem para os domínios cristãos» pacificaram «o vastíssimo pélagos», «propagando, de caminho, a religião cristã, espalhando por toda a parte as sementes da fé católica» (vd. «Carta-Dedicatória de Erasmo a D. João III», traduzida por Ana Paula Quintela F. SOTTOMAYOR, *Revista da Faculdade de Letras*, Porto, 2 (1971), pp. 209-223).

¹⁰⁰ J. S. Silva DIAS, *op. cit.*, pp. 842-3.

As orações de obediência que chegaram até nós são verdadeiros documentos oficiais sujeitos à aprovação do rei ou pelo menos elaboradas a partir de uma minuta régia. Eram pronunciadas no âmbito de uma embaixada, não raro extraordinária, sujeita a um cerimonial próprio. São, pois, excelentes documentos da óptica oficial que enquadra a construção do império.

Na oração de Vasco Fernandes de Lucena, o mouro é o inimigo figadal da cruz, «*hostes Christianae Religionis acerbissimi*»; Marrocos é a cabeça de uma serpente venenosíssima, «*uelut atrico uenenosissimi serpentis capite*»; os turcos são os «*acerrimi Christianae Religionis hostes*.» E, para D. Fernando de Almeida, «*orthodoxae nostrae religionis saeuissimi et impurissimi hostes*.» São para Diogo Pacheco a «*maumetica secta*». Este orador anuncia a chegada dos portugueses a «*Mecam ipsam et perfidi Maumeti sepulchrum*», concluindo que em breve poderá o Santo Sepulcro de Cristo deixar de ser pisado pelos «*canibus*», isto é, pelos turcos. Maomé, na oração de 1514, é o «*impius (...) Maumetes*», para logo aparecer consociado a Satanás, «*perfidi Maumetis ac superbi Sathanae*.» António Pinto preocupa-se mais com os hereges, com a unidade da Igreja, possível com a eleição de Pio V, mas não deixa de antever as futuras expedições do jovem rei D. Sebastião «*in Barbaras, et religioni nostrae inimicas gentes (...) et Christiani nominis*.» A. Estaço, no discurso de 1560, rememora os feitos lusitanos e começa pela submissão da «*Africae ipsi Europae semper opibus inhianti*,» passa ao turco que contra os portugueses envia «*numerosissimis et infestissimis barbarorum (...) copiis*.» O turco, na oração de 1566, é de novo o bárbaro, não aquele que fala uma língua diferente, mas o que professa uma religião hostil e que é conhecido pela sua crueldade, «*barbarorum libidini, crudelitati, direptioni*.» Na arenga de 1574, Solimão e o Xá são o «*par beluarum christiano nomini semper infestissimum*.» O mouro, o turco são infieis belicosos, contra eles justifica-se a guerra.

Diferente é o tratamento dado nas orações de obediência aos outros, aos negros de África, aos hindus da Índia. Os negros, chamados muitas vezes etíopes, desconhecem a fé cristã, são «*gens, luxui et ignauiae dedita, caritatis expers, et pecudum more uiuentes*», mas, graças aos esforços dos portugueses, «*nitescere Religione incipient*», diz Lucena. Diogo Pacheco invoca o número dos que receberam o baptismo, mormente o rei do Manicongo. Estaço refere aqueles que os portugueses trouxeram «*euangelii praedicatione ipsius ad Iesu Christi cultum notionemque*» e a multidão quase incontável de gentios de quem «*ad christianum nomen cotidie fit accessio*» e os «*imperia (...) quieta et pacata per se, sed Iesu Christi nominis ignara*.»

É curioso não se encontrarem quaisquer referências à obra de evangelização iniciada entre os índios do Brasil, novo mundo que só

obliquamente tem lugar nas orações de obediência. Porquê esta omissão? Porque a exploração das terras de Vera Cruz começou tardiamente? Ou não será antes porque a custo se poderia aplicar aí a doutrina da cruzada?

Os portugueses dão o exemplo de abnegação, desinteresse e heroísmo. A começar pela própria família real. O infante D. Fernando é um mártir da vontade de dilatação da fé. Os reis, excepto D. Manuel e D. João III, tomam parte nesse esforço cruzadístico. E Diogo Pacheco, nas suas *orationes*, não esquece os anónimos que morrem em combate ou em naufrágios. O espírito que os anima é sempre, e quase só, a propagação da fé, o alargamento do reino de Cristo. Os interesses da pimenta são ocultados. A acção dos portugueses é, diz Diogo Pacheco diante de Leão X, «*opus diuinum potius quam humanum*». Estaço sublinha a mesma ideia em 1574, as vitórias das nossas armas devem-se a Deus. Os portugueses, diz Pacheco no discurso de 1505, à imagem dos cruzados de outrora, vão como peregrinos. Visitam o túmulo do apóstolo S. Tomé. O seu fito é altruísta, é o mesmo das cruzadas, é a «*liberatio Orientalium ecclesiarum*». Procura-se a aliança com os remotos cristãos da Abissínia. O objectivo nacional é libertar as almas do jugo muçulmano, «*quanta nos alacritate quidam Indiae christiani exceperint; quos diuturna sarracenorum suppeditatione oppressos et longa iam desperatione a Christi fide paene excidentes nostrorum confirmauit interuentus*». E pode ser que mesmo o Santo Sepulcro - porque não? - «*in pristinam redeat libertatem*».

Assomos de pacifismo só em função da cruzada. No mesmo texto, Pacheco exorta o Papa a congraçar os príncipes europeus, para que terminem o escândalo das guerras entre cristãos e se voltem contra o infiéis. E, na oração em nome da Ordem de Malta, Estaço é ainda mais veemente:

Regum christianorum fidem atque opes implora, bellum coniunge, quippe causa eiusmodi est, in qua simultates, odia, inuidiam Christo Iesu libentissime condonare et in unum omnium maxime necessarium bellum quantum quisque uirium habet atque animi, conferre omnino debeat.

Por uma última vez S. Pio V ressuscitara o ideal de cruzada que terminará em Lepanto com a última vitória da cristandade sobre o arqui-inimigo, sobre o turco. Aquiles Estaço comunga do espírito geral de cruzada que anima os Papas da reforma católica. Se fosse necessário aduzir aos textos das orações de obediência outros elementos probatórios, bastaria recordar os poemas em que cantou as vitórias da cristandade no cerco de Malta e em Lepanto: *Deo Forti Melita Liberata Achillis Statii Lusitani Epinicium; Turcis nauali proelio uictis Achillis Statii Lusitani*

Eucharisticon ¹⁰¹. O sentimento cruzadístico é sincero em Aquiles Estação. E a essa sinceridade não será estranho o pensamento dos seus mestres de juventude, João de Barros, André de Resende e Pieter Nannink ¹⁰².

2.3. Exaltação épica

Intimamente associada a esta mentalidade de cruzada encontramos uma visão épica que dela recebe a finalidade. Com as conquistas em Marrocos e os avanços na costa ocidental africana gera-se um movimento de orgulho pátrio, que ganha fôlego com o regresso de Vasco da Gama do Oriente e aumenta ainda mais com os sucessos das expedições enviadas para a Índia nos primeiros anos do século XVI. Cria-se uma atmosfera de exaltação nacional pedindo insistentemente um poema épico.

É já essa a cor do discurso de D. Garcia de Meneses ao Papa Sisto IV em 1481. A exortação à guerra contra o turco é ocasião para fazer ouvir em Roma os feitos dos portugueses. Os textos de carácter panegírico sucedem-se em prólogos, prefácios e dedicatórias, nas orações de entrada, de sapiência, nas orações de obediência. Todos sentem a necessidade de elevar as façanhas lusas à categoria das dos Antigos.

Cataldo propõe-se enaltecer as glórias do povo que o acolheu e, embora nunca o venha a realizar totalmente, nos hexâmetros da sua *Arcitinge*, «primeiro poema heróico sobre os feitos dos portugueses», temos uma glorificação de D. Afonso V e de D. João II. O jurista Martim de Figueiredo exorta D. João III a suscitar um novo Homero¹⁰³. Exigem uma epopeia, que celebre a gesta dos descobrimentos em latim ou em vernáculo, alguns dos que nela tomaram parte activa: Duarte Pacheco Pereira, D. João de Castro, Leonardo Nunes, Garcia da Orta; e também homens de letras que nunca passaram ao Ultramar: Garcia de Resende, Lourenço de Cáceres, João Rodrigues de Sá de Meneses, Damião de Góis, António Ferreira, etc.¹⁰⁴.

As orações de obediência remetem para a oratória do género epidíctico e encomiástico ¹⁰⁵ e, no dizer de J. O'Malley, «the "perfect epideictic" will be an oration whose purpose is to evoke sentiments of admiration, gratitude,

¹⁰¹ B.N. de Florença, misc. 1 D. 13, caderno 42; B. Vallicelliana, codex B. 106, fols 165v-167v, M. L. T. BARTOLI, «A proposito di Aquiles Estação e dei Carmina», pp. 357-9.

¹⁰² Vd. J. S. Silva DIAS, *A política cultural na época de D. João III*, vol. I, pp. 825-827 e 837-838.

¹⁰³ Vd. A. C. RAMALHO, *Latim Renascentista em Portugal (antologia)*, pp. 2-25; 54-97; 136-45.

¹⁰⁴ Vd. Luís de MATOS, «L'expansion portugaise dans la littérature latine de la Renaissance», pp. 401-3. Muito sugestiva é a posição de Gaspar Barreiros, quando, ao invocar o dever nacional de tirar as nossas coisas das caixas ferradas em que jazem cheias de bafio, se insurge contra os causfíficos, tópico humanista corrente na época (*Chorographia*, fol. 176v).

¹⁰⁵ Vd. a tipologia proposta por Joaquim RINGELBERG, *Rhetorica*, p. 310.

and praise, which in turn will lead to a desire for imitation. The materials most appropriate for exciting such sentiments are great deeds, especially the great deeds of God done on man's behalf, and these should be presented to the listener in the most visual and graphic fashion possible.»¹⁰⁶. As *res* de que o orador se socorre para a sua *amplificatio* são as *res gestae*. Ora, detendo um pouco a nossa observação, facilmente poderemos verificar a emergência da temática e de alguns aspectos épicos nos textos obedienciais.

Vasco Fernandes de Lucena faz o inventário dos feitos da história passada de Portugal, refere o milagre de Ourique (o maravilhoso cristão é uma constante nas *orationes*), entusiasma os ouvintes com as expedições recentes a lugares até então ignotos e, dirigindo-se a Inocêncio VIII, conclui com o salmo 71:

Et dominabitur a mari usque ad mare; et a flumine usque ad terminos orbis terrarum. Coram illo procedent Aethiopes, et inimici eius terram lingent. Reges Tharsis et insulae munera offerent, reges Arabum et Saba dona adducent. Et adorabunt eum omnes Reges, et omnes gentes seruient ei.

D. Fernando de Almeida, que se serve claramente da oração de Lucena, cita também este salmo. E, em 1514, Diogo Pacheco recorre outra vez às profecias do salmista. É, ainda que de forma indirecta, a elevação dos feitos portugueses à categoria de matéria épica. Eles não-de reduzir o orbe terráqueo à jurisdição espiritual - suprema e verdadeiramente universal - do Sumo Pontífice. Entendimento que tinha os seus frutos. Várias bulas papais delegam nos reis portugueses a jurisdição temporal e espiritual sobre as terras a descobrir.

Pouco a pouco torna-se notório o alargamento geográfico do mundo e o engrandecimento da humanidade. O rei pela voz de Lucena oferece à Igreja Romana e ao Papa «*nouas prouintias, noua regna, nouas insulas, et quasi nouos et incognitos orbes*». Há como que «um acintoso abuso do adjectivo novo» que enfatiza a sensacional novidade¹⁰⁷. D. Fernando de Almeida reitera perante Alexandre VI a mesma ideia: «*Ille inquam Rex est fama super aethera notus quem nouis repertis hominibus ampliasset hominum genus. Quem nouis additis terrarum orbi plurimisque a nobis disiunctis insulis(...)*» Os portugueses aumentam a humanidade com o achamento de novos homens, entrevedendo-se neste texto, na opinião de Silva Dias¹⁰⁸, as

¹⁰⁶ J. O'MALLEY, *Praise and Blame*, pp. 71-72.

¹⁰⁷ Fidelino de FIGUEIREDO, *A épica portuguesa no século XVI*, p. 79.

¹⁰⁸ *Os Descobrimentos e a problemática cultural do século XVI*, pp. 153 e sqq.. Recorde-se que a edição de 1508 da obra de Gregório Reisch, «*vademecum* de estudantes da Europa letrada, durante esse século», traz ainda figuras de homens monstruosos (vd. A. A. Banha de ANDRADE, *Mundos Novos do Mundo*, vol. I, pp. 383-4).

velhas concepções ainda vigentes que separavam os homens em adamitas e monstruosos. Seja como for, o certo é que sublinha-se de novo a dilatação das fronteiras do mundo habitado, facto que valoriza o proselitismo religioso ao tornar evidente a existência de um dever de apostolado não cumprido¹⁰⁹.

Portugal é investido na missão de levar a luz de Cristo ao orbe das terras ainda sob as trevas do paganismo. A gesta nacional ganha uma nova dimensão. Passa a objectivo de primeiro plano o cumprimento do mandato apostólico. Assim como nas antigas epopeias a vontade dos deuses determina o herói, ganhando este estatura sobre-humana, assim também agora a expansão portuguesa ultrapassa os limites do material, donde um certo pudor em referir os benefícios da chatinagem.

O rei de Portugal é o ministro do pontífice que traz à sua obediência o mundo inteiro. D. Manuel, pela boca de Diogo Pacheco, apresenta a Júlio II as terras acabadas de descobrir: «*Accipe orientalem oboedientiam tuis maioribus incognitam, tibi reseruatam, amplissimam quidem, iam nunc sed in dies Deo auspice ampliorem adfuturam. Accipe tandem orbem ipsum terrarum. Quid orbem dixi? Immo terras alias, aliud mare, alios orbis, alia sidera. Vt fatidice illud de te uerius exierit: Iulius hic, hic est, diuum genus, aurea condet saecula qui rursus Latio regnata per arua Saturno quondam, super et Garamantas et Indos proferet imperium*». Citação da *Eneida* (Canto VI, vv. 791-795) que reitera as profecias do salmo 71. Estas abonações não são mais do que a expressão de um orgulho incontido expresso no discurso obediencial do mesmo Pacheco diante de Leão X: pela acção dos lusitanos dentro em breve realizar-se-á a unidade do género humano, haverá verdadeiramente um só rebanho e um só pastor, «*ut Indo ac Gange, Tago ac Tiberi in eundem uelut alueum coactis, tuisque simul auspiciis concorditer fluentibus(...)*», imagem que aparecerá mais tarde em *Os Lusíadas*, 4. 74. Estava-se no limiar de uma nova idade do ouro, inaugurada pelo reinado de D. Manuel, universalizada pelas novas fronteiras do Mundo, apesar de Diogo Pacheco não referir, explicitamente, a descoberta do Brasil.

Aquilês Estaço em 1560 e em 1574 afina ainda pelo mesmo diapasão. Não se cansa de invocar as *Lusitanorum res gestae*. E, narrando os recentes acontecimentos de Goa e Chaúl, não se esquece de vincar de forma bem enfática quanto a divina providência se compraz em proteger os paladinos do nome cristão, isto é, os portugueses. Os milagres que os acompanham nos combates são o sinal da aprovação divina e ao mesmo tempo convencem

¹⁰⁹ J. S. Silva DIAS, *ibidem*, pp. 48-49.

os inimigos de que «*se non cum mortalibus, sed cum Deo bellum gerere.*» E tornavam-se cristãos: «*neque nulli miraculis adducti, uolentes etiam christiani facti sunt.*»

Quão longe estamos já do proselitismo pacífico! Mas, no fim de contas, foi sempre esta a perspectiva oficial veiculada nos discursos de obediência. A espada ao serviço da cruz, a dilatação do império em nome da propagação da fé. Não é, pois, por acaso que se verifica nas orações obedienciais um quase silêncio sobre todo o esforço de evangelização pacífica levado a cabo pelos franciscanos e sobretudo pelos jesuítas na Índia, no Japão e no Brasil.

Os oradores dos Reis de Portugal, ao informarem a Cúria dos progressos da expansão, procuram revestir os feitos lusitanos de uma aura ideal, tecida de nobre desígnios. Propõem à admiração de todos um novo paradigma de herói. Os textos da obediência transformam em matéria épica factos e personagens modernos, por consequência, as grandes figuras da história nacional, e sobretudo as mais recentes, tomam o lugar dos heróis antigos, abrindo-se, assim, caminho para a epopeia camoneana. As orações de obediência concorrem, pois, para a gestação de uma ambiência épica e são, ao mesmo tempo, o reflexo dessa nova *forma mentis*.

(Página deixada propositadamente em branco)

CAPÍTULO III

AS ORAÇÕES DE OBEDIÊNCIA DE AQUILES ESTAÇO

1. Composição

Como vimos nos capítulos anteriores, as orações de Aquiles Estaço participam do espírito que anima os restantes discursos obedienciais pronunciados em nome dos Reis de Portugal. Encontramos o mesmo entusiasmo cruzadístico, o mesmo orgulho épico. Com uma excepção: o texto da obediência em nome de Filipe II.

Em que medida a composição das orações obedienciais era afectada pelas instruções dadas pelo rei e pelo embaixador encarregado do preito de obediência, eis o ponto que passamos a tratar.

A 23 de Junho de 1559, Lourenço Pires de Távora informa D. Sebastião dos preparativos para a cerimónia da obediência: «... [a oração está] feita e decorada por Achilles Estaço tirando e acrescentando da outra que ja la mandou o Commendador mor o que me pareceo necessario. Escolhi o dito Achilles antes que a outrem porque o tenho por muito suficiente e o treslado da oração mando com esta pera Vossa Alteza a ver, e por guardar brevidade que todos amão e principalmente Sua Santidade se naõ tocou em todas aquellas materias mais que em somma»¹¹⁰.

O discurso de obediência pronunciado em 1560 por Aquiles Estaço foi redigido a partir de um outro. As alterações são da responsabilidade do embaixador. Percebe-se, pois, o rasgado elogio: «*Laurentius Pirez de Tauora uir clarissimus, magno rerum, quas ubicumque terrarum summa fide, prudentia, felicitate administravit, usu praeditus, bellique ac pacis artibus instructissimus.*» A versão final foi remetida ao rei para que ele a visse e aprovasse. Em nome da *breuitas* «se naõ tocou em todas aquellas materias mais que em somma». Que matérias? Os feitos guerreiros e missionários dos portugueses em África e no Oriente.

Na *oratio* pronunciada em nome da Ordem de S. João de Jerusalém, Estaço resume os acontecimentos do cerco de Malta seguindo as indicações do embaixador da Ordem, Fr. Pietro de Monte, «*belli totius testem grauissimum*».

¹¹⁰ *Corp. Dipl. Port.*, Vol. VIII, pp. 151-2.

A 20 de Julho de 1572 entrou na barra de Lisboa coberto de glória o vice-rei D. Luís de Ataíde. D. Sebastião recebeu-o com honras excepcionais. Fez-se uma procissão, da Sé ao convento de S. Domingos. O rei levou à sua direita o heróico D. Luís. Houve missa solene e sermão a cargo do jesuíta Padre Inácio Martins. No fim da pregação leu-se um sumário das vitórias alcançadas na Índia durante o vice-reinado de D. Luís de Ataíde. Este mesmo sumário D. Sebastião remeteu-o a todos os bispos do reino, juntamente com a ordem de celebrarem solenemente aqueles triunfos: «O Summario, que se leu, continha o seguinte.

Conjuraraõ-se, & fizeraõ liga entre si os môres, & mais poderosos Reys de todo o Oriente contra os Portugueses, com conselho, & induzimento do Turco, & de Xatamas, vendo o crescimento, em que hia a conversaçã daquellas partes, & os feitos dos Portugueses nellas; & juntamente em hum mesmo tempo fizeraõ guerra ao Estado da India.

O Hidalcaõ veyo em pessoa sobre Goa, estando nella o Vice-Rey D. Luiz de Ataíde, & a cercou com trinta & sinco mil homens de cavallo, sessenta mil de pé, afora muytos aventureiros, & além dos gastadores, & gente de serviço, que era em grande numero; trazia duzentas e sincoenta peças de artilharia; e mais de dous mil Elefantes de guerra, que saõ de muyto effeito nella; & havia neste tempo em Goa muyto pouca gente, por ser ida fóra em Armadas, & ao socorro de Chaul; & os Religiosos, Clerigos, & Frades com procissoens, oraçoens, e jejuns, e por todas as vias que podiaõ ajudavaõ nesta guerra.

Neste tempo chegou Luiz de Mello do Dacheim com a vitória que lhe Deos deu de aquelle Rey, cuja Armada desbaratou, sendo de vinte vélas & a cometeo com só sete vélas & tambem veyo D. Diogo de Menezes com a vitoria, que N. Senhor lhe deu contra o Capitaõ môr da Armada do Çamorim: a vinda destes Capitaens, & a gente que trouxeraõ ajudou muyto nesta guerra.

Durou este cerco de Goa dez mezes; morreraõ nelle dos inimigos doze mil homens pouco mais, ou menos, & entre elles muytos Capitaens, a fóra outra mais gente de doenças, & trabalhos; & perderaõ noventa Elefantes, & seiscentos cavallos: & dos Christãos morreraõ duzentos, & a mayor parte da artilharia dos imigos deixáraõ elles enterrada em hum rio com a pressa com que se foraõ.

Neste mesmo tempo veyo o Nizamaluco em pessoa cercar a Fortaleza, & Cidade de Chaul com trinta e sinco mil homens de cavallo boa gente, & cem mil de pé; dezoito mil gastadores, trezentos e sessenta

Elefantes, vinte e oito peças de artilharia, em que havia algumas, que lançavaõ pelouro de sete palmos e meyo de roda, & por a Cidade, & povoação de Chaul ser sem muros, & sem cava, & os defensores muy poucos em comparaçã do grande numero dos imigos, que he espanto dizerse, se ha este cerco por hum dos notaveis do Mundo. Estava em Chaul neste tempo por Capitaõ môr D. Francisco Mascarenhas, que foy ao socorro por mandado do Vice- Rey, & sairaõ os Portugueses 29. vezes fóra a dar nos imigos em nove mezes, que o cerco durou, naõ se contentando sómente de lhe defenderem a Cidade; & em todas lhe deu Nosso Senhor vitoria delles; & houve neste cerco muytos feitos notaveis, & alguns de pessoas particulares; & finalmente as vitorias delle foraõ tamanhas, & taõ milagrosas, como as finaes, com que Nosso Senhor as quiz dar. E hum delles foy, apparecer Nossa Senhora dia de S. Pedro; & de S. Paulo, em que se deu o môr combate, sobre a estancia dos Christaõs, que foy causa de grande medo, & confusaõ aos imigos, confessado despois por elles; & alguns se fizeraõ Christaõs; & assi se affirma, que neste dia do combate esteve a maré chea por espaço de tres horas continuas em hum passo, por onde os imigos puderaõ entrar, se ella vazara; & que morreraõ neste cerco ao Nizamaluco mais de trinta & sete mil homens, dos quais treze mil, ou quatorze mil foraõ a ferro: & dos Christãos morreraõ quatrocentos Soldados, & commetteo o Nizamaluco pazes aos Portuguezes, as quaes se se lhe concederaõ com muita honra daquelle Estado.

Em Baçaim, Damaõ, & Onor deu tambem N. Senhor neste tempo outras vitorias contra os imigos de sua Santa Fé, de que se naõ trata, sendo ellas muyto para isso, por serem muyto inferiores das que estaõ ditas.

He de notar, que os Christaõs nestas guerras puzeraõ toda sua esperança em Deos, & se encomendaraõ a elle de todo coraçã, confessando-se, & commungando muito a meude, & vivendo em todo aquelle tempo christãamente, e em especial os de Chaul.»¹¹¹.

Vários pormenores deste relato - os números, a situação dos sitiados, as referências aos milagres da aparição da Virgem e da extraordinária maré-cheia, levam-nos a supor que foi este sumário a fonte de que se aproveitou Aquiles Estaço para a redacção do discurso obediencial de 1574. Apenas são omitidos os nomes do vice-rei e dos capitães que mais se distinguiram naquelas batalhas. Coisa que era de regra nas orações de obediência. Todos os louvores eram reservados ao rei.

¹¹¹ Fr. Manuel dos SANTOS, *História Sebástica*, Lisboa Occidental, na officina de António Pedrozo Galram, 1735, pp. 247-249.

Quanto à oração de 1581, Filipe II, tão meticoloso que era, não deve ter deixado de fornecer instruções rigorosas para a obediência a Gregório XIII na sua nova qualidade de rei de Portugal. A ideia geral da oração está de acordo com a estratégia de Filipe: apresentar-se como herdeiro legítimo, como rei natural, respeitador dos privilégios e das leis do reino.

Que liberdade tinha então o *orator* na composição de discursos, submetidos à intervenção dos embaixadores e, por vezes, à aprovação formal do rei? Muito pouca. A matéria era-lhe ditada por outrem. A sua acção estava quase limitada à *dispositio* e à *elocutio*, quando não apenas à *memoria* e à *pronuntiatio*. F. Rogers a propósito da oração pronunciada por Lucena afirmou: «The obedience orations were in every sense of the term official documents, undoubtedly the product of an entire staff's labor (...) the authorship of John II's obedience oration addressed to Innocent VIII should therefore probably not be ascribed to Vasco Fernandes (...) he probably made the final draft»¹¹².

O caso de Aquiles Estação é, porém, um pouco diferente. Se é verdade que em 1560 dá a impressão de estar como que a traduzir para latim ciceroniano um texto escrito por outros, já não é bem assim nas outras *orationes*. Vimos já como Estação se sentiu ferido no seu orgulho de exímio latinista, quando em 1562 lhe foi pedido que pronunciasse um discurso alheio.

Ora, nas restantes orações, há vozes da primeira pessoa, ouve-se, aqui e ali, o próprio orador. No discurso pronunciado em nome da Ordem de Malta, Estação opina sobre a urgência do combate ao turco: «*sed nec idem nescii sumus*». Em 1574 há também infixos de primeira pessoa: «*liceat, quaeso, (...) commemorem; meae gentis; dies me deficiat (...) si regis (...) uirtutes atque uictorias singulas persequi uelim.*»

Mas é sobretudo na oração da obediência de Filipe I de Portugal que Estação deixa entrever o que lhe vai na alma. Através de citações do *Deuteronomio*, do *Livro dos Provérbios* e dos *Adagia* de Erasmo, o nosso humanista revela amargura no desempenho da sua função. A oração de obediência, exemplo do *genus demonstratiuum*, era uma *ars laudandi*, mas neste texto Estação como que secundariza os louvores do rei ao insistir repetidamente nos elogios dos anteriores soberanos de Portugal.

¹¹² Francis ROGERS, *The Obedience of a King of Portugal*, p. 6.

2. O *Tullianus stylus*

Entre os títulos que compõem o núcleo primitivo da Biblioteca Vallicelliana, isto é, entre os volumes da livraria de Aquiles Estaço, contam-se dois exemplares das orações de obediência pronunciadas por Diogo Pacheco em 1505 e em 1514.

Quando estas *orationes* foram pronunciadas, Roma vivia o triunfo do ciceronianismo sob o magistério de Pietro Bembo. A sua *Epistola de Imitatione* estabeleceu o programa estético da corte eclesiástica e humanista dos Papas Júlio II e Leão X. Criara-se na Cidade Eterna, como nota Fumaroli, um clima «demoníaco» de invocação da beleza que escandalizava os puritanos do Norte da Europa. Depois do *Ciceronianus* de Erasmo, a suspeita passou a cobrir o humanismo romano. A lenda que se gerou à volta de humanistas como Tommaso "Fedra" Inghirami é exemplar. J. O' Malley, L. Gualdo Rosa e M. Fumaroli, entre outros, provaram a injustiça de algumas acusações¹¹³. A parenética sagrada, como demonstrou John O' Malley¹¹⁴, alicerçava-se na Bíblia e nos Padres da Igreja. No entanto, ao nível formal, é inegável que havia um certo paganismo ínsito na procura do *optimus stylus*, anacronicamente identificado com o *Tullianus stylus*.

Algumas das censuras do libelo erasmiano atingem o alvo, no caso do nosso Diogo Pacheco.

No próêmio da oração a Júlio II, toca a nota da falsa modéstia. Tal como Péricles fazia as suas preces aos deuses antes de falar em público, também Pacheco as faz ao seu deus protector, Júlio II: «*Verum Pericles suam gentilitatem secutus, nostrae ignarus religionis, suis diis uota faciebat. Ego uero, Pontifex Maxime, cui deo, cui numini potius uota persoluam quam tibi?*» Lucena na sua oração a Inocêncio VIII dirige-se ao Pontífice tratando-o por «*Vestra Beatitudo*». Em Diogo Pacheco a expressão é preterida em favor de *Pontifex Maximus*. Deus receba a fórmula outrora aplicada a Júpiter: *Deum optimum maximum*. Na oração de 1514 o epíteto surge repetido. A Igreja é agora a *Christiana Respublica*, o Papa é o *summus Antistes*, o *Christianae Reipublicae Praesul*.

Como ensina Marc Fumaroli, a questão da *imitatio ciceroniana* e da relação da eloquência com a teologia não se circunscreve à querela entre Poliziano e Cortesi, entre Giovanni Francesco Pico della Mirandola (sobrinho do grande Pico) e Pietro Bembo, ou entre Erasmo e Dolet. Além de permanente, é uma polémica central ao longo de todo o século XVI.

¹¹³ J. O' MALLEY, *Praise and Blame*, p. 11; idem, «Preaching for the Popes», *The Pursuit of Holiness*, pp. 408-440; L. Gualdo ROSA, «Ciceroniano o Cristiano», *Humanistica Lovaniensia* 34 A (1985), pp. 52-64; M. FUMAROLI, *L'âge de l'éloquence*, pp. 92-93.

¹¹⁴ J. O' MALLEY, *The Pursuit of Holiness*, p. 413.

Ora, Aquiles Estaço desde cedo revelara profunda admiração por Marco Túlio. Logo na sua primeira obra impressa, dá a lume um prefácio aos *Topica*. E, em 1551, ao comentar o *De optimo genere oratorum*, «seguindo os moldes então observados na explicação escolar, (...) não deixa de aderir, com transparente entusiasmo, às opções e ideias do autor». Não trai «o ideal humanístico-renascentista de eloquência»¹¹⁵.

Aquiles Estaço, ao discursar perante a Roma tridentina, evita as marcas de "paganismo" presentes nas *orationes* de Diogo Pacheco. Mas, cotejando o léxico dos textos obedienciais com uma concordância de Cícero¹¹⁶, verificamos que o vocabulário usado por Aquiles Estaço nas suas orações é maioritariamente ciceroniano. Há, todavia, palavras que só aparecem nos autores tardios, em Séneca, Suetónio, Tácito, St^o Agostinho, como o incoativo *elucescere*, outras que se encontram sob a forma menos usual, menos clássica, como *clypeus* em vez de *clipeus*. Aquiles Estaço não é um ciceroniano fanático. Para designar as realidades cristãs não recorre a perifrases rebuscadas ou a palavras forçosamente do tempo de Cícero. Mesmo assim, o Papa é o *Pontifex Maximus*, os cardeais são os *patres*, designação que deixa entrever a forma execrada por Erasmo *patres conscripti*, e as eleições pontificais são os *comitia*. Mais significativa, porém, é a frequência de expressões ciceronianas como *quodque caput est, in potestatem suam rediget, altissime uetera repetantur, ab ineunte aetate, nauigationem tutam praestiterunt, pedem rettulerunt, uno tempore, nihil amplius conari, quod Deus auertat* (em Cícero: *quod Iuppiter auertat*), *quae cum ita sint, supra quam dici potest, diem ex die expectare, bene omnino ac feliciter euenturum, de manu in manum tradere, memoria tenere, in dies singulos, etc.*

Além do *delectus uerborum* e do seu arranjo, também o *modus*, o ritmo, é ciceroniano. Aquiles Estaço, nas orações pronunciadas em nome de D. Sebastião e em nome da Ordem de Malta, mostra especial cuidado com o remate das frases. As cláusulas métricas sucedem-se. Estaço procura a variedade, a *satietas* recomendada por Cícero. Assim, encontramos cláusulas métricas constituídas por:

- a) um crético e um espondeu *creatione laetatur; gratias egit; plane perspecta est; serius facit; caritate mansisse; auctoritate praestantem;*
- b) um crético e um dicoreu *Maximum diceretis; studio et gratulatur;*
- c) um crético e um dispondeu *christiani facti sunt;*

¹¹⁵ A. Pinto de CASTRO, *Retórica e teorização literária em Portugal*, p. 51.

¹¹⁶ H. MERGUET, *Lexikon zu den Philosophischen Schriften Cicero's* e *Lexikon zu den Reden des Cicero*. Hildesheim, Georg Olms Verlagsbuchhandlung, 1961-1962.

- d) um espondeu e um crético *fit accessio; profecto intellegis; luxit indulgentissimos; addat munera; interpretatur munera; omnino debeat;*
- e) um espondeu e um péon 1º *Deo bellum gerere;*
- f) um espondeu e um dicoreu *commissum fuisse; fuga passim relictis;*
- g) dois dicoreus *in dies angustiores; malo coactus expetiuit;*
- h) dois créticos *possit oratio; tantisper inseruiens;*
- i) um péon 1º e um espondeu *diuinus habeatur; esse uideretur; fuisse uideretur; gratulandi cupiditate;*
- j) um péon 1º e um dicoreu *fecit utique longius opinione;*
- l) um péon 4º e um crético *potuit optatius; uoluit accedere.*

O período, o *circuitus*, se exceptuarmos a oração de 1581, é sempre extenso, com prótases e apódoses, complexo, redondo. Nas orações pronunciadas em 1560, 1566 e 1574, o exórdio abre com períodos castigados. Há condição e conclusão. A ordem dos membros do período varia. Condicional no início: «*Si quo quisque est (...); si ad Deum propius accedunt (...)*», mas também no meio: «*Quod suo suorumque more maiorum semper fecit (...) id quidem nunc si serius facit (...)*». De acordo com o preceituado, tanto se podia começar pelo princípio como pelo fim do período. Segue-se o paradigma ciceroniano, o *Pro Archia poeta*: «*Si quid est in me ingenii (...)*».

Aquiles Estaço estrutura as suas orações obedienciais seguindo *grosso modo* os princípios estabelecidos pelos tratados de retórica. © *exordium / propositio* anuncia a finalidade da oração, o preito de obediência. A *narratio* é simultaneamente *argumentatio* e *confirmatio* das provas de fidelidade daquele que presta a obediência, o rei de Portugal, ou a Ordem de Malta e o seu Grão-Mestre. Nas orações de 1566 e 1574 tem lugar ainda a *amplificatio* que se serve das *res gestae*, as vitórias no cerco de Malta e nos cercos de Goa e de Chaúl¹¹⁷. Na *peroratio* o orador resume o discurso, apresenta a obediência e impetra do pontífice a sua protecção.

O *exordium* é breve e quase substituído pela *propositio*, o orador anuncia logo o motivo do discurso, a alegria que o rei sentiu ao tomar conhecimento da recente eleição do pontífice e o desejo de lhe prestar obediência. Enuncia-se a intenção gratulatória. E, como é próprio do discurso epidíctico, Deus é o primeiro destinatário da acção de graças, agradecem-se os Seus *beneficia*¹¹⁸.

Vasco Fernandes de Lucena, D. Fernando de Almeida, Diogo Pacheco

¹¹⁷ *Est enim amplificatio uehemens quaedam argumentatio*, dizia Cícero nas *Partitiones Oratoriae*, 27.

¹¹⁸ J. O'MALLEY, *Praise and Blame*, pp. 63-64.

nos seus *exordia* apresentavam-se numa atitude humilde e suplicante, de acordo com o preceito do Arpinate: «*prece et obsecratione humili ac supplicii utemur*» (*De inuentione*, I, XVI, 22)¹¹⁹. Invocam o peso do encargo, a falta de preparação, a sua *rusticitas*, estão ali como oradores, só porque não puderam eximir-se às ordens do rei.

Lucena, que em boa verdade, como observa o Professor Costa Ramalho, mostra ainda alguma aspereza medieval¹²⁰, insiste:

«*insolens profecto, et uelut amens et temerarius horreo totus; fractus et eneruatus tota mente ac artubus contremisco totus, et uox faucibus haeret et dicere cum Hieremia cogor: A, a, a, Domine Deus, ecce nescio loqui, quia puer ego sum.*»

Vasco Fernandes recorre a todos os elementos do *topos* da falsa modéstia, apontados por E. Robert Curtius.

D. Fernando de Almeida sublinha a sua condição de teólogo. Ousa aventurar-se no papel de orador consumado, porque o rei lho ordenou, «*cuius uoluntati et nutui obtemperare nec ego possem nec ego si possem uoluerim*».

Diogo Pacheco, como vimos, adota a mesma atitude. No discurso pronunciado diante de Leão X, afirma a sua falta de preparação, a sua pátria, «*sed rudis adhuc et transalpini sermonis situ squalidus crassoque (ut ille [Horácio] inquit) sub aere natus*», como atenuante para a sua «*barbara elocutione*».

Curiosamente, nas orações de Aquiles Estação não há a *captatio beneuolentiae*. O orador entra logo no assunto, talvez por não ser um desconhecido. Sucedem-se o panegírico do novo Papa e o louvor daquele que presta a obediência. Seguem-se os cânones do género demonstrativo.

A oração pronunciada em nome da Ordem de Malta foge um pouco a esta perspectiva. Trata da obediência ao Papa, mas também da ameaça turca e da necessidade de os cristãos se aliarem para a enfrentar. Estação toca todas as notas da arte da persuasão. Recorre aos *topoi* da oratória deliberativa: o inimigo está combalido (foi morto o arquipirata), a ameaça é insuportável (paira sobre toda a Itália), os aliados são poderosos (basta que terminem as escandalosas divisões entre os cristãos), os tempos estão maduros (sobretudo com a eleição de Pio V) e, por fim, que não por último, a causa é justa, Deus está do nosso lado¹²¹.

Em 1563, a Academia das Noites Vaticanas abandona os assuntos pagãos para se debruçar exclusivamente sobre a Bíblia, os Padres da Igreja

¹¹⁹ Apud Ernst Robert CURTIUS, *Literatura europea y Edad Media Latina*, vol. I, p. 127.

¹²⁰ A. Costa RAMALHO, recensão a F. Rogers, *The Obedience of a King of Portugal, Humanitas* 13-14 (1961-2), pp. 435-437.

¹²¹ Vd. J. O'MALLEY, *Praise and Blame*, p. 59.

e Epicteto. Silvio Antoniano inicia na Sapienza um curso sobre o *Pro Milone*, em que defende que a eloquência deve servir ao bem comum, ser útil ao combate católico. Na feliz expressão de Fumaroli, o ciceronianismo faz penitência e renuncia a si mesmo. Sob o patrocínio do arcebispo de Milão surgem as chamadas retóricas borromeanas. Giovanni Botero condena a procura das cláusulas métricas. Luís de Granada a *symphonia uerborum*. S. Carlos Borromeu advoga como fontes cristãs da *inuentio* os Padres Gregos: Justino, Basílio, Gregório Nazianzeno, João Crisóstomo; os Padres Latinos: Cipriano, Jerónimo, Ambrósio, Agostinho e os Papas Leão e Gregório. Pretende-se a união entre teologia e oratória. O *De Doctrina Christiana* de St^o Agostinho transforma-se na pedra angular de toda a eloquência católica.

Tácito e Séneca tendem a substituir o paradigma ciceroniano. Justo Lúpsio, corifeu da seita senequista, recomenda a leitura de Cícero, mas ao *Tullianus stylus* reserva apenas uma função propedêutica. Na sua *Epistolica Institutio* preconiza um estilo denso e breve, onde tenham lugar expressões familiares e provérbios. Recusa o giro frásico, o estilo periódico. Constituem-se as retóricas das citações.

A Congregação do Oratório de S. Filipe de Néri estimula os estudos de exegese bíblica, de história eclesiástica e de arqueologia da Roma cristã¹²².

Sob a influência deste clima geral, Aquiles Estaço abandona os autores pagãos, dedica-se à epigrafia cristã e, a partir de 1575, publica somente traduções e comentários de textos patrísticos.

A *oratio* de 1581 espelha a "conversão" entretanto operada. O período é breve. Não se procuram grandes efeitos estilísticos, nem cláusulas métricas. Citações bíblicas e adágios concorrem para a densidade e brevidade do texto, são como que os *acumina* recomendados pelos anticiceronianos.

A impressão de estranheza que se colhe ao comparar este discurso de obediência com os outros pronunciados por Aquiles Estaço não se justifica apenas pelo delicado da posição do nosso humanista, pela sua desilusão com a sorte de Portugal; é também o resultado do seu percurso existencial¹²³.

¹²² Vd. M. FUMAROLI, *L'âge de l'éloquence*, cap. III. Exemplar é o caso de Marc-Antoine Muret, chefe de fila do ciceronianismo cristão. Chamado por Pio IV a Roma, Muret procurou preservar a *renouatio litterarum*, procurou determinar o lugar das *litterae humaniores* na Reforma Católica. Abre um pouco o *Tullianus stylus*, usa vocabulário do latim tardio e da Igreja, invoca Cícero e S. João Crisóstomo como exemplos da aliança da filosofia com a eloquência, apesar de permanecer sempre fiel à *latinitas* e à *elegantia* ciceronianas. «En 1576, après avoir publié des *Poemata uaria* célèbrant les saints, Muret est ordonné prêtre» (idem, *op. cit.*, p. 171).

¹²³ O desgosto provocado pelo desastre de Alcácer Quibir é evidente na oração fúnebre que Estaço pronunciou na Igreja de Jesus, em Roma, nas exéquias de D. Sebastião (*Oratio ab Achille Statio Lusitano habita ad funebrem contionem Romae apud Societatem Iesu Sebastiano I Portugalliae Regi soluendis exequiarum iustis*. Biblioteca Vallicelliana, codex B. 106, fls. 36-39r., vd. J. Gomes BRANCO, «Os discursos em latim de Aquiles Estaço», *Euphrosyne* 1(1957), pp. 3-23).

CONCLUSÃO

Acompanhámos, no capítulo primeiro, a longa peregrinação de Aquiles Estaço, da obscura Vidigueira à cosmopolita Cidade Eterna; a formação humanística recebida de João de Barros e de André de Resende, de Nannink e de Muret; a frequência de alguns dos mais afamados centros do saber: Évora e Coimbra, Lovaina e Paris, Pádua e Roma; o prestígio que aqui granjeou, fruto do seu talento e da sua erudição.

Procurámos evidenciar, no segundo capítulo, a importância das orações de obediência para a história da expansão portuguesa e para a história da nossa cultura.

Tentámos, finalmente, surpreender nas orações obedienciais de Aquiles Estaço o *Tullianus stylus*, ecos implícitos da controvérsia do ciceronianismo.

O trajecto biográfico de Aquiles Estaço mereceria, sem dúvida, uma pesquisa mais aprofundada. Enunciámos alguns dos muitos pontos obscuros da sua vida que importaria aclarar. Limites materiais obrigaram, porém, a que o nosso trabalho se quedasse por uma contribuição, porventura, assaz modesta. Para a prossecução de uma pesquisa séria e exaustiva necessário seria conhecer directamente todo o vasto acervo bibliográfico do nosso humanista. Requer estudo sistemático não só toda a sua produção poética e epistolar, como ainda o seu labor filológico. Por isso, afiguram-se-nos possíveis várias perspectivas de abordagem da obra estaciana.

Sem embargo do que fica exposto, algumas ilações de tipo judicativo consideramos legítimas.

Aquiles Estaço é, sem dúvida, um dos maiores expoentes do Humanismo português. As orações obedienciais, que pronunciou, revelam quer a felicidade da sua expressão latina, quer o muito apreço que, pela sua distinção pessoal, obteve entre os poderosos do tempo. Apesar de constituírem, por certo, parte diminuta da obra de Aquiles Estaço, as orações de obediência revelam tanto mais o seu talento, quanto redundavam, como vimos, em situações de constrangimento e de compromisso seja ao nível formal seja ao nível dos conteúdos.

O percurso de Aquiles Estaço condiz com a evolução do século. Aquiles é um homem comprometido com o seu tempo. Num primeiro

momento, dedica-se à edição e comentário de autores pagãos. As orações pronunciadas em nome de D. Sebastião e em nome da Ordem de Malta reflectem esse entusiasmo de humanista cristão. Num segundo período a teologia, a epigrafia cristã, a edição dos Padres da Igreja tornam-se o centro dos seus interesses. A *oratio* de 1581 regista essa evolução.

Concordamos, pois, com Amadeu Torres quando situa Aquiles Estaço na facção dos ciceronianos ecléticos e quando afirma que Estaço foi «um dos latinistas que, no seu tempo, granjeou (...) merecido renome internacional, com um estilo oratório que Marco-António Muret terá naturalmente aplaudido»¹²⁴.

No entanto, mais do que uma manifestação da *latinitas* de Aquiles Estaço, as orações de obediência são um índice da realidade portuguesa contemporânea. Informam sobre os progressos e as vicissitudes da aventura ultramarina; dão-nos conta da ideologia que enforma o projecto expansionista; permitem-nos entrever os ingredientes que, finalmente, concorrem para a gestação de uma peculiar mundividência portuguesa.

Se, por um lado, as orações de obediência documentam a evolução dos estudos retóricos em Portugal na passagem do séc. XV para o séc. XVI, por outro, estamos em acreditar que não terá sido de todo despicienda a sua repercussão na restante prática linguística e literária.

O valor literário das orações proferidas por Aquiles Estaço parece-nos inquestionável, e, ainda que brevemente, pensamos tê-lo demonstrado. Mas, para aquilatar da originalidade de todos os textos obedienciais conhecidos, seria necessário, como reconheceu Francis Rogers no seu estudo sobre a *oratio* de Lucena, confrontar as orações portuguesas com as suas congéneres estrangeiras.

Finalmente, de inegável importância para a história do Humanismo em Portugal, seria o estudo das orações de obediência conjugado com uma análise sistemática da eloquência dos séculos XV e XVI, isto é, uma pesquisa que considerasse as orações de obediência, as orações de sapiência, as orações de entrada, as orações fúnebres, e ainda toda a parenética sagrada.

¹²⁴ Amadeu TORRES, «Damião de Góis e o pensamento renascentista: do ciceronianismo ao eclectismo», *Arquivos*, 17 (1982), pp. 3-40.

(Página deixada propositadamente em branco)

ORAÇÕES DE OBEDIÊNCIA

(Página deixada propositadamente em branco)

NOTA PRÉVIA

O texto latino da oração de 1560 segue o do exemplar existente na Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra (VT-19-7-1).

Do discurso obediencial proferido em nome da Ordem de Malta, em 1566, apresentamos o texto que se encontra na Biblioteca Nazionale Centrale de Florença (M. 75).

Para o oração de 1574 servimo-nos dos opúsculos que estão na Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra (V-65) e na Biblioteca Nacional de Lisboa (Res. 299 v.).

O texto da *oratio* pronunciada em 1581 resulta da leitura do manuscrito da Biblioteca Apostólica Vaticana, Barb. Lat. 5215, fls 196 sqq.. Indicamos em nota as formas divergentes da edição de J. Gomes Branco, publicada no artigo «Os discursos em Latim do humanista Aquiles Estaço», *Euphrosyne* 1 (1957), pp. 3-23.

A grafia e a pontuação foram actualizadas de acordo com os critérios ortográficos correntemente usados na edição de textos humanísticos *.

* Vd. Sebastião de PINHO, *D. Jerónimo Osório*, «Carta à Rainha de Inglaterra», pp. 121-132.

AD PIVM IIII PONTIFICEM MAXIMUM SEBASTIANI I PORTUGALLIAE
ALGARBIORVM ETC. REGIS NOMINE, OBOEDIENTIAM PRAESTANTE
LAVRENTIO PIREZ DE TAVORA ORATIO HABITA AB ACHILLE STATIO
LVSITANO XIII CALENDAS IVNIAS ANNO SALVTIS M D LX.

Si quo quisque est pietatis studio flagrantior, religionum obseruantior, maiestatis cultusque diuini longe lateque propagandi cupidior, eo magis etiam Pontificis Maximi uita moribusque Sanctissimi creatione laetatur, quo tandem gaudio, Beatissime Pater, Lusitaniae Regem affectum fuisse putas, cum ad eum primum allatum est in hanc te honoris et dignitatis celsissimam Sedem Patrum omnium suffragiis ascendisse?

Quas ille cum Deo inprimis ipsi, tum uobis Patres, secundum Deum gratias egit, quos Spiritus Sanctus in unam eandemque mentem impulerit, quasiue conflarit ut, re tamdiu tot quaestionibus uestrumque omnium iudiciis agitata, tantum ac talem uirum de communi sententia Pontificem Maximum diceretis.

Quo uiro nihil profecto calamitosissimis his temporibus salutaris aptiusue inuenire potuit. Diuino enim usi consilio, rebus omnibus exhausto atque adflicto terrarum orbi dedistis parentem pacis, rerum copiae largitorem, iustitiae conseruatorem, quodque caput est, christianae ueteris illius religionis instauratorem ac uindicem.

Tibi nunc igitur, Pie Pontifex Maxime, Sanctaeque Apostolicae huic Sedi Sebastianus primus Portugalliae et Algarbiorum Rex, aut pro eo Laurentius Pirez de Tauora, uir clarissimus, magno rerum, quas ubicumque terrarum summa fide, prudentia, felicitate administravit, usu praeditus, bellique ac pacis artibus instructissimus, quanta maxima potest animi alacritate ac studio et gratulator, et sua omnia regna, fortunas, imperia, gentes sibi subditas tam uarias, et earum uoluntates praestanda debita oboedientia reuerentiaque libentissime defert, atque summittit. Nec uero gentium tantum ac nationum, quas tot insulis sibi subiectas habet, ac tota fere Asia, et in ultimis terris tum bello maiores eius domuere, tum Euangelii praedicatione ipsius ad IESV CHRISTI cultum notionemque traduxere, sed quascumque porro eorum exemplis excitatus in potestatem suam rediget.

Quod ut speres, ac ne dubites quidem futurum, praeteritorum temporum memoria facile adduci potes; ut enim quam altissime uetera repetantur, Lusitanorum gens non ullo umquam ab huius Sanctae Romanae Ecclesiae fide atque auctoritate uel defecit ipsa, uel a Pontifice ullo Maximo est alienata.

Haec regum nostrorum pietas, hoc uetus ac perpetuum institutum iam inde ab

ORAÇÃO PRONUNCIADA POR AQUILES ESTAÇO LUSITANO, QUANDO LOURENÇO PIRES DE TÁVORA ¹, EM NOME DE SEBASTIÃO I, REI DE PORTUGAL, DOS ALGARVES, ETC. ², PRESTOU OBEDIÊNCIA AO PONTÍFICE MÁXIMO PIO IV ³, NO DIA 20 DE MAIO DO ANO DA SALVAÇÃO DE 1560.

Se quanto mais cada um é abrasado no ardor da piedade, mais respeitador das religiões ⁴, mais desejoso de propagar ao longe e ao largo a majestade do culto divino, e também tanto mais se alegra com a eleição de um Pontífice Máximo, santíssimo em vida e costumes, imaginais então, Beatíssimo Padre, com que alegria exultou o Rei da Lusitânia, quando pela primeira vez lhe foi trazida a notícia de que havíeis subido, com os sufrágios de todos os Padres, a este excelsíssimo sólio de honra e dignidade?

Quantas graças ele deu antes de mais ao próprio Deus, e depois a vós, Padres, por o Espírito Santo vos ter impelido num só e mesmo espírito, e como que inspirado, para que, em assunto agitado durante tanto tempo por tantas disputas e pelas opiniões de todos vós ⁵, elegeis Pontífice Máximo, por decisão unânime, varão tão eminente e de tanta virtude.

Na verdade, para estes tão desastrosos tempos⁶, impossível seria encontrar alguém mais útil e apropriado do que este varão. Com efeito, seguindo a vontade divina, ao orbe das terras, exausto e abatido por todas as calamidades, vós destes o pai da paz, o dispensador de toda a sorte de bens, a salvaguarda da justiça, e, o que é mais, o restaurador e defensor da velha e ilustre religião cristã ⁷.

A vós, pois, Pio, Pontífice Máximo, e a esta Santa Sé Apostólica, Sebastião primeiro, Rei de Portugal e dos Algarves, ou por ele Lourenço Pires de Távora ⁸, varão muito ilustre, dotado de grande experiência dos negócios que em toda a parte tratou com a mais elevada lealdade, prudência e felicidade, versadíssimo nas artes da guerra e da paz, com tanta alegria e dedicação quanta se possa imaginar, não só vos felicita agora, como também vos traz e submete, com o maior agrado, todos os seus reinos, riquezas, domínios, povos tão vários a si sujeitos, e as vontades de todos eles, ao prestar-vos a devida obediência e reverência. E não apenas os povos e nações que em tantas ilhas tem submetidos, que os seus antepassados, em quase toda a Ásia e nas terras mais longínquas, subjugaram pelas armas, e que pela pregação do Evangelho conduziram para o culto e conhecimento de Jesus Cristo, mas ainda todos aqueles que ele, encorajado pelos exemplos dos seus maiores, em breve há-de reduzir ao seu domínio.

A que tal espereis e não tenhais dúvida sobre o que, por certo, sucederá, facilmente vos pode levar a memória dos tempos passados, pois, por mais longe que se recue no tempo, nunca a gente Lusitana se apartou da fé e da autoridade desta Santa Igreja de Roma ou se afastou de algum Pontífice Máximo⁹.

Esta dedicação dos nossos reis, este antigo e perpétuo costume, desde os

ultimis usque temporibus diligentissime retentum et conseruatum, maioribus in dies studiis atque officiis excolitur et augetur.

Incredibilis enim eorum opera innumerabilium prope gentium ad christianum nomen cotidie fit accessio. Nam cum Africae ipsi Europae semper opibus inhianti quasi frenos iniecerint et eius uim atque impetum tum munitissimis arcibus atque oppidis represserint, tum secundissimis proeliis saepe fregerint, ad ultimas Orientis oras longissime prouecti, quos IESV bone reges, quae imperia aut nostrorum opibus ac robore deuicta, aut quieta et pacata per se, sed IESV CHRISTI nominis ignara, nostra omni caerimonia sacrisque ritibus imbuerunt, et institutis publice bonarum artium gymnasiis, piorum ac doctorum hominum disciplina praeceptisque frequentes mortalium coetus erudierunt.

Inuidet et nostrorum fortunam ferre non potest Solymanus, terra marique numerosissimis et infestissimis in nos barbarorum immissis copiis, uictus, fusus, fugatus, nostrorum uirtuti non modo cessit et uiribus, sed minus iam audet longe libereque uagari; de sui finibus imperii laborat, quos fieri nostrorum uictoriis uidet in dies angustiores.

Itaque Sebastianus Rex nec maiorum suorum gloriae, nec singulari eorum in te ac sanctissimum hunc Cardinalium ordinem obseruantiae cedit. Te quidem ipsum, Beatissime Pater, eo magis pie ac studiose colet, quod pios maiores suos a nostris nominari cum audiat, a te Pio Pontifice Maximo tales haberi confirmarique uehementer expetit.

Adolescet nimirum et cum tua simul illius etiam pietas elucescet. Incendes enim tu paterna ista in illum caritate atque indulgentia egregios ad omnem laudis excellentiam Regis optimi conatus.

A te igitur maiorem in modum nunc petit princeps optimus, ut se tamquam filiolum quendam tuum summe diligas; se Lusitanorumque gentem in tua atque huius Apostolicae Sedis fide mansuram in perpetuum pollicetur, opatque idem Rex, Beatissime Pater, ut quam diuitissime uiuas et ualeas.

tempos mais remotos sempre tão zelosamente conservado e respeitado, é dia após dia cultivado e aumentado com os maiores esforços e bons serviços.

Inacreditável é, na verdade, o número quase infindo de gentios que, por obra daqueles reis, todos os dias se vem acrescentar ao nome cristão. Com efeito, depois de terem como que posto o freio à própria África¹⁰, sempre ávida das riquezas da Europa, e de terem sustido com fortalezas e cidadelas bem armadas, e terem esmagado muitas vezes, em combates bem sucedidos, a sua força e ímpeto, chegados às últimas plagas do longínquo Oriente, quantos reis - bom Jesus!- quantos domínios, ou completamente vencidos pela força das armas, ou de si quietos e pacíficos, mas desconhecedores do nome de Jesus Cristo, eles instruíram em toda a nossa religião e no culto sagrado! E, criando escolas públicas de belas letras, quantas multidões eles ensinaram com a ciência e os preceitos de homens pios e doutos!

Inveja-nos Solimão e, não podendo suportar a fortuna dos nossos, numerosíssimas e encarniçadíssimas hordas de bárbaros por terra e por mar lança contra nós; mas vencido, desbaratado, posto em fuga, não só se retirou perante o nosso valor e as nossas armas, como já ousa menos aventurar-se tão longe e descuidadamente, e inquieta-se com as fronteiras do seu próprio império, que vê tornarem-se pelas nossas vitórias cada dia mais apertadas¹¹.

Por isso, el-Rei Sebastião não há-de dar-se por vencido, nem perante a glória dos seus antepassados, nem perante o singular respeito de todos eles para convosco e para com este santíssimo colégio de Cardeais. A vós, pois, Beatíssimo Padre, com tanto mais piedade e dedicação ele há-de honrar, quanto, ao ouvir chamar pios aos seus antepassados, vivamentê deseja ser considerado e confirmado como um deles por vós, Pio Pontífice Máximo.

Crescerá, sem dúvida, e então com a vossa piedade também a sua há-de brilhar. É que, com o vosso paternal amor e indulgência, acender-lhe-eis as egrégias disposições para toda a excelência da glória do melhor Rei.

A vós, pois, suplica agora o príncipe excelente, que o ameis em extremo como se fora vosso filhinho querido; promete que tanto ele como a gente lusitana para sempre hão-de permanecer na vossa fé e fé desta Sede Apostólica, e deseja ainda o mesmo Rei, Beatíssimo Padre, que tenhais vida e saúde o mais longamente possível.

RESPONSVM DATVM ORATORI REGIS PORTVGALLIAE
IN PVBLICO CONSISTORIO Die 20 Maii 1560. Anno primo.

ILLVSTRIS DOMINE ORATOR.

Grato admodum libentique animo Sanctissimus Dominus noster una cum Venerabilibus Fratribus suis Sanctae Romanae Ecclesiae Cardinalibus oboedientiam accipit, quam, mandato et nomine clarissimi Portugalliae et Algarbiorum Regis Sebastiani, ipsi et Sedi Apòstolicae praestitisti.

Quae de perpetua obseruantia Regum Portugalliae erga Sanctam hanc Sedem et de laudibus eorum abs te commemorata sunt, libentissime audiuit et approbat. Nec uero satis digne a quoquam laudari posse existimat res ab illis non minus pie quam fortiter gestas. Quorum uirtute perfectum est ut, uastissimo Oceano ab extremis fere Occidentis finibus ad ultimos Indiae fines admirabili et inaudita omnibus saeculis nauigatione et ingentibus uictoriis peragrato, plurimae et maximae Africae et Indiae nationes innumerabilesque fere insulae, abiecto idolorum cultu, ueram pietatem ac religionem Deo uocante susceperint.

Quibus maioribus ortum Sebastianum Regem Dominus noster confidit auguraturque, sicut in regno illis successit, ita propagandae religionis studio, cum adoleuerit, successurum et, cum pietate erga Sanctam hanc Sedem, tum omni uirtute eorum simillimum euasurum. Itaque et paterna eum caritate complexus est, et omnibus officiis ipsum et regnum eius ac totam Lusitanorum gentem, quae Sedem Apostolicam eximie semper obseruauit et coluit, tuebitur, ornabit, augebit.

Antonius Lauellinus

RESPOSTA DADA AO EMBAIXADOR DO REI DE PORTUGAL EM
CONSISTÓRIO PÚBLICO NO DIA 20 DE MAIO DE 1560, PRIMEIRO ANO
[DESTE PONTIFICADO] ¹².

Ilustre senhor embaixador ¹³

Com todo o gosto e prazer, o nosso Santíssimo Senhor, juntamente com os seus Veneráveis Irmãos Cardeais da Santa Igreja Romana, aceita a obediência que prestastes à sua pessoa e à Sé Apostólica por ordem e em nome de Sebastião, ilustríssimo Rei de Portugal e dos Algarves.

Quanto, acerca da perpétua obediência dos Reis de Portugal para com esta Santa Sé e acerca das suas glórias, por vós foi recordado, tudo com o maior agrado ouviu e aprova. Não crê, porém, que possam ser suficiente, dignamente, louvados por alguém os feitos praticados por aqueles Reis, com não menos piedade que bravura. Pelo seu valor, percorrido, e com grandiosas vitórias, o vastíssimo Oceano em admirável e por todos os séculos inaudita navegação, quase dos extremos limites do Ocidente até aos últimos confins da Índia, se alcançou que muitas e grandes nações da África e da Índia, e um número quase incontável de ilhas, depois de abandonarem o culto dos ídolos, receberam, por chamamento de Deus, a verdadeira piedade e a verdadeira religião.

Espera e augura o nosso Senhor que o Rei Sebastião, nascido de tais antepassados, assim como lhes sucedeu no trono, assim, quando tiver crescido, lhes há-de suceder no zelo de propagar a nossa religião, tornar-se-á então muito semelhante a eles tanto na dedicação a esta Santa Sé como em todas as outras virtudes. Por isso, não só o abraça com paternal amor, como ainda, em todos os seus serviços, a ele, ao seu reino e a todo o povo lusitano, que à Sé Apostólica sempre tão exemplarmente obedeceu e honrou, há-de o nosso Senhor proteger, ornar e acrescentar.

António Lavelino ¹⁴

ORATIO HABITA AB ACHILLE STATIO LVSITANO IN PLENO
CONSISTORIO AD PIVM V PONTIFICEM MAXIMVM ILLVSTRISSIMI
FRATRIS IOANNIS VALETTAE MAGNI MAGISTRI, AC TOTIUS ORDINIS
SANCTI IO ANNIS HIEROSOLYMITANI NOMINE ILLUSTRIS FRATRE
PETRO DE MONTE CAPVAE PRIORE OBOEDIENTIAM PRAESTANTE.

PRAECLARVM sane munus ac beneficium, cum nobis is, cuius reges in ipsos imperium est, salutarem principem dedit. Iam uero si ad Deum propius accedunt, ac secundum Deum principes uere dicuntur imperare, ea demum in terris summa felicitas est, Ecclesiae Dei praeesse Pontificem Maximum, qui quemadmodum nomine, auctoritate, persona ceterorum principum Deo est ipsi proximus ac simillimus, sic moribus atque omni uita uir prorsus excellens ac diuinus habeatur.

Talem te, PIE Pontifex Maxime Catholicae Dei Ecclesiae, contigisse nemo non fatetur et, quas maximas potest, Deo laetus gratias agit. Cuius in nos benignitas cum saepe alias, tum proxime, cum renuntiatus es Pontificem Maximum plane perspecta est. Nec enim neminem ille patrum consensus omnium atque ardens studium confiteri compulit, Deum omnino auctorem fuisse, Spiritum Sanctum ducem atque impulsorem patrum mentes eodem flexisse, incorrupta atque ab omne suspitione ullius uitii uacua comitia fuisse.

Quo facto, Cardinales Illustrissimi, uester ordo sibi iudicii, pietatis et conseruandae Reipublicae Christianae studii laudem sempiternam peperit. Sanctos uos ac temperantes ceteris mortalibus adprobauistis. Quid, enim? gratiamne uos aut opes quisquam secutos dicet? At eum Pontificem Maximum creauistis, qui ab ineunte aetate longe ab hominum oculis in religiosissimum Sancti Dominici sodalicium sese contulerat, mentem sensusque suos omnes Deo uouerat ac dicarat, in altissimum illud ac sanctissimum otium se penitus abdiderat. Sed nimirum latere diu tanta uirtus non poterat: elucebat enim ac suo ipsius fulgore omnium ad se oculos undique conuertebat. Itaque ad hunc uestri ordinis amplissimum gradum breuissimo temporis spatio peruenit, longe breuiore summi loci illius auctoritatem contigit.

Siquis autem est, quem tantarum commemoratio uirtutum maxime delectet, is certe est Hierosolymitanorum ordo equitum clarissimus. Qui cum Sedis Apostolicae gratia nitatur, salute ac maiestate contineatur, opibus tamquam suco et sanguine uitam spiritumque ducat atque alatur, omnibus eius rebus florentibus ut suis gaudeat, omnes eius felicitates in ipsum illum ordinem redundant, necesse est.

ORAÇÃO PRONUNCIADA POR AQUILES ESTAÇO LUSITANO NO PLENÁRIO DO CONSISTÓRIO, QUANDO O ILUSTRE FREI PEDRO DE MONTE, PRIOR DE CÁPUA ¹⁵, PRESTOU OBEDIÊNCIA AO PONTÍFICE MÁXIMO PIO V ¹⁶, EM NOME DO MUITO ILUSTRE GRÃO MESTRE, FREI JOÃO DE LA VALETTE ¹⁷, E DE TODA A ORDEM DE S. JOÃO DE JERUSALÉM ¹⁸.

Gloriosa foi sem dúvida a graça e a mercê que Aquele, que tem poder sobre os próprios reis, nos concedeu ao dar-nos um príncipe salvador. Se, na verdade, os reis estão mais perto de Deus, e se diz ¹⁹ que é por vontade de Deus que os príncipes governam, constitui então na terra a maior felicidade a circunstância de presidir à Igreja de Deus um Pontífice Máximo que, assim como pelo nome, pela autoridade, pela função é de entre os restantes príncipes o mais próximo e o mais semelhante ao próprio Deus, assim pelos costumes e por toda a sua vida é justamente considerado um excelente e santo varão ²⁰.

Que tal se verificou em vós, PIO Pontífice Máximo da divina Igreja Católica, todos o confessam e alegres dão as maiores graças a Deus, cuja benignidade para connosco se mostrou claramente não só muitas vezes antes, mas também há pouco quando fostes proclamado Pontífice Máximo. Com efeito, tanta unanimidade dos Padres, e sobretudo tanto entusiasmo ardente, obrigou a que todos confessassem que Deus foi de tudo o autor, que o Espírito Santo, guia e conselheiro, dirigiu as vontades dos Padres para o mesmo fim, que a eleição foi pura e livre da mínima suspeita de qualquer vício ²¹.

Com esta conduta, Cardeais Ilustríssimos, o vosso colégio alcançou para si a eterna glória do discernimento, da piedade e do zelo em defender a República Cristã. A vossa santidade e a vossa moderação aos restantes mortais vós as mostrastes. Pois quê, poderá alguém dizer que vós vos deixaste conduzir por simpatias ou por influências? Pelo contrário, vós elegestes Pontífice Máximo aquele que desde os mais verdes anos, longe dos olhos dos homens, se consagrara à observantíssima Ordem de S. Domingos, devotara e dedicara a Deus todos os seus pensamentos e afectos, se escondera completamente naquela tão profunda e tão santa paz. Mas tanta virtude não podia estar escondida por muito tempo, com efeito resplandecia e com o seu fulgor os olhos de todos para si de toda a parte atraía. Por isso, em tão curto espaço de tempo, chegou a este eminentíssimo grau de membro do vosso colégio, de longe o que em menos tempo atingiu a autoridade de tão alto lugar ²².

Ora se há alguém a quem a recordação de tantas virtudes sumamente deleita, essa é, certamente, a ilustríssima Ordem dos Cavaleiros de Jerusalém. Pois, uma vez que ela se apoia no favor da Sé Apostólica e está ligada à sua segurança e majestade, vivendo e respirando e alimentando-se dos seus recursos como de seiva e sangue, necessário é que, quando a situação da Sé Apostólica floresce, a Ordem se alegre como de situação sua, e que todas as felicidades da Sé Apostólica redundem em favor dessa mesma Ordem ²³.

Hoc uero tanto Reipublicae bono nihil huic ordini, quo uires animosque suos ex tot belli omnium, quod umquam gesserit, grauissimi laboribus ac molestiis recrearet, a Deo dari potuit optatius.

Quam saepe enim cum importunissimo hoste conflixerit ac secundis sit usus proeliis, tu profecto, Beatissime Pater, minime omnium ignoras, qui legendis summo studio cognoscendisque rebus gestis omnis memoriae, quam uere quidque dicatur, intellegis.

Verum praesentis Dei numen adfuit proeliantibus. Illi uero christiani nominis et aliorum de se spei memores, impetus hostium saepe fregerunt; in eorum fines impressionem fecerunt; portus, sinus omnemque oram maritimam Italiae barbarorum nauigiis uel captis uel depressis repurgarunt; nauigationem piis hominibus Hierosolymorum sanctissimum solum adeuntibus, tum negotiatoribus ultro citroque commeantibus tutam praestiterunt. Longum faciam, si quae superiorum temporum sunt, omnia commemorare instituum.

At uero recentem laborem et illius longissimae obsidionis incommoda, quis non dicam explicando, sed enumerando tantum percenseat.

Quo bello singularis cuiusque uirtus equitis enituit! Etenim, quod necesse fuit, par unus esse pluribus cernebatur. Namque tanta uis hostium ingruerat, tanta tamque ornata classis Melitense litus undique cinxerat, ut quidquid obiecti munitique fuit, uel uno statim impetu capi atque expugnari posse uideretur, uel ducendo bello consumptis uiribus facile nostros possi delere, uel ultro deditos in suam denique potestatem uenturos esse confiderent.

At nostri exigui numero, sed bello uiuida uirtus, eruptione nonnumquam facta, caedem fecerunt, spolia reportarunt, hostes ipsos murum subruere conatos multis confectos uulneribus summouerunt. Vi tormentorum disiecta moenia, tueri tamen oppositis corporibus ac defendere non destiterunt. Idem cadentes aequis et paratis animis mortem fortiter appetuerunt.

Quid? cum subsidii nulla uel tenuissima spes ostenderetur, cum res eo demum redisset, ut et inopia cibariorum et paucitate bellatorum influentibus atque inundantibus hostium copiis laboraretur, num quam tamen abiecti metu stationem deseruerunt? Numquam pedem rettulerunt, sed a sui quisque animi praestantia auxilium petiuerunt.

Quae autem Iohannis Valletae Magistri equitum uirtuti par inueniri possit oratio! Quam ille summi ex omni memoria imperatoris laudem non aequauit? Quarum rerum egregiarum exemplum specimenque non dedit? An ullius umquam ducis maior fortitudo, uigilantia, industria, labor, adsiduitas, celeritas fuit? Vllane

Ora, nada mais desejável do que este tão grande bem da República Cristã podia Deus conceder a esta Ordem, por forma a recuperar as suas forças e os seus ânimos de tantos trabalhos e sofrimentos, suportados na mais dura guerra, de todas as que até hoje se tenham travado ²⁴.

Com efeito, vós, Beatíssimo Padre, que, lendo e estudando com o maior zelo os feitos de toda a história, compreendeis a verdade de cada acontecimento narrado, mais do que ninguém sabeis quantas vezes combateu com um inimigo tão indómito e quão feliz foi nos combates ²⁵. Mas a misericórdia de Deus tem assistido também aos que agora combatem. Lembrados do nome cristão, lembrados da esperança por muitos deles depositada, muitas vezes repeliram os assaltos dos inimigos, atacaram-nos nas suas próprias fronteiras, apresando ou afundando os navios dos bárbaros, limpavam portos, enseadas, toda a orla marítima da Itália, garantiram a segurança da navegação quer aos homens pios que vão à santíssima terra de Jerusalém, quer aos mercadores que viajam num e noutro sentido. E muito me alongaria se tudo o que pertence ao passado eu o quisesse recordar.

No entanto, consideremos os recentes trabalhos e as tribulações daquele tão longo cerco, não digo para o contar, mas apenas para o resumir ²⁶.

Quanto nesta guerra se assinalou o valor inigualável de cada um dos cavaleiros! Na verdade, via-se o que foi inevitável, um só teria de valer por muitos ²⁷. Com efeito, avançara tamanha força de inimigos, tão grande e tão equipada frota cercara, por toda a parte, as praias de Malta, que parecia que, ou todos os baluartes e fortalezas seriam imediatamente tomados e destruídos de um só assalto, ou que os inimigos esperariam, com o arrastar da guerra, esgotadas as forças, poder facilmente aniquilar os nossos, ou que estes, por fim, rendendo-se de sua livre vontade, se submeteriam ao seu poder.

Os nossos, porém, poucos em número, mas de valor bem vivo na guerra, com várias investidas deram-lhes a morte, tomaram-lhes despojos, e aos que tentaram minar o muro da cidade repeliram-nos, infligindo-lhes duros golpes. Derrubadas as muralhas pela força da artilharia, não deixaram, mesmo assim, de as sustentar e defender com a barreira dos seus corpos. E, os que caíram, corajosamente afrontaram a morte de ânimo sereno e pronto ²⁸.

Como?, por não haver nenhuma ou muito pouca esperança de socorro; por, no fim, a situação ter chegado a tal ponto que era grande a inquietação, quer pela falta de alimentos, quer pela escassez de combatentes face à torrente de exércitos inimigos que afluía e tudo inundava, acaso eles se deixaram abater pelo medo e abandonaram a sua posição? Não, nunca recuaram, antes cada um pediu auxílio à valentia do seu peito ²⁹.

Quanto ao Grão-Mestre João de la Valette, possa esta oração revelar-se digna do seu valor! Que feitos, do general mais glorioso de toda a história, ele não igualou? De que excelsas virtudes não deu ele exemplo e prova? Ou porventura, algum dia, algum capitão mostrou maior bravura, vigilância, engenho, esforço,

res in militari disciplina atque usu posita sollertissimi uiri scientiam fugit? Numquid ille tempore non prouidit, loco non cauit, opportune non gessit? Ita uero multus ubique adesse, hortari et confirmare suorum quemque coram solebat, ut omnibus locis uno tempore praesens esse uideretur.

Etsi uero equites ipsi quae imperata erant, diligenter industrieque administrabant, nec ad uirtutem illis ac laborum tolerantiam quidquam deerat, idem tamen qui tam egregiam operam nauauerant, ad unius excellentis uiri uirtutem secundum Deum toleratum sustentatumque bellum, confectum profligatumque ad Philippi regis Catholici triumphatoris laudem .immortalemque gloriam, rettulerunt. Cuius oportunissimis ac salutaribus auxiliis et eorum duce clarissimo prudentissimoque uiro D. Garcia de Toledo, fusi hostes fugatique sunt, nostri uero obsidione praesentique periculo liberati demum respirarunt.

Quae quamuis omnia certis crebrisque litteris ac nuntiis ad nos perlata sunt, hunc tamen omni uirtutum genere praestantem uirum Fratrem Petrum de Monte Capuae Priorem, multarum antea rerum gestarum laudibus adfluentem, nuper autem defendenda Sancti Michaelis arce, cui praeerat, spectata uirtute ac fide, hunc, inquam, uirum, sui ordinis lumen atque ornamentum, Magister equitum, cum sibi tam necessario tempore abesse non liceret, ad Sanctitatem Vestram legatum, belli totius testem grauissimum, uoluit accedere.

Sed nec idem nescii sumus quanti referat partam semel uictoriam tueri, manere illud ac stare Italiae, immo uero totius Europae propugnaculum, quod non tam laudis esse quam necessitatis uidetur. Quamquam maxima Christianorum laus agitur, hostem pulsum, amisso Dragute nobilissimo archipirata, non ab occupando tantum arceri, sed etiam occupandi spe lapsum, nihil amplius conari, solidam illam constantemque gloriam christiani nominis ad omnem posteritatis memoriam permanere, quae nulla demum fuisse uideretur, si breui illius tamquam usura nobis inaniter delectatis magno mox cum dolore ac dedecore carendum foret.

At necessitas ipsa neminem profecto non admonet, ut eam insulam, quasi domum ac lares suos, propugnaturus accurrat.

Vt enim amisso uel abiecto clypeo nudum latus propositum telis hostium facile caeditur, ut iamiamque cadendum sit, sic illo salutari praesidio destituti inhianti atque imminenti barbarorum libidini, crudelitati, direptioni, dominatui, Sicilia, Campania et, quod Deus auertat, reliqua demum Italia cedemus.

perseverança, prontidão? Alguma coisa do disposto nas regras e prática da arte militar escapou à ciência de um varão tão experimentado? Que é que ele não providenciou a tempo, não acautelou em lugar seguro, não dirigiu como convinha? Tantas vezes ele costumava aparecer em toda a parte a exortar e a encorajar cada um dos seus, que parecia estar presente na mesma altura em todos os lugares³⁰.

E se na verdade, por sua parte, os cavaleiros cumpriam com rigor e zelo tudo o que lhes fora ordenado, e nada lhes faltava no que toca à coragem e à constância em suportar os trabalhos da guerra, todavia, eles mesmos, que tinham cometido tão notável proeza, atribuíram ao egrégio valor de um único varão o terem, por Deus, suportado e sustentado a guerra³¹, e o terem-na terminado e vencido atribuíram-no ao mérito e imortal glória do rei Católico, o vitorioso Filipe. Com as suas tropas, socorro tão oportuno e salvador, capitaneadas por D. Garcia de Toledo, varão ilustríssimo e prudentíssimo, os inimigos foram derrotados e repelidos, e os nossos, libertados do cerco e do perigo iminente, respiraram finalmente³².

E, embora todas estas coisas nos tenham sido fielmente anunciadas através de muitas cartas e mensageiros³³, no entanto, a este varão, eminente em todo o género de virtudes, Frei Pedro de Monte, Prior de Cápua, já coberto de glória pelos muitos feitos praticados, mas que há pouco, na defesa da cidadela de S. Miguel de que era capitão, deu prova do seu valor e da sua fé, a este varão, digo, luz e ornamento da sua Ordem, o Mestre dos Cavaleiros, porque não podia ausentar-se em momento tão crítico³⁴, resolveu enviá-lo a vossa Santidade por embaixador, ele testemunha de peso de toda a guerra³⁵.

Nós mesmos, porém, não ignoramos quanto importa defender a vitória uma vez alcançada, perseverar e permanecer firme naquele baluarte da Itália, e até de toda a Europa, e não tanto em nome da glória mas da necessidade. Todavia, com a morte de Dragut, o tão famigerado arquipirata³⁶, a maior glória dos Cristãos resulta não só da preocupação de manter afastado o inimigo expulso, mas também da esperança de se assenhorear do perdido, nada mais do que esforçar-se por conservar para toda a posteridade aquela duradoura e inabalável glória do nome cristão, que, afinal, pareceria nunca ter existido, se nós, deleitados em vão, logo com dor e desonra tivéssemos que, por assim dizer, ficar privados do breve gozo dela.

A necessidade, porém, aconselha a que todos acorram àquela ilha, prontos a defendê-la, como se fosse a sua casa ou a terra de seus avós.

Como o flanco descoberto, perdido ou abandonado o escudo, exposto aos golpes dos inimigos, é facilmente atingido e logo acaba por sucumbir, assim, sem aquele vital baluarte, acabaremos por entregar à esfaimada e ameaçadora cobiça dos bárbaros, à sua crueldade, à rapina, ao seu domínio, a Sicília, a Campânia e - o que Deus não permita! - finalmente a restante Itália.

Nam ne nimis alte repetamus exempla, neue longius abeamus, quotus quisque nostrum non uel meminit, uel audiuit, unius urbis Bizantii ruina totam Graeciam concidisse? Non quod in una urbe illa Graeciae fortunas omnes positas et collocatas fuisse existimemus, sed quod hosti terra marique potentissimo, aditu non prohiberi, partem aliquam tenere satis sit, ituro facile ad cetera; sicut serpentis uirus particula corporis infecta totum continuo corpus occupat, ac tabe consumit.

Quare per Deum immortalem, cuius tu, PIE Pontifex Maxime, uim numenque in terris refers, id quod diligenter facis et a superiore Pontifice Maximo summa cum laude factum intellegis, arcem christiani nominis, Pauli Apostoli hospitium, filiorum tuorum sedem ac domicilium curis omnibus tuendum tibi ac fouendum suscipe.

Regum christianorum fidem atque opes implora, bellum coniunge, quippe caussa eiusmodi est, in qua simultates, odia, inuidiam Christo IESV libentissime condonare et in unum omnium maxime necessarium bellum quantum quisque uirium habet atque animi, conferre omnino debeat. Quod te, Beatissime Pater, ista sapientia, auctoritate, gratia effecturum confidit hic ordo. Eundem sibi et uniuersali Dei Ecclesiae diu uiuere ac ualere exoptat, sollemnibus autem uerbis deuotus numini maiestatique tuae oboedientiam praestat.

Ora, para não recordarmos exemplos demasiado distantes, nem irmos mais longe, quem de nós não se lembra ou não ouviu que com a queda de uma só cidade, Bizâncio, toda a Grécia caiu ³⁷? Não quer dizer que só naquela cidade estivessem colocadas e guardadas todas as riquezas da Grécia, mas que para um inimigo tão poderoso na terra e no mar, basta não ser impedido do acesso, ocupar uma parte qualquer, para, facilmente, chegar às restantes; do mesmo modo que o veneno de uma serpente, infectando uma pequena parte do organismo, logo se apodera de todo o corpo e com o contágio o destrói.

Por isso, em nome de Deus imortal, cuja força e vontade vós, ó PIO Pontífice Máximo, representais na terra, vendo o significado daquilo que zelosamente fazeis e que, com o máximo louvor, fez o último Pontífice Máximo ³⁸, amparai o baluarte do nome cristão, o abrigo do Apóstolo Paulo ³⁹, sede e morada dos vossos filhos, favorecei-o e protegei-o de todos os cuidados.

Invocai a fidelidade e o auxílio dos Reis cristãos, uni-os para a guerra, pois é razão para que deste modo abandonem com todo o gosto, em nome de Cristo JESUS, as rivalidades, os ódios, a inveja, e congreguem para a guerra, de todas a mais necessária, todas as forças e vontades ⁴⁰. Acredita esta Ordem, Beatíssimo Padre, que com essa sabedoria, autoridade, benevolência tal haveis de realizar. Para seu bem e bem da divina Igreja universal, deseja-vos saúde e longa vida, e, consagrada à vossa vontade e majestade, presta-vos solenemente obediência.

ACHILLIS STATII LVSITANI ORATIO OBOEDIENTIALIS AD
GREGORIVM XIII PONTIFICEM MAXIMVM SEBASTIANI I REGIS
LVSITANIAE NOMINE HABITA.

*Dat Regi ipse suo atque pio atque armipotenti
Status ingenii munera parua sui*

Quod suo suorumque more maiorum semper fecit, ut ex ultimis terris uel primus ipse uel in primis certe Lusitaniae Rex recentissimo cuique Pontifici Maximo oboedientiam simul ac gratulationem miserit, id quidem nunc si serius facit, non aut uoluntate aut neglegentia commissum fuisse, sed ui ac necessitate potius euenisse, tute, Pater Beatissime, nobis etiam tacentibus profecto intellegis.

Ea uero est humanarum rerum condicio, ut cum uehementius aliquid concupieris, quoque maturius id confici possit, commode omnia ac diligenter excogitaris, casus tamen aliquis interueniat, quo uidelicet minus cogitata procedant, teque spes ipsa nonnumquam fallat, et conatus omnis denique frustretur.

Nam cum allatum esset ad regem, prorsus ex animi sui sententia, factum esse Pontificem Maximum tanto patrum consensu, tanto studio, tanta denique celeritate quantum uidere, audire, legere non meminimus, arsit scilicet incredibili statim gratulandi cupiditate. Cuius explendae mirificam sibi diuinitus oblatam facultatem putabat, ut idoneum clarissimumque uirum, multo rerum usu praeditum et litterarum nostrarum studiis etiam florentem, Iohannem Gometium de Silua, quem coram libenter omnes praesentem intuemur, suum id temporis apud Christianissimum Galliae regem legatum, cum propius abesset, quasi e medio cursu atque e uestigio Romam mitteret.

Ille uero cum rationes regias illic contractas haberet sic, ut eas explicare subito seque in uiam dare non posset, neque tamen nulla quod iuebatur efficiendi spe diem ex die exspectaret, fecit utique longius opinione.

Quae enim tum tempestas ierit, qui domestici atque intestini belli turbo Galliam peruaserit, qui rerum denique fluctus exstiterint, et omnium nostrum conscientia tenentur, et sine lacrimis ac gemitu commemorari non possunt. Quibus fluctibus eos quoque, qui regem sequebantur ipsum, inuolui necesse omnino fuit. Reliquam uero temporum culpam fuisse, neque tu nescis, Pater Beatissime, neque in mortalium quisquam, et ueteribus, et recentibus eximiae illius et spectatae in Apostolicam Sedem pietatis argumentis admonitus sibi non facile persuadet.

ORAÇÃO OBEDIENCIAL DE AQUILES ESTAÇO LUSITANO,
PRONUNCIADA DIANTE DO PONTÍFICE MÁXIMO GREGÓRIO XIII, EM
NOME DE SEBASTIÃO I, REI DA LUSITÂNIA ⁴¹.

*A seu Rei, pio e poderoso, oferece o próprio Estaço
um pequeno presente do seu talento.*

Se, na verdade, o Rei da Lusitânia faz agora mais tardiamente aquilo que segundo o seu costume e o dos seus antepassados sempre fez - ser o primeiro ou dos primeiros a enviar, das mais longínquas terras, a cada novo Pontífice Máximo a obediência e o parabém - vós próprios, Beatíssimo Padre, mesmo que nós o calemos, seguramente compreenderéis que esta falta não foi cometida nem por livre vontade nem por negligência, mas que resultou antes da força das circunstâncias⁴².

Esta é, porém, a humana condição, que quando desejamos mais ardentemente uma coisa e, para que mais depressa ela se possa realizar, prevemos tudo com o devido cuidado, todavia algum acaso se intromete, donde sucede naturalmente o que menos se espera, e então a própria esperança não raro nos engana, e finalmente todo o esforço se torna vão.

Com efeito, quando foi anunciado ao rei, que sem dificuldade, e aliás de acordo com o seu querer, havéis sido eleito Pontífice Máximo com tanta unanimidade dos Padres, com tanto entusiasmo, e mesmo com tanta celeridade quanta não nos lembramos de ver, ouvir ou ler.⁴³ logo ele se acendeu num inacreditável desejo de imediatamente vos felicitar.

E pensava que uma maravilhosa oportunidade de satisfazer este desejo lhe era oferecida pela Providência, enviando imediatamente para Roma, por estar mais próximo, por assim dizer a meio caminho, João Gomes da Silva⁴⁴, varão idóneo e ilustríssimo, dotado de muita experiência e brilhante no estudo das nossas letras, que com agrado vemos aqui presente diante de todos, ao tempo seu embaixador junto do Cristianíssimo Rei da Gália.

Ele, porém, como tinha assumido aí compromissos régios, por forma que não podia resolvê-los de repente e pôr-se a caminho, e como, no entanto, esperava de um dia para o outro cumprir as ordens que recebera, procedeu sem dúvida com mais demora do que se pensava⁴⁵.

Com efeito, que tempestade então se gerou! Que turbilhão de guerras civis então assolou a Gália! Que ondas de calamidades por fim se ergueram⁴⁶! Não só são do conhecimento de todos nós, como não podem ser recordadas sem lágrimas e pranto. Era de todo impossível que nesta tormenta não fossem também envolvidos aqueles que seguiam o rei⁴⁷. Que esta falta foi, afinal, própria dos tempos, nem vós Beatíssimo Padre, o ignorais, nem nenhum dos mortais o deixará de acreditar, se lembrado das provas, quer passadas, quer recentes, daquela excelente e admirada

Quorum sane cum hic ordo amplissimus, tum tu ipse maxime testis optimus et laudator exstitisti.

Vt enim cetera superiorum temporum exempla praeteream, et litterarum consignata monumentis, et fando etiam saepe audita, certe quidem proxima a Pio V, numquam satis laudando Pontifice Maximo, ad regem missa legatione perspectum est, nihil illo rege Apostolicae Sedis amantius, nihil obseruantius fieri ac ne cogitari quidem umquam potuisse. Quod enim publicae laetitiae, benignitatis, beneuolentiae signum non dedit? Quod officii genus Apostolicae Sedis legato non detulit? Quid ipsi Pontifici Maximo ab se non dicam petenti non libenter dedit, sed uolenti quoque non ulro ac liberaliter obtulit? Plane ut intellegeres Lusitaniae regem, instar Euangelici illius maioris natu filii, in Apostolicae Sedis fide semper ac perpetua caritate mansisse.

Quo factum est, ut superiores illum omnes Pontifices Maximi Romanae ueterem alumnum Ecclesiae suumque dulcissimum filium mirifice semper dilexerint; tanto profecto amore, quantum e dolore illius licuit intellegere, quotiens uita functos illos orbus ipse tamquam parentes luxit indulgentissimos.

Ac iaceret ille nunc etiam in maerore et lacrimis Pii V Pontificis Maximi pietate et gratia priuatus, nisi illum, Pater Beatissime, uirtutis tuae et paternae in se caritatis spes excitasset, omnemque animi dolorem ac luctum penitus abstersisset. Quem enim antea Cardinalem singularis doctrinae pietatisque fama commotus uehementer dilexisset, eundem postea non poterat non uehementius Pontificem Maximum factum fuisse laetari. Quam tamen eius laetitiam summum tuum in se suamque gentem studium cumulabat. Namque multorum ad se litteris et sermonibus adferebatur, te Lusitanorum res gestas, et legendo, et percunctando diligenter, unum omnium optime cognouisse, et Ecclesiae Dei, cui propagandae atque augendae in primis studerent illi, solitum gratulari. Itaque te Catholicae Dei Ecclesiae creato Pontifice Maximo habebat rex, et quod eidem Ecclesiae publice gratularetur, et quod sibi proprie tamquam in sinu gauderet.

Quae cum ita sint, est quod immortalis Deo, cum alias, tum uero maxime nunc ingentes gratias agat, cum tibi eius generis cupidissimo, ad gratulationis et oboedientiae praestandae munus, habet rex, quae tuae propria uoluptatis addat munera.

piedade para com a Sé Apostólica. Dessas provas são, na verdade, excelentes testemunhas e apologistas tanto este ilustríssimo colégio, como sobretudo a Vossa pessoa ⁴⁸.

Com efeito, deixando de lado outros exemplos passados, perpetuados pelos monumentos literários e de que muitas vezes se ouviu falar, ficou bem claro, pelo menos na última legação enviada ao rei por Pio V, Pontífice Máximo nunca assaz louvado, que jamais se pôde encontrar, ou pensar que houvesse, alguém mais dedicado, mais obediente à Sé Apostólica do que aquele rei ⁴⁹. Na verdade, que sinal não deu ele de pública alegria, de benignidade, de benevolência? Que género de serviços ao legado da Sé Apostólica não ofereceu o rei? Que é que, de bom grado, não deu ele ao Pontífice Máximo, mesmo sem ele lho pedir? Mas também quando este o quis, não lho ofereceu liberalmente e de sua própria vontade? Isto para que ficasse bem claro que o rei da Lusitânia, à imagem daquele filho mais velho da Escritura, sempre permaneceu na fé e no perpétuo amor da Sede Apostólica ⁵⁰.

Donde resultou que todos os anteriores Pontífices Máximos sempre o distinguiram com muito amor, como a velho discípulo da Igreja Romana e seu filho muito querido; e, de facto, com tanta afeição quanta se pôde perceber da sua dor, todas as vezes que, orfão, ele chorava os que terminavam os seus dias, como a pais dulcíssimos.

E, privado da piedade e da benevolência do Pontífice Máximo Pio V ⁵¹, ainda agora estaria prostrado pelo desgosto e pelas lágrimas, se a esperança da vossa virtude, Beatíssimo Padre, e do vosso paternal amor, não o alevantasse e não tivesse dissipado completamente toda a dor e luto da sua alma. Impressionado pela fama da vossa singular ciência e piedade, já quando éreis Cardeal tinha o rei por vós profunda estima; não podia, pois, deixar de vivamente se alegrar quando fostes eleito Pontífice Máximo. Entretanto, era aumentada esta sua alegria pela grande afeição que lhe dedicais, a ele e ao seu povo. Com efeito, por escrito ou de viva voz, muitos lhe afirmavam que, por leituras, ou por diligentemente o perguntardes, conhecíeis melhor do que ninguém os feitos dos Lusitanos, e que era vosso costume congratular-se com a Igreja de Deus por eles trabalharem antes de tudo pela sua propagação e aumento. Por isso, com a vossa elevação a Pontífice Máximo da divina Igreja Católica, tinha o rei motivo não só para em público felicitar a mesma Igreja, como também para particularmente se alegrar no seu coração.

Assim sendo, há razão para ele dar, como doutras vezes, as maiores graças ao Deus imortal; mas sobretudo agora, quando, cumprindo o dever de vos felicitar e prestar obediência, para vós, que tanto estimais a sua gente, tem o rei presentes raros que aumentarão a vossa alegria.

Victoriarum enim, supra quam dici potest, admirabilium ab eo donis adfectus, sic illa scilicet interpretatur munera, ut cum tua uoluptate suam laudem diuino consilio esse coniunctam putet. Qua quid esse coniunctione potest artius, cum alterius uoluptate summa quoque laus alterius contineatur? Quid grauius aut sanctius, cum ad diuini nominis gloriam pertinere utrumque ac referri necesse sit? Ille uero maiorum suorum perpetuam christiano nomine longe lateque propagando felicitatem, in ipso statim adulescentiae suae quasi aditu atque ingressu, rerum gestarum numero ac magnitudine uel iam aequauit, uel etiam uicit.

Liceat quaeso, Beatissime Pater, de multis ac recentibus, unam atque alteram nostrorum uictoriam, uerbi gratia, breuiter strictimque commemorem, non ulla equidem meae gentis ostentatione atque iactantia, sed Dei potius, cuius illud omne beneficium fuit, laudibus studens et piae grataeque nostrorum confessioni tantisper inseruiens.

Solimanum ac Xatanan, par beluarum christiano nomini semper infestissimum, male habet scilicet fidei nostraeque per Orientem religionis incrementum et multiplex D. N. IESV CHRISTI triumphus crucis. Ergo suadendo, rogando, pollicendo, adiutando effecerunt, ut potentissimi totius Asiae reges in Lusitanorum, hoc est Christianorum, nomen delendum funditus conspirarent. Neque uero dilatum bellum. Namque Goam nostrorum in India metropolin, ab omni prope bellico apparatu, quae classem ac militem rei gerundae causa diuersum peregre dimisisset, imparatam, Hidalcanus rex, nullo indicto bello, immo uero nulla tum belli suscipione, flagitiosissime improuisus obsedit. Quantis copiis, quaeras, quinque et triginta equitum et sexaginta peditum millibus atque iis quidem stipendiariis omnibus, praeter ingentem uoluntariorum numerum atque infinitam stratorum multitudinem. Tormenta uero maiora ad oppugnandum comparata XL Elephantorum praeterea, quorum magnus est in acie usus, duo amplius millia eodem compulsa.

Quam cum Goenses obsidionem prope annuam tolerassent, classarii militis et quidem uictoris aduentu, qui VII tantum nauibus Dachenorum regis LXX nauium classem instructissimam proelio uicisset, Hidalcanum, caesis suorum XII millibus, suffossis atque confectis elephantis equisque quamplurimis, summouerunt, multis bellicis machinis atque impedimentis praecipiti fuga passim relictis.

Na verdade, Deus presenteou o rei com vitórias mais admiráveis do que se pode dizer, de tal modo que ele explica naturalmente aqueles dons como significando que a sua glória está unida por vontade divina à vossa alegria. E que pode haver de mais estreito que esta união, quando na alegria de um estiver contida também a mais alta glória do outro? Que há de mais nobre ou de mais santo quando, necessariamente, ambos têm por fim a glória do nome divino? Ora, ele, ao propagar ao longe e ao largo o nome cristão, logo, por assim dizer, no limiar, na entrada da sua juventude, já igualou ou mesmo venceu, pelo número e grandeza dos seus feitos, a perpétua glória dos seus antepassados ⁵².

Seja-me permitido, vo-lo peço, Beatíssimo Padre, que recorde breve e resumidamente, como exemplo, uma ou duas das muitas e recentes vitórias dos nossos, não para ostentação e vanglória do meu povo, mas antes para me aplicar nos louvores de Deus, já que tudo foi benefício seu, e para confessar a nossa eterna piedade e gratidão.

Ao Solimão e ao Xá ⁵³, par de feras sempre tão encarniçado contra o nome Cristão, aborrecem, é claro, a dilatação da fé e da nossa religião através do Oriente, e o multiplicado triunfo da cruz de Nosso Senhor Jesus Cristo. Logo, com exortações, com pedidos, com promessas, com favores, conseguiram que os mais poderosos reis de toda a Ásia se conjurassem contra o nome Lusitano, isto é, contra o nome Cristão, para completamente o arrasarem ⁵⁴. E, de facto, a guerra não tardou. A Goa, nossa capital na Índia, surpreendida quase sem guarnição, pois tinha enviado para diversos lugares a sua armada e o seu exército⁵⁵, o rei Hidalcão, sem ter declarado guerra, mais ainda, sem dela haver então qualquer suspeita, inesperadamente, do modo mais infame, lhe pôs cerco ⁵⁶. Com quantas tropas, perguntar-se-á; com trinta e cinco mil homens a cavalo e sessenta mil a pé, todos estes a vencer soldo, para além dum enorme número de voluntários e de uma multidão infinita de gastadores ⁵⁷. Peças de artilharia, das maiores, prepararam quarenta para o ataque. Além disso, de elefantes, cuja utilidade em combate é enorme, reuniram no mesmo lugar mais de dois mil ⁵⁸.

Suportavam os Goeses este cerco há quase um ano ⁵⁹, quando, com o regresso da armada e do exército vencedor, que com apenas sete navios tinha vencido uma poderosíssima frota de setenta navios do rei de Achém ⁶⁰, repeliram o Hidalcão, tendo-lhe morto doze mil homens, trespassado, aniquilado muitíssimos elefantes e cavalos e tomado muitas máquinas de guerra e bagagens que na precipitação da fuga ficaram abandonadas por toda a parte ⁶¹.

Eodem tempore Zamalucus, sed maiore tamen apparatu atque dilectu, Chiaullum copias adduxit, urbem natura aut opere minime munitam. Quam longa ac diuturna obsidione quamdiu pressit, praeclara sunt a nostris edita facinora, stationem tueri non contentis, sed ad hostem quoque ausis progredi, manumque conserere. Itaque multis magnisque hostis adfectus incommodis pacem a nostris malo coactus expetiuit.

Sed hostem magnitudo miraculorum imprimis terruit. Quippe cui species Virginis Matris D. N. IESV CHRISTI pugnantis nostris adesse uisa est. Tum qua penetrare ad nostros atque irrumpere tantum licebat, mare, quod statis horis adfluxisset, stetit illud, nec post legitimum naturae tempus refluxit, aditus occlusit, hostem prohibuit, nostros seruauit. Sic prorsus, ut animaduenterent conterriti hostes se non cum mortalibus sed cum Deo bellum gerere. Quod et ipsi postea palam confitebantur, neque nulli miraculis adducti, uolentes etiam christiani facti sunt.

Nunc autem summum suum rex ardorem ferens, ne quid ad egregiam diuini principis indolem deesset, aut desiderare quis posset: «o pietas, o prisca fides, inuictaque bello Dextera», rex ipse, rex inquam ipse, rebus posthabitis omnibus non sumptui, non ulli suo parcens labori, quam nimirum longissime per suorum desideria et lacrimas abesse ei licet, in Africam, gerendis rebus non modo ut praesit, sed etiam intersit, copias traicit. Quem rari prorsus ac ueteris exempli conatum, tuis, Pater Sanctissime, piorumque omnium precibus uotisque publice susceptis, bene omnino ac feliciter illi euenturum confidimus.

Dies me deficiat, Pater Beatissime, si regis pii, felicitis, triumphatoris, christianae fidei propagatoris, uirtutes atque uictorias singulas persequi uelim. Quas ille nunc uictorias omnis tibi CHRISTI Vicario summoque Pontifice de manu tradit in manum istam fide atque auctoritate praestantem. Seque, suaque omnia, gentem, regna, prouincias, opes denique uniuersas benigne pollicetur, ac defert, et sollemni catholicorum regum more, quanta maxima potest, id est uero, qua solet animi deuotione, libens ac laetus oboedientiam praestat.

Ao mesmo tempo o Nizamaluco ⁶², com um aparato e um exército ainda maiores, conduziu as suas tropas contra Chaúl, cidade muito mal defendida tanto pela natureza como pelas fortificações ⁶³. E enquanto a oprimiu com longo e infundável cerco ⁶⁴, feitos ilustres foram praticados pelos nossos soldados, pois não se contentavam em sustentar os postos de defesa mas ousavam avançar mesmo até junto do inimigo e dar-lhe combate ⁶⁵. E assim, enfraquecido por muitos e grandes danos, o inimigo, forçado pelo revés, procurou obter da nossa parte a paz.

Mas foi sobretudo a grandeza dos milagres que aterrorizou o inimigo, pois viu a imagem da Virgem Mãe de Nosso Senhor Jesus Cristo a assistir aos nossos combatentes. Além disso, no único ponto onde era possível penetrar até junto dos nossos e atacá-los, o mar, que na maré cheia tinha subido, estacou, e nem depois do tempo determinado pela lei da natureza voltou atrás, fechou o acesso, manteve afastado o inimigo, salvou os nossos ⁶⁶. Deste modo, cheios de terror, os inimigos reconheceram que faziam guerra não com mortais mas com o próprio Deus. Isto mesmo eles publicamente o confessavam depois, e, convencidos pelos milagres, não poucos, voluntariamente, se tornaram cristãos.

Mas, agora mesmo, levando o rei ao máximo o seu extremo ardor, para que nada faltasse à egrégia índole de um príncipe divino, para que ninguém pudesse suspirar: ó piedade, ó fé de outrora! ó Dextra na guerra sempre invicta! ⁶⁷ o próprio rei, digo, o rei em pessoa, esquecendo tudo o mais, não olhando a despesas, não se poupando a qualquer trabalho, partindo para tão longe quanto lho permitem as saudades e as lágrimas dos seus, faz passar o seu exército a África, não só para comandar as operações, mas também para nelas intervir ⁶⁸. Esta empresa, sem dúvida de raro e antigo exemplo, com as vossas orações, Santíssimo Padre, e com as de todos os homens pios, com os vossos votos, estamos certos que lhe há-de trazer um bom e feliz resultado ⁶⁹.

Não me chegaria o dia, Beatíssimo Padre, se eu quisesse percorrer cada uma das virtudes e vitórias deste rei pio, venturoso, triunfador, propagador da fé cristã. Todas essas vitórias ele agora vos entrega, a vós, Vigário de Cristo e Sumo Pontífice, e das suas mãos as passa para essas vossas mãos, ilustres pela fé e autoridade. Benignamente vos promete e oferece a sua pessoa e tudo o que é seu, povos, reinos, províncias, em suma todo o seu poder e, seguindo o solene costume dos reis católicos, com a maior devoção que se possa imaginar, isto é, com a devoção habitual, com prazer e alegria vos presta obediência.

ORATIO HABITA AB ACHILLE STATIO IN CONSISTORIO
PVBLICO, XVIII MARTII 1581.

Noui regis nouum regnum, sed minime noua regis regnique pietas reflouescit.

Meministi, Pater Sanctissime, uosque, Cardinales amplissimi, recenti memoria tenetis superiorum omnium Portugalliae regum in Apostolicam Sedem obseruantiam, fidem, pietatem, praecipua ac perpetua et quasi propria regni ¹ illius insignia. Neque uero memoria tantum repetere, sed amare haec ipsa, sed osculari etiam Sedes solet Apostolica. Polliceri sibi Sedem Apostolicam eadem omnia de se Philippus Lusitaniae Rex inuictissimus et uult et uero etiam eidem nunc libentissime defert. Qui si minus antea Ecclesiae Dei pietatis nomine, si non ubicumque terrarum notus fuisset, exempla illum Portugalliae regum domestica uel in primis impellerent, et ad eius laudis excellentiam uehementer inflammarent.

Agrum filio reliquit pater frugiferum, excultum, bonis ac felicibus consitum arboribus, quarum primitias fructuum quotannis offerret Deo. Soli naturam fecunditatemque filius ut mutare non potest, sic bonarum arborum non nisi bonos omnino fructus adferat. Agri cultum², si parentis similem se esse atque haberi uelit³, numquam negleget⁴, aut intermitteret⁵.

Regnum Portugalliae Rex accepit Philippus opibus quidem maximis, sed profecto maioribus pietatis laudibus longe florentissimum. Quid igitur huic augustissimae Sedi nisi uberrimos ac iucundissimos pietatis fructus ferat? De colendi uero studio curaue ne dubitari quidem potest. Rex enim pietatis studiis imbutus, institutus, dicam etiam innutritus atque innatus, Portugalliam suam uel ea gratia maxime amore quodam singulari amabit scilicet, caramque habebit.

«Interroga, inquit, patrem tuum et adnuntiabit tibi; maiores tuos et dicent tibi». Ille uero in summa exemplorum copia domi habuit unde disceret. Maiores suos, hoc est superiores Lusitaniae reges, diligenter interrogat, et quod dicunt et adnuntiant cumulate perficit.

1 propria illius insignia. 2 Agricultum 3 nolit 4 negligit 5 intermittit

ORAÇÃO PROFERIDA POR AQUILES ESTAÇO NO CONSISTÓRIO
PÚBLICO, A 18 DE MARÇO DE 1581 ⁷⁰.

Um novo reino ⁷¹ de um novo rei refloresce, mas não uma nova piedade do rei e do reino.

Lembraís-vos, Santíssimo Padre, e vós, eminentísimos Cardeais, conservais viva a memória do respeito, da fidelidade, da dedicação de todos os anteriores reis de Portugal para com a Sé Apostólica, primeiras e eternas e, por assim dizer, particulares insígnias daquele ilustre reino ⁷². São estas, na verdade, as que a Sé Apostólica costuma evocar, estimar e acarinhar. Ora, o Rei da Lusitânia, o invictíssimo Filipe, não só quer que a Sé Apostólica espere da parte dele todas as mesmas demonstrações, como também lhas apresenta agora da melhor vontade. Se, anteriormente, ele fosse pouco conhecido, se não fosse conhecido em toda a terra pela fama da sua dedicação à Igreja de Deus, os exemplos da casa lusitana, os exemplos dos reis de Portugal ⁷³, antes de mais incitá-lo-iam e com veemência o inflamariam para a excelência do seu louvor.

O pai deixou ao filho por herança um campo fértil, bem cuidado, plantado de boas e fecundas árvores para as primícias dos seus frutos todos os anos ele oferecer a Deus ⁷⁴. Assim como não pode o filho alterar a natureza e a fecundidade do solo, também de boas árvores não pode deixar de recolher bons frutos. Se quiser ser ou parecer igual a seu pai, nunca o cultivo do campo há-de desprezar, ou deixá-lo em pousio.

Na verdade, o Rei Filipe recebeu o reino de Portugal cheio das maiores riquezas, mas recebeu também de longe o mais florescente em títulos de piedade. Que oferecerá, pois, a esta augustíssima Sé senão os mais abundantes e agradáveis frutos de piedade? Do seu zelo sincero e da sua preocupação em cultivá-lo ninguém duvidará. De facto, o rei imbuído, educado, direi mesmo nado e criado no afã da piedade, sem dúvida que, por isso mesmo, há-de estimar e distinguir com singular amor o seu Portugal.

«Pergunta, diz a Escritura, ao teu pai e ele te contará, interroga os teus antepassados e eles te dirão» ⁷⁵. Na verdade, ele teve em casa, na maior abundância de exemplos, de quem aprender. Os seus antepassados, isto é, os anteriores reis da Lusitânia ⁷⁶, zelosamente interroga, e o que dizem e anunciam amplamente cumpre.

«Conserua, inquit, fili mi praecepta patris tui, et ne dimittas legem matris tuae.» Superant non dico meam, sed omnis aevi eloquentissimorum hominum facultatem parentum Philippi Regis laudes. Et ut de patre eius unico Imperatore taceam, matris illae Lusitaniae religiosissimae ceterisque uirtutibus omnibus praestantissimae Principis memoriam quam sancte colit! Legem eius in corde suo ut iugiter ligat, et circumdat gutturi¹ suo! Ergo Portugalliam ut parentem matris memor, ut filiolum dulcissimam Rex pius, felix, pietatis ac religionis causa ualde necesse est amet, omnique liberalitate ac beneuolentia complectatur. Spartam nactus pulcherrimam magis magisque in dies singulos ornabit. Cuius rei in ipso statim regni tamquam aditu tot beneficiis delatis ipsa etiam promissorum magnitudine certam exploratamque spem nobis ostendit atque attulit.

Viuens, uiuens utinam diutissime Philippus Rex secundissimae famae bonis, et Lusitaniae suae et Apostolicae Sedis amore ac plausibus fruatur. Idem post ubi terram cum caelo commutarit, numquam mortuus usque postera², ut poeta dixit nobilissimus, crescet laude recens. Omnis ei posteritas et debebit, et in perpetuum acclamabit.

Summum itaque Philippi Portugalliae regis in Apostolicam Sedem atque in suos studium tibi, Gregori Pontifex Maxime, orator eius, Iohannes Gometius de Silua, Consiliarius Regius³, pro rege suo sponsor idoneus, hodie defert ipsoque beatissimo in sinu prope deponit. Tibi per eundem Rex⁴ suo, tibi Portugalliae suae, tibi omnium gentium nomine, quae Portugalliae Regis parent imperiis, summa uoluntate et eadem prorsus qua superiores Portugalliae reges⁵ animi propensione, alacritate, deuotione, oboedientiam praestat. Idem quocumque loco ac tempore, suorum more maiorum, opes omnes suas, studia, consilia ad augendam Sedis Apostolicae dignitatem porro conferet: eius auctoritatem⁶ tuebitur, sanctitatem colet. Praclare uero cogitanti conantique cum tuis potissimum precibus, Pater Sanctissime, tum communibus uestrum omnium uotis fretus, Cardinales Amplissimi⁷ Deum sibi semper adfuturum sperat atque confidit.

1 gutturi 2 postea 3 consiliarius regis 4 rex 5 regis 6 auctoritate 7 amplissimi

«Meu filho, diz a Escritura, guarda os preceitos de teu pai e não te afastes da lei de tua mãe»⁷⁷. Estão acima, não digo das minhas capacidades, mas das dos homens mais eloquentes de todos os tempos, os louvores dos pais do Rei Filipe. E, para não falar de seu pai, Imperador sem igual, quão santamente ele venera a memória de sua mãe, a mais piedosa princesa da Lusitânia e de longe a primeira em todas as demais virtudes! A lei de sua mãe, como a traz sempre atada ao coração e amarrada ao seu pescoço!⁷⁸ Lembrado, pois, da pátria de sua mãe, o Rei pio, venturoso, em nome da piedade e da religião, não poderá deixar de amar Portugal como a filho muito querido e com toda a liberalidade e benevolência o há-de favorecer. Coube-lhe em sorte uma belíssima Esparta, mais e mais todos os dias a honrará⁷⁹. Disto mesmo ele nos mostrou e deu certa e segura esperança, logo, por assim dizer, na entrada do reino, pela concessão de tantos benefícios e sobretudo pela grandeza das suas promessas⁸⁰.

Oxalá viva, viva por muitos e muitos anos o Rei Filipe e goze dos bens da mais próspera fama e do amor e aplauso da sua Lusitânia e da Sé Apostólica. Depois, quando tiver trocado a terra pelo céu, como disse o famosíssimo Poeta⁸¹, imortal, sem cessar há-de crescer renovado no louvor dos vindouros. Toda a posteridade lhe ficará obrigada e para sempre o aclamará.

Por isso a suprema dedicação de Filipe, rei de Portugal, para com a Sé Apostólica e para com os seus, a vós, Gregório Pontífice Máximo, o seu embaixador João Gomes da Silva, Conselheiro Régio, credenciado procurador do seu rei, hoje traz e no vosso santíssimo coração depõe⁸². E, através do mesmo embaixador, presta-vos o rei obediência, em seu nome, em nome do seu Portugal, em nome de todos os povos que lhe estão submetidos, com a mesma vontade, amor, alegria, devoção dos anteriores reis de Portugal. Além disso, seguindo o costume dos seus antepassados, porá sempre ao vosso dispor, em qualquer tempo e lugar, todos os seus recursos, esforços e desígnios para aumento da dignidade da Sé Apostólica: defender-lhe-á a autoridade, respeitar-lhe-á a santidade. Por isso, para os seus gloriosos planos e ações, confia sobretudo nas vossas preces, Santíssimo Padre, e nos votos comuns de todos vós, Cardeais eminentíssimos, e tem esperança de que Deus sempre o há-de acompanhar.

(Página deixada propositadamente em branco)

NOTAS

(Página deixada propositadamente em branco)

(1) Lourenço Pires de Távora (1510-15.11.1573), quarto senhor da casa da Caparica, combateu em Arzila em 1526, acompanhou o infante D. Luís na expedição de Tunes em 1535. Seguiu para a Índia em 1546 como capitão de uma frota de seis navios e, mal af chegou, tomou parte no segundo cerco de Diu. Em 1551 está como embaixador de Portugal em Espanha e D. João III encarrega-o de tratar do casamento do príncipe D. João com a infanta D. Joana. Segundo *A Chronica delrei D. Sebastião* de D. Manuel de MENESES, p. 75, a L. P. de Távora foi ainda cometida a missão de tentar o casamento do infante D. Luís com Maria de Inglaterra. Acompanhou a princesa de Espanha na sua entrada em Portugal. «Espírito ambicioso e intriguista (...) nos enredos da corte portuguesa L. Pires de Távora desempenhava o principal papel» (vd. Queiróz VELLOSO, *D. Sebastião*, p. 13). No início de 1559 foi nomeado embaixador em Roma, onde chegou a 8 de Junho segundo carta do próprio (vd. *Corp. Dipl. Port.*, vol. VIII, p. 148). «Ordenou-lhe D. Catarina que procurasse a revogação do breve de Paulo III que determinava que aos cristãos novos processados pelo Si^o Officio se desse conhecimento do nome das testemunhas; e a restituição da dignidade de legado *a latere* em Portugal que Júlio III dera a D. Henrique e Paulo IV suspendera» (Queiróz VELLOSO, *op. cit.*, p. 40). Ambos os pedidos foram satisfeitos por Pio IV. L. P. de Távora obteve ainda do Papa a concessão de subsídio ao rei de Portugal para a guerra contra os infiéis, todavia as cláusulas da bula eram tão ofensivas da soberania da coroa que, afirma Queiróz Velloso, «L.P. de Távora mais parecia um servidor do pontífice, do que o embaixador de Portugal» (*op. cit.*, p. 50). Távora regressou ao reino em 1562 a tempo de, nas cortes então reunidas, intervir a favor do partido do cardeal infante. D. Henrique nomeia-o para o conselho de Estado, mas pouco depois, em 1564, despacha-o como capitão-mor para Tânger, onde mais uma vez mostra o seu valor nos combates com os mouros de Arzila; durou a capitania dois anos. Em 1572 D. Sebastião escolhe-o para adjunto do infante D. Duarte, general da malograda frota que o rei aprestara para a guerra aos infiéis. Informa o Pe. J. Pereira de BAIÃO, *Portugal cuidadoso e lastimado*, p. 257: «(...) Lourenço Pires era já muito velho, e, se pudera escusar desta empresa, o não quis fazer, por servir a Deos, e a El-Rey, nos mayores negocios desta coroa, até o fim da vida, que teve no ano seguinte (...).»

(2) Forma abreviada do título dos Reis de Portugal frequente nas páginas de rosto (Cf. *Epístola do muito poderoso e invencível Manuel rei de Portugal e dos Algarves etc. das vitórias que obteve na Índia e em Malaca. Ao Santo Padre, em Cristo, e Senhor nosso, Senhor Leão X, Pontífice Máximo*, Reprodução facsimilada, leitura moderna, tradução e notas de Nair de Nazaré Castro Soares, Coimbra, Biblioteca Geral da Universidade, 1979). O título completo pode ver-se numa carta ao Papa Pio V de 5 de Fevereiro de 1566, *Corp. Dipl. Port.*, vol. X, p. 200, «Sebastianus Dei gratia Portugalliae et Algarbiorum citra et ultra mare in Africa Rex: Dominus Guineae, ac conquestae nauigationis comertii Aethiopiae, Arabiae, Persidis ac Indiae etc.» Este etc. não é despreciando, subentende-se por exemplo o Brasil, coisa que aliás era costume. Veja-se a este propósito o epigrama de George Buchanan *In polyonymum* (A. Costa RAMALHO, *Latim Renascentista em Portugal*, pp. 180-1).

(3) Pio IV (Milão 31.3.1499 - Roma 9.12.1565) chamava-se Giovanni Angelo de Medicis, mas não pertencia à família dos famosos Medicis de Florença. Estudou filosofia e medicina em Pavia; e em 1525 obteve, em Bolonha, o grau de doutor *in utroque jure*. Em 1542 foi enviado por Paulo III à Hungria junto do Imperador Fernando I que lutava então contra os Turcos. Tomou ordens maiores só em 1545, mas nesse mesmo ano foi nomeado arcebispo de Ragusa. Recebeu o chapéu cardinalício em 1549. Depois de quatro meses de conclave foi eleito Papa a 26 de Dezembro de 1559, e coroado a 6 de Janeiro de 1560. No seu pontificado conclui-se o concílio de Trento e inicia-se verdadeiramente a reforma católica, em que desempenha papel de relevo o seu sobrinho, S. Carlos Borromeu. Lourenço Pires de Távora em carta a el-Rei, ou melhor, à regente D. Catarina, e datada de Roma de 30 de Dezembro de 1559, apresenta o novo Papa deste modo: «(...) Sua Santidade he de sesenta e quatro annos [o embaixador português erra na idade] tentado de gotta e não se pode gabar de muita saude passou ja por muitos cargos crescendo em cada hum he creatura de Papa Paulo 3^o. Dizem que se põem em colera muitas vezes, crem todos a corte será mais larga em spedições e graças do que sohia. A mayor parte da gente esta contente para seus respeitos (...)» (*Corp. Dipl. Port.*, vol. VIII, p. 280).

(4) *religionum obseruantior* significa respeitador dos direitos e privilégios das Ordens Religiosas. Religião quer dizer ordem religiosa, vd. Frei Heitor PINTO, *Diálogo da Religião (Imagem da Vida Cristã)*, vol. I, Lisboa, Sá da Costa, 1952, pp. 96-7): «Sòmente falamos da religião assim como se comumente toma, quando por um homem que deixou o mundo, e se meteu na ordem de S. Jerónimo ou de S. Domingos ou de S. Francisco ou em qualquer outra aprovada, dizemos que se meteu em religião.» Vd. também Diogo do COUTO, *O Soldado prático*, p. 180: «... ora pesa-me de não ter já idade para me meter numa religião», p. 134: «... e sobretudo na piedade, zelo e cristandade dos nossos reis, que em todas as religiões mandam encomendar seus Estados a Deus Nosso Senhor» e *Década 8ª da Ásia*, Livro V, cap. V, p. 429: «...desembarcárão em terra, onde o capitão, cidade, cabido e padres das religiões os esperavão e os receberão com triunfo».

(5) O Papa anterior, Paulo IV, faleceu a 18 de Agosto. Passaram quatro meses, e só depois de muito «trabalho e novas invenções (...) chegou o tempo no qual (...) elegerão em papa (a primeira octava de Natal lhe amanheceo) o cardeal de Medicis (antes) e aguora Pio quarto» (*Corp. Dipl. Port.*, vol. VIII, p. 280). As reuniões do conclave foram muito agitadas e a eleição demorada porque os reis de Espanha e de França, e o duque de Florença tentaram determinar a escolha. Lourenço Pires de Távora na carta citada diz «Sua Santidade fica obrigado por este beneficio principalmente ao duque de Florença e por seu meio aos franceses». Entre os cardeais mais votados (Carpí, Gonzaga, Este, Pacheco) esteve o cardeal infante D. Henrique. Vd. supra n. (3).

(6) Em 1560, embora as guerras entre a Espanha e a França tivessem terminado em Abril do ano anterior pela paz de Cateau-Cambresis, as perspectivas eram sombrias. No Império, a paz de Augsburgo dera a vitória aos luteranos. Em França, o reino estava totalmente minado pelo protestantismo e ferviam as paixões que haviam de gerar as intermináveis guerras de religião. Em Inglaterra, Isabel, não obstante a atitude ambígua adoptada nos primeiros anos do seu reinado, separava-se definitivamente de Roma. Mas mais ameaçadores ainda eram os ventos que sopravam do Levante, a expedição de 1559 contra Tripoli fracassara (vd. carta de 20 de Maio de L. P. de Távora a D. Sebastião, *Corp. Dipl. Port.*, vol. VIII, pp. 459 sqq.), a armada turca detinha a superioridade no Mediterrâneo e as razias levadas a cabo pelos corsários de Tripoli e Argel traziam em constante alvoroço a Sicília, Malta, o sul de Itália, as praças cristãs do norte de África, a própria Espanha.

(7) Assume especial importância, dentre as atribuições do Papa, a defesa da ortodoxia e a reforma da Igreja. Com efeito, Pio IV concentrou-se sobretudo nessas tarefas: levou a bom termo os trabalhos do Concílio, publicou em 1564 a profissão de fé tridentina e o Índice dos livros proibidos, reformou o conclave e o colégio dos cardeais, insistiu na obrigação de os bispos residirem nas suas dioceses, fundou uma tipografia pontifícia chamando para o efeito Paolo Manuzio; em suma, lançou as bases dos sucessos dos pontificados seguintes.

(8) Cf. supra n. (1).

(9) Desde a fundação da nacionalidade esteve Portugal ligado à obediência à Santa Sé. Fortunato de ALMEIDA, *História da Igreja em Portugal*, vol. I, p. 85 escreve: «não era novo que senhores e príncipes mais fracos procurassem o apoio e protecção da Santa Sé contra a espoliação dos mais poderosos (...) ofereceu D. Afonso Henriques o seu reino à Igreja romana, declarou-se vassalo de S. Pedro e do Pontífice; comprometeu-se por si e pelos seus sucessores a pagar o censo anual de quatro onças de ouro e a não reconhecer outro domínio, eclesiástico ou secular, que não fosse o da Santa Sé». Com o Cisma do Ocidente (1378-1417) «os soberanos passaram a escolher o pontífice ao qual deviam prestar obediência», Alberto NAVARRO, *Ensaio bio-bibliográfico*, p. 54 (vd. também *Quadro elementar*, t. IX, p. 402).

(10) Refere-se, certamente, ao Norte de África, etapa primeira da expansão. Caem sob domínio da coroa portuguesa, primeiro, Ceuta (1415), depois, Alcácer Ceguer (1458), Arzila e Tânger (1471),

Santa Cruz do Cabo de Gué (1505), Safim (1508), Azamor (1513), Mazagão (1514). A. Estaço parece querer dizer com esta metáfora que por um lado os Portugueses vingaram a História e que por outro impediram a expansão turca para Ocidente.

(11) Solimão, o Magnífico, foi o sultão dos Turcos (1520-1566) que elevou o império otomano ao seu máximo esplendor. Morreu na Hungria a 5 de Setembro de 1566, a três dias da conquista de Szigeth. Aquiles Estaço dirigiu-lhe um epigrama, em dísticos elegíacos, publicado por Marina La Tella BARTOLI, «A proposito di Aquiles Estaço e dei Carmina del codice vallicelliano B 106», p. 340:

Istic sis, ubi nulla dies ubi et horror et ignis
Sulfureus meritas, sic male habent animas.
Istic nunc, quoque sera senex uera omnia discis,
Seraque dediscis omnia falsa senex.
Infelix Solimane, breue est quod uincis, et olim
Quod potes, aeterno uictus ab igne miser.

Em versão portuguesa:

' Af estas, onde nunca há luz do dia, onde horrores e sulfúreo fogo são suplício das almas que o mereceram.

Af agora, embora tarde, aprendes na velhice todas as verdades, e tarde esqueces na velhice todas as falsidades.

Infeliz Solimão, breves são tuas vitórias e o teu poder de outrora, pelo fogo eterno foste vencido, ó desventurado.'

O conflito entre Turcos e Portugueses no Índico foi contínuo desde que aqueles substituíram os Mamelucos no Egipto (1517). Tomaram parte nos cercos de Diu (1538 e 1546), instigaram repetidas vezes os potentados da Índia à revolta, mas «nunca puderam conseguir superioridade naval que lhe permitisse derrotar os Portugueses» (vd. *Dicionário de História de Portugal*, vol. II, s. u. *Egipto e Diu*) A sua simples presença era proibida através da política dos «cartazes», no entanto muitos mercadores turcos, fazendo-se passar por persas, frequentavam os portos indianos, disfarce que era do conhecimento geral (vd. V. Magalhães GODINHO, *Os descobrimentos e a economia mundial*, III, cap. 6, subcap. 3, pp. 111-121).

(12) *Die 20 Maii 1560*. Repare-se como esta forma de datar contrasta com a utilizada por Aquiles Estaço no frontispício da oração.

(13) Esta resposta dirigia-se também a Lourenço Pires de Távora. *Orator* significa 'orador' e 'embaixador' (vd. Bento PEREIRA, *Prosodia*, s. u.). Aliás, na época, era comum designarem-se os embaixadores por *oratores*, o Pe. A. Pereira de FIGUEIREDO (*Portugueses nos Concílios Gerais*, p. 62), ao referir-se aos representantes de Portugal no concílio de Latrão, traz o seguinte: «magnificus Dominus Tristianus de Acugna, et magnificus Dominus Didacus Pacheco, et magnificus Dominus Joannes de Faria, Illustrissimi Domini Regis Portugalliae oratores».

(14) António Lavellino é o humanista Antonius Florebellus (latinização de Fiordibello), a que se refere A. Estaço no poema que começa *Laurenti, nouas mutatas in corpore formas* (M.T. BARTOLI, *op. cit.*, pp. 345-7). Orador e teólogo, Fiordibello (Módona 1510 - Módona 25.4.1574) estudou Direito e Filosofia. Publicou uma vida do cardeal Sadoletto, a quem esteve muito ligado. Acompanhou o cardeal Crescenzi ao concílio de Trento e depois passou a Inglaterra como secretário do cardeal Reginald Pole, função que desempenhou até à morte deste. Regressado a Itália, foi nomeado bispo de Lavello, no reino de Nápoles. Secretário das cartas latinas de Paulo IV e de Pio V, foi encarregado de responder à oração de António Pinto a Pio V, em nome de D. Sebastião, proferida em Abril de 1566 e, quase de certeza, também à que foi pronunciada na mesma altura por Aquiles Estaço em nome da Ordem

de Malta. Em 1567 renunciou a todos os cargos e dignidades para se retirar para a sua terra natal. Além da biografia de Sadoletto publicou: *Ad Carolum V, Romanorum imperatorem, panegyricus*, Roma, 1535; *Oratio de concordia ad Germanos*, Lião, 1541; *De auctoritate summi pontificis, Ecclesiae capitis*, Lião, 1546; *Oratio ad Philippum et Mariam reges de restituta in Anglia religione*, Lovaina, 1545; *Oratio in funere Iacobi Sadoleti commentarius*, que vem na edição que o mesmo Fiordibello fez das cartas de Sadoletto. Foi ainda autor de abundante epistolografia, mais tarde coligida por Costanzi. (vd. *Dictionnaire d'Histoire et de Géographie Ecclésiastique*, t. XVII, s. u. e *Dictionnaire de Théologie Catholique*, t. V, s. u.).

(15) Pietro de Monte, cavaleiro da Ordem de Malta, prior de Cápua, segundo a *Coronica dela... Milicia de Malta* de Fr. J. AUGUSTIN DE FUNES foi eleito Grão Mestre a 23 de Agosto de 1568 e morreu a 27 de Janeiro de 1572. O Abbé de VERTOT na sua *Histoire des Chevaliers Hospitalaires*, t. IV, pp. 102-109, diz que era sobrinho, em segundo grau, do Papa Júlio III e que trocou o seu nome, Guidalotti, por de Monte, em homenagem à casa de seu tio. No cerco de Malta deu provas de grande valor na defesa da península de La Sangle e na sustentação do baluarte de S. Miguel em que resistiu aos vários assaltos das forças do vice-rei de Argel até ser ferido e substituído no comando pelo marechal Copier. Enquanto Grão Mestre, levou a cabo a construção da nova cidade de La Valette, que o seu antecessor tinha iniciado, e transferiu para aí a sede da Ordem. De acordo com Vertot, morreu com a idade de 76 anos.

(16) Miguel Ghislieri nasceu a 27 de Janeiro de 1504 numa família humilde de Bosco, na Sabóia. Aos 15 anos entrou para a Ordem de S. Domingos. Estudou em Bolonha e ensinou filosofia e teologia durante 16 anos. Inquisidor em Como, impediu a progressão do protestantismo na Lombardia. Comissário geral da Inquisição, bispo de Sutri e Nepi, cardeal, tomou o nome de Pio V ao ser eleito Papa a 7 de Janeiro de 1566. Dois dias depois, num breve dirigido a D. Sebastião (*Corp. Dipl. Port.*, vol. X, pp. 195-7), anuncia ao rei a sua eleição e o programa do seu pontificado: realizar as reformas decididas pelo concílio, combater as heresias e defender a unidade da Igreja, fazer a cruzada contra o Turco (vd. também L. von PASTOR, *Storia dei Papi*, vol. VIII, p.68). Em 1566 publica o catecismo de Trento, em 1568 o novo breviário, reforma as ordens religiosas e as ordens militares, em suma, como afirma J. MATHIEU-ROSAY (*Chronologie des Papes*, p. 386), «jamais le concile de Trente n'aurait constitué pour l'Eglise ce tournant historique qui fait sa gloire si, à l'heure où il venait de se séparer, n'était monté sur le trône de Pierre le saint authentique qui encamerait l'esprit de la réforme catholique et réussirait à l'imposer». Os seus esforços para conjurar o perigo turco são coroados de êxito com a vitória de Lepanto a 7 de Outubro de 1571. Já não foi tão feliz na luta contra o protestantismo. Morreu a 1 de Maio de 1572. A sua piedade, o seu ascetismo causavam funda impressão, «fin 1566 un diplomatico si freddo come lo spagnuolo Requesens giudicava che da 300 anni la Chiesa non aveva avuto un capo migliore. Ripetutamente nelle relazioni ricorre l'osservazione: "questo papa è un santo"» (PASTOR, *op. cit.*, p. 43). Com efeito, veio a ser canonizado a 4-8-1712.

(17) Jean de la Valette, também conhecido por Parisot, cavaleiro da língua da Provença, comendador, prior de S. Gil, foi governador de Trípoli de 1546 a 1549. Eleito Grão Mestre a 21 de Agosto de 1557, «vainqueur, vaincu et même esclave des Turcs pendant plusieurs mois, gravement blessé à plusieurs reprises, avait déjà révélé une personnalité héroïque, inflexible, d'une droiture totale» (C.E. ENGEL, *L'ordre de Malte*, p. 30). É um dos animadores do projecto de reconquista de Trípoli (que se saldou por um estrondoso fracasso), toma parte no assalto ao Peñon de Velez, fortifica a ilha de Malta, organiza um eficaz serviço de espionagem, prepara a resistência ao cerco. De Maio a Setembro de 1565, durante o assédio muçulmano, mostra todo o seu valor. Após a vitória, afirma L. von PASTOR (*op. cit.*, vol. VIII, p. 512), La Valette ameaçou abandonar a ilha e refugiar-se na Sicília caso não fosse convenientemente socorrido, sendo necessária a intervenção de Pio V para o demover deste propósito. Reconstrói, então, a ilha e lança a primeira pedra da futura sede da Ordem, a nova cidade de La Valette. Morreu a 21 de Agosto de 1568. «Sage politique, plein de fermeté, et aussi estimé parmi ses confreres, que redoutable aux Infideles, sous son gouvernement la Religion

reprit son ancienne autorité» (Abbé de VERTOT, *Histoire des Chevaliers*, t. III, p. 384). «The 47th Grand-Master, de la Valette was an intrepid fighter and a strong ruler. He refused to permit a tribunal of the Inquisition to operate in Malta and he declined a Cardinal's hat because it was understood by many that the title of Grand-Master of the Order was a higher rank than that of a Cardinal of the church» (Thourot PICHEL, *History of Knights of Malta*, pp. 30-31). «Il avait été le dernier à faire revivre dans l'Europe de la Renaissance et de la Réforme, les traditions des Croisades» (C. E. ENGEL, *op. cit.*, p. 42). Vd. ainda F. BRAUDEL, *La Méditerranée et le monde méditerranéen à l'époque de Philippe II*, t. II, pp. 319-329.

(18) A Ordem dos Cavaleiros de S. João de Jerusalém ou do Hospital, fundada em finais do séc. XI, em Jerusalém, tinha originariamente uma função de tipo caritativo, organizava as peregrinações aos lugares santos, acolhia e assistia aos peregrinos. Mais tarde, sem renunciar à sua primitiva missão, torna-se ordem militar para defesa dos peregrinos, dos lugares santos e apoio às Cruzadas. Os seus membros estavam divididos em vários graus (cavaleiro, comendador, bailio e grão-cruz) e por várias línguas, priorados, bailiados, comendas e conventos. Eram governados por um Mestre, depois Grão-Mestre. No séc. XIV os Hospitalários tiveram de transferir a sua sede para Rodes, daí o também serem chamados cavaleiros de Rodes. Com a subida ao poder de Solimão, em 1523 os cavaleiros são obrigados a retirar da ilha e permanecem durante sete anos sem sede apropriada, até que Carlos V lhes cede, em 1530, o arquipélago de Malta e a cidadela de Tripoli. Desde então passam a chamar-se cavaleiros de Malta.

(19) *Provérbios*, 8, 15-16: «Per me reges regnant, /Et legum conditores iusta decernunt; / Per me principes imperant, / Et potentes decernunt iustitiam.»

(20) O poder do príncipe tem origem divina. O rei é o vigário de Deus, o *rex imago Dei*. O Papa surge aqui como um príncipe que apenas supera os demais pela sua maior proximidade de Deus, que lhe advém da especificidade da sua função. Durante o Renascimento, ao imiscuir-se demasiadamente na política italiana, «o papado perde as suas pretensões a uma posição universal; deixa de estar à frente da Cristandade; torna-se uma das potências italianas e passa, de futuro, a ser considerado como tal» (G. BARRACLOUGH, *Os Papas na Idade Média*, p. 219). Depois do *sacco di Roma*, depois de se ter rasgado a túnica inconsútil de Cristo, os Papas viram o seu poder diminuído. Entre os Escolásticos, e. g., o dominicano Francisco de Vitória, sustenta-se que o Papa no temporal exerce apenas um poder indirecto, e mesmo então só naquelas matérias que afectem o espiritual. A tese do poder indirecto do Papa sobre a autoridade temporal dos soberanos, mesmo na formulação que tornou célebre o cardeal Belarmino, constitui uma redução do poder do papado (vd. J. J. CHEVALLIER, *Histoire de la pensée politique*, t. I, pp. 334 e 430 e A. TRUYOL Y SERRA, *Historia de la Filosofía del Derecho y del Estado*, Vol. I, pp. 58-62 e 134-135).

(21) *incorrupta, atque ab omne suspicione ullius uitii uacua comitia fuisse*. Estaço refere-se às regras do conclave instituídas por Pio IV que, segundo L. von PASTOR (*op. cit.*, vol. VIII, pp. 1-33), regulamentara com uma bula severa a eleição dos futuros pontífices. Por isso, e também por acção do cardeal Borromeu, acabou por não ser escolhido nenhum dos candidatos apoiados pelas diferentes facções políticas. Assim, «l'elezione riusci inaspettata a tutti», e «Pacheco scrive che evidentemente l'elezione è l'opera dello Spirito Santo perchè molti, i quali all'entrata in conclave si sarebbero mozzati i piedi piuttosto che mettersi dalla parte di Ghislieri, furono i primi che concorsero alla sua elevazione» (p. 29). E, continua Pastor, «avvenuta l'elezione, fu oltremodo grande fra i cardinali la letizia per avere dato alla Chiesa un papa quale richiedevano i tempi» (p. 31).

(22) Num século de nepotismo descarado, muitos ascenderam ao cardinalato de forma bem mais rápida, mas o caso de Pio V, creado cardeal a 15 de Março de 1557 por Paulo IV, é notável uma vez que a sua ascensão nas dignidades eclesiásticas se deve unicamente ao seu zelo apostólico.

(23) Era habitual nas orações de obediência esta estratégia de ligar os interesses daquele que presta a obediência aos da Santa Sé. No entanto, desde 1152 que a Ordem de Malta estava subordinada ao papado (*salute ac maiestate contineatur*, diz o texto) e havia de facto uma comunhão de interesses. Tanto Pio V, como La Valette acreditavam que o poder do turco só poderia ser posto em causa com uma cruzada que congregasse as forças dos vários príncipes cristãos (L. von PASTOR, *op. cit.*, Vol. VIII, p. 512).

(24) Com efeito, S. Pio V considerava, e com razão, a ilha de Malta como a guarda avançada do mundo cristão no Mediterrâneo. «Nel febbraio e marzo de 1566 esortò il re di Spagna e la governatrice dei Paesi Bassi di coadiuvare alla riedificazione delle fortificazioni distrutte durante l'assedio de 1565 e di aiutare i cavalieri con denaro e truppe», Pio V «lo esortò [La Valette] a perseverare coraggiosamente e gli promise il proprio aiuto. In conformità di ciò il papa mandò a Malta 15.000 ducati adunò persino truppe per socorrere i cavalieri e invitò Filippo II e il vicerè di Sicilia a prestare aiuto. In un concistoro del 2 aprile 1566 egli parlò con energia di voler impiegare tutte le sue forze per la protezione della cristianità» (L. von PASTOR, *op. cit.*, *ibidem*).

(25) Fórmula recorrente nas orações de obediência para resumir os factos menos relevantes. É verdade, porém, que Pio V dedicava especial atenção à Ordem de Malta e de um modo geral às Ordens militares, vd. as disposições reformadoras dirigidas às Ordens portuguesas (L. von PASTOR, *op. cit.*, Vol. VIII, p. 179).

(26) O cerco de Malta durou de 18 de Maio a 8 de Setembro de 1565. O tão criticado abbé de Vertot (vd. F. BRAUDEL, *op. cit.*, t. II, p. 325; e C.E.ENGEL, *op. cit.*, p. 318: «Vertot, beaucoup moins inexact qu'on ne l'a dit, n'a cependant pas le sens historique») gasta boa parte dos tomos III e IV da sua história da Ordem só com este cerco.

(27) De acordo com Vertot «il y avoit dans l'Île environ sept cens Chevaliers, sans compter les Freres servans, et huit mille cinq cens hommes de guerre, tant soldats des galeres, troupes étrangères à la solde de l'Ordre, que citadins et paysans dont on avoit fait des compagnies (...) la flote des Turcs (...) étoit composée de cent cinquanteuf vaisseaux à rames, tant galeres que galiottes, et chargée de trente mille hommes de débarquement, Janissaires, Spahis, les plus braves soldats de cette Nation» (*op. cit.*, t. III, p. 433).

(28) O heroísmo dos cavaleiros ficou bem demonstrado, sobretudo na defesa do pequeno forte de S. Telmo, que, por ser o mais vulnerável e por dominar a entrada do porto, foi o primeiro a ser atacado pelos turcos. Foi um massacre. Não escapou ninguém. Mas o pundonor dos sitiados e a sua resistência até ao último homem salvaram a ilha.

(29) Repetidas vezes o grão-mestre pediu socorro ao vice-rei da Sicília, mas este, receando perder a frota acabada de reconstituir, ia diferindo o envio de auxílio. O único socorro que os cavaleiros receberam foi o pequeno destacamento de seiscentos homens de Juan de Cardona, desembarcado na ilha a 30 de Junho. Entretanto, o exército turco, a 5 de Julho, era reforçado com a chegada das forças do vice-rei de Argel.

(30) Os historiadores são unânimes quanto ao papel decisivo de Jean de la Valette na defesa da ilha. C. E. ENGEL, *op. cit.*, pp. 33-34: «il faisait recruter des soldats en Sicile, il rappelait à Malte les Chevaliers en séjour sur le Continent, amassait du matériel de guerre, des provisions, des munitions, faisait entrainer au maniement des armes les hommes valides de l'île». E, na sua *Historia de España* (t. XIX, vol. II, p. 62), R. MENENDEZ-PIDAL escreve: «la defendía [Malta] el heroico maestre Juan Parisot de la Valette. Llamó éste a todos los caballeros de la Orden, pidió socorro al Papa y a

Felipe II, reparó las fortificaciones y alistó gente». No entanto, embora considere também decisiva a acção do grão-mestre, F. BRAUDEL (*op. cit.*, t. II, pp. 321-2) levanta algumas dúvidas sobre as providências tomadas (ou não) por la Valette, «bien qu'avertis du péril, les responsables de la défense, les Espagnols et le grand-maitre, furent surpris par la rapidité de l'événement, le grand-maitre surtout, qui avait hésité à engager des dépenses et, dans l'île de Malte, à procéder aux démolitions nécessaires. Il y eut des retards dans l'acheminement des vivres et des renforts et cinq galères de la Religion, en excellent état, bloquées dans le port, demeurèrent incapables de rendre à la flotte chrétienne le moindre service.» Mas, corroborando Estaço, Vertot (*op. cit.*, t. III) conta que «Le Grand Maitre vit avec un sensible plaisir ses propres sentiments dans le coeur de tous les Chevaliers; et pour le communiquer jusqu'aux simples soldats, il parcouroit tous les postes, et leur adressant la parole avec une douce familiarité (...) il étoit present pour ainsi dire à tous les combats».

(31) Que os próprios cavaleiros atribuíram a vitória ao valor de Jean de la Valette reafirma-o Vertot: «et on peut dire, et tous les Chevaliers de ce tems-lá en convenoient, que la vertu de la Valette, son courage, sa fermeté, et sa prévoyance, faisoient la principale force de l'île, et que le salut de Malte dépendoit de sa conservation». Que a atribuísem também a Filipe II, embora MENENDEZ-PIDAL (*op. cit.*, *ibidem*) afirme que «el hecho más sonado en que intervino Felipe II en favor de la Cristianidad en 1565 fué la defensa de Malta», é menos provável uma vez que, finalmente, ele era o responsável pelas demoras no envio de socorro. Aliás, derrotados os turcos, «à Rome (...) on célèbre l'héroïsme des chevaliers, on remercia Dieu de son intervention, mais on ne paya aucun tribut de reconnaissance aux Espagnols, bien au contraire. Le pape donnait le ton qui ne leur pardonnait ni leurs lenteurs, ni les difficultés qu'ils lui avaient suscitées depuis son avènement. (...) le pape réussissait à parler de la victoire sans nommer le roi d'Espagne, ni le capitaine général, ni ses troupes, attribuant tout à Dieu et aux chevaliers.» (vd. F. BRAUDEL, *op. cit.*, t. II, p. 325). Os cavaleiros viram-se abandonados na defesa da ilha já que, como diz C. E. ENGEL (*op. cit.*, p. 34), «aux appels de Malte, le pape répondit en envoyant 10.000 écus, Philippe II beaucoup de lettres, Catherine de Médicis rien de tout». Estes encómos a Filipe II são pois, por assim dizer, diplomáticos; era necessário reconstruir Malta, a ameaça turca não tinha sido definitivamente afastada, encetavam-se esforços para organizar a Liga contra o turco e, claro está, a armada espanhola seria imprescindível.

(32) *et eorum duce clarissimo prudentissimoque viro D. Garcia de Toledo* D. Garcia de Toledo (Villa Franca del Bierzo 1514, Nápoles 31.5.1578), foi marquês de Villa Franca, conde de Peña Ramiro, duque de Fernandina, príncipe de Montalván e conselheiro de Estado. Educado em Nápoles, onde seu pai era vice-rei, notabilizou-se na guerra contra os Turcos (ataque a Goleta em 1535; desembarque na Grécia e tomada de uma frota ao Barba-Roxa; conquista a 6.9.1564 do Peñon de Velez de la Gomera). Combateu ainda na Flandres e na Itália. Desde 1558 que era capitão geral da Catalunha, Rossilhão e Sardenha. Como recompensa da sua vitória em Peñon de Velez foi nomeado vice-rei da Sicília (vd. *Enciclopedia Espasa-Calpe*, t. 62, s. u.). D. Garcia de Toledo era, pois, *clarissimus*, mas, e talvez haja aqui uma ponta de ironia, era também *prudentissimus*. A sua actuação durante o cerco de Malta tem sido motivo de controvérsia. Segundo MENENDEZ-PIDAL (*op. cit.*, *ibidem*), D. Garcia demorou demasiado no auxílio aos defensores da ilha e por isso Filipe II demitiu-o do cargo de vice-rei, vindo assim a terminar, anonimamente, os seus dias em Nápoles. As sucessivas promessas de socorro sem efeito tomam o abbé de Vertot muito rigoroso na sua apreciação de D. Garcia de Toledo, «a ne considerer que la conduite du Vice-Roi, on auroit cru qu'il manquoit ou de courage ou de fidélité pour ses promesses; et sa lenteur affectée à secourir Malte, l'avoit même rendu suspect et odieux à la plupart des Chevaliers» (t. III, p. 487); mais ainda, «on attribuoit une si grande perte [de cavaleiros], non seulement à la valeur des Turcs, mais encore aux lenteurs affectées du Vice-Roi: son nom étoit détesté par tous les Chevaliers des différentes nations de la Chrétienté: le Grand Maitre même s'en plaignit depuis au Pape» (t. IV, p. 81). O mesmo Vertot não deixa, porém, de reconhecer que «le Vice-Roi dans le fond étoit moins l'auteur que le ministre de ces retardemens» (*ibidem*, p. 17). Ora, para uma avaliação mais justa das atitudes do vice-rei da Sicília, dever-se-á ter em conta que «l'armement

d'une escadre imposait une lourde tâche et le vice-roi était pris entre deux feux» (C. E. ENGEL, *op. cit.*, p. 35) e que «perdre Malte eut été un désastre pour la Chrétienté. Mais perdre la flotte hispanique à peine reconstituée, était s'exposer à un péril irrémédiable.» (F. BRAUDEL, *op. cit.*, t. II, pp. 322-3). Assim, «des mérites de Philippe II et de Don Garcia semblent hors de discussion (...) la victoire de Malte a été une nouvelle étape du relèvement espagnol» (*idem, ibidem*, p. 325).

(33) A notícia da vitória chegou a Nápoles a 12 de Setembro e a Roma a 19. A sua repercussão foi enorme em toda a Europa: «le gouverneur de Rome par ordre du S. Pape, annonce la levée du siège de Malte aux Romains par une décharge de toute son artillerie, et par des feux et des illuminations qu'on allume dans toute cette capitale de la Chrétienté» (VERTOT, *op. cit.*, t. IV); «la reine Elizabeth, bien qu'elle eut rompu avec l'Ordre, ordonne un service d'actions de grâce en apprenant la victoire» (C. E. ENGEL, *op. cit.*, p. 42). O Papa oferece o chapéu cardinalício ao grão-mestre Jean de la Valette, Filipe II uma espada e um punhal marchetados a ouro e a pedras preciosas. Aquiles Estação celebra esta vitória com o epíncio *Deo forti Melita liberata*. Encontramos também um eco deste triunfo das forças cristãs na 8ª *Década da Ásia* de Diogo do COUTO: «aquelle memoravel serco que o grão turco soltan Solimão pos sobre Malta sendo gram mestre daquella religião Dom Frey João Vilit [*sic*]» (vd. M. A. A. Lima CRUZ, *Diogo do Couto e a 8ª Década*, p. 190).

(34) A gravidade da situação requeria a presença do grão-mestre. É que no arsenal de Constantinopla trabalhava-se afincadamente na construção de uma nova armada e «on restait persuadé que la flotte turque serait envoyée contre Malte avec les mêmes chefs qu'en 1565, car si le sultan laissait l'île se fortifier, jamais plus il ne pourrait s'en emparer» (vd. F. BRAUDEL, *op. cit.*, t. II, p. 326). Tal não se verificou porque o sultão resolveu atacar antes o arquipélago grego. L. von PASTOR (*op. cit.*, vol. VIII, p. 513): «L'ammiraglio turco Piali conquistò il 15 aprile 1566 l'isola di Chio (...) ancora nello stesso anno caddero pure in potere dell'insaziabile nemico il ducale di Nasso, Andro e Ceo (...) nel maggio 1566 navi turche comparvero nel mare Adriatico e minacciarono Ancona». Cf. supra n. (17) e (24).

(35) Vd. supra n. (15).

(36) *amisso Dragute nobilissimo archipirata*. Dragut, renegado de origem grega ou albanesa, era, na verdade, o mais famoso corsário do Mediterrâneo. Como é sabido, a carta de corso era um dos instrumentos de política externa da época, e "pirata" era o nome que, por sua vez, os turcos davam aos cavaleiros da Ordem de Malta. Dragut teve uma vida recheada de aventuras. Passou 4 anos de cativo em galés genovesas até 1544, ano em que Barba-Roxa negociou o seu resgate. Em 1550 instalou-se na ilha de Djerba ou Gelves. No ano seguinte devastou Gozo, uma das ilhas do arquipélago maltês, e tomou parte na conquista de Trípoli, donde foram expulsos os cavaleiros de Malta. Deteve então o comando da armada turca no Mediterrâneo até 1555. Em 1556 passou a Trípoli, fortificou-a e transformou-a em capital de um "reino" émulo do de Argel. Daí partiam os navios de corso que iam assolar as costas da Sicília, de Nápoles, da Espanha. No verão de 1559 Dragut operou na Sicília, tomou oito galés em frente de Nápoles, mas terminou o ano em situação muito difícil: contra ele avançavam as frotas do vice-rei da Sicília e do grão-mestre de Malta. Esta expedição terminará com a derrota das forças cristãs, surpreendidas pela armada turca, que veio socorrer Dragut. Em 1561 apresou a esquadra da Sicília numa emboscada perto de Lipari, com 35 velas bloqueou Nápoles, e, no ano seguinte, todo o sul de Itália continuava à sua mercê. Para a invasão de Malta, Solimão escolheu, como comandantes, Piali e Mustafá, mas recomendou-lhes que nada decidissem «sans la participation de Dragut, qu'il regardoit comme l'ennemi déclaré des Chevaliers, et en même tems le plus grand homme de mer qu'il eut alors dans tout son Empire» (vd. VERTOT, *op. cit.*, t. III, p. 391). Decorria já o cerco quando Dragut chegou com 1600 homens e treze navios. Foi recebido pelos seus com grande regozijo. Atingido por uma bombarda veio a morrer logo após os turcos terem tomado o forte de S. Telmo. (vd. F. BRAUDEL, *op. cit.*, t. I e II, *passim*).

(37) Bizâncio ou Constantinopla, capital do Império Romano do Oriente e do Império Bizantino, caiu em 1453 em poder dos Turcos Otomanos e com ela todo o Império.

(38) L. von PASTOR (*op. cit.*, vol. VII, p. 4): «la Spagna e i Cavalieri di Malta trovarono presso la Santa Sede prezioso aiuto nella loro resistenza all'avanzata dei Turchi nel Mediterraneo. Pio IV partecipò alla fortunata ripulsa del pericoloso attacco turco contro Malta nel 1565». Mas, morto este Papa, no conclave reunido para escolher novo pontífice «il Collegio cardinalizio ebbe subito da occuparsi della scottante questione dell'aiuto a Malta minacciata dai Turchi. Il conte Broccardo chiese che venissero pagati i 10.000 ducati promessi da Pio IV» (Vol. VIII, p. 2).

(39) Alude Aquiles Estaço ao conhecido trecho dos *Actos dos Apóstolos* (28, 1-10) em que se narra o naufrágio de S. Paulo na ilha de Malta, quando ia prisioneiro para Roma, e o modo hospitaleiro como foi aí recebido: «Et cum euasissimus, tunc cognouimus quia Melita insula uocabatur. Barbari uero praestabant non modicam humanitatem nobis. Accensa enim pyra, reficiebant nos omnes propter imbrem, qui imminebat, et frigus. Cum congregasset autem Paulus sarmentorum aliquantam multitudinem, et imposuisset super ignem, uipera a calore cum processisset, inuasit manum eius. Vt uero uiderunt barbari pendentem bestiam de manu eius, ad inuicem dicebant: Utique homicida est homo hic, qui cum euaserit de mari, ultio non sinit eum uiuere. Et ille quidem excutiens bestiam in ignem, nihil mali passus est. At illi existimabant eum in tumorem conuertendum, et subito casurum, et mori. Diu autem illis exspectantibus, et uidentibus nihil mali in eo fieri, conuertentes se dicebant eum esse deum.» (*Act.*, 28, 1-16). Este episódio do milagre do apóstolo pode ter sugerido a A. Estaço o símile da serpente.

(40) Escandalizar-se com as dissensões, as invejas, as guerras entre príncipes cristãos, sobretudo quando importava conjugar vontades para defesa da *Respublica Christiana* era um lugar comum (e.g. *BESSARIONIS / Niceni Cardinalis orationes / De grauissimis periculis, quae Rei- / publicae Christianae a Turca / iam tum impendere / prouidebat. / Eiusdem ad principes de pace inter / se concilianda, et bello aduer / sus Turcas suscipien- / do, exhor- / tatio. / Romae / in aedibus Francisci Priscianensis / Florentini MDXLIII*; tópico recorrente na literatura portuguesa porque particularmente adequado à posição de Portugal no concerto das nações europeias, vd.: a ode *Aos Reis Cristãos* de António Ferreira, a dedicatória da écloga *Célia* de Sá de Miranda ou ainda *Os Lusíadas*, VII, 9 e 14). Porém, neste ano de 1566, ganha especial significado, uma vez que se presentem eventos decisivos e no sólio pontifício está um Papa capaz de os determinar, pois a ideia favorita de Pio V era justamente a guerra contra o turco. Desta altura são os primeiros contactos entre os legados de Filipe II e de Veneza que, patrocinados pelo Papa, hão-de terminar na aprovação e juramento da Liga a 25 de Maio de 1571. Passados alguns meses colher-se-iam os frutos com a vitória de Lepanto, a 7 de Outubro.

(41) Logo na página de rosto Aquiles Estaço manifesta o esmero que colocou na composição desta *oratio*. Prefere aos títulos habituais dos reis de Portugal, embora grandiloquentes, o modo humanista de nomear o rei de Portugal, *rex Lusitaniae*.

(42) Gregório XIII foi eleito Papa a 14 de Maio de 1572. Esta cerimónia de obediência realizou-se só a 28 de Setembro de 1574. No entanto, já na carta de parabém datada de 30 de Junho de 1572, manifestara D. Sebastião a intenção de enviar ao novo pontífice um embaixador extraordinário para lhe prestar obediência (vd. Visc. de SANTARÉM, *Quadro das rel. pol.*, vol. XIII, p. 561). A. Estaço invoca como causa desta demora a força das circunstâncias. De facto, há muito tempo que o rei confiara a João Gomes da Silva essa missão. Com a morte de Pio V e o matrimónio de Margarida de Valois com Henrique de Navarra, celebrado a 18 de Agosto de 1572, parecia que tinham terminado as razões da estadia de J. Gomes da Silva na corte francesa, já que «o objectivo do embaixador seria fingir perante o rei cristianíssimo e a rainha mãe um interesse que, na realidade, D. Sebastião não sentia», i.e., casar com a princesa Margarida (vd. Queiróz VELLOSO, *D. Sebastião*, pp. 173-5). Mas, primeiro a alegada ameaça de uma esquadra francesa que então se aprestava, e depois os tristes

acontecimentos do massacre da noite de S. Bartolomeu retardaram o diplomata e só a 22 de Julho de 1573 D. Sebastião mandou para Roma a sua credencial de embaixador e a procuração para J. Gomes da Silva prestar em nome do rei a obediência. Todavia, a 11 de Abril de 1574, o embaixador ainda não tinha chegado a Roma, pois tem essa data uma carta do cardeal D. Henrique a Gregório XIII (Arquivo Secreto do Vaticano, *Nunz. di Port.*, vol. 4, fol. 34, publicada pelo Pe. José de CASTRO, *D. Sebastião e D. Henrique*, pp. 71 e sqq.), que diz: «vai João Gomes da Silva, embaixador de El-Rei meu Senhor que manda a Vossa Santidade tão desconsolado por tardar tanto a sua ida, que ainda que muita parte disso foi por sua indisposição me pareceu devia pedir a Vossa Santidade que o console, e esforce para o melhor poder servir. E porque êle é dos honrados desta terra, assim pelo sangue, como pelos bons costumes. E é neto de Rui Teles que foi mordomo-mor da Rainha minha Senhora, e mãe e da imperatriz minha irmã (...) E seu pai foi camareiro-mor do Infante Dom Luiz meu irmão que Deus haja, e êle o criou de muito moço (...)».

(43) Pio V faleceu a 1 de Maio de 1572. Reunido o conclave a 11, ao fim de três dias foi escolhido por unanimidade o cardeal Ugo Boncompagni. Que a eleição correu ao gosto de D. Sebastião mostra-o a carta que o rei dirigiu aos cardeais, em que os exorta «a pospordes nella [na escolha] todo o humano respeito, e attenderdes sómente ao seu serviço, e bem da Universal Igreja», e declara ter mandado rezar em todas as igrejas do reino «para esta eleição ser breve, e santa» (vd. *Corp. Dipl. Port.*, vol. X, pp. 444-5). De acordo com o P.^o J. Pereira de BAIÃO (*Portugal cuidadoso e lastimado*, p. 284), logo a 30 de Junho D. Sebastião escreveu ao novo pontífice uma carta de parabém pela sua exaltação, e a 15 de Julho uma outra de obediência, e em ambas o incitava a prosseguir a guerra contra o turco. Conselho sobejo, pois Gregório XIII, no consistório de 30 de Maio, ao anunciar o seu programa, «menzionò, in primo luogo, il mantenimento e consolidamento della lega contro il nemico della cristianità» (vd. L. von PASTOR, *op. cit.*, vol. IX, p. 232).

(44) João Gomes da Silva, filho de Braz Teles de Meneses, cresceu no círculo ilustrado do infante D. Luís (cf. n. 42). Fidalgo da casa de D. Sebastião, alcaide de Seia, foi em Janeiro de 1567 designado capitão-mor da frota que devia a 18 de Março fazer-se de vela para a Índia. «Sendo 8 ou dez de Setembro surgirão na barra de Goa quatro naos do Reyno de que veo por capitão mor João Gomez da Silva, que foe vedor da Fazenda do Reyno e embaxador em Roma; o qual veo embarcado na nao Reys Magos» (Diogo do COUTO, *Década 8^a*, III, 3, p. 218). Voltou a Lisboa nos mesmos navios em Agosto de 1568. A 2 de Fevereiro de 1571, «despues que elRey aqui vino [a Xabregas] se a tratado de embiar a visitar y a dar el parabien de su casamento al Rey de francia a lo qual embia Joam Gomez da Silva primo de Ruy Gomes [Rui Gomes da Silva, o famoso príncipe de Eboli]. Es hombre cuerdo y bien entendido y de quien el Rey se fiará que le hade dezir verdad en la relacion que de alla trouxer de la Reyna y de madama Margarita», carta do embaixador espanhol D. Juan de Borja a Filipe II editada por J. Veríssimo SERRÃO (*Itinerários de D. Sebastião*, p. 185). Na verdade, D. Sebastião tinha muita confiança no seu embaixador. Cometeu-lhe missões bem delicadas. Não só a tarefa árdua de tentar iludir a corte gaulesa, os agentes de Filipe II, os legados e núncios da Santa Sé, mas também protestar junto de Carlos IX contra os assassínios e roubos com que os corsários franceses, continuamente, nos injuriavam (vd. L. BOURDON, «L'Ambassade de João Gomes da Silva en France», *Bulletin des Etudes Portugaises* 20 (1957), pp. 5-86; E. PRESTAGE, «Novas informações sobre a embaixada de João Gomes da Silva a França», *Revista Portuguesa de História*, Lisboa, 6 (1917), pp. 352-3 e Queiróz VELLOSO, *op. cit.*, *passim*).

(45) A 7 de Julho de 1571 D. Sebastião ordenara ao seu embaixador que entretivesse na corte francesa a questão do seu casamento «até que outra cousa lhe mandasse» (vd. J. Veríssimo SERRÃO, *Itinerários de D. Sebastião*, p. 204). Vd. supra notas (42) e (44).

(46) De 1562 até 1598 a França viveu numa quase contínua guerra civil. Os historiadores enumeram oito guerras de religião (1562-1563, 1567-1568, 1569-1570, 1572-1573, 1574-1576, 1576-

-1577, 1579-1580, 1585-1598). Na noite de 23 para 24 de Agosto de 1572, dia de S. Bartolomeu, foram massacrados em todo o reino cerca de trinta mil huguenotes. Foi publicado então um édito real a interditar o culto reformado. Iniciava-se assim a quarta guerra de religião, que veio a ter como principal cenário o porto de La Rochelle, tradicional bastião das forças protestantes. Perdida a confiança no rei o partido huguenote organizou-se como nunca o tinha feito, passou a dispor de um exército permanente e como que erigiu uma república protestante no interior do reino, com a capital em Nîmes e em Montauban. Esta guerra veio a terminar pela paz de La Rochelle, após um duro cerco a esta praça.

(47) *qui regem sequebantur ipsum* Refere-se ao corpo diplomático, obrigado a seguir a corte nas suas deambulações pelo reino. O núncio apostólico dizia que a divisa da corte francesa era semelhante à da morte, isto é, sabe-se que há-de chegar, mas nunca onde, quando e como. Em carta de 5. 12. 1571 ao cardeal Alexandrino afirma: «chi non conosce per prova la Corte di Francia non puo intenderla per assomiglianza cha se na faccia con tutte le altre del mondo, perche tutte per ordinario stan ferme et insieme, et questa sola sempre è in viaggio et per il piu divisa in tanti luoghi che difficilmente si sa ritrovar l'un l'altro, il che apporta incomodo et diffilcuta grandimente i negotii» (vd. L. BOURDON, *op. cit.*, p. 31). Do mesmo se queixavam frequentemente os embaixadores espanhóis acreditados na corte portuguesa (vd. Queiróz VELLOSO, *op. cit.*, *passim*).

(48) Gregório XIII, por um breve de 17 de Setembro de 1572, agradece a D. Sebastião as cartas de felicitações e de obediência que este lhe enviara ao saber da eleição do novo Papa e agradece-lhe, precipuamente, as promessas feitas ao anterior pontífice, Pio V (vd. Visc. de SANTARÉM, *Quadro elementar*, t. XIII, p. 564 e Pe. J. Pereira de BAIÃO, *Portugal cuidadoso e lastimado*, pp. 284-7, que apresenta uma tradução desse breve de que citamos a seguinte passo: «E quanto às outras cartas, que pelo Cardeal Alexandrino escreveo V. Magestade ao Santissimo Pontifice Pio V. e elle não pode ver, lendo-as nós, tanto nos alegamos em o Senhor, que nem de as ler, nem de louvar a vossa insigne piedade, nem de dar a Deos as dividas graças podiamos saciarnos»).

(49) Na carta referida na nota anterior Gregório XIII afirma: «Porventura poderia algum dezejar outros mayores soccorros, que estes que V. Magestade nos promete?». Com efeito, «a resposta do rei foi, pelo menos na aparência, inteiramente favorável às propostas do Papa [feitas em Lisboa, em Dezembro de 1571, pelo sobrinho de Pio V, Miguel Bonelli, o cardeal Alexandrino]: não só concorreria com uma grande armada - a vitória de Lepanto, dois meses antes, devia estimulá-lo, por lá não se encontrar nenhum navio português - como estava disposto a casar, até sem dote, se Carlos IX também entrasse na Liga. Esta condição não era facilmente exequível pelas questões religiosas que então dividiam a França. Além disso, desde Francisco I que os monarcas cristianíssimos tinham entendimentos com os sultões da Turquia. D. Sebastião ainda exigia que o negócio do casamento corresse por mãos do pontífice e não de Filipe II.» (vd. Queiróz VELLOSO, *op. cit.*, p. 142). Quanto à participação do rei na liga contra o turco, de acordo com Barbosa MACHADO (*Memórias del Rey D. Sebastião*, t. III, p. 352), «concorreria com seis galeões, doze galés, e quatro galeças guarnecidas de cinco mil combatentes, desejando que fosse mayor este aparato naval, de que era impedimento o grande numero de gente extincta pelo flagello da peste, como a expedição de tantas náos para o Oriente, para resistir à violencia da mayor invasão, que testemunhara toda a Ásia, cercando ao mesmo tempo Goa, e Chaul, o Hidalcão, e Nizamaluco».

(50) *Luc.* 15, 11-32. Na parábola do filho pródigo o filho mais velho é aquele que sempre permaneceu fiel: «At ipse dixit illi: Fili, tu semper mecum es, et omnia mea tua sunt (...)» (v. 31).

(51) Que Pio V dedicava particular affecto a D. Sebastião expressa-o claramente um breve de 27 de Junho de 1569: «a nenhum de todos os Principes Catholicos amamos tanto de coração, como a V. Magestade» (vd. P. J. Pereira de BAIÃO, *op. cit.*, p. 129). E repetidas vezes este Papa deu provas da sua solicitude: quando levantou as proibições consignadas na bula da ceia (que impediam o comércio

da sua solicitude: quando levantou as proibições consignadas na bula da ceia (que impediam o comércio dos portugueses com os infieis), quando tentou conciliar o rei com a avó e depois com o tio, quando procurou que fossem por diante as negociações para o casamento de D. Sebastião com Margarida de Valois. Em troca, o rei de Portugal revelou-se o mais católico de todos na execução dos decretos de Trento, todavia, desiluiu o Papa pela falta de empenho em participar na cruzada contra o turco e pelo desinteresse mostrado em relação aos vários projectos de casamento (vd. Marcello CAETANO, «Recepção e execução dos decretos do Concílio de Trento em Portugal», *Revista da Faculdade de Direito*, Lisboa, 19 (1965), pp. 7-87 e Queiroz VELLOSO, *op. cit., passim*). Quanto D. Sebastião sentiu a morte de Pio V, pode-se ver na carta de 29 de Maio de 1572 dirigida ao cardeal Alexandrino e que está publicada no *Corp. Dipl. Port.* (vol. X, pp. 447-8), «foi tamanha a perda que toda a Christandade recebeu em nosso Senhor chamar pera si nestes tão calamitosos tempos o Sancto Padre Pio V de louvada memoria, e he ella tão particularmente minha (...)».

(52) Os grandes feitos praticados por D. Sebastião, *in ipso statim adulescentiae suae quasi aditu atque ingressu*, são as vitórias obtidas pelos Portugueses em 1562 no cerco de Mazagão (referido largamente por António Pinto na oração de obediência de 1566 a Pio V), e em 1570-71 nos cercos de Goa e Chaúl, que Estaço vai agora, como ele próprio diz, resumir.

(53) *Solimanum* é Solimão, o Magnífico, o sultão otomano (1520-1566), que nas nossas crónicas aparece muitas vezes designado por Grão-Turco ou simplesmente por Turco (cf. nota 11). *Xatanan* é o Xá da Pérsia. O Pe. José Pereira de BAIÃO (*op. cit.*, p. 258) afirma que a liga contra os Portugueses fez-se «com conselho, e induzimento do Grão Turco, e do Xatamax da Persia». O mesmo se dizia no sumário dos cercos de Goa e Chaúl editado por Fr. Manuel dos SANTOS (*História Sebástica*, pp. 247-249), «Conjuraraõ-se, & fizeraõ liga entre si os mões, & mais poderosos Reys de todo o Oriente contra os Portugueses, com conselho, & induzimento do Turco, & de Xatamas, vendo o crescimento, em que hia a conversaõ daquellas partes, & os feitos dos Portugueses nellas; & juntamente em hum mesmo tempo fizeraõ guerra ao Estado da Índia».

(54) Para além das causas de ordem religiosa apontadas na oração e sublinhadas também por vários cronistas, outros factores concorreram para a formação da liga muçulmana: os excessos praticados pelos Portugueses nos últimos anos, a falta de energia e talento de que deu provas o anterior vice-rei (vd. M. Ribeiro ARTHUR, «D. Luiz de Athaide», *Occidente*, vol. XXI) e, sobretudo, o desaparecimento do mais poderoso dos nossos aliados indianos, o império de Vijaiánagar, o reino de Bismaga dos autores quinhentistas, cujo imenso exército foi totalmente aniquilado pelos muçulmanos da Índia central na decisiva batalha de Talikota, em 1565 (vd. M. A. A. Lima CRUZ, *op. cit.*, p. 986 e M. Marques DUARTE, «Introdução», *Ant. Pinto Pereira, Hist. da Índia*).

(55) O vice-rei D. Luís de Ataíde tinha enviado D. Diogo de Meneses para a costa do Malabar e Luís de Melo da Silva com uma outra armada para Malaca.

(56) *Hidalcanus* é o Hidalcão, versão portuguesa de Adil Shah, ou Adil Khan, nome usado pelos reis de Bijapor, reino que «he muito nosso vezinho (...) delle vem os mantimentos (...) de que se sustenta esta ilha e cidade de Goa», dele vem ainda a madeira e os marinheiros para as armadas portuguesas, donde o provérbio «guerra com todo o mundo; paz com o Idalcão» (vd. D. do COUTO, *op. cit.*, V, pp. 402 e sqq.) Estavam associados na conjura contra os Portugueses «o Izamaluco, & o Idalcão, & Cota Maluco, Reis Mouros da prouincia de Decão, na India Oriental» que «assentarão parcialidarse tãbem cõ o Samorim de Calecut, & cõ o tyrão da Ilha de Samatra, chamado Achem, pera por mar com suas armadas fornecidas, & por terra com seus exercitos formados, fazer cada qual num mesmo tempo a guerra que pudessem aas fortalezas finitimas, & chegadas a seus Reinos, que os Portugueses senhoreauão» (Jorge de LEMOS, *História dos cercos de Malaca*, fols. 1-3). Ao contrário de Estaço e de Diogo do Couto, António Pinto Pereira assegura que o assalto a Goa não teve nada de inesperado. Numa primeira fase o Hidalcão deu a entender ao vice-rei que se preparava

unicamente para castigar um capitão que contra ele se tinha rebelado (*op. cit.*, II, 2, fl. 6v.), mas, depois, em cartas a D. Luís de Ataíde ameaçou mesmo fazer guerra aos Portugueses (*op. cit.*, II, 4, fl. 12 e sqq.).

(57) *atque infinitam stratorum multitudinem* os gastadores são os que, num exército, trabalham com enxada, aplanam os caminhos, abrem trincheiras e fazem outras obras militares. António de CASTILHO, no seu *Comentário do cerco de Goa e Chauíl* (p. 4), conta que o vice-rei se convenceu da veracidade da ameaça inimiga por «haver nova certa, que nos caminhos da serra fervião *gastadores* de dia, e de noite». Também no exército que D. Sebastião levou a Alcácer Quibir havia número considerável de gastadores, «cêrca de três mil (...) exagero, que só se explica pelo primeiro objectivo da expedição, o cêrco e conquista de Larache» (vd. J. M. Queiróz VELLOSO, *op. cit.*, pp. 343-4). Donde se pode concluir que os gastadores eram parte imprescindível de um exército, mormente quando se destinava a expugnar uma cidade fortificada.

(58) *tormenta 'as peças de artilharia'*. Diogo do COUTO diz que os portugueses fizeram também bom uso das suas peças, com as quais «os atormentavão muito» (8ª *Década*, VII, 4, p. 640).

Dos animais estranhos ao mundo europeu, o que despertou mais curiosidade foi, sem dúvida, o elefante indiano. Nas obras de divulgação dos usos e costumes das novas terras do Oriente há sempre lugar para a descrição da «sua geração e utilidade na guerra», por exemplo, na *Conquista de las Indias, de Persia y Arabia, que hizo la armada del rey don Manuel e delas muchas tierras: diversas gentes: extrañas riquezas e grandes batallas que alla ovo*, de Juan Augur-Martín Fernández de Figueroa (Salamanca, 1512) e no *Itinerário* de Ludovico Varthema, publicado em 1510 e depois traduzido em diversas línguas e impresso muitas vezes ao longo do século (vd. A. A. Banha de ANDRADE, *Mundos Novos do Mundo*, vol. I, pp. 675-693).

(59) Em rigor, cerca de oito meses. No fim de Dezembro de 1570 chegou a vanguarda do exército do Hidalcão, que levantou o cerco em 23 de Agosto do ano seguinte.

(60) «Chegou Luis de Mello (...) a Goa huma quarta feira a seis de Março» (D. do COUTO, *op. cit.*, VII, 3, p. 638). O número setenta vezes sete é demasiado... bíblico. Segundo Jorge de LEMOS (*op. cit.*, fl. 3v-4r.), foi «Luis de Mello da Sylua, por Capitam mór de cinco galeões bem artilhados, huma gale & sete fustas, com mil soldados armados.» E António de CASTILHO (*op. cit.*, pp. 11-12) diz que Luís de Melo «commetteo sessenta vellas de guerra». Não deixa, claro está, de ser uma notável vitória.

(61) D. B. MACHADO, *Memórias para a História de Portugal* (t. III, p. 375): «forão cortados a ferro, consumidos em fogo, e sepultados em água doze mil homens, trezentos elefantes, quatro mil cavallos, e seis mil boys». O Hidalcão viu-se obrigado a retirar, dado o impasse a que tinha chegado o cerco, e a proximidade do Verão que tiraria Goa do seu isolamento e permitiria a organização de expedições punitivas aos seus territórios.

(62) Zamaluco, ou Nizamaluco, Nizamoxa, ou Inizamoxa são os vários nomes que os Portugueses davam ao sultão de Ahmadnagar. O Nizam-ul-Mulk era o 'administrador do reino', nos reinos muçulmanos da Índia. Todos os soberanos tinham o seu nizamaluco, que por vezes lhes disputava o poder. O rei de Ahmadnagar conservava ainda esse título. Este Nizamaluco é Murtaza Nizam Shah, que reinou de 1565 a 1588 (vd. M. A. A. LIMA CRUZ, *op. cit.*, e M. Marques DUARTE, *op. cit.*).

(63) «The Portuguese town of Chaul lay 357 Km N. of Goa and 56 Km S. of Bombay at the Kundalika river. (...) For protection against naval attacks, a tiny citadel and a small bastion called S. Francisco had stealthily been built S.E. and N.W. respectively, with an inconspicuous connecting wall along the W. and S. shores which continued along the S.E. bank as far as the ferry crossing.

These were the only fortifications in existence at the beginning of the 1570 siege. There were no defenses of any sort along the N. side of the town.», R. O. W. GOERTZ, *Attack and defense techniques in the siege of Chaul 1570/71*, Lisboa, Inst. Invest. Cient. Tropical, 1985. «Contra esta potencia estava a nossa cidade sem muros, sem cavas, sem fortificação alguma mais que huns entulhos como ja disse com paos de teca, traves, portas de janelas das casas, palmeiras, balas d'algodão e outras cousas tão fracas como estas», D. do COUTO, *op. cit.*, VI, 4, p. 525.

(64) Chaul esteve sitiada desde o início de Novembro, segundo Castilho (*op. cit.*, p. 21), ou desde 15 de Dezembro, de acordo com Couto (*op. cit.*, VI, 4, p. 516), até fins de Junho, inícios de Julho. As condições de paz foram acordadas no dia de S. Tiago, a 25 de Julho (vd. R. GOERTZ, *op. cit.*, p. 280).

(65) «(...) a guerra que elles [os mouros] mais sentirão que todas (...) foi que os nossos soldados (...) sairão pellas tranqueiras fora, e hião cada dia duas e tres vezes cometer os mouros e algumas vezes atee suas estancias», D. do COUTO, *op. cit.*, VI, 9, p. 570.

(66) Não encontramos nos cronistas destes cercos qualquer referência ao 'milagre' da maré-cheia. Quanto à aparição tutelar da Virgem, pode-se ler em D. do COUTO, *op. cit.*, VII, 8, p. 695: «(...) e entre algumas praticas que tiverão com os nossos lhe perguntarão os mouros, que molher era huma muito fermosa vestida de branco que em todas as batalhas andou pellejando da parte dos nossos, e que desviava os pelouros e settas com a borda do manto pera que não ofendessem aos nossos; e dispois das pazes feitas que hião comunicar à nossa fortaleza levou o padre vigairo alguns que virão aquella senhora à see, e lhes mostrou huma imagem sua que aly estava e preguntando-lhes se era aquella, responderão que não que a outra era mais fermosa e com tudo se prostarão diante de aquella senhora que lhe mostrãrão e lhe fizerão grande veneração.»

(67) *o pietas, o prisca fides, inuictaque bello Dextera* Virgílio, *Eneida*, 6. 878-9: «Heu pietas, heu prisca fides inuictaque bello dextera!». Apesar da lamentação de Anquises ser substituída por uma simples exclamação - em vez de *heu, o* - como que se insinua subrepticamente um mau presságio nesta alusão ao epicédio de Marcelo (vd. J. PERRET, *Virgile, Enéide, livres V-VIII*, Paris, Les Belles Lettres, 1978 e M. H. ROCHA PEREIRA, *Romana*, Coimbra, 1986, pp.164-5).

(68) A 17 de Agosto, D. Sebastião, ocultando ainda as suas intenções, embarcou em Cascais rumo a Marrocos, depois de ter escrito ao seu embaixador em Roma e ao Papa solicitando-lhe autorização para transformar os «prazos do reino em fateusins (...) para suprimimento da guerra de Africa» (vd. Queiróz VELLOSO, *op. cit.*, pp. 193 e sqq.). Talvez haja uma relação entre a atitude do rei e a demora de J. Gomes da Silva em prestar a obediência. Ao anunciar nesta solene cerimónia a expedição africana, colhia de surpresa a Cúria e obtinha assim um extraordinário efeito, que poderia ser vantajoso quanto à concessão do subsídio.

non modo ut praesit, sed etiam intersit O que provocou a expedição foi sobretudo o desejo régio de combater pessoalmente com os mouros. Daf a quatro anos, em Alcácer, D. Sebastião vai mostrar-se de novo, como escreveram vários cronistas, mais cavaleiro do que capitão, fazendo sempre officio de sargento-mor. Atitude que significativamente está em flagrante contraste com a de D. João II na tomada de Arzila (vd. oração de obediência pronunciada por Vasco Fernandes de Lucena: *qui* (D. João II) *uix pubere aetate in Aphricam cum Alfonso patre traiciens in Arzille magni et egregii oppidi obsidione non militaribus tantum sed imperatoriis etiam muneribus functus*).

(69) A resposta de Gregório XIII foi uma justa reprimenda: «Lectis literis Maiestatis tuae de suscepta in barbaros Christi hostes expeditione, et profectone, non leuiter a principio commoti sumus. Commotionis causa erat nostra erga te, atque erga istud regnum charitas paterna: sic enim cogitabamus te adhuc sine uxore, ac sine liberis esse proficisci ad ea loca quae sunt longe alia natura, et coeli temperatione, quam ea in quibus natus, atque alitus es, talem autem mutationem saepe homines experiri non sine maximo ualetudinis, ac uitae etiam discrimine, adire etiam Maiestatem tuam grauissima

pericula terra, marique, quibus periculis istius modis nauigationes atque incepta referta sunt». Breve de 28 de Setembro publicado no *Corp. Dipl. Port.*, vol. X, pp. 495-6.

(70) A data é confirmada por MONTAIGNE no seu *Journal de voyage en Italie*: «Le 18 [de Março], l'ambassadeur de Portugal fit l'obédience au pape du royaume de Portugal pour le roi Philippe, ce même ambassadeur qui était ici pour le roi trépassé et pour les Etats contrariants au roi Philippe. (...) Je vis la pompe espagnole. On fit une salve de canons au château Saint-Ange et l'ambassadeur fut conduit au palais par les trompettes et tambours et archers du pape. Je n'entrai pas au dedans voir la harangue et la cérémonie.» (*Oeuvres complètes*, pp. 497-498). É curioso notar que foi prestada obediência em nome de Filipe, rei de Portugal, quando legalmente ainda não o era, pois só viria a ser jurado a 16 de Abril.

(71) *nouum regnum* Aqui significa simplesmente 'novo reinado' (para as várias acepções da palavra vd. Francisco de OLIVEIRA, *Ideias morais e políticas em Plínio-o-Antigo*, Coimbra, 1986, pp. 6 e 360).

(72) Cf. supra n. (9). Estas *insignia* remetem para as *Lusitanorum Regum Insignia*, cujos motivos e significados Estaço explicara aos romanos no poema em hexâmetros dactílicos publicado juntamente com a *oratio* de 1574.

(73) Cf. Frei Amador ARRAIS, «Da glória e triunfo dos Lusitanos», cap. XXVII, *Diálogos*, Lisboa, Sá da Costa, 1981, p. 98: «(...) estamos os Portugueses tão ricos de exemplos próprios, que bem podemos escusar os alheios».

(74) Embora com menor fortuna do que a alegoria da nau do Estado, esta, em que se compara o rei a um lavrador e o reino a um campo, alegoria de matriz bíblica, pode-se ver também na oração panegírica em louvor de D. João III, proferida por André de Resende em 1551 no Colégio das Artes (vd. G. de Paiva DOMINGUES, *Oração de A. de Resende pronunciada no Colégio das Artes em 1551*, p. 53).

(75) *interroga, inquit, patrem tuum...* Esta citação é tirada de um cântico de Moisés (*Deuteronomio*, 32, 7) que seria bem conhecido dos ouvintes, pois vem na liturgia das horas do Tempo da Quaresma e do Tempo Pascal. A resposta dada pelos antepassados vem no versículo seguinte: *Quando diuidebat Altissimus gentes, quando separabat filios Adam, constituit terminus populorum iuxta numerum filiorum Israel*. Segundo a lição dos Setenta, anjos da guarda protegiam as fronteiras de cada povo. As fronteiras do novo Israel, Portugal, são sagradas, como que de instituição divina. Assim, além de comprometer o novo rei com as tradições de Portugal, esta citação é uma exortação ao respeito pela independência nacional contra qualquer veleidade de diluição do reino na Espanha (vd. *Breviarium Romanum*, Pars Verna e L. PIROT - A. CLAMER, *La Sainte Bible*, texte latin et traduction française..., t. II, pp. 716-7).

(76) Filipe II de Espanha, I de Portugal, era filho da imperatriz D. Isabel de Portugal e neto do nosso rei D. Manuel. Durante o reinado de D. Sebastião, Filipe II gostava de assumir o papel de chefe de família da Casa Real Portuguesa e bastas vezes interveio para resolver as desavenças entre D. Catarina, D. Sebastião, D. Henrique e D. António. Na carta de 24.3.1579 em que anuncia à Câmara de Lisboa os seus direitos ao trono português, Filipe II recorda: «não é Rei estrangeiro o que vos ha de herdar senão tão natural como vos disse, pois foi neto e filho de vossos príncipes naturais e de seu mesmo sangue, e serei tam pai de cada um como todos vereis quando Deus fôr servido» (vd. *Cartas dos grandes do mundo*, ed. por Ricardo JORGE, p. 95).

(77) *Provérbios*, 6, 20, versículo que abre uma fiada de conselhos sobre a atitude face à mulher dissoluta; este texto é um aviso sobre os perigos de cobiçar a mulher do próximo.

(78) Paráfrase de *Provérbios*, 6, 21: *Liga ea in corde tuo iugiter, / Et circumda gutturi tuo.*

(79) *Spartam nactus es, hanc orna* Sentença corrente no séc. XVI e que remonta a um fragmento do *Télefo* de Eurípides. Erasmo no seu *Adagiorum opus* interpreta-a com exemplos tirados da história sua contemporânea para concluir «prouerbiū igitur ad uarios usus licebit accomodare: uel cum admonebimus, ut suam quisquam personam, quam suscepit, cum decore tueatur». Para a origem, evolução e uso desta máxima desde a Antiguidade até aos humanistas de quinhentos vd. A. Costa RAMALHO, «Duas nótulas de Português literário do séc. XVI », *ACTAS do V Colóquio Int. de Est. Luso-Brasileiros*, Coimbra, 3 (1966), pp. 381-387.

(80) Vd. *História de Portugal* dirigida por Damião Peres, Barcelos, 1933, vol. V, p. 207.

(81) Horácio, *Carm.* 3. 30, vv. 7-8: *usque ego postera / crescam laude recens.*

(82) *orator* significa 'embaixador' (vd. n. 13). Era delicada a posição de João Gomes da Silva, embaixador dos anteriores reis D. Sebastião e D. Henrique. Daf que seja creditado de *pro rege suo sponsor idoneus*. Barbosa MACHADO (*Bibliotheca Lusitana*, t. II, p. 671) diz que Filipe II e Filipe III o conservaram como vedor da Fazenda e conselheiro de Estado, cargos para que tinha sido nomeado por D. Henrique. Incorre em erro o abade de Sever, uma vez que J. Gomes da Silva morreu antes de 18 de Outubro de 1593, como se pode ver em Anselmo Braancamp FREIRE (*Brasões da Sala de Sintra*, vol. II, p. 105), e Filipe III, II de Portugal, só subiu ao trono em 1598.

BIBLIOGRAFIA

(Página deixada propositadamente em branco)

BIBLIOGRAFIA

1. ORAÇÕES DE OBEDIÊNCIA

ALMEIDA, D. Fernando de, *Ad Alexandrum VI Pontificem Maximum Ferdinandi de Almeida electi Ecclesiae Septinensis et serenissimi Iohannis II Regis Portugalliae oratoris oratio.* (Roma?, 1493?) *apud* Abel Fontoura da COSTA, *Às portas da Índia em 1484.* Lisboa, Imprensa da Armada, 1935-1936.

CALDEIRA, António Vellez, *Oraçam na solemne embaixada de Obediencia, que em nome de serenmo Prncepe D. Pedro, (...) deu o seu Embaxador Extraordinario o Excellentissimo Senhor D. Francisco de Souza, Marques das Minas etc. ao nosso Santissimo Padre Clemente X. Feita em Consistorio publico em 22 de Mayo de 1670 pelo doutor Antonio Vellez Caldeyra (...). Traduzida de Latim em Portuguez.* Lisboa, a custa de Miguel Manescal, 1671. BGUC-VT-16-9-43.

ESTAÇO, Aquiles, *Ad Pium III Pontificem Maximum Sebastiani I, Portugalliae Algarbiorum etc. Regis nomine oboedientiam praestante Laurentio Pirez de Tauora, oratio habita ab Achille Statio Lusitano.* (Roma?), 1560. BGUC-VT-19-7-1

....., *Oratio habita ab Achille Statio Lusitano in pleno consistorio ad Pium V Pontificem Maximum Illustrissimi Fratris Ioannis Valettae Magni Magistri, ac totius ordinis Sancti Ioannis Hierosolymitani nomine Illustri Fratre Petro de Monte Capuae Priore oboedientiam praestante.* Romae, *apud* Iulium Bolanum de Accoltis, s.d.. BN de Florença M-1.D 13-30; M-108. 1 e M-75.

....., *Achillis Statii Lusitani oratio oboedientialis Sebastiani I Regis Lusitaniae nomine habita; eiusdem Monomachia nauis Lusitanae et Insignia Regum Lusitaniae uersibus descripta.* Romae, *apud* Iosephum de Angelis, 1574. BGUC- VT-V-65; BN de Lisboa Res. 299 v..

....., *Oratio habita ab Achille Statio Lusitano in Consistorio publico XVIII Martii 1581.*

B. Apostólica Vaticana Barb. Lat. 5215, fls. 196 sqq.. Publicada por J. Gomes BRANCO, «Os discursos em Latim do humanista Aquiles Estaço», *Euphrosyne* 1 (1957), pp. 3-23.

LUCENA, Vasco Fernandes de, *Valasci Ferdinandi utriusque iurisconsulti illustrissimi regis Portugalliae oratoris ad Innocentium VIII Pontificem Maximum de oboedientia oratio*. (Roma?, 6 fls. 1485?, 8 fls.1492) BGUC VT-20-8-6.

PACHECO, Diogo, *Oboedientia potentissimi Emanuelis Lusitaniae Regis per clarissimum iurisconsultum Dieghum Pacettum oratorem ad Iulium II Pontificem Maximum. Anno Domini M D V pridie nonis Iuniis*. (Roma?, 1505?, Eucharius Silber ?) BGUC-VT-V-57.

....., *Emanuelis Lusitaniae Algarbiorum, Africae, Aethiopiae, Arabiae, Persiae, Indiae Regis inuictissimi oboedientia*. (Roma? 1514?) BGUC-VT-19-7-6- E VT- 20-8-7.

PINTO, António, *Oratio ad Pium V Pontificem Maximum in publico consistorio habita, illustrissimo D. Ferdinando Menesio Sebastiani I Portugalliae Regis nomine oboedientiam praestante, XIII Aprilis, MD LXVI*. Romae, apud Iulium Bolanum de Accoltis, 1566. BN de Lisboa Res. 4047 P.

2. OUTRAS OBRAS

ALBUQUERQUE, Martim de, *Orações de obediência dos Reis de Portugal aos Sumos Pontífices*, organização, introdução e notas bibliográficas por..., traduções do latim por Miguel Pinto de Meneses. Lisboa, Edições Inapa, 1988.

....., «O poder político no Renascimento Português», *Estudos Políticos e Sociais*, Lisboa, 4 (1966), pp. 363-452.

....., «O valor politológico do Sebastianismo», *Arquivos do Centro Cultural Português*, 8 (1974), pp. 265-294.

ALMEIDA, Fortunato de, *História da Igreja em Portugal*. Porto, Portucalense Editora, 1967.

ALMEIDA, Justino Mendes de, «Uma carta de D. Sebastião ao humanista Aquiles Estação», *Revista da Faculdade de Letras de Lisboa*, 22 (1956), pp. 319-320.

- ANDRADE, António Alberto Banha de, *Mundos Novos do Mundo - Panorama da difusão pela Europa, de notícias dos Descobrimentos Geográficos Portugueses*, 2 vols.. Lisboa, Junta de Investigações do Ultramar, 1972.
- ANDRÉ, Carlos Ascenso, *Um poeta no exílio. Portugal na obra de Diogo Pires*. Coimbra, 1984.
- ANTONIO, Nicolau, *Bibliotheca Hispana Noua*. Madriti, apud Joachim de Ibarra Typographum Regium, 1783.
- ARQUILLIÈRE, H. X., *L'Augustinisme politique. Essai sur la formation des théories politiques du Moyen-Age*. Paris, Librairie J. Vrin, 1934.
- ARTHUR, Maria Ribeiro, «D. Luiz d'Athayde», separata de *Occidente*, 21 (1898).
- AUBIN, Jean, «Duarte Galvão», *Arquivos do Centro Cultural Português*, 9 (1975), pp. 43-85.
- AUGUSTIN DE FUNES, Fray Don Juan, *Coronica de la ilustrissima milicia, y sagrada religion de san Juan Bautista de Jerusalem*. Valencia, Miguel Sorolla, 1626.
- BAIÃO, Pe. José Pereira de, *Portugal cuidadoso e lastimado*. Lisboa Occidental, na officina de António de Sousa da Silva, 1737.
- BAPTISTA, Júlio César, «Portugal e o Cisma do Ocidente», *Lusitânia Sacra*, Lisboa, 1 (1956), pp. 65-203.
- BARRACLOUGH, Geoffrey, *Os Papas na Idade Média*. Lisboa, Editorial Verbo, 1972. [título original: *The Medieval Papacy*. London, Thames and Hudson, 1968].
- BARREIROS, Gaspar, *Chorographia de alguns lugares que stam em hum caminho (...) começãdo na cidade de Badajoz em Castella, te à de Milam (...)*. Coimbra, Acta Universitatis Conimbricensis, 1968 [Coimbra, João Álvares, 1561].
- BARTOLI, Marina La Tella, «A proposito di Aquiles Estação e dei Carmina del codice vallicelliano B 106», *Annali Istituto Universitario Orientale Sezione Romanza*, 17 (1975), pp. 293-362.
- Biblia Sacra iuxta Vulgatam Clementinam* nova editio logicis partitionibus aliisque subsidiis ornata a Alberto COLUNGA, O.P., et Laurentio TURRADO. Madrid, BAC, 71985.
- Bibliografia Geral Portuguesa*, Vol. II, Academia das Ciências de Lisboa, 1943.

- BORIAUD, Jean-Yves, «L'orator Christianus», *Bulletin de l'Association Guillaume Budé*, 2 (1988), pp. 162-172.
- BOURDON, Léon, «Jerónimo Osório et Stanislas Hosius d'après leur correspondance (1565-1578)» separata do *Boletim da Biblioteca da Universidade de Coimbra*, 23 (1956).
- BOURDON Léon, «Jugements d'Humanistes anglais sur le "ciceronianisme" de Jerónimo Osório», *Humanitas*, 6-7 (1958), pp. 21-32.
-, «L'Ambassade de João Gomes da Silva en France», *Bulletin des Études Portugaises*, 20 (1957), pp. 5-86.
-, «Relations "littéraires" portugaises de Juan Bautista Muñoz (1784-1799)», *Arquivos do Centro Cultural Português*, 8 (1974), pp. 405-536.
- BRANCO, José Gomes, «Os discursos em latim do humanista Aquiles Estaço», *Euphrosyne*, 1 (1957), pp. 3-23.
-, «Uma comemoração de Achilles Staius Lusitanus», *Humanitas*, 2 (1948-1949), pp. 405-406.
-, «A propósito da primeira obra de Achilles Staius Lusitanus», *Humanitas*, 2 (1948-1949), pp. 81-92.
-, «A propósito do *Tibullus cum Commentario Achillis Statii Lusitani*», *Euphrosyne*, NS 9 (1979), pp. 87-117.
-, «Un umanista portoghese in Italia: Achilles Estaço», *Relazioni storiche fra l'Italia e il Portogallo. Memorie e documenti*. Roma, Reale Accademia d'Italia, 1940, pp. 135-148.
- BRANDÃO, Mário - CRUZ, M. Lígia, *Actas dos Conselhos da Universidade de 1537 a 1557*, 3 vols.. Coimbra, 1941 a 1976.
- BRAUDEL, Fernand, *La Méditerranée et le monde méditerranéen a l'époque de Philippe II*. Paris, Armand Colin, 5 1982.
- CANTO, Eugénio do, *Papéis de...*, BGUC R-48-20.
- CASTILHO, António de, *Comentário do cerco de Goa e Chaul no anno de 1570. Sendo viso-rey D. Luis de Ataide... agora novamente reimpresso por Lucas da Sylva de Aguiar Mercador de Livros*. Lisboa Occidental, na officina Joaquiniana da Musica, 1736.

- CASTRO, Aníbal Pinto de, «Aquiles Estaço, o primeiro comentador peninsular da "Arte poética" de Horácio», *Arquivos do Centro Cultural Português*, 10 (1976), pp. 83-102.
-, «La Poétique et la Rhétorique dans la pédagogie et dans la littérature de l'Humanisme portugais», *L'Humanisme Portugais et l'Europe*, pp. 699-721. Paris, Fundação Calouste Gulbenkian / Centro Cultural Português, 1984.
-, *Retórica e teorização literária em Portugal. Do Humanismo ao Neoclassicismo*. Coimbra, 1973.
- CASTRO, Pe. José de, *Portugal no Concílio de Trento*. Lisboa, 1944 e 1945.
-, *Dom Sebastião e Dom Henrique*, Lisboa, União Gráfica 1942.
- CHEVALLIER, Jean-Jacques, *Histoire de la pensée politique*. Paris, Payot, 1979 (trad. port. Rio de Janeiro, Editora Guanabara, 1982).
- Corpo Diplomático Português*, t. VIII, IX e X. Lisboa, Typographia da Academia Real das Ciências, 1862-1886.
- CORREIA, Gaspar, *Lendas da Índia*, introd. e revisão de M. Lopes de Almeida. Porto, Lello & Irmão Editores, 1975.
- CORTESÃO, Jaime, «Domínio Ultramarino», *História de Portugal*, vol. V. Barcelos, Portucalense Editora, 1933, pp. 317-462.
- COSENZA, Mario Emilio, *Biographical and Bibliographical Dictionary of the -1800*. Boston, G. K. Hall & Co., 1962.
- COSTA, Abel Fontoura da, *Às portas da Índia em 1484*. Lisboa, Imprensa da Armada, 1935-1936.
- COUTO, Diogo do, *O Soldado prático*, texto restituído, prefácio e notas pelo Prof. M. Rodrigues Lapa. Lisboa, Livraria Sá da Costa Editora,³ 1980.
-, *Da Ásia*, década oitava, edição crítica e comentada de uma versão inédita por M. A. de Abreu Lima CRUZ. Lisboa, 1987.
- CURTIUS, Ernst Robert, *Literatura europea y Edad Media Latina*. Mexico - Madrid - Buenos Aires, Fondo de Cultura Económica, 1984 (4ª reimp.) [título original: *Europäische Literatur und lateinisches Mittelalter*. Bern, A. Francke AG Verlag, 1948].
- DANVILLA, Alfonso, *Felipe II y el rey Don Sebastián de Portugal*. Madrid, Espasa-Calpe, 1954.

- DEJOB, Charles, *De l'influence du Concile de Trente sur la Littérature et les Beaux-Arts chez les peuples catholiques*. Genève, Slatrine Reprints, 1969 [reimp. da ed. de Paris, 1884].
- DIAS, José Sebastião da Silva, *Os descobrimentos e a problemática cultural do século XVI*. Lisboa, Editorial Presença, 1982.
-, *A política cultural da época de D. João III*, vol. I. Coimbra, 1969.
- Dictionnaire d'Histoire et de Géographie Ecclésiastiques*, dirigé par A. Baudrillart, A. Vogt et U. Rouziès. Paris, Letouzey et Ané Editeurs.
- Dictionnaire de Théologie Catholique*, dirigé par A. Vacant, E. Mangenot et E. Amann. Paris, Letouzey et Ané Editeurs, 1911 e 1924.
- DOMINGUES, Gabriel de Paiva, *Oração de André de Resende pronunciada no Colégio das Artes em 1551*. Coimbra, BGUC, 1982.
- DUARTE, Manuel Marques, «Introdução», *História da Índia no tempo em que a governou o visorei Dom Luís de Ataíde*. Lisboa, INCM, 1987.
- Enciclopedia Italiana di Scienze, lettere ed arti*. Roma, Istituto della Enciclopedia Italiana.
- Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*. Lisboa, Editorial Verbo.
- Enciclopedia Universal Ilustrada Europea-Americana*. Madrid, Espasa-Calpe.
- ENGEL, Claire-Eliane, *L'Ordre de Malte en Méditerranée (1530-1798)*. Monaco, Éditions du Rocher, 1957.
- ERASMO, Desidério, *Des. Erasmi Roteradami Adagiorum Chiliades iuxta locos communes digestae*. Sumptibus haeredum Andreae Wecheli, Claudii Marnii, & Io. Aubrii, 1599.
- ERDMANN, Carl, *A ideia de Cruzada em Portugal*. Coimbra, Instituto Alemão da Universidade de Coimbra, 1940.
- ESTAÇO, Gaspar, *Tratado da Linhagem dos Estaços, naturaes da cidade de Évora*. Lisboa, Pedro Craesbeeck, 1625.
- FARIA, António de Portugal de, *Portugal e Itália. Litteratos portugueses na Itália ou coleção de subsídios para se escrever a Historia Litteraria d Portugal que dispunha e ordenava Frei Fortunato Monge Cisterciense*. Leorne, Typographia de Raphael Giusti, 1905.

- FARIA, Francisco Leite de, *Estudos bibliográficos sobre Damião de Góis e a sua época*. Lisboa, Secretaria de Estado da Cultura, 1977.
- FERNANDES, R. M. Rosado, «Breve introdução aos estudos retóricos em Portugal», H. LAUSBERG, *Elementos de retórica literária*. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1982, pp. 13-64.
- FERREIRA, Francisco Leitão, *Notícias Chronológicas da Universidade de Coimbra*. Coimbra, por ordem da Universidade, 1937 a 1944.
- FIGUEIREDO, António Pereira de, *Portugueses nos Concílios Gerais*. Lisboa, António Gomes, 1787.
- FIGUEIREDO, Fidelino de, *A épica portuguesa no séc. XVI*, edição fac-similada com apresentação de António Soares AMORA. Lisboa, INCM, 1987.
- FONSECA, Francisco da, *Évora gloriosa*. Roma, Officina Komarekiana, 1728.
- FREIRE, Anselmo Braancamp, *Notícias da Vida de André de Resende pelo Beneficiado Francisco Leitão Ferreira*. Lisboa, 1916.
- FUMAROLI, Marc, *L'âge de l'éloquence. Rhétorique et «res literaria» de la Renaissance au seuil de l'époque classique*. Genève, Librairie Droz, 1980.
- GILSON, Étienne, *La philosophie au Moyen Age. Des origines patristiques à la fin du XIVe siècle*, t. I-II. Paris, Payot, 1952.
- GOERTZ, R. O. W., «Attack and defense techniques in the siege of Chaul, 1570/71». Lisboa, Instituto de Investigação Científica Tropical, 1985, pp. 265-287.
- Jornada del-Rei Dom Sebastião à África e Crónica de Dom Henrique*. Lisboa, INCM, 1978.
- KRISTELLER, P. Oskar, «Additional on Preaching for the Popes», *The Pursuit of Holiness in late medieval and Renaissance Religion*, ed. by C. TRINKAUS with H. A. OBERMAN. Leiden, E. J. Brill, 1974, pp. 440-443.
-, *Iter Italicum*, 2 vols... Leiden, 1963 - 67 (Vol. I, Italy : Agrigento to Novara; Vol. II, Italy: Orvieto to Volterra; Vatican City).
- «Lembrança das cousas que D.Luiz de Taíde sendo visorey da India fez no seu tempo, etc....», *Relações d'Angola, tiradas do cartório dos Padres da Companhia*. BPM do Porto, MS nº 76 (Fundo Azevedo).

- LEMOS, Jorge de, *História dos cercos de Malaca*. Edição fac-similada com nota introdutória de Pedro da SILVEIRA. Lisboa, Biblioteca Nacional, 1982 [Lisboa, Manuel de Lira, 1585].
- LOBO, Francisco Rodrigues, *Cartas dos grandes do mundo*, ed. por Ricardo Jorge. Coimbra, 1934.
- MACHADO, Diogo Barbosa, *Bibliotheca Lusitana*. Coimbra, Atlântida Editora, 1965-1967 [1741-1759].
-, *Memórias para a História de Portugal, que compreendem o governo d'El-Rey D. Sebastião do anno de 1554, até ao anno de 1579*. Lisboa, na regia Officina Sylvianna, e da Academia Real, 1747.
- D. MANUEL I, *Epistola ad Summum Romanum Pontificem*. Edição fac-similada, nota prévia de Artur ANSELMO. Lisboa, Biblioteca Nacional, 1981 [Lisboa, Valentim Fernandes, c. 1505].
- MARQUES, Alfredo Pinheiro, *Origem e desenvolvimento da Cartografia Portuguesa na Época dos Descobrimentos*. Lisboa, INCM, 1987.
- MARTINS, J. V. de Pina, «L'Humanisme chrétien au Portugal (XVIe siècle)», *L'Humanisme portugais et l'Europe*, pp. 15-29. Paris, Fundação Calouste Gulbenkian / Centro Cultural Português, 1984.
-, *Humanismo e Erasmismo na Cultura Portuguesa do Século XVI. Estudo e Textos*. Paris, Fundação Calouste Gulbenkian / Centro Cultural Português, 1973.
- MATHIEU-ROSAY, Jean, *Chronologie des papes*. Marabout Alleur (Belgique), 1988.
- MATOS, Luís de, «L'expansion portugaise dans la littérature latine de la Renaissance», *L'Humanisme Portugais et l'Europe*, pp. 397-417. Paris, Fundação Calouste Gulbenkian / Centro Cultural Português, 1984.
-, «L'Humanisme Portugais et ses relations avec l'Europe», *Bulletin des Études Portugaises*, Lisboa, 26 (1965), pp. 45-65.
-, *Les Portugais à l'Université de Paris entre 1500 et 1550*, Coimbra, por ordem da Universidade de Coimbra, 1950.
- Memorial de Pero Roiz Soares*, ed. M. Lopes de Almeida. Coimbra, Atlântida Editora, 1953.

- MENÉNDEZ-PIDAL, Ramón, *Historia de España*, 19º tomo, vol. I *España en tiempo de Felipe II (1556-1598)*. Madrid, Espasa-Calpe, 1935 (1966).
- MENESES, D. Manuel de, *A chronica delRey D. Sebastião*. Lisboa Occidental, na Officina Ferreyriana, 1730.
- MONTAIGNE, M. de, *Oeuvres complètes*. Préface d'André Maurois de l'Académie Française. Texte établi et annoté par Robert Barral en collaboration avec Pierre Michel. Paris, Sèuil, 1967.
- MOSER, Gerald M., «Portuguese Pamphlets», *The Newberry Library Bulletin*, 7 (1954), pp. 206-215.
- NAVARRO, Alberto, *Ensaaios bio-bibliográficos*. Lisboa, Férin, 1965.
- NOLHAC, Pierre de, *Ronsard et l'Humanisme*. Paris, Librairie Honoré Champion, 1966.
- OLIVEIRA, Pº. Fernão de, *Arte da guerra do mar*. Lisboa, Ministério da Marinha, 1969 (1555).
- O'MALLEY, John W., *Praise and blame in Renaissance Rome: rhetoric, doctrine, and Reform in the sacred orators of the Papal Court, c. 1450-1521*. Durham (North Carolina USA), Duke University Press, 1979.
-, «Preaching for the Popes», *The Pursuit of Holiness in late medieval and Renaissance Religion*, ed. by C. TRINKAUS with H. A. OBERMAN. Leiden, E. J. Brill, 1974, pp. 408-440.
- OSÓRIO, D. Jerónimo, *Carta à Rainha da Inglaterra*, introdução de J. V. de Pina MARTINS; Crítica e modernização do texto, tradução e notas de Sebastião de PINHO. Lisboa, Biblioteca Nacional, 1981.
- The Oxford Classical Dictionnary*. Edited by N.G.L. HAMMOND and H. H. SCULLARD. Oxford, At the Clarendon Press,²1979.
- PAPADOPOLI, Nicola Comneno, *Historia Gymnasii Patauini*, t. II. Venetiis, apud Sebastianum Coleti, 1726.
- PASTOR, Ludwig von, *Storia dei Papi*, vols. VII, VIII e IX. Roma, 1929 [título original: *Geschichte der Papste seit dem Ausgang des Mittelalters*, 16 t., Freiburg, 1923-1933].

- PEREIRA, António Pinto, *Historia da Índia no tempo em que a governou o Visorey Dom Luis de Ataide*. Coimbra, Nicolao Carualho, 1616.
- PEREIRA, Bento, *Prosódia*. Eborae, 1723.
- PERES, Damião, *História dos Descobrimentos Portugueses*. Porto, Vertente,³ 1983.
- PICHEL, Thourot, *History of the Hereditary Governement of the Sovereign Order of Saint John of Jerusalem, Knights of Malta*. Maltese Cross Press, ²1970.
- PIGHI, Joannes Baptista, «Achillis Statii lectiones atque emendationes Catullianae», *Humanitas*, 3 (1950-1951), pp. 37-160.
- PINA, Rui de, *Crónicas*. Introdução e revisão de M. Lopes de Almeida. Porto, Lello & Irmão - Editores, 1977.
- PIROT, L. - CLAMER, A., *La Sainte Bible, texte latin et traduction française d'après les textes originaux avec un commentaire exégétique et théologique commencée sous la direction de Louis Pirot... continuée sous la direction de Albert Clamer*. Paris, Letouzey et Ané Editeurs, 1946.
- PRESTAGE, Edgar, «Novas informações sobre a embaixada de João Gomes da Silva a França», *Revista de História*, 6 (1917), pp. 352-353.
- RADULET, Cármen M., «As viagens de Diogo Cão: um problema ainda em aberto», separata da *Revista da Universidade de Coimbra*, 34 (1988), pp. 105-119.
- RAMALHO, A. Costa, «Cícero nas orações universitárias do Renascimento», *Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, II série 1 (1985), pp. 29-46.
-, *Latim Renascentista em Portugal (antologia)*. Coimbra, INIC, 1985.
-, «Notas sobre a formação de Aquiles Estaço», *Biblos* 54 (1978), pp. 239-252; *Estudos sobre o século XVI*. Paris, 1980, pp. 293-310.
-, «The Portuguese Pamphlets», *The Library of Congress Quartely Journal of current acquisitions*, 20 (1963).
-, recensão a F. M. ROGERS, *The Obedience of a King of Portugal*, *Humanitas*, 13-14 (1961-1962), pp. 435-437.
-, «Duas nótuas de Português literário do século XVI», *Actas do V Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros*, Coimbra, 3 (1966), pp. 381-387.
-, «Tradução da carta latina de Aquiles Estaço a Guido Sforza», in Alves

- FERREIRA, «O mais antigo mapa de Portugal», *Boletim do Centro de Estudos Geográficos*, 2 (1956), p. 12.
- RINGELBERG, Joaquim, *Rhetorica*. Conimbricæ, apud Joannem Barrerium et Joannem Aluarum, 1550 (BGUC R-18-11).
- ROGERS, Francis M., *The obedience of a King of Portugal*. Minneapolis, 1958.
- ROSA, Lucia Gualdo, «Ciceroniano o Cristiano, a proposito dell'orazione *de Morte Christi* di Tommaso Fedra Inghirami », *Humanistica Lovaniensia*, 34 A (1985), pp. 52-64.
- SÁ, Artur Moreira de, «Manuscritos e obras impressas de Aquiles Estação», *Arquivo de Bibliografia Portuguesa*, 12 (1957), p. 167-178.
-, *Humanistas portugueses em Itália*. Lisboa, INCM, 1983.
- SANTARÉM, Visconde de, *Quadro elementar das relações políticas e diplomáticas de Portugal com as diversas potências do mundo*. Paris, 1843.
- SANTOS, Frei Manuel dos, *História Sebástica*. Lisboa Occidental, na officina de António Pedrozo Galram, 1735.
- SERRÃO, Joaquim Veríssimo, *Itinerários de El-Rei D. Sebastião (1568-1578)*. Lisboa, Academia Portuguesa de História, 2¹⁹⁸⁷.
- SÍCULO, Cataldo Parísio, *Cataldi epistolarum et quarundam Orationum secunda pars*. s.l., s.d..
- SIGONIO, Carlo, *Opera omnia*, t. I. Mediolani, in aedibus Palatinis, 1732.
- SILVA, Nuno Espinosa Gomes da, *Humanismo e direito em Portugal no século XVI*. Lisboa, 1964.
- SOARES, Naír de Nazaré Castro, *Epístola do muito poderoso e invencível Manuel Rei de Portugal e dos Algarves etc. Das vitórias que obteve na Índia e em Malaca. Ao Santo Padre, em Cristo, e Senhor Nosso, Senhor Leão X, Pontífice Máximo*. Reprodução facsimilada, leitura moderna, tradução e notas de... Coimbra, Biblioteca Geral da Universidade, 1979.
- SOTTOMAYOR, Ana Paula Quintela Ferreira - CRUZ, António, «Carta-dedicatória de Erasmo a D. João III», *Revista da Faculdade de Letras*, Porto 2 (1971), pp. 209-223.
- SOUSA, António Caetano de, *Provas da História Genealógica da Casa Real Portuguesa*. Coimbra, Livraria Editora, 1946-1954.

- «Terlado de hua carta de Roma em que se escreveu como se fizeram nella as exequias por el Rey dom Sebastião», *Regras que ensinam a maneira de escrever a lingua portuguesa*, BPM do Porto, MS nº63 (Fundo Azevedo).
- TERRA, José da Silva, «Nouveaux documents sur les portugais à l'Université de Paris (XVIIe Siècle)», *Arquivos do Centro Cultural Português*, 5 (1972), pp. 190-260.
- THOMAZ, Luís Filipe, «Cruzada e Anti-Cruzada», *Communio. Revista Internacional Católica*, 6 (1985), pp. 515-528.
- TORRES, Amadeu, «Damião de Góis e o pensamento renascentista: do ciceronianismo ao eclectismo», *Arquivos do Centro Cultural Português*, 17 (1982), pp. 3-40.
- TRUYOL Y SERRA, Antonio, *Historia de la Filosofía del Derecho y del Estado*, vol. I. Madrid, Alianza Editorial,²1982.
- ULLMAN, B. L., *The identification of the manuscripts of Catullus cited in Statius's edition of 1566*. Chicago, University of Chicago Press, 1908.
-, «Achilles Statius' manuscripts of Tibullus», *Didascaliae Studies in honor of Anselm M. Albareda*, ed. by Prete S.. New York, Rosenthal, 1961, pp. 449-468.
- VASCONCELOS, Carolina Michaelis de, *Notas Vicentinas, Notas I a V*. Lisboa, Edição da Revista *Ocidente*, 1949.
- VASCONCELOS, J. Leite de, «Papeis de Achilles Estaço», *Petrus Nonnius*, 3 (1941), pp. 153-170.
- VELLOSO, J. M. Queiróz, «História política», *História de Portugal* vol. V. Barcelos, Portucalense Editora, 1933.
-, *D. Sebastião*, Empresa Nacional de Publicidade, Lisboa, ³1945.
- VERTOT, René Aubert de, *Histoire des Chevaliers Hospitalaires de S. Jean de Jerusalem, appelez depuis les Chevaliers de Rhodes et aujourd'hui les Chevaliers de Malte*. Paris, Rollin-Quillau-Desaint, 1726.
- VILLEY, Michel, *La Croisade: essai sur la formation d'une théorie juridique*. Paris, Librairie Philosophique J. Vrin, 1942.
- WITTE, Charles-Martial de (O.S.B.), «Saint Charles Borromée et la Couronne de Portugal», *Boletim Internacional de Bibliografia Luso-Brasileira*, 7 (1966), pp. 114-119 e 156.

FAC - SÍMILE

(Página deixada propositadamente em branco)

III.

AD PIVM IIII.

PONT. MAX.

SEBASTIANI. I. PORTVGALLIAE

ALGARBIORVM ETC. REGIS

NOMINE,

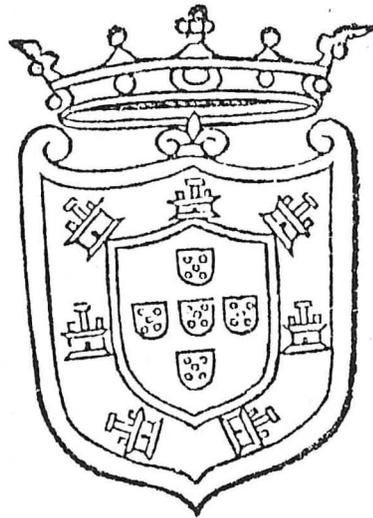
OBEDIENTIAM PRAESTANTE

LAVRENTIO PIREZ DE TAVORA

ORATIO HABITA AB ACHILLE STATIO

LVSITANO XIII. CAL. IVM. ANNO SALVTIS

M D LX.





I Q V O quisque est pietatis studio
flagrantior, religionum obseruan-
tior, maiestatis cultusque diuini lon-
ge lateque propagandi cupidior, eo
magis etiam Pontificis Maximi vis-
ta moribusque Sanctissimi creatione laetatur, quo
tandem gaudio Beatissime Pater, Lusitaniae Regem
affectum fuisse putas, cum ad eum primum allatum
est, in hanc te honoris & dignitatis celsissimam Se-
dem Patrum omnium suffragiis ascendisse? quas il-
le cum Deo imprimis ipsi, tum vobis Patres, secun-
dum Deum gratias egit, quos Spiritus Sanctus in
vnam eandemque mentem impulerit, quasque con-
flarit, vt re tamdiu tot quaestionibus, vestrumque
omnium iudiciis agitata, tantum ac talem virum de
communi sententia Pontificem Maximum dicere-
tis. Quo viro nihil profecto calamitosissimis his
temporibus salutaris aptiusue inueniri potuit. Di-
uino enim vli consilio, rebus omnibus exhausto
atque afflicto terrarum orbi dedistis, parentem pa-
cis, rerum copiae largitorem, iustitiae conseruato-
rem, quodque caput est, christianae veteris illius re-
ligionis instauratorem ac vindicem. Tibi nunc igitur
Pie Pontifex Maxime, Sanctaeque Apostolicae
huic Sedi Sebastianus primus Portugalliae & Algar-
biorum Rex, aut pro eo Laurentius Perez de Ta-
uora vir clarissimus, magno rerum, quas vbicum-
que terrarum summa fide, prudentia, felicitate ad-
ministravit, vsu praeditus, bellique ac pacis artibus

A ii

instruēssimus, quāta maxīma potest animi alacritate ac studio & gratulatur, & sua omnia regna, fortunas, imperia, gētes sibi subditas tā varias, & carū voluntates praestanda debita obedientia reuerentiaque libentissime defert, atque summittit. Nec vero gentium tantum ac nationum, quas tot insulis sibi subiectas habet, ac tota fere Asia, & in vltimis terris tum bello maiores eius domuere, tum euangelii praedicatione ipsius ad I E S V C H R I S T I cultum notionemque traduxere, sed quascumque porro eorum exemplis excitatus in potestatem suam rediget. Quod vt speres, ac ne dubites quidem futurum, praeteritorum temporum memoria facile adduci potes; vt enim quam altissime vetera repetantur, Lusitanorum gens non vlllo vmquam tempore ab huius Sanctae Romanae Ecclesiae fide atque auctoritate vel defecit ipsa, vel a Pōtifice vlllo Maximo est alienata. Haec regum nostrorum pietas, hoc vetus ac perpetuum institutum iam inde ab vltimis vsque temporibus diligentissime retentum & conseruatum, maioribus in dies studiis atque officiis excolitur, & augetur. Incredibilis enim eorum opera innumerabilium prope gentium ad christianum nomen cotidie fit accessio. Nam cum Africae ipsi Europae semper opibus inhianti quasi frenos iniecerint, & eius vim atque impetum tum munitissimis arcibus atque oppidis represserint, tum secundissimis proeliis saepe fregerint, ad vltimas Orientis oras longissime prouecti, quos I E S V bone reges, quae imperia aut no-

strorum opibus ac robore deuicta, aut quieta & pacata per se, sed IESV CHRISTI nominis ignara, nostra omni cerimonia sacrisque ritibus imbuerunt; & institutis publice bonarum artium gymnasiis, piorum ac doctorum hominum disciplina praeceptisque frequentes mortalium coetus erudierunt. Inuidet, & nostrorum fortunam ferre non potest Solymanus, terra marique numerosissimis & infestissimis in nos barbarorum immisis copiis; victus, fusus, fugatus, nostrorum virtuti non modo cessit & viribus, sed minus iam audet longe libereque vagari; de sui finibus imperii laborat, quos fieri nostrorum victoriis videt in dies angustiores. Itaque Sebastianus Rex nec maiorum suorum gloriae, nec singulari eorum in te, ac sanctissimum hunc Cardinalium ordinem obseruantiae cedit. Te quidem ipsum Beatiss. Pater, eo magis pie ac studiose colet, quod pios maiores suos a nostris nominari cum audiat, a te Pio Pontifice Maximo tales haberi confirmarique vehementer expetit. Adolescet nimirum, & cum tua simul, illius etiam pietas elucescet. Incendes enim tu paterna ista in illum caritate atque indulgentia egregios ad omnem laudis excellentiam Regis optimi conatus. A te igitur maiorem in modum nunc petit princeps optimus, ut se tamquam filiolum quendam tuum summe diligas; se Lusitanorumque gentem in tua, atque huius Apostolicae Sedis fide mansuram in perpetuum pollicetur: optatque idem Rex Beatissime Pater, ut quam diutissime viuas, & valeas.

RESPONSVM DATVM ORATO-
RI REGIS PORTVGALLIAE

IN PVBLICO CONSISTORIO

Die 20 Maii 1560. Anno primo.

ILLVSTRIS DOMINE ORATOR.



Rato admodum, libentique animo Sanctissimus Dominus noster, vna cum Venerabilibus Fratribus suis Sanctæ Romanæ Ecclesiæ Cardinalibus obedientiam accipit: quã mandato, & nomine Clarissimæ Portugalliæ; & Algarbiorum Regis Sebastiani; ipsi, & Sedî Apostolicæ præstitisti.

Quæ de perpetua obseruantia Regum Portugallicæ erga Sanctam hanc Sedem, & de laudibus eorum abs te commemorata sunt, libentissime audiuit, & approbat. Nec vero satis digne a quoquam laudari posse existimat res ab illis non minus pie, quam fortiter gestas: quorum virtute perfectum est, vt vastissimo Oceano ab extremis fere Occidentis finibus ad vltimos Indiæ fines admirabili, & inaudita omnibus sæculis nauigatione, & ingentibus victoriis peragrato, plurimæ, & maximæ Africæ, & Indiæ nationes, innumerabilesque fere Insulæ abiecto idolorum cultu, veram pietatem, ac religionem Deo

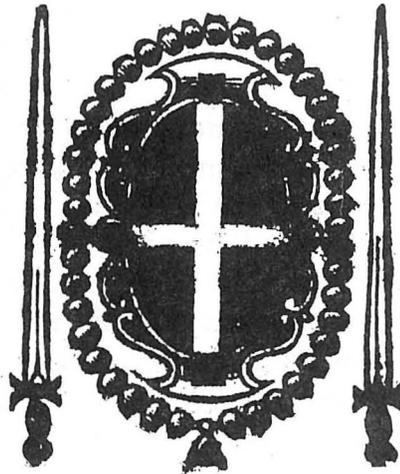
vocante susceperint.

Quibus maioribus ortum Sebastianum Regem Dominus noster confidit auguraturque, sicut in Regno illis successit: ita propagandæ religionis studio, cum adoleuerit, successurum, & cum pietate erga Sanctam hanc Sedem, tum omni virtute eorum simillimum euasurum. Itaque & paternæ eum caritate complexus est; & omnibus officiis ipsum, & Regnum eius, ac totam Lusitanorum gentem, quæ Sedem Apostolicam eximie semper obseruauit, & coluit, tuebitur, ornabit, augebit.

Ant. Lauellinus.

ORATIO
HABITA AB ACHILLE
STATIO LVSITANO
IN PLENO CONSISTORIO
AD PIVM .V. PONT. MAX.
ILLVSTRISSIMI F. IO. VALLETAE

MAGNI MAGISTRI,
ac totius ordinis S. Io. Hierosolymitani nomine
Illustri J. Petro de Monte Capuae Priore
obedientiam praestante.



ROMAE
Apud Iulium Bolanum, de Accòltis.



R A E C L A R V M sane munus
ac beneficium, cum nobis is, cu-
ius reges in ipsos imperium est;
salutarem principem dedit. Iam
vero si ad deum propius acce-
dunt, ac secundum deum princi-
pes uere dicuntur imperare, ea-
dem in terris summa felicitas
est, Ecclesiae dei praesse Pont.

Max. qui quemadmodum nomine, auctoritate, persona ce-
rerorum principum deo est ipsi proximus, ac simillimus,
sic morib. atq. omni uita uir prorsus excellens ac diuinus
habeatur. Talem te PIE Pont. Max. Catholicae dei Ecclesiae
cōtigisse, nemo non faterur, & quas maximas potest, deo lac-
tus gratias agit. cuius in nos benignitas cum saepe alias, tum
proxime, cum renunciatus es Pont. Max. plane perspecta est.
Nec enim neminem ille patrum consensus omnium, atque
ardens studium, confiteri compulit, Deum omnino aucto-
rem fuisse, Spiritum Sanctum ducem atq. impulsorem pa-
trum mentes eodem flexisse, incorrupta, atq. ab omni su-
spicione ullius uitii-uacua comitia fuisse! Quo facto Cardd.
Illustriss. uester ordo sibi iudicii, pietatis; & conseruandae
Reipi Christianae studii laudem sempiternam peperit. sar-
ctos uos ac temperantes ceteris mortalibus adprobauistis.
Quid enim: gratiamne uos, aut opes quisquam secutos di-
oct. ac eum Pont. Max. creauistis, qui ab incunte aetate longe
ab hominum oculis in religiosissimum S. Dominici sodalia-
tium sese contulerat. mentem; sensusq. suos omnes deo
uouerat; ac dixerat in altissimum illud ac sanctissimum otium
se penitus abdiderat. Sed nimirum latere diu tanta uirtus

non poterat. elucebat enim, ac suo ipsius fulgore omnem
 ad se oculos undiq. conuertebat. Itaq. ad hunc uestri ordi-
 nis amplissimum gradum breuissimo temporis. spatio per-
 uenit; longe breuiore summi loci illius auctoritatem con-
 tigit. Siquis autem est; quem tantatum commentoratio uir-
 tutum maxime delectet; is certe est Hierosolymitanorum
 ordo equitum clarissimus. qui cum Sedis Apostolicae gra-
 tia nitatur, salute ac maiestate contineatur, opib; tamquam
 succo & sanguine uitam spiritumq. ducaturq. alatur, omnib;
 eius rebus florentib; ut suis gaudeat, omnes eius felicitate-
 tes in ipsum, illum ordinem redundent, necesse est. Hoc uo-
 ro tanto Reip. bono nihil huic ordini, quo uires animosq;
 suos ex tot belli omnium, quod umquam gesserit, grauissi-
 mi laborib; ac molestiis recrearet; a Deo dari potuit opta-
 tius. Quam saepe enim cum importunissimo hoste conflixe-
 rit, ac secundis sit usus procliis, tu profecto Beatissime Pater
 minime omnium ignoras; qui legendis summo studio, co-
 gnoscendisq. rebus gestis omnis memoriae, qua uere quidq.
 dicatur, intelligis. Verum praesentis Dei numen adfuit proe-
 liantibus. Illi per o Christiani nominis, & aliorum despecti-
 memores, impetus hostum saepe fregerunt; in eorum sancti-
 impressionem fecerunt. portus, sinus, omnemq. oram ma-
 ritimam Italiae barbarorum nauigis uel captis, uel depre-
 sis, repurgarunt; nauigationem piis hominibus Hierosoly-
 tanorum sanctissimum solum aduentibus; tum negotioru-
 bus ulro citroq. comitantibus euan praestiterunt. longu-
 faciam, si quae superiorum temporum sunt, omnia comite-
 morate instituant. At uero recentem laborem, & illius lon-
 gissimae obsidionis incommoda, quis non dicam explican-
 do; sed enumerando tantum percesserit. Quo bello, singula-
 ris

ris: cuiusq. uirtus equitis enituit. etenim, quod necesse
fuit, par unus esse plurib. cernebatur. Namq. tanta uis ho-
stium ingruerat; tanta, tamq. ornata classis Melitense litus
undiq. cinxerat, ut quidquid obiecti munitiq. fuit, uel uno
statim impetu capi atq. expugnari posse uideretur, uel du-
ocendo bello consumptis uiribus facile nostros posse deleri,
uel ultro deditos in suam deniq. potestatem uenturos esse
confiderent. At nostri exigui numero, sed bello uiuida uir-
tus, eruptione nonnumquam facta, caedem fecerunt. Spo-
lia reportarunt, hostes ipsos murum subruere conatos mul-
tis confectos uulnerib. summouerunt. Vi tormentorum de-
fiecta maenia, tueri tamen oppositis corporibus ac defende-
re non destiterunt. Idem cadentes aquis, & paratis animis
mortem fortiter oppetuerunt. Quid. cum subsidii nulla,
uel tenuissima spes ostenderetur. cum res. eo demum redi-
set, ut & inopia cibariorum, & paucitate bellatorum influ-
entibus, atq. inundantibus hostium copiis laboraretur, num-
quam tamen abiecti. metu stationem deseruerunt, num-
quam pedem rettulerunt, sed a sui quisq. animi praestantia
auxilium petiuerunt. Quae autem Iohannis Valletiae Magi-
stri equitum uirtuti par inueniri possit oratio. Quam ille
summae omni memoria Imperatoris laudem non aequa-
uibus quarum. uicium egregium exemplum. specimenq.
noti dedit. An ullius unquam ducis maior fortitudo uigi-
lantia, industria, labor, assiduitas, celeritas fuit. Vlla in-
res in militari disciplina atque usu posita solertissimi uir-
tutem fugit. nunquid ille, tempore non proinde, loco
non cauit, opportune non gessit. Ita uero multus ubiq. ad-
esse, horum, & confirmare. horum quemque coram sole-
bat, in omnibus locis una tempore, praesens esse uideretur

tur

tur. et si uero equites ipsi quae imperata erant, diligenter
industriq. administrabant, nec ad uirtutem illis, ac laborū
tolerantiam quidquam deerat, idem tamen qui tam egre-
giam operam nauauerant, ad unius excellentis uiri uirtu-
tem secundum deum toleratum sustentatumq. bellum,
confectum profligatumq. ad Philippi regis Catholici tri-
umphatoris laudem inmortalemq. gloriam rettulerunt. cuius
oportunissimis ac salutaribus auxiliis, & eorum duce
clarissimo prudentissimoq. uiro D. Garcia de Toledo, fusi
hostes, fugatiq. sunt, nostri uero obsidione, praesentiq. pe-
riculo liberati demum respirarunt. Quae quamuis omnia
certis crebrisq. litteris ac nuntiis ad nos perlata sunt, hunc
tamen omni uirtutum genere praestantem uirum F. Pe-
trum de Monte Capuae Priorem, multarum antea re-
rum gestarum laudibus affluentem, nuper autem defen-
denda S. Michaelis arce, cui praecerat, spectata uirtute ac
fide; hunc, inquam, uirum, sui ordinis lumen atque or-
namentum, Magister equitum, cum sibi tam necessario
tempore abesse non liceret, ad Sanctitatem Vestram le-
gatum, belli totius testem grauissimum, uoluit accedere.
sed nec Idem nescii sumus, quanti referat partam semel
uictoriam tueri, manere illud ac stare Italiae, immo uero
totius Europae propugnaculum, quod non tam laudis
esse, quam necessitatis uideatur. Quamquam maxima
Christianorum laus agitur, hostem pulsus, amissq. Dra-
coue nobilissimo archipirata non iam occupando, tate-
um ardet; sed etiam occupandi sine lapsu nihil ante
illius conari. Solidam illam constantemq. gloriam Chri-
stianam non inuis ad omnem posteritatis memoriam pertrahere,
quae nulla demum fuisse uideretur, si breui illius
tam

tamquam usura nobis inaniter delectatis magno mox cum dolore ac dedecore carendum foret. At necessitas ipsa neminem profecto non admonet, ut eam insulam, quasi domum ac lares suos, propugnaturus accurrat. Ut enim amisso, uel abiecto clypeo, nudum latus propositum telis hostium facile caeditur, ut iamiamq. cadendum sit, sic illo saluari praesidio destituti, inhianti atq. imminenti barbarorum libidini, crudelitati, direptioni, dominatui, Sicilia, Campania, &, quod Deus auertat, reliqua demum Italia cedemus. Nam ne nimis alte repetamus exempla, ne ue longius abeamus, quotus quisque nostrum non uel meminit, uel audiuit, unius urbis Bizantii ruina totam Graeciam concidisse. non quod in una urbe illa Graeciae fortunas omnes positas & collocatas fuisse existimemus, sed quod hosti terra mariq. potentissimo, aditu non prohiberi, partem aliquam tenere satis sit, ituro facile ad cetera. sicut serpentis uirus particula corporis infecta, totum continuo corpus occupat, ac tabe consumit. Quare per Deum immortalem, cuius tu PIE Pont. Max. uinum numenq. in terris refers, id quod diligenter facis, et a superiore Pont. Max. summa cum laude factum intelligis, arcem Christiani nominis, Pauli Apostoli hospitium, filiorum tuorum sedem ac domicilium, curis omnibus tuendum tibi, ac fouendum suscipe. Regum Christianorum fidem atque opes implora. bellum coniunge. quippe causa eiusmodi est, in qua similtates, odia, inuidiam Christo IESV libentissime condonare, & in unum omnium maxime necessarium bellum quantum quisque uirium habet, atq. animi, conferre omnino debeat. Quod te Beatissime Pater, ista sapientia, auctoritate, gratia effectuum

rum

rum confidit hic ordo. eundē sibi, & uniuersali Dei Ecclesie
diu uiuere ac ualere exoptat. sollemnibus autem uerbis de-
uotus numini maiestatiq. ruae obedientiam praestat.



STATII·LVSITANI
ORATIO·OBOEDIENTIALIS
AD·GREGORIVM·XIII·PONT·MAX·
SEBASTIANI·I·REGIS·LVSITANIAE
NOMINE·HABITA



EIVSDEM

MONOMACHIA·NAVIS·LVSITANAE·ET
INSIGNIA·REGVM·LVSITANIAE
VERSIB·DESCRIPTA



CVM LICENTIA SVPERIORVM.

R O M Æ,

Apud Iosephum de Angelis.

M D LXXIV.

DAT. REGI. IPSE. SVO. ATQ., PIO. ATQ., ARMIPOTENTI
STATIVS. INGENII. MVNERA. PARVA. SVI



VOD suo, suorumq. more maiorum semper fecit, ut ex ultimis terris uel primus ipse, uel in primis certe Lusitaniae Rex, recentissimo cuiq. Pont. Max. obocdientiam simul ac gratulationem miserit, id quidem nunc si serius facit, non aut uolunta-

te, aut negligentia commissum fuisse, sed ui ac necessitate potius euenisse, tute Pater Beatissime nobis etiã tacentibus profecto intellegis. Ea uero est humanarum rerum condicio, ut cum uehementius aliquid concupieris, quoq. maturius id confici possit, commode omnia ac diligenter excogitaris, casus tamen aliquis interueniat, quo uidelicet minus cogitata procedant, teq. spes ipsa nonnumquam fallat, & conatus omnis deniq. frustretur. Nam cum allatum esset ad regem, prorsus ex animi sui sententia factum esse Pont. Max. tanto patrum consensu, tanto studio, tanta deniq. celeritate, quam uide, audire, legere non memineris, arsit scilicet incredibili statim gratulandi cupiditate. Cuius explendae mirificam sibi diuinitus oblatam facultatem putabat, ut idoneum clarissimumq. uirum, multo rerum usu praeditum, & litterarum nostrarum studiis etiam florentem, Iohannem Gometium de Sil-

A 2 ua,

ua, quem coram libenter omnes praesentem intuemur, suum id temporis. apud Christianissimum Galliae regem, Legatum, cum propius abesset, quasi e medio cursu, atq. e uestigio Romam mitteret. Ille uero cum rationes regias illic contractas haberet sic, ut eas explicare subito, seq. in uiam dare non posset, neq. tamen nulla quod iubebatur efficiendi spe diem ex die expectaret, fecit utiq. longius opinione. Quae enim tum tempestas ierit, qui domestici atq. intestini belli turbo Galliam peruaserit, qui rerum deniq. fluctus extiterint, & omnium nostrum conscientia tenentur, & sine lacrimis ac gemitu commemorari non possunt. Quibus fluctibus eos quoq., qui regem sequebantur ipsum, inuolui necesse omnino fuit. Reliquam uero temporum culpam fuisse, neq. tu nescis P.B. neq. mortalium quisquam, & ueteribus, & recentibus eximiae illius & spectatae in Apostolicam sedem pietatis argumentis admonitus sibi non facile persuadet. Quorum sane cum hic ordo amplissimus, tum tu ipse maxime testis optimus & laudator extitisti. Ut enim cetera superiorum temporum exempla praeteream, & litterarum consignata monumentis, & fando etiam saepe audita, certe quidem proxima a Pio. V. nunquam satis laudando Pontifice Max. ad regem missa legatione perspectum est, nihil illo rege Apostolicae sedis amantius, nihil obseruantius fieri, ac ne cogitari quidem unquam potuisse. Quod enim publicae laetitiae, benignitatis, beniuolentiae signum non dedit. quod officii genus Apostolicae sedis legato non detulit. quid ipsi Pont. Max. ab se non dicam

dilectam petenti nō libenter dedit, sed uolenti quoq. non
ultra ac liberaliter obtulit. Plane ut intellegeres Lusita
niae regem, instar euangelici illius maioris natu filii, in
Apostolicae sedis fide semper, ac perpetua caritate mā
sisse. Quo factum est, ut superiores illum omnes Pont.
Max. Romanae ueterem alumnū ecclesiae, suūq.
dulcissimū filium mirifice semper dilexerint. tanto
profecto amore, quantum e dolore illius licuit intelle
gere, quotiens uita functos illos orbus ipse tamquam
parentes luxit indulgentissimos. Ac iaceret ille nunc
etiam in maerore & lacrimis Pii. V. Pont. Max. pietate
& gratia priuatus, nisi illum. P. B. uirtutis tuae & pater
nae in se caritatis spes excitasset, omnemq. animi dolo
rem ac luctum penitus absterfisset. Quem enim antea
Cardinalem singularis doctrinae pietatisq. fama com
motus uehementer dilexisset, eundem postea non po
terat non uehementius Pont. Max. factum fuisse laeta
ri. Quam tamen eius laetitiam summum tuum in se,
suamq. gentem studium cumulabat. Namq. multorum
ad se litteris & sermonib. adferebatur, te Lusitanorum
res gestas, & legendo, & percunctando diligenter, unū
omnium optime cognouisse, & ecclesiae Dei, cui pro
pagandae atq. augendae in primis studerent illi, soli
tum gratulari. Itaq. te catholicae Dei ecclesiae creato
Pont. Max. habebat rex, & quod eidem ecclesiae publi
ce gratularetur, & quod sibi proprie tamquam in sinu
gauderet. Quae cum ita sint, est quod inmortali Deo,
cū alias, tum uero maxime nunc ingentes gratias agat,
cum tibi eius generis cupidissimo, ad gratulationis, &
oboc-

oboedientiae praestandae munus, habet rex, quae tuae propria uoluptatis addat munera. Victoriarum enim, supra quam dici potest, admirabilium ab eo donis adfectus, sic illa scilicet interpretatur munera, ut cum tua uoluptate suam laudem diuino consilio esse coniunctam putet. Qua quid esse coniunctione potest artius, cum alterius uoluptate, summa quoque laus alterius contineatur. Quid grauius, aut sanctius, cum ad diuini nominis gloriam pertinere utrumque, ac referri necesse sit. Ille uero maiorum suorum perpetuam Christiano nomine longe lateque propagando felicitatem, in ipso statim adulescentiae suae quasi aditu atque ingressu, rerum gestarum numero ac magnitudine uel tam aequauit, uel etiam uicit. Liceat quaeso B. P. de multis ac recentibus, unam atque alteram nostrorum uictoriarum, uerbi gratia, breuiter strictimque commemorem, nonnulla equidem meae gentis ostentatione, atque iactantia, sed Dei potius, cuius illud omne beneficium fuit, laudibus, & pia gratiaque nostrorum confessioni tantisper inferuens. Solimanum ac Xatanan parbeluarum Christiano nomini semper infestissimum, male habet scilicet fidei, nostraeque per Orientem religionis incrementum, & multiplex D. N. IESU CHRISTI triumphus crucis. Ergo suadendo, rogando, pollicendo, adiutando effecerunt, ut potentissimi totius Asiae reges in Lusitanorum, hoc est Christianorum nomen delendum funditus conspirarent. Neque uero dilatatum bellum. Namque Goam nostrorum in India metropolin, ab omni prope bello apparatus, quae classem ac militem rei

rei gerundae causa diuersum peregre dimisisset, inpa-
 ratam, Hidalcus rex nullo indicto bello, immo ue-
 ro nulla tum belli suspitione, flagitiosissime inprovisus
 obsedit. Quantis copiis, quaeque. quinq. & triginta
 equitum, & sexaginta peditum millibus. atq. iis quidem
 stipendiariis omnibus, praeter ingentem uoluntario-
 rum numerum, atq. infinitam stratorum multitudinē.
 Tormēta uero maiora ad oppugnandum comparata
 .xl. Elephantorum praeterea, quorum magnus est in
 acie usus, duo amplius millia eodem conpulsa. Quam
 cum Goenēs obsidionem prope annuam tolerassent,
 classarii militis, & quidem uictoris aduentu, qui .vii.
 rātum nauibus. Dachenorum regis. lxx. nauium classē
 instructissimam proelio uicisset, Hidalcum, caesis
 fuorum. xii. millibus, suffossis atq. confectis elephan-
 tis equisque quamplurimis, summouerunt. multis bel-
 licis machinis atq. impedimentis praecipiti fuga pas-
 sim relictis. Eodem tempore Zamalucus, sed maiore ta-
 men apparatu atq. dilectu, Chiaullum copias adduxit,
 urbem natura, aut opere minimo munitam, Quam
 longa ac diuturna obsidione quamdiu pressit, praecla-
 ra sunt a nostris edita facinora, stationem tueri non
 contentis, sed ad hostem quoque ausis progredi, ma-
 numque conferere. Itaque multis magnisque hostis adfectus
 incommodis pacem a nostris malo coactus expetiuit.
 Sed hostem magnitudo miraculorum inprimis terruit.
 quippe cui species Virginis Matris D. N. IESU CHRISTI
 pugnantibus nostris adesse uisa est. Tum quae penetrare
 ad nostros, atq. inrumpere tantum licebat, mare, quod
 statis

statis horis adfluxisset, stetit illud, nec post legitimū
 naturae tempus refluxit; aditus oclusit, hostem prohi-
 buit, nostros seruauit. Sic prorsus, ut animaduerte-
 rent conterriti hostes, se non cum mortalibus, sed cum
 Deo bellum gerere. Quod & ipsi postea palam confa-
 tebantur, neq. nulli miraculis adducti, uolentes etiam
 Christiani facti sunt. Nunc autem summum suum rex
 ardorem non ferens, ne quid ad egregiam diuini prin-
 cipis indolem deesset, aut desiderare quis posset, O pio-
 tas, o prisca fides, inuictaq. bello Dextera, rex ipse; rex
 in quā ipse rebus posthabitis omnib. non sumptui, non
 ulli suo parcens labori, quam nimirum longissime per
 suorum desideria & lacrimas abesse ei licet, in Africa;
 gerendis reb. non modo ut praesit, sed etiam intersit,
 copias traicit. Quem rari prorsus ac ueteris exempli
 conatum, tuis P. S. piorumq. omnium precibus, uo-
 tisq. publice susceptis, bene omnino ac feliciter illi
 euenturum confidimus. Dies me deficiat P. B. si regis
 pii, felicitis, triumphatoris, Christianae fidei propaga-
 toris uirtutes, atq. uictorias singulas persequi uelim.
 Quas ille nunc uictorias, omnis tibi CHRISTI Vicarō,
 summoq. Pont. de manu tradit in manum istam fide
 atq. auctoritate praestantem. Seq., suaq. omnia, gen-
 tem, regna, prouincias, opes deniq. uniuersas benigne
 pollicetur, ac defert, & sollempni catholicorum regum
 more, quanta maxima potest, id est uero, qua solet ani-
 mi deuotione, libens ac laetus oboedientiam praestat;



Oratio Sabita ab Achille Statuo

in Consist. pub. xvij Martij 1582

Novi regis novum regnum, sed minime novum
regis regniq; pietas infloruit. Munitis
Pater sanctissime, vosq; Cardinales amplissi-
mi vobis memoria tractis superiorum omnium
Portugalliae regum in Apostolicam Sedem
observantiam, fidem, pietatem, praecipuo
ac perpetua et quam propria regni illius
insignia. Haec vero memoria tantum
cupitur, sed amare. Haec ipsa, sed oscu-
lari etiam Sedes solis Apostolica. Colli-
ci sibi Sedem Apostolicam eadem omnia
L. re Philippus Lusitanica Rex invicti-
simus et vult et vult etiam eidem nunc
liberrime dicit. qui si minus antea
ecclesiae Dei pietatis nominis, si non
ubicumque terrarum notus fuerit, exemplum

illum Portugalliae regum domesticam
vel in primis impulerunt et ad eius
laudem excellentiam vehementer in-
flammarunt. Agrum filis reliquis
patris fragiferum, ex cultum, bonis
ac felicibus consistam arboribus, qua-
rum primitias fructuum quotannis
offerret Deo. Soli naturam foun-
ditatimque filius ut mutare non
potest, sic bonarum arborum non
nis bonis omnino fructus adferat.
Agni cultum si pariter similem
se esse atque rationem velit nim-
quam negligat, aut intermittat.
Agrum Portugalliae Deo. ac-
cepit Philippus, opibus quidem
maximis, sed profecto maioribus
pietatis laudibus longe honoratissimum
quod

Quid igitur tunc augustissima de
nisi uberrimos ac innumerissimos
pietatis fructus ferat! de cetero
vero studio curaque ne desertari
quidem potest. Rex enim pro-
tatis studio imbutus instituta
cunctis inmutatis atque
innatis, Portugalliam suam cum
eius gratia maxime amore quos-
dam singulari amabit scilicet, ca-
ramque habebit. Interroga, in-
quit patrem tuum, et adnuntiabi-
bit tibi, maiores tui et dicent tibi.
Illi vero in summa exemplorum
copia domi habitus unde discat.
Majores tui, hoc est superiores
Sufitaniae reges diligenter intor-
regab, et quod dicunt et adnuntiabunt.

Dant. 22

Rom. vii

cumulat perficit. Quare, inquit,
fili mi præcepta patris tui, et
ne dimittas Legem matris tuæ. Su-
perant non dico meam, sed omnium
aui eloquentissimum Romanum
facultatem parentum Philippi
Regis laudes. Et usque patre eius
unicus Imperatore tacere, matris
illæ Lusitanæ religiostrimæ ce-
terusque circumstantibus omnibus præ-
stantissimæ Principis memoriam

Rom. vii

quam sanctorum est? Legem enim in
corde suo ut iugiter ligat, et cir-
cudat guttur suo! Ego Portuga-
liam ut parentem matris memori, ut
filiolam dulcissimam Rex. præs,
filiæ, pietatis ac religionis causa.
vultu neque est amet, omnique
liber.

liberalitati ac benivolentia com-
placatur. Spontam nactus publi-
cissimam magis magisque in dies
singulos ornabit. Cuius rei in
ipso statim regem tamquam aditu-
m beneficium delatus ipse etiam
promissum magnitudine certam
exploratamque spem nobis aperdit,
atque attulit. Vivens, vivens.
utinam destissime. Philippus rex
si candidissimae famae bonus, et lu-
sitannae suae et Apostolicae Sedis
amore ac plausu. Quare. Post
post ubi terram cum caelo commu-
tarit nunquam mortuus usque
postum, ut ipse dicitur stabilissimus,
insect laudationis. Omnis ei
prospicit et dabit, et in perpetuum

adclamabit. Summum itaque Phi:
lippu Portugalliae regis in Afropo:
licam sedem atque in suos studiu
tibi Gregori Pontifex Maxime
orator eius Johannes Gomezius de
Silva Cardinalis Dignus, et regis
suo sponsor idoneus, Eodem die, et loco,
ipsaque beatissimo in fira prope
Lyonis die per eundem ~~et~~
fuo, tibi Portugalliae suae tibi
omnium gentium nomine, quae
Portugalliae Regi prae se impu:
rijs, summa voluntate et eade
pursusque superiores Portugab:
liae regis animi propositione, ala:
enae dubitatione, obedientiam
praestat Idem quocumque locis
ac tempore suorum more maiorum
opus

opus omnes suis studijs ac fide
ad augendam Ap. Theol. do-
gnitatem porro confret eius auct-
ritatem tuebitur, sanctitatem ubi
Praeclare uis cogitare uerantque
cum tuis potissimum precijs, Patris
Sanctissime, tum communibus ue-
strum omnium uobis fuitus, Caro
Amplissimi, Deum sibi semper
adfuturum sperat atque confidit,

ÍNDICE ONOMÁSTICO

(Página deixada propositadamente em branco)

ÍNDICE ONOMÁSTICO

- ABISSÍNIA 52, 55, 59.
ACCOLTIS, Iulius Bolanus de 41.
ACHÉM 65, 97, 118.
AÇORES 53.
ADAMASTOR 54.
ADÉM 12.
AFONSO HENRIQUES (D.) 108.
AFONSO (D.) Conde de Ourém 50.
AFONSO V (D.) 50 n. 79, 53, 60, 120.
AFONSO II (duque de Ferrara) 49 n. 77.
ÁFRICA 50 n. 79, 52, 53, 55, 56, 57, 58,
64, 81, 83, 99, 108, 120.
AGAVE 24.
AGOSTINHO (Santo) 69, 72.
AHMADNAGAR 119.
ALCÁCER QUIBIR 72 n. 123, 119, 120.
ALCÁCER CEGUER 108.
ALCALÁ DE HENARES 44.
ALDOBRANDINI (cardeal) 20.
ALEXANDRE VI (papa) 50, 54, 61.
ALEXANDRIA 54 n. 89.
ALEXANDRINO (Cardeal) 117, 118.
ALMEIDA, D. Fernando de 50, 54, 55, 58,
61, 70, 71.
ALMEIDA, Fortunato de 19 n. 17, 50 n. 78,
51, 108.
ALMEIDA, D. Francisco de 52.
ALMEIDA, Justino Mendes de 25 n. 41.
ALMEIRIM 25.
ÁLVARES, Francisco 50.
AMBRÓSIO (Santo) 47, 72.
ANASTÁSIO (Santo) 29, 37.
ANCONA 114.
ANDRADE, A. A. Banha de 54 n. 89, 55
n. 92, 61 n. 108, 119.
ANDRADE, Diogo de Paiva de 22.
ANDRÉ, Carlos Ascenso 20 n. 24.
ANFILÓQUIO (Santo) 38.
ANGELIS, Iosephus de 26, 41.
ANQUISES 120.
ANSELMO (Santo) 38.
ANSELMO, Artur 52 n. 86.
ANTONIANO, Silvio 20, 72.
ANTÓNIO (D.) 19 n. 17, 121.
ANTÓNIO (Santo) 27, 39.
ANTUÉRPIA 11, 35, 36, 39, 51.
APÚLIA 50 n. 79.
ARÁBIA 61.
ARÁBICO (golfo) 53, 55.
ARATO 39.
ARGEL 114.
ARISTÓTELES 20, 28, 42.
ARQUILLIÈRE, H. X. 47 nn. 66 e 67.
ARRAIS, Frei Amador 121.
ARRAS (bispo de) vd. Granvelle (car-
deal) 35.
ARTHUR, Maria Ribeiro 118.
ARZILA 107, 108, 120.
ASENSIO, Eugenio 40.
ÁSIA 13, 53, 79, 97, 117.
ATAÍDE, D. Luís de 64, 65, 118, 119.
ATANÁSIO DE ALEXANDRIA (Santo) 38.
AUGSBURGO 108.
AUGUSTÍN DE FUNES (Frei) 110.

- AVINHÃO 48.
 AZAMOR 52, 55, 109.
 AZPILCUETA NAVARRO, Martinho de 15,
 16, 17, 18, 25, 39.
 BAÇAIM 66.
 BAIÃO, P.e José Pereira de 107, 116,
 117, 118.
 BAPTISTA, Júlio César 48.
 BARBA-ROXA 113, 114.
 BARONIO, César 39.
 BARRACLOUGH, Geoffrey 111.
 BARREIROS, Gaspar 24 n. 40, 54 n. 89, 60
 n. 104.
 BARROS, João de 14, 18, 21, 26, 35, 57
 n. 99, 60, 73.
 BARTOLI, Marina La Tella 12 n. 2, 13 n.
 7, 19 n. 18, 21, 26 n. 46, 60 n. 101, 109.
 BASILEIA 50, 51.
 BASÍLIO (S.) 36, 72.
 BATIVS, Iacobus 19, 28 n. 55, 40.
 BELARMINO (cardeal) 111.
 BELÉM (convento de) 18.
 BEMBO, Pietro 20 n. 20, 68.
 BENTO XIII (papa) 52.
 BERNARDO (S.) 12.
 BEROALDVS, Philippus 37.
 BEYS, Adriano 34, 36.
 BIJAPOR 118.
 BINET, Claude 20.
 BIRCKMANNVS, Arnoldus 34, 35.
 BISNAGA 118.
 BIZÂNCIO 91, 115.
 BLADIVS, Antonius 21 n. 28, 37, 38,
 39, 41.
 BOLONHA 33, 50, 51, 54, 107, 110.
 BOMBAIM 119.
 BONELLI, Miguel vd. Alexandrino
 (cardeal).
 BORIAUD, J. Y. 28 n. 57.
 BORJA, D. Juan de 116.
 BORROMEU, Carlos 20, 21, 24, 28, 43,
 72, 107.
 BOSCO 110.
 BOTAS, Rufina 12 n. 2.
 BOTERO, Giovanni 72.
 BOURDON, Léon 116, 117.
 BRANCO, José Gomes 19, 24 n. 38, 26, 27,
 29, 33, 36, 45, 49 n. 77, 72 n. 123, 77.
 BRANDÃO, Mário 18 n. 12, 19 n. 17.
 BRASIL 12, 14, 58, 62, 63, 107.
 BRAUDEL, Ferdinand 111, 112, 113, 114.
 BRUXELAS 19.
 BUCHANAN, George 107.
Bucólicas 32 n. 60, 42, 44.
 BUNEL 20 n. 20.
 CABO VERDE 53.
 CÁCERES, Lourenço de 60.
 CAETANO, Marcello 118.
 CALDEIRA, António Vellez 51.
 CALECUTE 12, 118.
 CALÍMACO 40.
 CALISTO III (papa) 49 n. 77.
 CAMÕES, Lufs de 54.
 CAMPÂNIA 89.
 CAMPOS, Fernando 22 n. 36.
 CANANOR 55.
 CÃO, Diogo 53, 54.
 CAPARICA 107.
 CÁPUA 41, 85, 89, 110.
 CARDONA, Juan de 112.
 CARLOS V 110, 111.
 CARLOS IX (rei de França) 49 n. 77,
 116, 117.
 CARPI (cardeal) 108.
 CASCAIS 120.
 CASTANHEIRA, (conde da) 12 n. 2.
 CASTELA 54.
 CASTILHO, António de 119, 120.
 CASTELA 48.
 CASTRO, Álvaro de 22.
 CASTRO, Aníbal Pinto de 19 nn. 14 e 18,
 28, 69 n. 115.
 CASTRO, D. João de 60.
 CASTRO P.e José de 27 n. 53, 116.
 CATALDO 12, 60.
 CATALUNHA 113.

- CATARINA (Santa) 27.
 CATARINA DE ÁUSTRIA (D.) 22, 107, 121.
 CATARINA DE MÉDICIS 113.
 CATEAU-CAMBRESIS 108.
 CATULO 21, 28, 29, 30, 31, 32, 34, 44.
 CEILÃO 52, 55.
 CEUTA 53, 108.
 CHACON, Pedro 25 n. 43.
 CHAÚL 55, 62, 65, 66, 70, 99, 117, 118, 119, 120.
 CHAVES, D. Antão Martins 50.
 CHEVALLIER, Jean-Jacques 48, 111.
 CÍCERO 11, 19, 26, 27, 28, 34, 35, 37, 40, 42, 49, 69, 71, 72.
 CIPÍÃO 53.
 CIPRIANO (S.) 72.
 CIRILO DE ALEXANDRIA (S.) 38.
 CISMA DO OCIDENTE 48, 108.
 CLAMER, A. 121.
 CLÁVIO, Cristóvão 25 n. 43.
 CLEMENTE VII (papa) 48, 50, 51.
 CLEMENTE X (papa) 51.
 CLEMBTE XI (papa) 51.
 CLENARDO, Nicolau 57.
 COCHIM 55.
 COELHO, Duarte 12.
 COELHO, Jorgè 42.
 COIMBRA 15, 16, 18, 19, 25 n. 43, 73.
 COLETI, Sebastianus 19 n. 20.
 COLOMBO, Cristóvão 20.
 COLÓNIA 38.
 COMO 110.
 CONGO 53, 54.
 CONSTANTINO (imperador) 47.
 CONSTANTINOPLA 114, 115.
 COPIER (marechal) 110.
 CORNEJO, Belchior 23, 51.
 CORREIA, Gaspar 12 n. 3.
 CORREIA, Tomé 33.
 CORTESI, Paolo 68.
 COSTA, A. Fontoura da 54 n. 89.
 COSTANZI 110.
 COULÃO 55.
 COUTINHO, D. Fernando (bispo de Lamego) 50.
 COUTO, Diogo do 108, 114, 116, 118, 119, 120.
 CRANEVVRGIVS, Theodorus Pulmanus 36.
 CRESCENZI (cardeal) 109.
 CRISÓSTOMO, S. João 21 n. 28, 29, 37, 38, 72.
 CRUZ, M. A. A. Lima 114, 118, 119.
 CUNHA, Tristão da 50, 52, 55, 109.
 CURTIUS, Ernst Robert 71.
 DAMÃO 66.
 DAVID (rei) 29, 31.
 DAVID (rei da Etiópia) 51.
 DEJOB, Charles 25 n. 43.
 DIAS, J. S. da Silva 57, 60 n. 102, 61, 62 n. 109.
 DIU 52, 107, 109.
 DJERBA 114.
 DOLET, Etienne 20 n. 20, 68.
 DOMINGOS (S.) 27.
 DOMINGOS (ordem de S.) 85, 110.
 DOMINGUES, Gabriel de Paiva 121.
 DONATO, Pietro 20, 21 n. 28.
 DORAT, Jean 20.
 DRAGUT 89, 114.
 DUARTE (D.) 50, 56.
 DUARTE, Infante D. 107.
 DUARTE, Manuel Marques 118, 119.
 EBOLI, (príncipe de) vd. Silva, Rui Gomes da
 EGIPTO 109.
 EGNAZIO, Giambattista Cipelli 26, 36.
Eneida 32 n. 60, 42, 44, 62, 120.
 ENGEL, Claire-Eliane 110, 111, 112, 113, 114.
 EPICTETO 72.
 ERASMO 57 n. 99, 67, 68, 69, 122.
 ERDMANN, Carl 57 n. 98.
 ESCOTO, Duns 27.
 ESPANHA 19 n. 17, 107, 108, 114, 121.
 ESPARTA 103, 108, 122.

- ESTAÇO, Aquiles *passim*; obras citadas:
Carmina Varia 21; *Catullus cum com-
 mentario* 21; *Commentariolus* 12, 14
 n. 8; *B. 106* 13, 109; *De re ditibus* 15-18.
- ESTAÇO, Diogo 12.
 ESTAÇO, Gabriel 18.
 ESTAÇO, Gaspar 12, 18 n. 11, 20 n. 23,
 21, 27 n. 52.
 ESTAÇO, Gaspar Dias 12.
 ESTAÇO, Lopo 18.
 ESTAÇO, Fr. Manuel 12.
 ESTAÇO, Paulo Nunes 12, 13, 14.
 ESTAÇO, Pero 12, 18.
 ESTE (cardeal) 108.
 ESTEVES, Leonor 12 n. 2.
 ETIÓPIA 55.
 EUGÉNIO IV (papa) 50, 55.
 EURÍPIDES 122.
 EUROPA 13, 25, 49, 58, 61 n. 108, 81,
 89, 114.
 EUSÉBIO DE CESAREIA 29, 31.
 ÉVORA 12, 14, 15, 73.
 ÉVORA (convento de S. Domingos de) 12.
- FAERNO, Gabriele 20.
 FARIA, João de 109.
 FARNESE, Alessandro 20.
 FARNESIO, Fabio 36.
 FERNANDES, Vasco vd. LUCENA, Vasco
 Fernandes de.
 FERNANDEZ DE FIGUEROA, Juan Augur-
 -Martín 119.
 FERNANDINA (duque de) 113.
 FERNANDO (D.) 48.
 FERNANDO, Infante D. 53, 58.
 FERNANDO I (imperador) 107.
 FERREIRA, Alves 20 n. 22.
 FERREIRA, António 18, 60, 115.
 FERREIRA, Francisco Leitão 14 n. 9.
 FIGUEIRA DA FOZ 12.
 FIGUEIREDO, A. Pereira de 109.
 FIGUEIREDO, Fidelino de 61 n. 107.
 FIGUEIREDO, Martim de 60.
- FILIPE II (I de Portugal) 19 n. 17, 26, 51,
 64, 67, 89, 101, 103, 110, 112, 113,
 114, 115, 116, 121, 122.
 FILIPE III (II de Portugal) 122.
 FIORDIBELLO, Antonio 41, 83, 109, 110.
 FLANDRES 113.
 FLORENÇA 108.
 FONSECA, Francisco da 20 n. 21.
 FRANÇA 25 n. 42, 108, 116.
 FRANCFORTE 38, 39.
 FRANCISCO I (rei de França) 117.
 FRANCISCO II (rei de França) 49 n. 77.
 FREDERICO II (imperador) 47, 48.
 FREDERICO III (imperador) 49 n. 77.
 FREIRE, Anselmo Braancamp 122.
 FRIZOLI, Lorenzo 20.
 FUMAROLI, Marc 20 n. 20, 25, 49 n. 74,
 68, 72.
- GÁLIA 93.
 GALRAM, António Pedrozo 66.
 GAMA, Cristóvão da 55.
 GAMA, Vasco da 12, 55, 60.
 GAMBARA DA BRESCIA, Lorenzo 20, 39.
 GANGES (rio) 62.
 GARAMANTAS 62.
 GELVES vd. Djerba.
Geórgicas 32 n. 60, 42, 44.
 GHISLIERI, Miguel vd. Pio V 110, 111.
 GILSON, Étienne 47 nn. 64 e 65.
 GOA 55, 62, 65, 70, 97, 116, 117,
 118, 119.
 GODINHO, V. Magalhães 109.
 GOERTZ, R. D. W. 120.
 GÓIS, Damião de 52 n. 86, 55 n. 92, 60.
 GOLETA La 113.
 GONZAGA (cardeal) 108.
 GOUVEIA, António de 35.
 GOZO (ilha de) 114.
 GRAVIS, Bartholomaeus 37.
 GRANADA, Luís de 72.
 GRANVELLE (cardeal) vd. Arras (bispo
 de) 20.
 GRÉCIA 91, 113.

GREGÓRIO VII (papa) 47.
 GREGÓRIO IX (papa) 56.
 GREGÓRIO XIII (papa) 21, 37, 38, 41,
 51, 55, 67, 93, 103, 115, 116, 117,
 120.
 GREGÓRIO DE ANTIOQUIA 38.
 GREGÓRIO DE ELVIRA 37.
 GREGÓRIO MAGNO (S.) (papa) 72.
 GREGÓRIO DE NAZIANZO (S.) 72.
 GREGÓRIO DE NISSA (S.) 38, 44.
 GREGÓRIO TAUMATURGO (S.) 44.
 GUÉ, Santa Cruz do Cabo de 109.
 GUIDALOTTI 110.
 GUTENBERG 49.

 HAMBURGO 18, 38.
 HEGENDORPHINVS, Christophorus 35.
 HENRIQUE IV (imperador) 47.
 HENRIQUE, Cardeal Infante D. 12, 19
 n. 17, 24, 26, 36, 107, 108, 116,
 121, 122.
 HENRIQUE DE NAVARRA 115.
 HERING, Michael 38.
 HIDALCÃO 65, 97, 117, 118, 119.
 HOMERO 42, 60.
 HORÁCIO 11, 19, 27, 28, 29, 30, 32, 35,
 71, 122.
 HOSIVS, Stanislaw 15, 20, 38.
 HOSTIENSIS 56.
 HUNGRIA 107, 109.

 ÍNDIA 12, 14, 52, 54, 55, 58, 59, 60, 63,
 65, 83, 107, 109, 116, 118, 119.
 INDO (rio) 62.
 INGHIRAMI, Tommaso Fedra 68.
 INGLATERRA 48, 109.
 INIZAMOXA vd. Nizamaluco.
 INOCÊNCIO III (papa) 47.
 INOCÊNCIO IV (papa) 47.
 INOCÊNCIO VIII (papa) 50, 61, 67, 68.
 INOCÊNCIO XIII (papa) 52.
 ISABEL (rainha de Inglaterra) 108, 114.
 ISABEL DE PORTUGAL (imperatriz) 121.

 ISABEL, Domingos 12 n. 2.
 ITÁLIA 19, 20, 24 n. 40, 25 n. 42, 71, 87,
 89, 108, 109, 113.
 IZAMALUCO vd. Nizamaluco.

 JAPÃO 63.
 JEREMIAS 71.
 JERÓNIMO (S.) 24, 29, 31, 38, 72.
 JOANA D. (filha de Carlos V) 107.
 JOÃO I (D.) 48, 53.
 JOÃO II (D.) 50, 53, 60, 67, 120.
 JOÃO III (D.) 12, 19 n. 17, 50, 51, 52, 57
 n. 99, 59, 60, 107, 121.
 JOÃO IV (D.) 51.
 JOÃO V (D.) 51.
 JOÃO VIII (papa) 47.
 JOÃO D. (filho de D. João III) 26, 35, 107.
 JOB 29, 31.
 JORGE, Ricardo 50 n. 80, 121.
 JÚLIO II (papa) 50, 52 n. 86, 62, 68.
 JÚLIO III (papa) 107, 110.
 JÚPITER 68.
 JUSTINO 72.

 KRISTELLER, P.-O. 49 n. 76.
 KUNDALIKA (rio) 119.

 LAMBIN, Denis 20, 36.
 LAODICEIA (bispo de) 15.
 LARACHÉ 119.
 LATOMVS, Bartolomeu 35.
 LATRÃO (conclio de) 109.
 LAURENS, Pierre 25 n. 42.
 LAVELINO, Antonio vd. Fiordibello.
 LAVELLO 109.
 LAVOS 12.
 LA ROCHELLE 117.
 LEÃO X (papa) 43, 52, 59, 62, 68, 71, 107.
 LEÃO MAGNO (S.) 72.
 LEMOS, Jorge de 118, 119.
 LENCASTRE, Afonso de 51.
 LEPANTO 39, 59, 110, 115, 117.
 LIÃO 26, 36.
 LIBÂNIO 36.

- LIPARI 114.
LÍPSIO, Justo 25, 72.
LISBOA 14, 64, 116, 117.
LÍVIO, Tito 42.
LOBO, Fr. Gil 50.
LOMBARDIA 110.
LOURENÇO (S.) 27.
LOVAINA 11, 18, 19, 27, 28 n. 55, 34, 35, 37, 40, 73.
LUCENA, Vasco Fernandes de 50, 53, 54, 56, 58, 61, 67, 68, 70, 71, 74, 120.
LUCRÉCIO 29, 30, 32.
LUÍS, Infante D. 40, 107, 116.
LUSITÂNIA 17, 18, 41, 79, 93, 95, 101, 103.
- MACHADO, Diogo Barbosa 21 n. 25, 34 n. 63, 39, 41, 51, 117, 119, 122.
MACRINA (Santa) 44.
MADAGÁSCAR 52.
MALABAR 118.
MALACA 52, 55, 107, 118.
MALAGUETA 12.
MALTA 41, 43, 59, 64, 70, 87, 108, 110, 111, 112, 113, 114, 115.
MALTA (ordem de) 33, 41, 59, 64, 67, 69, 70, 71, 73, 77, 85, 89, 110, 111, 112, 114, 115.
MAMERTINVS, Iacobus Pactus Siculus 39.
MANGANCHA, Diogo Afonso 50.
MANICONGO 55, 58.
MANUEL I (D.) 12, 39, 50, 52, 59, 62, 107, 121.
MANUZIO, Paolo 25, 108.
MAOMÉ 58.
MARCIAL 32.
MARGARIDA DE VALOIS 115, 116, 118.
MARIA, Infanta D. 26, 37, 39.
MARIA DE INGLATERRA 107, 110.
MARQUES, Alfredo Pinheiro 54 n. 88.
MARROCOS 54, 58, 60, 120.
MARTINHO IV (papa) 47.
MARTINHO V (papa) 48.
MARTINIANO (S.) 38.
- MARTINS, Inácio 65.
MARTINS, J. V. de Pina 39, 57.
MASCARENHAS, Fernão Martins 22, 23.
MASCARENHAS, D. Francisco 66.
MATHIEU-ROSAY, Jean 110.
MATOS, António de 12 n. 2.
MATOS, Luís de 52 n. 85, 54, 60 n. 104.
MAZAGÃO 55, 109, 118.
MAZOVICHVS, Iacobus 43.
MECA 58.
MEDICIS, Giovanni Angelo de vd. Pio IV.
MELANCHTON, Filipe 35.
MELINDE 55.
MELISSUS, Paul 12, 20.
MELO, Luís de 65, 119.
MENDONÇA, António 37.
MENENDEZ-PIDAL, Ramon 112, 113.
MENESES, Braz Teles de 116.
MENESES, D. Diogo de 51, 65, 118.
MENESES, D. Fernando de 51.
MENESES, D. Francisco Xavier de 52.
MENESES, D. Garcia de 50 n. 79, 60.
MENESES, João Rodrigues de Sá de 60.
MENESES, D. Manuel de 107.
MENESES, D. Rodrigo de Sá de 51.
MERGUET, H. 69 n. 116.
MILÃO 19 n. 20, 23, 107.
MINA (S. Jorge da) 53.
MIRANDA, Sá de 115.
MIRANDOLA, Giovanni Francesco Pico della 68.
MOISÉS 121.
MÓDENA 19 n. 20, 109.
MONTAIGNE, Michel de 24 n. 40, 25 n. 42, 121.
MONTALVAN (príncipe de) 113.
MONTAUBAN 117.
MONTE, Pietro de 41, 64, 85, 89, 110.
MORAIS, Inácio de 13, 18, 24, 26.
MORELLVS, Federicus 26 n. 49, 36.
MORIN, Pierre 25 n. 43.
MORONE (cardeal) 20.
MOTA, João Vaz da 21.
MURATORIO, Antonio 19 n. 20.

MURÇA, Diogo de 19 n. 17.
MURET, Marc-Antoine 19 n. 20, 25, 35,
36, 37, 49, 72, 73, 74.
MURETO, Marcantonio vd. Muret, Marc-
-Antoine.
MURTAZA NIZAM SHAH 119.
MUSTAFÁ 114.

NANNINK, Pieter 18, 60, 73.
NANNIVS, Petrus vd. Nannink, Pieter.
NÁPOLES 109, 113, 114.
NAVARRO, Alberto 41, 48, 50, 51 nn. 83
e 84, 108.
NEPI 110.
NÉRI, S. Filipe de 26, 27, 28, 72.
NÍLO ABADE (S.) 38.
NIMES 117.
NIZAMALUCO 65, 66, 99, 117, 118,
119.
NIZAMOXA vd. Nizamaluco.
NOLHAC, Pièrre de 25 n. 42.
NONNIVS, Paullus vd. Estação, Paulo
Nunes.
NUNES, Leonardo 60.
NUNES, Paulo vd. Estação, Paulo
Nunes.
NVTIVS, Martinus 35.

ÓBIDOS 21, 22.
OLIVEIRA, P.e Fernando 57.
OLIVEIRA, Francisco de 121.
OLIVIER, Séraphin 25 n. 43.
O'MALLEY, John 49 n. 77, 60, 61 n. 106,
68, 70 n. 118, 71 n. 121.
ONOR 66.
ORATÓRIO (congregação do) 26, 27, 72.
ORIENTE 25.
ORMUZ 55.
ORSINI, Fulvio 20.
ORTÉLIO, Abraão 20.
ORTA, Garcia da 60.
OSÓRIO, Jerónimo 15, 20, 25 n. 43.

OSSA (serra de) 12.
OTÃO IV 47.
OTRANTO 50 n. 79.
OURIQUE (milagre de) 61.
OUTÃO 12.

PACHECO (cardeal) 108, 111.
PACHECO, Diogo 50, 55, 58, 59, 61, 62,
68, 69, 70, 71, 109.
PACHECO, Fr. Manuel 39.
PACÓMIO (S.) 29, 38.
PÁDUA 19, 20 n. 20, 20 n. 21, 73.
PAIS, Álvaro 56.
PAPADOPOLI, Nicolau Comneno 19
n. 20.
PARIS 11, 12, 19, 26 nn. 48 e 49, 34, 35,
36, 40, 42, 51, 73.
PÁRIS 24.
PASTOR, Ludwig von 21 nn. 30 e 31, 110,
111, 112, 114, 115, 116.
PAULO (S.) 91, 115.
PAULO III (papa) 107.
PAULO IV (papa) 11, 51, 107, 108, 109,
111, 112.
PAVIA 107.
PEDRO II (D.) 51.
PEDRO III (rei de Aragão) 47.
PEÑA RAMIRO (conde de) 113.
PENHA LONGA (convento de) 18.
PEREIRA, António Pinto 118.
PEREIRA, Bento 109.
PEREIRA, Duarte Pacheco 60.
PEREIRA, Julião 12 n. 2.
PEREIRA, M. H. da Rocha 120.
PERES, Damião 54 n. 89, 122.
PÉRICLES 68.
PERNAMBUCO 14.
PERRET, Jacques 120.
PÉRSICO (golfo) 57.
PHALEREVS, Demetrius 37.
PIALI 114.
PIAMONTE 23.

- PICCOLOMINI, Eneas Silvio (papa Pio II) 49.
- PICHEL, Thourot 111.
- PIGHI, G. B. 29.
- PINA, Rui de 56.
- PINHEIRO, António 51.
- PINHO, Sebastião de 77.
- PINTO, António 51, 55, 58, 109, 118.
- PINTO, Fr. Heitor 108.
- PIO II vd. Piccolomini, Eneas Silvio.
- PIO IV 21, 24, 40, 43, 51, 72, 79, 81, 107, 108, 111, 115.
- PIO V 21, 29, 30, 31, 41, 51, 58, 59, 71, 85, 91, 95, 107, 109, 110, 111, 112, 115, 116, 117, 118.
- PIRES, Diogo 20.
- PIROT, L. 121.
- PLANTINVS, Christophorus 36, 39.
- PLAUTO 20.
- PLÊIADE 20.
- POLE, Reginald 109.
- POLIZIANO, Angelo 68.
- PORTUGAL 14, 20, 22, 23, 24, 25, 27, 33, 48, 50, 52, 54, 55, 57, 61, 62, 67, 72, 79, 83, 101, 103, 107, 108, 115, 121.
- PORTUGAL, D. Francisco de 19.
- PORTUGAL, D. João de 19.
- PORTUGAL, D. Miguel de (bispo de Lamego) 51.
- PRASSO (promontório) 53, 54.
- PRESTAGE, Edgar 116.
- PRESTE-JOÃO 51, 52, 54, 55.
- PROPÉRCIO 32, 36, 44.
- PTOLOMEU 53, 54.
- QUERSONESO (Áurea) 55.
- QUILOA 55.
- RADULET, Carmen 54 n. 89.
- RAFAEL 55 n. 92.
- RAGUSA 107.
- RAMALHO, Américo da Costa 12 n. 4, 13 n. 6, 14, 19 n. 19, 20 n. 22, 24 n. 39, 26, 49, 60 n. 103, 71, 107, 122.
- REISCH, Gregório 61 n. 108.
- REQUESENS 110.
- RESENDE, André de 14, 15, 21, 29, 60, 73, 121.
- RESENDE, Garcia de 60.
- RICHARDVS, Thomas 28 n. 55, 35, 40.
- RINGELBERG, Joaquim 60 n. 105.
- ROBORTELLO, Francesco 19 n. 20.
- RODRIGUES, Catarina 12 n. 2.
- ROGERS, Francis 48, 49 n. 77, 50, 54, 67, 74.
- ROMA 11, 12, 14 n. 9, 17, 18, 19 n. 20, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 30, 31, 32, 33, 37, 38, 39, 40, 41, 43, 45, 48, 50, 51, 52, 54, 60, 68, 69, 72, 73, 107, 108, 113, 114, 115, 116, 120.
- RONCARD, Pierre de 20, 25 n. 42.
- ROSA, Lucia Gualdo 68.
- ROSSILHÃO 113.
- ROXO (mar) 55.
- RUSTICUCCI, Girolamo 20, 21 n. 27, 29, 30, 31.
- SÁ, Artur Moreira de 34 n. 63, 35, 41.
- SABÓIA 110.
- SABÁ 61.
- SADOLETO, Jacopo 109, 110.
- SAFIM 109.
- SALAMANCA 119.
- SALINAS Y LAZANA, D. Manuel de 39.
- SALON, Juan 25 n. 43.
- SAMATRA 118.
- SAMORIM 12, 65, 118.
- SANCHO II (D.) 47.
- SANTA CRUZ (convento de) 18.
- SANTA FLOR (cardeal de) 20, 22.
- SANTARÉM (conclio de) 48.
- SANTARÉM (visconde de) 115, 117.

SANTIAGO, Fr. Jorge de 52.
 SANTOS, Fr. Manuel dos 66 n. 111, 118.
 SAPIENZA (universidade da) 21, 72.
 SARDENHA 113.
 SASSENVS, Seruatius 34, 35.
 SATURNO 62.
 SCALIGER 36.
 SCOTO, André 39.
 SEBASTIÃO I (D.) 11, 22, 24, 25 nn. 41 e 43, 26, 33, 40, 41, 45, 51, 58, 64, 65, 69, 72 n. 123, 73, 79, 81, 83, 93, 107, 108, 109, 110, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122.
 SEBASTIÃO (S.) 26, 27.
 SECO, Fernão Álvares 20, 25.
 SEGISMUNDO II (rei da Polónia) 49 n. 77.
 SEIÇA (convento de) 12.
 SEM TERRA, João 48.
 SÉNECA 69, 72.
 SERRÃO, J. Veríssimo 116.
 SETÚBAL 12.
 SFORZA, Guido Ascanio vd. Santa Flor (cardeal) 20, 22 n. 33.
 SICÍLIA 89, 108, 113, 114.
 SIGONIO, Carlo 19 n. 20.
 SILVA, João Gomes da 25, 93, 103, 115, 116, 120, 122.
 SILVA, Luís de Melo da 118.
 SILVA, N. Espinosa da 25 n. 43.
 SILVA, Rui Gomes da 116.
 SIRLETO (cardeal) 20.
 SISTO IV (papa) 50 n. 79, 60.
 SOARES, Inês 12 n. 2.
 SOARES, Nair de Nazaré Castro 52 n. 86.
 SOFALA 55.
 SOFRÓNIO (S.) 38.
 SOLIMÃO 58, 81, 97, 109, 111, 114, 118.
 SOTTOMAYOR, Ana Paula Quintela Ferreira 57 n. 99.
 SOUSA, D. António Caetano de 50 n. 78.
 SOUSA, D. Diogo de 50.
 SOUSA, Francisco de 51.
 SUETÓNIO 26, 28, 35, 36, 69.
 SUTRI 110.
 SZIGETH 109.
 TÁCITO 69, 72.
 TALIKOTA (batalha de) 118.
 TÂNGER 107, 108.
 TAPROBANA 55.
 TATIVS, Achilles 39.
 TÁRSIS 61.
 TÁVORA, Lourenço Pires de 11, 22, 23, 34, 40, 64, 79, 107, 108, 109.
 TEJO (rio) 62.
 TÉLEFO 122.
 TELES, Rui 116.
 TELMO (forte de S.) 112, 114.
 TERÊNCIO 20.
 TERESA, Fr. Francisco Xavier de Santa 52.
 TERRA, José da Silva 12 n. 3.
 THOMAZ, Luís Filipe 56 nn. 94-96.
 TIBRE (rio) 62.
 TIBULO 28, 29, 30, 32, 36, 44.
 TOLEDO, D. Garcia de 89, 113, 114.
 TOMÁS DE AQUINO (S.) 56.
 TOMÉ (S.) 59.
 TOMÉ, Fr. João de S. 50.
 TORQUEMADA, Juan de 35.
 TORRES, Amadeu 74.
 TORRES, Francisco 15, 16, 25 n. 43.
 TRENTO (concílio de) 16 n. 10, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 28, 51, 52, 55, 107, 108, 109, 110, 118.
 TRIPOLI 108, 110, 111, 114.
 TRUYOL Y SERRA, Antonio 111.
 TUNES 107.
 ULLMAN, B. L. 29.
 URBANO VI (papa) 48.
 URBANO VIII (papa) 51.
 VALENÇA (marquês de) vd. Afonso D. (conde de Ourém).
 VALETTE, Jean Parisot de la 41, 85, 87, 110, 111, 112, 113, 114.
 VARTHEMA, Ludovico 119.

- VASCONCELOS, Diogo Mendes de 4.
 VASCONCELOS, J. Leite de 26 n. 45, 34
 n. 63, 36, 37, 38.
 VASCOSANVS, Michael 26 n. 48, 34, 42.
 VATICANAS, Academia das Noites 21, 71.
 VELEZ DE LA GOMERA, Peñon de 110,
 113.
 VELLOSO, J. M. Queiróz 25 n. 43, 54,
 107, 115, 116, 117, 118, 119, 120.
 VENEZA, 19 n. 20, 20, 21 n. 27, 29, 34,
 36, 115.
 VERTOT, René Aubert de 110, 111, 112,
 113, 114.
 VICENZA 53.
 VIDIGUEIRA 12, 73.
 VIDIGUEIRA (condessa da) 12.
 VILAIANAGAR vd. Bisnaga.
 VILHENA, D. Joana de 19.
- VILLAFRANCA DEL BIERZO 113.
 VILLEY, M. 56.
 VIMIOSO (conde do) 19.
 VIRGÍLIO 29, 30, 32, 42, 44, 120.
 VIRVLANVS, Sulpitius 37.
 VITÓRIA, Francisco de 111.
 WITTE, Charles-Martial de 24 n. 38.
 WORMS 15.
- XÁ 58, 65, 97, 118.
 XATAMAS vd. Xá.
 XATAMAX vd. Xá.
 XATANAN vd. Xá.
- ZAMALUCO vd. Nizamaluco.
 ZANNETTUS, Franciscus 37, 38.
 ZURARA, Gomes Eanes de 54 n. 89, 56.

ÍNDICE GERAL

| | Págs. |
|---|------------|
| PREFÁCIO | 7 |
| INTRODUÇÃO | 9 |
| Capítulo I | |
| AQUILES ESTAÇO, A BIOGRAFIA POSSÍVEL | |
| 1. De Portugal a Itália | 11 |
| 2. Em Roma | 20 |
| 3. O poeta e o filólogo | 27 |
| 4. O orador | 33 |
| 5. Índice bibliográfico | 34 |
| Capítulo II | |
| ORAÇÕES DE OBEDIÊNCIA | |
| 1. Para a génese das orações de obediência | 47 |
| 2. Orações de obediência em nome dos Reis de Portugal | 50 |
| 2.1. Notícias da Expansão | 52 |
| 2.2. Espírito de Cruzada | 56 |
| 2.3. Exaltação épica | 60 |
| Capítulo III | |
| AS ORAÇÕES DE OBEDIÊNCIA DE AQUILES ESTAÇO | |
| 1. Composição | 65 |
| 2. O <i>Tullianus stylus</i> | 69 |
| CONCLUSÃO | 74 |
| <i>ORAÇÕES DE OBEDIÊNCIA</i> | 77 |
| NOTAS | 107 |
| BIBLIOGRAFIA | 125 |
| FAC-SÍMILE | 139 |
| Índice Onomástico | 169 |
| | 181 |

(Página deixada propositadamente em branco)

CENTRO DE ESTUDOS CLÁSSICOS E HUMANÍSTICOS

FACULDADE DE LETRAS DE COIMBRA

Textos clássicos

1. PLAUTO, *Anfitrião*. Introdução, versão do latim e notas de CARLOS ALBERTO LOURO FONSECA. 1978. 3.^a edição, 1988.
2. PLAUTO, *O Gorgulho*. Introdução, versão do latim e notas de WALTER DE MEDEIROS. 1978. 3.^a edição, 1991.
3. ARISTÓFANES, *As mulheres que celebram as Tesmofórias*. Introdução, versão do grego e notas de MARIA DE FÁTIMA DE SOUSA E SILVA. 1978. 2.^a edição, 1988.
4. SÓFOCLES, *Filoctetes*. Introdução, versão do grego e notas de JOSÉ RIBEIRO FERREIRA. 1979. 2.^a edição, 1988.
5. SÓFOCLES, *Rei Édipo*. Introdução, versão do grego e notas de MARIA DO CÉU ZAMBUJO FIALHO. 1979. 2.^a edição, 1986.
6. EURÍPIDES, *Hipólito*. Introdução, versão do grego e notas de BERNARDINA DE SOUSA OLIVEIRA. 1979.
7. PLATÃO, *Lísis*. Introdução, versão do grego e notas de FRANCISCO DE OLIVEIRA. 1980.
8. PLAUTO, *O soldado fanfarrão*. Introdução, versão do latim e notas de CARLOS ALBERTO LOURO FONSECA. 1980. 2.^a edição, 1987.
9. ARISTÓFANES, *Os Acarnenses*. Introdução, versão do grego e notas de MARIA DE FÁTIMA DE SOUSA E SILVA. 1980. 2.^a edição, 1988.
10. PLAUTO, *Epidico*. Introdução, versão do latim e notas de WALTER DE MEDEIROS. 1980. 2.^a edição, 1988.
11. ARISTÓFANES, *Pluto*. Introdução, versão do grego e notas de AMÉRICO DA COSTA RAMALHO. 1982. 2.^a edição, 1989.
12. PLATÃO, *Cármides*. Introdução, versão do grego e notas de FRANCISCO DE OLIVEIRA. 1981. 2.^a edição, 1988.
13. EURÍPIDES, *Orestes*. Introdução, versão do grego e notas de AUGUSTA FERNANDA DE OLIVEIRA E SILVA. 1982.
14. TERÊNCIO, *Os dois irmãos*. Introdução, versão do latim e notas de WALTER DE MEDEIROS. 1983. 2.^a edição, 1988.
15. PLATÃO, *Fédon*. Introdução, versão do grego e notas de MARIA TERESA SCHIAPPA DE AZEVEDO. 1983.
16. PLAUTO, *Os dois Menecmos*. Introdução, versão do latim e notas de CARLOS ALBERTO LOURO FONSECA. 1983. 2.^a edição, 1989.
17. ARISTÓFANES, *A Paz*. Introdução, versão do grego e notas de MARIA DE FÁTIMA DE SOUSA E SILVA. 1984. 2.^a edição, 1989.
18. SÓFOCLES, *As Traquínias*. Introdução, versão do grego e notas de MARIA DO CÉU ZAMBUJO FIALHO. 1984.

19. SÓFOCLES, *Antígona*. Introdução, versão do grego e notas de MARIA HELENA DA ROCHA PEREIRA. 1984. 2.^a edição, 1987.
20. PLATÃO, *Apologia de Sócrates. Críton*. Introdução, versão do grego e notas de MANUEL DE OLIVEIRA PULQUÉRIO. 1984. 2.^a edição, 1990.
21. PLATÃO, *Hípias Maior*. Introdução, versão do grego e notas de MARIA TERESA SCHIAPPA DE AZEVEDO. 1985. 2.^a edição, 1989.
22. PLAUTO, *A comédia da marmita*. Introdução, versão do latim e notas de WALTER DE MEDEIROS. 1985. 2.^a edição, 1989.
23. AVIENO, *Orla marítima*. Introdução, versão do latim e notas de JOSÉ RIBEIRO FERREIRA. 1985.
24. ARISTÓFANES, *Os Cavaleiros*. Introdução, versão do grego e notas de MARIA DE FÁTIMA DE SOUSA E SILVA. 1985. 2.^a edição, 1991.
25. ÉSQUILO, *Agamémnon*. Introdução, versão do grego e notas de MANUEL DE OLIVEIRA PULQUÉRIO. 1985.
26. TERÊNCIO, *A sogra*. Introdução, versão do latim e notas de WALTER DE MEDEIROS. 1987.
27. PLATÃO, *Laques*. Introdução, versão do grego e notas de FRANCISCO DE OLIVEIRA. 1987.
28. ARISTÓFANES, *As mulheres no Parlamento*. Introdução, versão do grego e notas de MARIA DE FÁTIMA DE SOUSA E SILVA. 1988.
29. TERÊNCIO, *A moça que veio de Andros*. Introdução, versão do latim e notas de WALTER DE MEDEIROS. 1988.
30. MENANDRO, *O Díscolo*. Introdução, versão do grego e notas de MARIA DE FÁTIMA DE SOUSA E SILVA. 1989.
31. LUCIANO, *Diálogos dos Mortos*. Introdução, versão do grego e notas de AMÉRICO DA COSTA RAMALHO. 1989.
32. PLATÃO, *Hípias Menor*. Introdução, versão do grego e notas de MARIA TERESA SCHIAPPA DE AZEVEDO. 1990.
33. EURÍPIDES, *Medeia*. Introdução, versão do grego e notas de MARIA HELENA DA ROCHA PEREIRA. 1991.

INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

FACULDADE DE LETRAS DE COIMBRA

- A. COSTA RAMALHO e J. CASTRO NUNES — *Catálogo dos manuscritos da Biblioteca-Geral da Universidade de Coimbra, relativos à Antiguidade Clássica*. 1945.
- JORGE ALVES OSÓRIO — *M.^e João Fernandes — A Oração sobre a Fama da Universidade (1548)*. Prefácio, introdução, tradução e notas. 1967.
- ANA PAULA QUINTELA F. SOTTOMAYOR — *Ésquilo: As Suplicantes*. Introdução, tradução do grego e notas, 1968.
- Catálogo Parísiense Século — Martinho Verdadeiro Salomão*. Prólogo, tradução e notas de DULCE DA C. VIEIRA. Introdução e revisão de AMÉRICO DA COSTA RAMALHO. 1974.
- M. HELENA DA ROCHA PEREIRA — *Poesia grega arcaica*. 1980.
- M. HELENA DA ROCHA PEREIRA — *Hélade. Antologia da cultura grega*. 4.^a edição, 1982.
- M. HELENA DA ROCHA PEREIRA — *Romana. Antologia da cultura romana*. 21986.
- FRANCISCO DE OLIVEIRA — *Ideias morais e políticas em Plínio o Antigo*, Coimbra, 1986.
- CARLOS ALBERTO LOURO FONSECA — *Sic itur in Urbem. Iniciação ao latim*. 51991.
- CARLOS ALBERTO LOURO FONSECA — *Iniciação ao grego*. 21987.

CENTRO DE ESTUDOS CLÁSSICOS E HUMANÍSTICOS

FACULDADE DE LETRAS DE COIMBRA

- J. GERALDES FREIRE — *A versão latina por Pascásio de Dume dos «Apothegmata Patrum»*. 2 vols. 1971.
- J. RIBEIRO FERREIRA — *Eurípides: Andrómaca*. Introdução, tradução do grego e notas. 1971.
- J. GERALDES FREIRE — *Commonitiones Sanctorum Patrum. Uma nova colecção de apotegmas*. Estudo filológico. Texto crítico. 1974.
- Catálogo Parísiense Século — Duas orações*. Prólogo, tradução e notas de MARIA MARGARIDA BRANDÃO GOMES DA SILVA. Introdução e revisão de AMÉRICO DA COSTA RAMALHO. 1974.
- C. A. PAIS DE ALMEIDA — *Eurípides: Ifigénia em Áulide*. Introdução e tradução do grego. 1974.
- M. SANTOS ALVES — *Eurípides: As Fenícias*. Introdução, tradução do grego e notas. 1975.
- M. DE FÁTIMA DE SOUSA E SILVA — *Menandro: O díscolo*. Introdução, tradução do grego e notas. 1976.
- NAIR DE NAZARÉ CASTRO SOARES — *Diogo de Teive — Tragédia do Príncipe João*, 1977.
- AMÉRICO DA COSTA RAMALHO — *Estudos camonianos*. 21980.

Textos do Humanismo Renascentista em Portugal

1. CARLOS ASCENSO ANDRÉ, *Diogo Pires — Antologia poética*. Introdução, tradução, comentário e notas. 1983.
2. AMÉRICO DA COSTA RAMALHO, *Latim renascentista em Portugal*. Introdução, selecção, versão do latim, comentário e notas. 1985.
3. ISALTINA DAS DORES FIGUEIREDO MARTINS, *Bibliografia do Humanismo em Portugal no século XVI*. 1986.
4. SEBASTIÃO TAVARES DE PINHO, *Lopo Serrão e o seu poema 'Da Velhice'*. Estudo introdutório, texto latino e aparato crítico, tradução e notas. 1987.
5. VIRGÍNIA SOARES PEREIRA, *André de Resende — Carta a Bartolomeu de Quevedo*. Introdução, texto latino, versão e notas. 1988.
6. AMÉRICO DA COSTA RAMALHO, *Para a história do Humanismo em Portugal - I*. 1988.
7. ALBINO DE ALMEIDA MATOS, *A Oração de Sapiência de Hilário Moreira*. 1990.
8. MARIO SANTORO, *Amato Lusitano ed Ancona*. 1990.
9. BELMIRO FERNANDES PEREIRA, *As Orações de Obediência de Aquiles Estação*. 1991.

Estudos de Cultura Clássica

1. MANUEL DE OLIVEIRA PULQUÉRIO, *Problemática da tragédia sofocliana*. 1987.
2. MARIA DE FÁTIMA SOUSA E SILVA, *Crítica do teatro na comédia antiga*. 1987.
3. JOSÉ RIBEIRO FERREIRA, *O drama de Filoctetes*. 1989.
4. CARLOS MORAIS, *Expectativa e movimento no "Filoctetes"*. 1991.

(Página deixada propositadamente em branco)

Preço 1 000\$00

Instituto Nacional de Investigação Científica